

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

CYNTHIA STUDART ALBUQUERQUE

**NAS ONDAS DO SURFE: ESTILO DE VIDA,
TERRITORIALIZAÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO JUVENIL NO
ESPAÇO URBANO**

Dissertação apresentada por Cynthia Studart Albuquerque a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Departamento de Ciências Sociais, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de mestre em Sociologia, sob a orientação da Profa. Dra. Irllys de Alencar Firmo Barreira

FORTALEZA

2006

**NAS ONDAS DO SURFE: ESTILO DE VIDA,
TERRITORIALIZAÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO JUVENIL NO
ESPAÇO URBANO**

Dissertação apresentada por Cynthia Studart Albuquerque à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

Aprovada em _____

Pela Banca Examinadora composta pelos Profs. Drs.

Orientadora: Prof^a. Dra. Irllys de Alencar Firmo Barreira

1^a Examinadora: Prof^a. Dra. Glória Maria dos Santos Diógenes

2^o Examinador: Prof. Dr. Francisco José Gomes Damasceno

Fortaleza

2006

Mesmo a cidade mais estriada secreta espaços lisos: habitar a cidade como nômade, ou troglodita. Às vezes bastam movimentos, de velocidade ou de lentidão, para recriar um espaço liso. Evidentemente, os espaços lisos por si só não são libertadores. Mas é neles que a luta muda, se desloca, e que a vida reconstitui seus desafios, afronta novos obstáculos, inventa novos andamentos, modifica os adversários. Jamais acreditar que um espaço liso basta para nos salvar (Deleuze, 1997, p. 214).

Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossamos dele. Acreditar no mundo significa suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos. É o que você chama de piétàs. É ao nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. Necessita-se ao mesmo tempo de criação e povo (Deleuze, 2004, p. 218).

*À Agnes de deus, fonte inesgotável de força,
determinação, intuição, destino, ajuda, vetor
que direciona o longo caminho que tenho a
seguir, mesmo sem direção.*

Agradecimentos

Aos meus pais, *Ana Edite* e *José Carlos*, por todo amor e compreensão dedicados a mim, de maneira incondicional, em todos os momentos (sejam eles tristes ou alegres).

À minha filhinha, *Agnes*, motivo maior de força e determinação para a conclusão deste trabalho.

Aos meus irmãos, *Saulo*, *Ana Carla*, *João Carlos*, *Andréa* e, especialmente, à *Ticiane* pela ajuda constante nos momentos difíceis.

À Natália, secretária, amiga, companheira, minha segurança no fazer diário.

À Beth e Ramalho, minha família ampliada, sempre atenciosas, generosas e disponíveis para ajudar.

Aos (às) companheiros(as) e colegas da turma (2004) pelo carinho, respeito, alegrias e tristezas compartilhadas nos dois anos de convivência.

À *Paula Fabrícia*, por toda dedicação à nossa amizade, na qual posso afirmar com todas as letras *amiga de todos os momentos*.

A todos os “brothers” surfistas por toda contribuição, dedicação e respeito em relação à pesquisa, em especial a “equipe lost”, valeu galera!

À orientadora Prof^a. *Irllys Barreira*, por toda atenção, compreensão e contribuição teórica durante minha trajetória no mestrado.

A todos(as) os(as) professores(as) pelo conhecimento transmitido e construído na sala de aula, em palestras, seminários, entre outras atividades acadêmicas.

A todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, com críticas ou incentivos, contribuíram para realização deste trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 10
I. Um mergulho no objeto: “remadas, dropes e caldos” no processo de pesquisa	p. 17
1. O desafio da proximidade.....	p. 19
2. A observação de uma estética da <i>leveza</i> : os surfistas sob minhas lentes.....	p. 23
3. Os surfistas e a <i>rapidez</i> das flutuações.....	p. 29
4. No “drop” da onda é preciso <i>exatidão</i>	p. 34
5. A <i>visibilidade</i> “incandescente” do visual-surfe.....	p. 39
6. No mundo do surfe uma <i>multiplicidade</i> de estilos.....	p. 43
II. Nas ondas do surfe: estilo de vida, rituais de experimentação e marcação juvenil	p. 45
1. A Cidade moderno-contemporânea e os estilos juvenis.....	p. 46
2. O Estilo-surfe.....	p. 53
2.1 - O Ethos-surfe: em busca da adrenalina.....	p. 57
2.2 - O visual-surfe: linguagens do corpo-surfista.....	p. 62
2.3 - Os rituais de sociabilidade.....	p. 72
3. No mundo do surfe: uma diversidade de estilos de vida.....	p. 80
3.1 – O Surfe-prazer.....	p. 85
3.2 – O Surfe-arte.....	p. 90
III. Por uma geografia dos picos de Fortaleza: a história das relações entre o surfe e as paisagens da cidade	p.100
1. Os primórdios do surfe.....	p. 108
2. O surgimento do surfe moderno.....	p. 111
3. O surfe chega ao Brasil junto com as “ondas” da modernidade.....	p. 116

4. A ocupação dos picos e os circuitos de surfe no espaço litorâneo.....	p. 123
--	--------

IV. As Performances no Surfe: movimentos dos corpos na construção das territorialidades.....

1. Rituais de Experimentação dos corpos-surfe no espaço litorâneo.....	p. 142
--	--------

2. Performances corporais na construção do território-pico.....	p. 149
---	--------

3. Icaraí-surfe: o pico–crowd.....	p. 153
------------------------------------	--------

3.1- Os Locais do Icaraí: surfistas x body boards.....	p. 163
--	--------

4. Leste-Oeste: de Praia Formosa para pico-odor.....	p. 167
--	--------

4.1- Os Locais da Leste: a galera da esquerda, do meio e da direita.....	p. 172
--	--------

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p. 178
----------------------------------	--------

GLOSSÁRIO DO SURFE.....	p. 183
--------------------------------	--------

BIBLIOGRAFIA.....	p. 190
--------------------------	--------

ANEXOS.....	p. 196
--------------------	--------

Anexo 1.	p. 197
---------------	--------

Anexo 2.	p. 201
---------------	--------

Anexo 3.	p. 202
---------------	--------

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1- Aéreo do surfista Betinho Rosa, p. 59.
- Figura 2 - “Surf-style” do jovem Charlie Brown, p. 62.
- Figura 3 – Equipe de atletas da surfwear Greenish, p. 63.
- Figura 4 – Mapa de previsão de ondas, p. 68
- Figura 5 – Surfista Kiron Jabour em Mentawai na Indonésia, p. 69
- Figura 6 – Surfista Argus Diniz realizando uma “rabetada” na praia do Icaraí, p. 93.
- Figura 7 – Praia de Iracema nos anos 1940, p. 125.
- Figura 8 – Cartaz de propaganda da marca Greenish: prêmio de maior onda do Brasil 2006, p. 135.
- Figura 9 – Logomarca da recém criada Associação feminina de Surfe do Ceará, p. 138.
- Figura 10 – Performance gestual do surfista Argus Diniz, p. 144
- Figura 11 – Estrutura do Circuito Cearense de Surfe Universitário realizado na Praia do Futuro, p. 146.
- Figura 12 – Pódio da categoria estreante do Circuito Cearense Universitário, p. 147.
- Figura 13 – Tubo Perfeito do surfista Charlie Brown, p. 149.
- Figura 14 – Praia do Icaraí durante a primeira etapa do Campeonato Cearense de Surfe Profissional, p. 151.
- Figura 15 - Descida de acesso a Barraca Praia e Sol durante a competição citada, 155.
- Figura 16 - Cartaz de divulgação do mesmo evento, p. 160.
- Figura 17 – Retrato da destruição provocada pelo avanço do mar à barraca Praia e Sol no Icaraí, p. 162.
- Figura 19 – Foto da sede da Associação Desportiva e Cultural da Praia do Mero no Pirambu, p. 172.
- Figura 20 – Pico “Marinas” na praia da Leste-Oeste, p. 173.
- Figura 21 – Pico da “galera do Pirambu” na praia da Leste-Oeste, p. 175.

RESUMO

Esse trabalho é resultado do estudo etnográfico que realizei sobre as relações construídas entre os jovens surfistas e os espaços urbanos. Formas de uso, apropriação e experimentação que fazem do surfe um estilo de vida, uma forma singular de ser, viver e ocupar a cidade. O estudo buscou descrever, interpretar e analisar as formas pelas quais os jovens se apropriam do estilo-surfe e o re-significam na sua relação consigo mesmo, com o outro e com o espaço público da praia. Como a pesquisa foi de cunho antropológico, decidi privilegiar as técnicas da observação participante, do diário de campo, as entrevistas, mas, sobretudo, a convivência, os diálogos, os momentos-livres de fruição dos estilos juvenis. No início do texto, apresento o objeto de estudo, meus percursos na pesquisa, escolhas e experiências, além das características que bem definem o estilo-surfe de viver: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade. Segue-se com a discussão acerca dos elementos que compõe o estilo-surfe: o ethos-surfe, o visual-surfe e os rituais de sociabilidade. Uma estratégia metodológica foi a percepção da diversidade presente no mundo do surfe, tendo uma multiplicidade de modos-surfe de ser existentes; então optei por construir uma tipologia das práticas do surfe presentes no espaço litorâneo: surfe-moda, surfe-prazer, surfe-lazer e surfe-arte. A etnografia como opção metodológica foi realizada também no sentido de aprofundar o estudo em universos simbólicos específicos como os picos do Icaraí e da Leste-Oeste, de entender as lógicas, as disputas, as hierarquias e as diferenciações produzidas em cada ocupação, modos de expressão e visibilidade dos jovens no espaço urbano. A pesquisa evidenciou que o surfe como estilo de vida com seus limites e usos diferenciados é para esses jovens, oportunidade de exercer suas preferências, experimentações, lazer, diversão, profissão, negócio, enfim, possibilidade para viver de um modo digno a sua juventude.

INTRODUÇÃO

O dia aqui na cidade, para muitos, inicia-se na madrugada, quando várias outras pessoas ainda estão dormindo. Trabalhadores da construção civil que para chegar ao seu emprego atravessam a cidade: das periferias aos centros. “Donas de casas”, que antes de sair para o trabalho fazem almoço para os seus filhos e para os companheiros. Os padeiros que produzem o “pão nosso de cada dia”. E os vários surfistas que acordam junto com o sol, em busca das melhores ondas, logo no início da manhã.

5h da manhã¹: o telefone toca. É o Artur, dizendo que em quinze minutos está passando na minha casa para irmos à praia. Ele me pega e depois vai buscar “a galera”. Quando Igor entra no carro Mike e Roberto que estão no banco detrás e esperam ansiosamente as notícias do amigo. Artur pergunta sobre o sentido da fumaça da Fábrica Iracema² que pode ser observada de seu quarto. Igor informa que a fumaça caminha no sentido sul-norte, isto é, o vento está “terral”, noutras palavras, o vento está soprando do continente para o mar. O terral é o melhor vento para a formação das ondas, pois o mar fica muito liso e as ondas quebram num ritmo de perfeição, uma atrás da outra, fechando vagarosamente de forma linear.

Chegamos ao Icaraí às 05h40min. Quando vamos nos aproximando do pico³, descendo a ladeira de acesso à barraca Praia e Sol, Roberto olha as condições do mar e começa a gritar euforicamente: “Uhuuuu! Uhuuuuu! Tá irado doido! Vamos nessa que o mar tá alucinante, lisão!

¹ Anotações do diário de campo. Icaraí, quarta-feira, 08/02/06.

² Artur e Igor moram próximo ao North Shopping localizado na Av. Bezerra de Menezes. A Fábrica Iracema fica na Avenida Mister Hall, continuação dessa mesma avenida. Por ser paralela a esta, a rua onde se localiza o condomínio em que mora Igor, é possível ver da janela do seu quarto a grande chaminé dessa fábrica que funciona como uma biruta, pois a fumaça toma o sentido que o vento lhe dar.

³ O pico é o lugar onde quebram as ondas, mas não só. Ele tem uma conotação sócio-espacial e simbólica para os surfistas já que representa não somente o lócus em si onde quebram as ondas, mas todo o ambiente físico e social que é apropriado e usado pelos surfistas: o território terra-mar.

Só tubos! Olha ali doido! Uhuuuuu!” Artur grita: “Olha aquela direita⁴ ali. Vamos nessa porque se não vai já chegar o crowd⁵”. Artur, Roberto, Mike e Igor descem ligeiramente do carro, se aquecem e fazem os alongamentos na beira da praia. Depois de alguns poucos minutos saem correndo em direção ao mar, na busca pelas boas ondas.

Por volta de seis horas da manhã vários outros surfistas chegam ao pico. Os que vêm de Fortaleza chegam de carro, outros de bicicleta ou de ônibus. E uma outra parte a pé, já que moram aqui mesmo, na praia do Icaraí. A grande maioria segue um mesmo ritual: passam a parafina e o raspador na prancha enquanto observam e analisam o pico, se aquecem na beira-mar e saem literalmente “correndo” para o mar.

Fiquei sentada na “barraca da tia”, observando o surfe dos meninos⁶ e aqueles que chegavam ao quiosque. A “tia” é quase que “parada obrigatória” dos surfistas no Icaraí. Alguns a fazem logo quando chegam⁷: cumprimentam os colegas, informam-se sobre as condições das ondas, quem está no pico, em seguida, entram no mar. No entanto, uma grande maioria demora um pouco mais depois do surfe, pois aproveitam para fazer um ligeiro lanche antes do “trampo”⁸:

⁴ Para um surfista “ler e entender” o sentido da onda, ele a classifica como direita ou esquerda. A direita é uma onda que quebra para a esquerda de quem está olhando do continente para o mar. No entanto, para o surfista ela é uma “direita” uma vez que na prática do surfe ele se posiciona sobre a prancha de costas para o oceano e de frente para o continente. A mesma regra vale para a onda dita “esquerda”.

⁵ “Crowd” significa multidão em inglês, mas é o termo utilizado pelos surfistas para dizer que o “pico” está lotado, cheio. Embora seja usado também para se referir aos surfistas indesejados, os “intrusos” dos outros picos. Em contrapartida, quando falam dos amigos, dos surfistas do seu pico, isto é, dos “locais”, referem-se como sendo “a galera”.

⁶ Quando faço referência aos meninos não pretendo homogeneizar o surfe como sendo uma prática exclusivamente masculina, pelo contrário. Nos últimos anos, o surfe feminino vem aumentando significativamente, não só como prática de lazer, mas também o número de mulheres surfistas profissionais. Agora no pico do Icaraí ainda não tem um número considerável, foi informado que são mais ou menos umas cinco meninas que surfam nesse pico. Nesse dia de observação registrado no diário de campo, não tinha nenhuma menina no mar.

⁷ A “tia” só abre às sete horas da manhã, ela é mãe de um surfista local do Icaraí. Todavia, mesmo o quiosque não estando aberto cedo da manhã é uma referência para os surfistas, um lugar de encontro e sociabilidade, lugar em que se sabe que “a galera” vai está presente.

⁸ Gíria bastante utilizada entre os surfistas, sinônimo de trabalho.

sucos, vitaminas, sanduíches naturais e também açai, são os “rangos”⁹ preferidos dos praticantes do surfe.

O mar está verdadeiramente ‘perfeito’, como dizem os surfistas. O vento terral deixa o mar com uma feição deslumbrante: como um grande lago azul e espelhado, porém com ondas que lembram perfeitos cilindros quebrando na arrebentação. De repente um grito: “Aêeeeeee! Oiêeeee!” Era um dos surfistas advertindo outro que entrara em sua onda. Muito embora, a maioria deles reconheça e realize os códigos de pertencimento e prioridade sobre as ondas, é comum identificarmos alguns conflitos presentes no território-pico; fronteiras e normas simbólicas são estabelecidas tanto na terra como no mar.

Ao saírem do mar, Artur e Roberto afirmaram ter pegado as melhores ondas do dia. O primeiro diz que quando viu a série¹⁰ vindo, foi em direção à onda disputando esta na remada com outro jovem, porém conseguiu se posicionar para que a onda fosse sua. Quando ela se aproximou, ele ficou em pé na prancha e “dropou”¹¹ aquele “ladeirão”¹² que logo se transformou num tubo perfeito, largo e demorado. Artur segurou na borda da prancha e conseguiu atrasar o “drop” e finalmente, entubar a onda. Artur conseguiu sair do tubo e comemorou euforicamente com um grito e um cumprimento “hang loose”¹³ para os colegas. Já Robertinho, diz que a sua onda foi melhor, viu vindo lá de dentro e pensou: essa é minha. Remou apressadamente na direção da onda e “dropou”. Iniciou a onda com uma rasgada “animal”, depois deu

⁹ “Rango”, “fazer o rango”, “ranger” é outra gíria comum no cotidiano desses jovens e significa comida ou comer. Outro termo utilizado no mesmo sentido é a “larica”, que também significa fome ou o ato de matar a fome, ou seja, “fazer a larica”, embora algumas vezes possa significar somente um lanche e não uma refeição.

¹⁰ Série de ondas

¹¹ “Dropar” significa descer a onda.

¹² Termo utilizado para nomear ondas grandes e extensas.

¹³ O gesto “hang loose” é executado com as mãos, com os dedos indicador, médio e anelar baixos e os dedos polegar e mínimo levantados. Numa versão atual o dedo indicador também é levantado.

logo um “aéreo”¹⁴, em seguida, conseguiu voltar para a onda e finalizá-la com um “360°”.

Às sete horas da manhã os jovens surfistas e também, três ou quatro veteranos que surfavam nesse pico, começam a sair do mar. Na “barraca da tia” lancham, conversam sobre o surfe que fizeram, sobre aqueles que realizaram as melhores manobras, sobre o trabalho que virá logo mais etc., enfim, como se fosse um momento primeiro de partilha, troca e sociabilidade entre os amigos. Começo de uma negociação que fazem com o cotidiano conturbado da grande cidade.

Às 07h30min Artur chama a todos para ir embora, uma vez que às oito inicia sua aula na faculdade. O jovem já sabe que vai chegar atrasado no seu compromisso, porém, manifesta um sentimento partilhado entre os demais surfistas: de que o dia iniciou bem, por ter feito um dos “melhores surfe nos últimos dias”.

Por meio dessa descrição do início de um dia comum para os surfistas, pode-se perceber alguns indícios das relações realizadas entre esses jovens e o espaço urbano. A partir das redes de sociabilidades criadas no espaço da praia, esses jovens constituem seu “estilo de vida” e por meio dele estabelece negociações, relações de interação e de conflito em territórios da cidade, e fora dela.

Os jovens surfistas revelam explorações outras do espaço urbano e seus segredos, apresentando práticas de desbravamento e de criação-diversão tais como seus ancestrais no Havaí. Porém, atualmente, com um sentido que busca a realização pessoal, ou como prática de lazer ou como trabalho-prazer, mas, sobretudo, como um estilo de vida que manifesta sob interessantes formas de “re-significar” as paisagens urbanas.

Sabe-se que a prática do surfe, isto é, deslizar sobre as ondas utilizando algum objeto flutuante é milenar, tendo iniciado há milhares de anos por nativos das ilhas polinésias. No entanto, o surfe re-surge no início do século XX, sendo apropriado e reinventado pelos jovens da Califórnia (Árias, 2004). De jogo-ritual praticado pelos nobres polinésios, transforma-se em

¹⁴ Ver descrição dos tipos de manobras no item glossário do surfe.

esporte, em prática de lazer juvenil, e posteriormente, modo de vida de milhares de pessoas.

As condições de vida contemporânea exigem a reinvenção dos laços sociais e culturais entre os indivíduos, entre eles e o seu lugar. Nessa perspectiva, pensar o surfe como um estilo de vida nos faz refletir sobre a diversidade de maneiras de viver e se relacionar com o espaço, ou seja, é pensar sobre as formas de apropriação, as práticas *do habitar e do transitar*, sobre os modos de *fazer e ser* no espaço urbano.

A cidade contemporânea está exigindo de nós, pesquisadores, debatermos sobre as “experiências da des-ordem” (Barbero, 2004), sobre as formas de “resistência” em relação aos pensamentos pretensamente únicos e homogeneizadores, sobretudo, quando estamos falando de jovens. Sujeitos estes que nos impõem um olhar nômade e plural capaz de burlar as disciplinas pretendidas pelos pensamentos generalizadores da condição juvenil postulada por esta sociedade.

Os jovens experimentam a heterogênea trama cultural presente nas cidades, dito de outra maneira, experimentam uma diversidade de estilos de viver, de modos do habitar, do sentir, do ler e do narrar o urbano. Nesse sentido, pensar sobre os jovens surfistas é desafiar nosso próprio entendimento sobre cultura e espaço, os marcos de referência e compreensão sobre a construção das identidades juvenis contemporâneas, sobre os processos de “enraizamento e desenraizamento” e as fortes demarcações estabelecidas por estes jovens e os lugares que ocupam.

Os “picos” são *lugares reinventados* pelos surfistas ao demarcarem seu “pedaço”. Neles, deixam as marcas da apropriação: um lugar de conhecimento, reconhecimento e pertencimento. Os surfistas de Fortaleza ultrapassam, inclusive, as fronteiras territoriais legais, já que delimitam novos domínios pelos “pedaços na cidade” e fora dela, quando circunscrevem trajetos e territórios específicos na busca das melhores ondas.

A observação desse fenômeno permite compreender de que forma os *grupos de estilo* (Dayrell, 2005) podem significar uma referência na elaboração e vivência da situação juvenil, num contexto adverso que lhes nega a todo momento sua condição de sujeitos. Ao mesmo tempo, essa experiência pode viabilizar uma ampliação do potencial de metamorfose no campo de

possibilidades desses jovens (Velho, 1999). Por meio do conflito e da negociação, abre-se chances para sonhar com alternativas de vida outras, sem que sejam aquelas restritas oportunidades delineadas pela sociedade brasileira. Os estilos de vida e seus significados podem ser espaços de possibilidade para as juventudes. Espaço para o encontro, trocas, comunicação e até para uma profissionalização, enfim, para o exercício de uma convivência construtiva que se realiza em alguns “picos” e “pedaços” do espaço urbano.

Ao “botar pra dentro” no momento certo em que quebram as ondas, os jovens surfistas instituem uma metáfora da batalha cotidiana, das estratégias por melhores condições de vida, ou seja, é saber esperar “a boa” tendo de alguma forma paciência para identificar as oportunidades, é saber escolher os melhores “picos”, também, os melhores caminhos, e “dropar” na hora certa da onda “pra não morrer remando na praia”: *Então a gente aprende como é que se diz a ter paciência com a vida, porque se você não tiver paciência no surfe você vai morrer remando pro lado e pro outro e não vai pegar nada.*¹⁵

Pode-se, portanto, inicialmente assinalar que os surfistas de Fortaleza reivindicam uma política de afirmação de um estilo particular, uma estética de vida diferenciada, ou seja, a defesa de um outro modo de vida que reclama seu lugar na cidade.

Nessa perspectiva, apresento a estrutura do texto da dissertação de mestrado.

No capítulo primeiro, intitulado **“Um mergulho no objeto: ‘remadas, dropes e caldos’ no processo de pesquisa”** faço a exposição sobre meu percurso durante a pesquisa, os caminhos escolhidos, as técnicas empregadas, os princípios que nortearam o trabalho, além das sensações, sentimentos e preocupações, as experimentações sentidas.

O segundo capítulo **“Nas ondas do surfe: estilo de vida, rituais de experimentação e marcação juvenil”** apresento uma discussão acerca das tramas dos sentidos do *ser moderno* e do *ser jovem*. Abre-se o debate sobre o significado do estilo-surfe para os jovens estudados e da “marcação” deste estilo nos espaços urbanos, sobretudo, no espaço público da praia. Em seguida, apresento os elementos que compõem o estilo-surfe, bem como, as

¹⁵ Edu, 27 anos, local do Icaraí, entrevista realizada em 09/02/06.

regularidades, hierarquias, os conflitos, enfim, a “estrutura” daquilo que denomino ser o “mundo do surfe”.

O terceiro capítulo “***Por uma geografia dos picos de Fortaleza: a história das relações entre o surfe e as paisagens da cidade***” descreve a história do surfe em Fortaleza relacionada com os processos de apropriação das paisagens litorâneas, assim como os processos de construção do “circuito do surfe” na cidade e fora dela, a partir das narrativas dos chamados “surfistas das antigas”.

Finalmente, no quarto capítulo, “***As performances nos picos: movimento dos corpos na construção das territorialidades***” discorro sobre o estudo feito nos picos do Icaraí e da Leste-Oeste, por sua vez, neste ponto do trabalho a intenção é introduzir o leitor nos universos particulares dos sujeitos investigados e, assim, oferecer subsídios para compreensão das lógicas, das disputas, das diferenciações produzidas nesses espaços, enfim, as experimentações e as territorialidades que se realizam nos “pedaços” de surfe.

Finalizo o texto oferecendo algumas considerações para a questão norteadora dessa investigação: a de que o surfe para além de um esporte-jogo ou uma prática de lazer é um estilo de vida, e desse modo, manifesta-se sob formas específicas, modos singulares de *ser, viver e estar* nos espaços urbanos.

CAPÍTULO I

UM MERGULHO NO OBJETO: “REMADAS, DROPE E CALDOS” NO PROCESSO DE PESQUISA

A pesquisa científica é sempre um caminho movediço, escorregadio, cheio de surpresas, incertezas e inesperadas dificuldades. Ao decidir trocar meu objeto de estudo, isto é, os jovens participantes de “ONGs Juvenis”¹⁶ pelos jovens surfistas, imaginei que para mim seria mais fácil, uma vez que, supostamente, teria mais abertura, empatia e identificação pelo objeto, ainda mais, tendo eu vivido um período considerado da minha vida compartilhando aquilo que afirmo ser o estilo de vida do surfe. Porém, a transformação de nativa para pesquisadora, não foi como eu esperava.

Eu tive contato com o surfe e seu estilo muito cedo, uma vez que um tio que era surfista veio morar conosco quando nos mudamos do interior, da cidade de Cedro, para a capital em 1982, eu tinha então cinco, seis anos de idade. Eu o via entrar e sair com a prancha, passar parafina, ler revistas de surfe, conversar com os amigos sobre as ondas, etc.; talvez essa vivência tenha me aproximado ainda mais do surfe. Lembro-me o que me chamava profundamente a atenção, era o seu estilo “radical”: o corpo bronzeado, o cabelo parafinado, as tatuagens, bermudas coloridas, as gírias, enfim, aquilo que para a época, anos 80, seria um estilo juvenil meio que “marginal”.

Agora, foi mais ou menos em torno dos treze ou quatorze anos que tive um “contato experimentado” com o surfe, quando fui passar as férias do fim do ano na praia do Icaraí. Recordo-me – até com certo saudosismo - das descobertas dessa temporada como algo realmente significativo e prazeroso no processo da minha juventude: a busca pelo pertencimento, as amizades estabelecidas, os rituais de iniciação juvenil, os jogos ilícitos, os namoros e as paqueras, enfim, os processos de conhecimento e reconhecimento construídos no contato com a “cultura do surfe”.

¹⁶ Por “ONGs Juvenis” designo as Organizações Não-Governamentais organizadas por jovens com foco nas políticas sociais para jovens.

Pode-se dizer então que passei a ser uma nativa da “cultura surfe” e “local¹⁷ do Icaraí”, embora nunca tivesse surfado - inclusive, na época, as meninas mais acompanhavam e “admiravam” os surfistas do que surfavam, e aquelas que praticavam o esporte era com Body Board¹⁸; eu era o que na linguagem dos surfistas chamavam de “surfete”, ou seja, meninas que não praticam o esporte, mas que compartilham os signos e os significados do universo do surfe: as roupas, as músicas, a linguagem, as preferências, enfim, o estilo de vida, além da clara opção de só namorar surfistas.

Com o decorrer da juventude fui tendo contato com outras “tribos” e afastando-me mais dos surfistas, principalmente, quando ao ingressar na universidade, engajei-me no movimento estudantil. Logo aquele estilo de vida anterior passou a ser considerado por mim e meus “companheiros” como fútil, alienante, “pelego”. Embora não abandonando as antigas amizades, ser jovem para mim passou a significar participação política, militância, “transformação do mundo”, assim, passei a militar nos “movimentos de juventude” como o movimento estudantil e o partido político, precisamente, no Partido dos Trabalhadores.

Foi por meio dessa experiência que tive contato com outros grupos organizados de juventude que não se enquadravam na concepção “tradicional” de organização política de juventude, a saber: grupos de teatro, bandas de rock, punks, fanzines etc.; por conseguinte, fui ampliando minha compreensão acerca do “fazer político”. Também, nesse processo, comecei a namorar um surfista, hoje meu esposo, então, logo retomei meus contatos com o “mundo do surfe”.

Ao final do curso de graduação quando pesquisei os estudantes universitários organizados por meio da arte e da cultura como Trabalho de

¹⁷ O surfista local é aquele considerado do pico, assim, ele estabelece uma gama de relações identitárias não só com o lugar, mas com as pessoas do entorno (outros surfistas, barraqueiros, banhistas, comerciante, garotas). O “local” constrói relações de pertencimento e reconhecimento no lugar onde “tradicionalmente” pratica o surfe, podendo morar perto do pico ou surfar neste lugar há muito tempo. Nesse sentido, pode ser identificado como local aquela pessoa que é reconhecida pelas outras do lugar como sendo pertencente dessa trama de relações.

¹⁸ Tipo de prancha em que as pessoas surfam deitadas e aproveitam tanto a parede como a espuma da onda para fazer as manobras, por conta disso, e também pelo seu formato, os *surfistas de prancha* na tentativa de desqualificar essa modalidade do esporte à chama de “sabonete”.

Conclusão de Curso¹⁹, esses jovens me ajudaram a perceber que a política não se encontra fechada, modulada e encerrada em “velhos” conceitos operados por “profissionais” do ramo - embora a modernidade tenha o feito - pelo contrário, a política hoje retoma sua condição de humanidade (Arendt, 2000) tal como na Grécia Antiga, portanto, é entendida aqui como ação, troca, negociação, comunicação, “sociabilidade de conflito”, enfim, como convivência construtiva e pulsante que se manifesta nas diversas redes existentes na cidade.

Desse modo, meu olhar investigativo voltou-se para os mais diversos e distintos coletivos e grupos de juventude, sobretudo, as sociabilidades construídas no interior desses grupos e as relações estabelecidas com o espaço urbano. Foi esse contexto que permitiu o retorno de meu olhar para o surfe, agora percebido como um estilo de vida, uma política de afirmação de um modo de ser específico que se relaciona com a paisagem litorânea e nela deixa as suas marcas. No entanto, aquilo que, aparentemente, parecia ser vantajoso e fácil no processo investigativo, isto é, a íntima relação com o objeto, tornou-se um empecilho, um desafio difícil de ser superado.

1. O desafio da proximidade

Nos primórdios da ciência antropológica o que fascinava os pensadores eram as culturas distantes - localizadas no seu espaço-tempo – com seus personagens exóticos, comportamentos estranhos, deuses outros e ritos desconhecidos. Questões eram colocadas a partir do princípio de que embora diferentes todos pertencessem à mesma espécie - todos eram seres

¹⁹ Na minha monografia de conclusão de curso, intitulada *Jovens Universitários “Reinventando a Política”: a experiência dos grupos culturais da UECE*. Estudei os jovens da Universidade Estadual do Ceará organizados no campo da arte e da cultura. A pesquisa evidenciou que esses jovens escolhem os grupos de convivência juvenil que são significativos a eles como campo potencial do seu “fazer político”. Chamei de “política deles” as práticas e atividades desenvolvidas no/e com o grupo, isto é, são as sociabilidades travadas entre eles e com o mundo, são as diversas formas de representações da sociedade expressas em suas produções, tais como: músicas, eventos, jornais, trabalhos comunitários etc. Já a “política dos outros” foi vista como atividade institucionalizada, praticada por pessoas supostamente de má índole que ocupam cargos públicos ou eletivos e fazem “política”, um saber técnico executado de forma mecânica e autoritária, assim, tal prática foi identificada como abstrata, distante e prejudicial à sociedade.

humanos: “civilizados” ou “primitivos” (Magnani, 2000). Com o passar dos tempos a antropologia se distanciou da perspectiva evolucionista e passou a ter outras preocupações, porém, nunca abandonou a preocupação inicial: a diversidade cultural. Agora, deixando de associar o diferente ao atrasado, a antropologia voltou-se também para a análise das culturas urbanas, sobretudo, pela busca dos significados de tais práticas: o trabalho, o lazer, a sociabilidade, a religiosidade etc.

É certo que faz parte da história da antropologia e das ciências sociais estudar sobre “os outros”, as denominadas “comunidades primitivas” ou “tradicionais”, as classes populares, os pobres, as tribos urbanas, objetos de estudo que certamente trazem estranheza e curiosidade aos pesquisadores. Mas para mim, o processo foi inverso. O que me causou estranheza foi justamente algo que, de certa forma, sempre fez parte da minha vida: o universo do surfe.

Ainda que o surfe fosse algo extremamente familiar para mim, sempre existiram questões que me instigavam conhecer: como pode um surfista se desligar de tudo e de todos por causa de boas ondas? Que “energia” é essa vivenciada pelos surfistas, chamada “adrenalina”, que faz deste esporte um verdadeiro “vício” para os que o praticam? Como um jovem pode “abdicar” de tantas coisas em nome do surfe? Que tipo de investimento é este? Por que a maioria dos surfistas tem o mesmo gosto, escutam as mesmas músicas, até a tonalidade da voz ao pronunciar “meu irmãããã”? Por que são tão parecidos, mas ao mesmo tempo tão diferentes, com suas trajetórias, expectativas e visões de mundo diversas?

Foi a partir da disciplina sociologia urbana nesse programa de pós-graduação, que comecei a ter um novo olhar para minha cidade e percebê-la como uma grande arena de espetáculos urbanos intrigantes, e ainda, que nós todos somos os personagens dessas cenas cotidianas; daí a percepção, conforme Geertz (1997), de que *agora somos todos nativos*. Por esse olhar, começaram a me causar estranhamento, as formas pelas quais “meus amigos surfistas” percebiam e viviam no espaço urbano e como nele/e com ele se relacionavam. O mais fascinante nesse universo cultural, o “mundo do surfe”,

foi a percepção sobre a diversidade de figuras, estilos e pessoas vindas de todas as “classes sociais”²⁰.

Assim, transformei, como também fez Gilberto Velho *parte significativa de minha rede de relações sociais em objeto de pesquisa*, um movimento um tanto heterodoxo para os padrões tradicionais de pesquisa. Então o desafio colocado foi outro, o importante e crucial para minha pesquisa consistiu no *movimento de estranhar o familiar* (1999, p.15).

Esse movimento, que para mim no início parecia fácil, um movimento quase natural, mostrou-se um tanto complexo. Exigiu muita determinação, esforço e rigor metodológico, inclusive, uma desconfiança constante do olhar e do entender o objeto.

A primeira entrevista, sensação de alívio. Consegui finalmente romper com meu estranhamento quanto à minha condição de pesquisadora. Algo estava bloqueando meu percurso na pesquisa, algo em mim travava a passagem que eu tinha que fazer: Cynthia-colega para Cynthia-pesquisadora. No fundo, eu tinha medo de me sentir e ser reconhecida como: incomodante. Será que iriam ficar desconfortáveis com as minhas perguntas, com os meus questionamentos? Com a minha intromissão em suas vidas, nos seus momentos? Depois desse momento de alívio reconheci que em pesquisa é preciso ter vigilância, determinação e auto-avaliação constante. Não são só os surfistas que precisam ser observados, mas também minha dupla-condição: colega e pesquisadora. Dupla vigilância já que vou estáá falando da vida dos meus amigos e um pouco da minha também. Acho que meu medo é não ser reconhecida como pesquisadora, isto é, não ser identificado um novo papel que agora vou atuar, um preconceito que eu mesma carrego em relação à minha proximidade com o objeto (Anotações em Diário de Campo, 25/03/05).

²⁰ No início da prática do surfe aqui na cidade em meados dos anos 70, podia-se afirmar que realmente era uma prática de elite, de jovens das classes média e alta, uma vez que o acesso às pranchas era muito difícil, em sua maioria “vinham de fora”, ou do Rio de Janeiro ou dos Estados Unidos. Porém, a partir dos anos 80 o surfe chega às periferias sendo amplamente apropriado e re-significado pelos jovens dessas localidades e transforma-se num dos esportes mais praticados por esses sujeitos. Esse assunto será retomado mais à frente.

Uma das maiores dificuldades durante o processo investigativo foi o “exercício do meu olhar”, ou seja, por conta de minha intimidade com o objeto, inicialmente, o campo aparecia-me algo extremamente familiar, nada de excepcional. Tudo tão velho e sem significado como uma “velha bermuda rasgada” utilizada todos os dias por um surfista. Os momentos de pesquisa para mim eram entendidos somente naqueles “institucionalizados”, ou seja, quando eu conseguia realizar alguma “entrevista” com o uso do gravador e devidamente acompanhada pelo meu roteiro de entrevistas.

Por já participar anteriormente do campo, embora não o fizesse como pesquisadora, o início da percepção daquilo que hoje qualifico como o essencial da pesquisa: o cotidiano vivido e experimentado pelos surfistas em alguns espaços da nossa cidade demorou a “aparecer” para os meus olhos de pesquisadora. Percebi então que eu precisava de “lentes” que me auxiliassem a olhar para o objeto de uma outra forma.

Nesse momento, tive que me recuar do campo e buscar auxílio na “teoria”. Procurei então treinar o meu olhar com a ajuda da literatura sobre o assunto estudado. Dito de outro modo, depois de ler e entender o percurso feito por vários outros pesquisadores, suas reflexões e formas de ver e entender o mundo, passei a “enxergar” melhor o campo. Foram as “lentes da metodologia” que permitiram a visibilidade sobre meu objeto, as percepções de que a bermuda rasgada para o surfista é bem menos o resultado do desgaste pelo uso do que os *múltiplos significados* que podem advir também do seu uso.

Uma outra ajuda me foi trazida, auxiliando na leitura e no entendimento sobre as coisas que o objeto tinha a dizer e eu não conseguia perceber. Foram nas palavras de Calvino (1990), as suas Seis Propostas *para o Próximo Milênio*²¹ que encontrei uma outra fonte de inspiração para pensar meu objeto de estudo. Leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade são valores que o autor preconizou como fundamentais para a estética literária neste novo milênio. Essa perspectiva, acompanhada da experiência fornecida pelos pesquisadores veteranos (tanto sociólogos como antropólogos e

²¹ *Leveza, Rapidez, Exatidão, Visibilidade e Multiplicidade* são as cinco conferências que Ítalo Calvino havia preparado para a Universidade de Harvard e que, devido a sua morte súbita, nunca foram proferidas. Essas categorias são utilizadas pelo autor para análise da produção da estética literária neste novo milênio. Aqui nesse trabalho utilizo essas “categorias” embora não pretendo tomá-las como categorias de análise, mas sim como fonte de inspiração para pensar uma outra estética, o surfe como um estilo juvenil de viver os territórios do espaço.

pesquisadores da comunicação), ajudou-me a ler e a entender os significados do surfe para a vida daqueles jovens que fazem desse estilo seu modo de vida, sua estética de viver em alguns espaços da cidade e fora dela.

2. Observando uma “estética da leveza”: os surfistas sob minhas lentes

Para o dicionário Aurélio, o surfe é definido como *um esporte em que a pessoa, de pé numa prancha, desliza na crista da onda*. Um surfista não desliza somente na crista da onda, na verdade, o surfe se faz num movimento de inscrições de ondas sobre a onda, ou seja, o surfista de pé na prancha vai realizando manobras que vão da base ao lip (a crista), lembrando um ‘S’ invertido constantemente desenhado na “linha da onda”²². E isso requer leveza.

Para decepar a cabeça da Medusa sem se deixar petrificar, Perseu se sustenta sobre o que há de mais leve, as nuvens e o vento; e dirige o olhar para aquilo que só pode se revelar por uma visão indireta, por uma imagem capturada no espelho. Sou tentado de repente a encontrar nesse mito uma alegoria da relação do poeta com o mundo, uma lição do processo de continuar escrevendo (Calvino, p.16).

Nos mares agitados, frenéticos e muitas vezes revoltos os surfistas conseguem transitar e desenhar formas nas suas superfícies. A *leveza* do surfista na onda, seu equilíbrio e maleabilidade nas suas *flutuações* nos instigam a pensar sobre os movimentos que hoje os jovens realizam nas suas cidades. Porque a paisagem da cidade tem menos a ver com a alta regularidade dos modelos pensados sobre as juventudes do que com as ondas do mar.

Isso revela que a geografia das identidades juvenis que demarcam espaços como as ruas, as praças e as praias introduzem uma desordem que foge das antigas formas de identidade pensadas (Barbero, 2004); com uma

²² A linha da onda é um lugar em que quando o surfista se posiciona, nele desliza com mais velocidade e fluidez. Segundo os praticantes do surfe, toda onda tem sua linha (mexida, perfeita, tubular, extensa, etc.) e o surfista tem que encontrar o “trilho” a “linha” para ter um bom desempenho na onda.

fixidez que mais se parece com as *superfícies estriadas*²³ das grandes avenidas pensadas pelos urbanistas do que com a *superfície lisa* do mar quando entra o vento terral permitindo o nomadismo dos surfistas e a *leveza* das suas flutuações (Deleuze, 1997).

Cada vez que o reino do humano me parece condenado ao peso, digo para mim que à maneira de Perseu eu devia voar para outro espaço. Não se trata absolutamente de fuga para o sonho ou o irracional. *Quero dizer que preciso mudar de ponto de observação, que preciso considerar o mundo sob uma outra ótica, outra lógica, outros meios de conhecimento e controle.* As imagens de leveza que busco não devem, em contato com a realidade presente e futura, dissolver-se como sonhos...(Calvino, 1990, p. 19).

A pista das fissuras faz possível descobrir outra visão e outra dinâmica: a das flutuações e dos fluxos nos quais se gestam outras ordens. Visão desde a qual se abre uma pedagogia cidadã do jogo, no sentido que têm as trajetórias, enquanto tática daquele que caminha cotidianamente pela cidade (Barbero, 2004, p. 277).

O nomadismo dos surfistas inscreve em Fortaleza trajetos específicos em busca das boas ondas, trajetórias manifestam-se nas *táticas do usar, transitar e habitar a cidade* (Certaú, 2002), mas não só. Os espaços procurados são também lugares de encontro, trocas, jogos e sociabilidades desses jovens com seus “iguais” e se realizam em alguns espaços da cidade, como por exemplo, nos picos de surfe. É importante dizer que nem todo surfista é jovem, porém, os “veteranos do surfe”²⁴, a grande maioria iniciou a prática do surfe durante sua juventude e a tomou como estilo de vida. Esses “jovens-coroas” carregam em seus corpos as marcas do estilo juvenil do surfe podendo claramente ser identificado no jeito de andar, vestir, falar... Viver.

Nessa perspectiva a noção de juventude também deve ser relativizada, aqui entendida bem mais como um estilo de vida do que como um período de transição para a vida adulta. Compreendo, portanto, a juventude como uma *complexidade variável*, como *multiplicidade*, que se distingue por

²³ Segundo Deleuze (1997, p. 184-187) ao discutir o espaço liso e estriado pelo modelo marítimo, *no espaço estriado, as linhas, os trajetos têm a tendência de ficarem subordinados aos pontos: vai-se de um ponto a outro. No liso, é o inverso: os pontos estão subordinados aos trajetos.* Assim enquanto o primeiro remete a fixidez das práticas, aos usos “esperados” do espaço, o outro sinaliza para o caráter de fluidez, de intensidade na ocupação, de “resignificação” dos espaços. Retomarei novamente essa discussão mais adiante.

²⁴ Os veteranos do surfe são aqueles surfistas “das antigas”, isto é, aqueles que iniciaram a prática há pelo menos vinte ou trinta anos atrás. Os surfistas considerados “veteranos” eram os jovens surfistas dos anos 70/80 aqui em Fortaleza, aqueles que participaram (e ainda hoje participam) e contribuíram para o início da “cultura surfe” e seus “circuitos” aqui na cidade.

suas várias maneiras de agir, pensar, comunicar-se, nos diferentes tempos e espaços sociais ocupados (Carrano, 2000). É nesse sentido, a partir do entendimento de que não há um único modo de ser jovem que enfatizo a noção de juventudes, *no plural*, para salientar a diversidade de *modos de ser jovem* existentes (Idem, 2003).

O cotidiano dos jovens surfistas se realiza, assim, por movimentos ondulatórios no espaço urbano: dos espaços estriados aos espaços lisos, e vice-versa. Como afirma Deleuze (1997):

Por vezes podemos marcar uma oposição simples entre os dois tipos de espaço. Outras vezes devemos indicar uma diferença muito mais complexa, que faz com que os termos sucessivos das oposições consideradas não coincidam inteiramente. Outras vezes ainda devemos lembrar que os dois espaços só existem de fato graças às misturas entre si: o espaço liso não para de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso. Num caso, organiza-se até mesmo o deserto; no outro, o deserto se propaga e cresce; e os dois ao mesmo tempo. Note-se que as misturas de fato não impedem a distinção de direito, a distinção abstrata entre os dois espaços (Idem, 1997, p. 180.).

Assim como o nômade, o surfista ao tecer suas táticas de uso (De Certau, 1994) tanto do espaço urbano que seria “prioritariamente” um espaço estriado ou do próprio mar que seria um espaço liso por “excelência”, ele ajusta sua vestimenta, seu equipamento, seu movimento, sua trajetória *ao espaço liso aberto onde o corpo se move* (Deleuze, 1997). *Tanto no liso como no estriado há paradas e trajetos, mas no espaço liso é o trajeto que provoca a parada*. No surfe é o movimento das ondas, é a “série” que provoca o “drop” que por sua vez determina as manobras, já que a linha da onda *é um vetor, uma direção e não uma dimensão ou uma determinação métrica*, assim é ocupada por acontecimentos, intensidades, por práticas de sensações que são manifestadas nas manobras, no instante da onda, no acontecimento (Deleuze, 1997, p. 181-185). Como descreve o surfista abaixo:

É você se integrar com a natureza né, é você aprender, conhecer ondulação, conhecer vento, conhecer o mar ...é igual a sua casa né, você saber onde tudo está no seu devido lugar, as vezes uma pessoa arruma e já muda um pouquinho... e como muda né, os fundos, os ventos, aí entra questão de lua, maré... É questão de adaptação mesmo né brother, o cara tem que se adaptar aquele momento ali do mar, se a gente não tiver tipo assim tem que usar a

psicologia, tem que esperar porque não depende só da gente, depende do mar, dele enviar as ondas e a gente sacar e dropar naquele instante. (Edu, local do Icarai, entrevista realizada em 09/02/06).

Embora o mar seja um espaço liso por excelência, ele sofreu no decorrer dos tempos um processo contínuo de estriamento a partir das práticas de navegação: mapas, bússola, e por último, satélites. Mesmo assim, segundo Deleuze (1997, p. 186-187) o liso e o estriado se afrontam no mar, pois há ainda *uma navegação nômade, empírica, complexa que faz intervir ventos, ruídos, cores e sons do mar*, como por exemplo, os pescadores artesanais do litoral cearense que desbravam os mares somente guiados pela experiência. *É por isso que o mar arquétipo do espaço liso, foi também arquétipo de todas as estriagens do espaço liso...É no mar que pela primeira vez o espaço liso foi domado, e se encontrou um modelo de ordenação, de imposição do estriado, válido para outros lugares.*

Essa mesma perspectiva nos faz pensar sobre os movimentos, as apropriações, as ocupações que os jovens fazem no espaço urbano, pois não é somente no *mar, ar ou deserto* que o liso e o estriado estão em jogo, também no *espaço-cidade*.

Ao contrário do mar, ela é um espaço estriado por excelência; porém, assim como o mar é um espaço liso que se deixa fundamentalmente se estriar, a cidade seria a força de estriagem que restituiria, que novamente praticaria o espaço liso por toda parte, na terra e em outros elementos – fora da própria cidade, mas também nela mesma. A cidade libera espaços lisos, que já não são só os da organização mundial, mas os de um revide que combina o liso e o esburacado, voltando-se contra a cidade: imensas favelas móveis, temporárias, de nômades e trogloditas, restos de metal e de tecido, patchwork, que já nem sequer são afetados pelas estriagens do dinheiro, do trabalho ou da habitação (Deleuze, 1997, p. 189)

O debate acerca das culturas juvenis ultimamente se entrelaça pela diversidade das culturas próprias desse segmento social. Tal diversidade caracteriza-se não só pelas expressões específicas de cada grupo, mas também pelos diferentes olhares e maneiras que se tem para dizer e delimitar essas culturas, além do fato de que elas encontram lugares, ecoam, ganham visibilidade e ocupam espaços como contraposição à existência das *culturas não juvenis*.

As culturas juvenis como a “cultura surfe” situada em diferentes espaços, cidades, países etc., ao assumir seu caráter de *performance*, de um

estilo de vida que se manifesta por linguagens específicas, procura romper com as barreiras do instituído, do enquadramento nas prescrições-marcas impostas pela “sociedade dos adultos”. Esse não-enquadramento é que lhe dá o caráter performático que sinaliza para o rompimento com as estrias do espaço no qual buscam expressão: *O homem da disciplina era um produtor descontínuo de energia, mas o homem do controle é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo. Por toda parte o surf já substituiu os antigos esportes (Deleuze, 2004, p.223.)*²⁵.

As marcas, os destinos pré-determinados sempre estiveram relacionados aos diferentes pertencimentos às classes sociais, aos acolhimentos, aos conhecimentos e aos hábitos próprios de cada classe. Porém no “mundo do surfe” essas marcas são relativizadas pelas diferentes trajetórias dos jovens, tanto daqueles considerados de classe média e alta, como daqueles vindos das classes “populares”.

Nesse sentido, me deparei com o fato de constantemente encontrar surfistas que se avaliados sob aspectos sócio-econômicos do tipo renda, ocupação, local de moradia, etc., seriam incluídos numa mesma categoria, assim, eu poderia cair na temível “tentação” que tantos outros pesquisadores já caíram de generalizar características entendidas como próprias de uma mesma classe social. Porém, esses jovens apresentam significativas diferenças em termos de visão de mundo e estilo de vida e não podem ser de forma alguma homogeneizados.

Um caminho menos arriscado foi buscar na trajetória e não apenas na posição dos sujeitos a explicação para seus comportamentos, escolhas e aspirações (Velho, 1999). Aqui a diferença entre condição e posição de classe feita por Bourdieu (1996) foi fundamental, o importante também como adverte Velho (1999) foi está atenta não só para o sentido das trajetórias em si dos sujeitos pesquisados, mas perceber que a própria trajetória é também resultado de um projeto. Nesse sentido, a noção de projeto foi também considerada, pois

²⁵ Para Deleuze (2004) nós estamos entrando nas sociedades de controle que funcionam não mais por confinamento como nas sociedades disciplinares, mas sim por um controle contínuo e com comunicação instantânea. São essas sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares, nesse sentido, *os confinamentos são moldes, distintas moldagens, mas os controles são uma modulação, como uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro (p. 221).*

ênfatiza a margem de manobra existente na sociedade para opções e alternativas dos sujeitos sociais. No entanto, o projeto como um conjunto de idéias está sempre referido a outros projetos e condutas localizados no tempo e espacialmente. Por conseguinte um projeto nunca é resultado de uma ação puramente individual, subjetiva, ou seja, ele é elaborado dentro de um campo de possibilidades circunscrito histórica e culturalmente tendo como referência prioridades e paradigmas culturais existentes (Idem).

Como já foi dito, os territórios onde as culturas juvenis manifestam-se com maior intensidade estariam caracterizados, em grande medida, pelos espaços lisos. Nestes espaços estão postas estruturas sociais cada vez mais fluidas que refletem a inconstância na vida dos jovens, repletas de idas e vindas (Pais, 1993).

Para um jovem surfista o sonho de sair de casa, de encontrar ou constituir o seu espaço de concretização das aspirações, de realização profissional e pessoal, torna-se cada vez mais difícil por conta dos novos tempos. Ao emprego segue-se o desemprego ou o sub-emprego. No caso dos surfistas profissionais, principalmente aqui no Nordeste, eles não mantêm qualquer vínculo empregatício com os seus patrocinadores, somente frágeis contratos. E aqueles que não têm patrocínio restam-lhes a sorte nas competições, a chance de ganhar a sua sobrevivência de pequenas premiações. Conseqüentemente, a grande maioria dos surfistas profissionais desta cidade encontram-se “obrigados” a ir para o sul do país em busca de melhores condições para desenvolverem a sua profissão: o surfe.

Tal reversibilidade, dentre outras, aponta para a compreensão relativa aos jovens que vivem na condição de “pássaros migratórios”. A cada ida tem-se, posteriormente, uma vinda, o retorno. É nesse contexto que são construídas e vivenciadas as sensibilidades juvenis que se inscrevem na lógica da reversibilidade, da fluidez. Desse modo, para um surfista, concretizar os seus projetos de vida significa abrir portas para o vazio, em direção a trajetos que levam, muitas vezes, a lugar nenhum e não em uma chegada (Pais, 1993).

O futuro é o presente. E o presente encontra-se bem ali “armado” como um tubo de uma onda que pode se abrir e lhes permitir a chance de uma vitória no campeonato, e assim, o reconhecimento pelos patrocinadores da

qualidade do seu surfe. Ou o tubo pode se fechar, e fecharem-se também as oportunidades de fazer sua vida a seu modo, o estilo-surfe de viver.

3. A análise dos surfistas na *rapidez das flutuações*.

Mercúrio e Vulcano representam as duas funções vitais inseparáveis e complementares: Mercúrio a sintonia, ou seja, a participação no mundo que nos rodeia; Vulcano a focalização, ou seja, a concentração construtiva. Mercúrio e Vulcano são ambos filhos de Júpter cujo reino é o da consciência individualizada e socializada, mas por parte de mãe Mercúrio descende de Urano, cujo reino era do tempo “ciclotônico” da continuidade indiferenciada, ao passo que Vulcano descende de Saturno, cujo reino é o do tempo “esquizofrênico” do isolamento egocêntrico. Saturno havia destronado Urano, Júpter havia destronado Saturno; por fim, no reino equilibrado e luminoso de Júpter, Mercúrio e Vulcano trazem cada qual a lembrança de um dos obscuros reinos primordiais, transformando o que era moléstia deletéria em qualidade positiva: sintonia e focalização (Calvino, 1990, p. 66).

A rapidez e a concisão no processo de criação-produção científica é, ao contrário do que se possa imaginar, algo que demanda tempo, trabalho, leituras, pesquisas de campo e bibliográficas, sensibilidade, intuição, coerência....incompletude. A rapidez não é tão somente uma característica da atividade literária, mas de todos aqueles que vivem neste tempo presente, já que este nos impõe uma dialética de desafios, os quais se contrapõem e se complementam, a saber: captar toda a complexidade do mundo que nos cerca, isto é, estar em *sintonia* com a contemporaneidade, com o global, com as “modulações”; e ao mesmo tempo, *focalizar* aquilo que alimenta a nossa vida, o local, as especificidades do cotidiano, a riqueza dos significados dos detalhes, a singularidade das experiências.

É nessa perspectiva que busquei perceber os significados construídos pela vivência dos jovens na “cultura surfe”, como um estilo de vida que é sim apropriado na maioria das vezes por conta das imagens que são disseminadas pelos meios de comunicação. Uma prática moderna, radical, jovem, ousada etc., mas quando apropriada é re-significada e experimentada de diversas formas, a partir das inúmeras experiências pessoais, trajetórias e projetos de vida.

As novas dinâmicas culturais são dinâmicas de fragmentação, dinâmicas de secularização, de desterritorialização das marcações

culturais e de hibridação de culturas e subculturas que dão lugar a identidades novas sem apego as velhas territorialidades e percebidas desde temporalidades curtas e precárias (Barbero, 2004, p.237).

A experiência etnográfica me proporcionou uma estratégia em potencial para apreensão dos significados construídos pela participação dos jovens nesse grande universo simbólico a qual identifico como sendo o “mundo do surfe”, significados estes que só podem ser compreendidos com profundidade numa opção de pesquisa “de perto e de dentro”. É nessa perspectiva, que Magnani (2002) nos convida a pensar a cidade e suas experiências, em oposição às análises que só focalizam os contextos macro, isto é, percepções “de fora e de longe”.

Geertz (1997) ao discutir os conceitos de “experiência-próxima” e de “experiência-distante”, expressa a necessidade de complementaridade na relação entre ambas, mas, sobretudo, a superação de uma suposta contradição entre dois pontos de vistas opostos, trata-se, portanto, *de ver as coisas do ponto de vista dos nativos*.

Para captar conceitos que, para outras pessoas, são de experiência-próxima, e fazê-lo de uma forma tão eficaz que nos permita estabelecer uma conexão esclarecedora com os conceitos de experiência-distante criados por teóricos para captar os elementos mais gerais da vida social, é, sem dúvida, uma tarefa tão delicada, embora um pouco menos misteriosa, que colocar-se “embaixo da pelo do outro” (p. 88).

Seguindo a recomendação do autor de que *o que é importante é descobrir que diabos eles acham do que tão fazendo*, o cotidiano dos surfistas, seus rituais, suas sociabilidades, os significados atribuídos às coisas, suas percepções etc., passou a ser por mim, cuidadosamente observado, registrado, analisado. Pois ninguém sabe disso tão bem quanto eles próprios, daí o desejo de surfar nas suas experiências e de alguma forma ter a ilusão de que foi “irado”, de que “foi o melhor surfe da minha vida”, como dizem os surfistas (Geertz, 1997).

Bourdieu (1990) observa que um grande problema colocado à sociologia do esporte é,

De um lado existem pessoas que conhecem muito bem o esporte na forma prática, mas que não sabem falar dele, e, de outro, pessoas que conhecem

muito mal o esporte na prática e que poderiam falar dele, não se dignam a fazê-lo, ou o fazem a torto e a direito (p. 207).

Nesse sentido, em busca de se quebrar barreiras simbólicas de um lado e outro, isto é, entre os pesquisadores e os pesquisados, tomou-se à decisão de:

Deixar aos pesquisadores a liberdade de escolher os pesquisados entre pessoas conhecidas ou pessoas as quais eles pudessem ser apresentados por conhecidos. A proximidade social e a familiaridade asseguram efetivamente duas condições principais de uma comunicação não violenta. De um lado, quando o interrogador está socialmente muito próximo daquele que ele interroga, ele lhe dá, por sua permutabilidade com ele, garantias contra a ameaça de ver suas razões subjetivas reduzidas a causas objetivas; suas escolhas vividas como livres, reduzidas aos determinismos objetivos revelados pela análise. Por outro lado, encontra-se também assegurado nesse caso um acordo imediato e continuamente confirmado sobre os pressupostos concernentes aos conteúdos e as formas de comunicação (Bourdieu, 1997, p. 697).

Porém, todas as estratégias e subterfúgios para se tentar reduzir as distâncias têm seus limites, inclusive, um dos perigos da proximidade seria a relação de poder em que o pesquisado, por dominar perfeitamente seu campo, tentaria impor sua definição do jogo ao pesquisador. Outro fator seria o do não-estranhamento, a não-identificação de elementos essenciais para compreensão da estrutura do campo em estudo. Portanto, qualquer situação de pesquisa coloca ao pesquisador desafios que precisam ser identificados e vencidos.

Ao mesmo tempo em que a proximidade, a familiaridade com o objeto dificultava meu olhar de pesquisadora, essa questão também me propiciou uma abertura, uma cumplicidade acredito que jamais permitida a um pesquisador não-nativo. Eles abriram as portas de suas casas, de suas vidas, de seus momentos mais espontâneos e íntimos, como os momentos de sociabilidade: as trocas, as conversas e os encontros com a “galera”. Assim, passei a acompanhar momentos em que antes eu não participava ou fazia de forma despercebida.

Os surfes feitos no início da manhã, logo na madrugada. Trajetos percorridos na cidade e fora dela, nos dias de “swell”²⁶. As “trips”²⁷ nos fins de semana. As sessões de filme de surfe, as rodas para fumar “baseado” depois do surfe, enfim, vários outros instantes bastante significativos para minha percepção acerca do estilo de vida dos surfistas. Inclusive, eles me autorizaram gravar os seus diálogos, algo fundamental na pesquisa, uma vez que percebi esses momentos-livres como mais significativos que os momentos das entrevistas, em que muitas vezes, as falas se diferenciam das práticas cotidianas. Então optei por resguardar as suas verdadeiras identidades. Os interlocutores principais da pesquisa aparecem com nomes fictícios, exceto aqueles que me auxiliaram com as informações de conteúdo histórico, como também outros personagens importantes do “mundo do surfe” que se não fossem identificados, suponho que o texto perderia a representatividade desse rico universo simbólico.

Uma outra dificuldade na pesquisa de campo foi acompanhar a *rapidez das flutuações* feitas no espaço pelos surfistas. Por inúmeras vezes, principalmente, pelas manhãs, eu ia para a praia e não conseguia realizar nenhuma entrevista, ou mesmo, uma conversa mais profunda. Os surfistas chegavam literalmente correndo no pico, “alucinados” para surfar e saíam “correndo” para o trabalho, escola ou outro compromisso. Diferente do que é apresentado pelos meios de comunicação de que o surfista é aquele indivíduo que passa o dia inteiro na praia sem fazer nada a não ser surfar. Hoje o cotidiano do surfista é bem desigual dessa imagem que foi projetada. Mesmo os surfistas profissionais que dedicam horas do seu dia ao treino do surfe, independente das condições do mar, esses jovens conciliam os momentos de treino, com momentos de preparação física, psicológica e intelectual.

²⁶ Termo utilizado pelos surfistas para classificar as correntes marítimas que dão ondulação, isto é, que chegam ao litoral trazendo força, tamanho e formação para as ondas. Quando não entra “swell” na costa litorânea o mar fica sem ondas ou com ondas muito pequenas, então para os surfistas o mar fica “flat”.

²⁷ “Trip” é o termo usado para designar uma viagem ou qualquer trajeto percorrido pelo surfista na busca de ondas. Assim, os surfistas fazem “trips” curtas como aquelas de seu pico a outro, fora ou dentro da cidade e realizam também “trips” mais longas como viagens a outros picos fora do estado ou a outro país.

Após a escolha de meus principais interlocutores, as entrevistas tiveram que ser realizadas em locais “tranquilos” como na casa deles, nos locais de trabalho ou nas visitas que fizeram à minha casa da Taíba²⁸. Então, uma das estratégias foi aproveitar os momentos de surfe-livre como nos fins de semana, entre “uma caída e outra”, havia tempo para alguns diálogos. Os surfistas profissionais também me colocaram um outro desafio: conciliar as entrevistas aos momentos de treino, de concentração para as competições e as viagens para os campeonatos. Já os surfistas free-surfers eram mais disponíveis, embora os diálogos ficassem mais difíceis nos dias de onda grande. Por diversas ocasiões tive que remarcar nossos encontros.

Um exemplo foram as minhas conversas com “Los Grilo”. Grilo é um free-surfe “fissurado”, daqueles que se tiver onda surfa todos os dias logo na madrugada, pois oito horas da manhã precisa abrir seu ponto comercial: uma loja de rações e acessórios para animais localizada no bairro Parquelândia. Eu já tinha tentado abordar o jovem na praia por diversas vezes, mas sem sucesso, pois sempre se encontra apressado, chegando ou saindo do mar. Assim, resolvemos marcar para conversar na sua loja. Às quatorze horas eu estava lá conforme o combinado. Porém, quando cheguei ao nosso encontro, Grilo já estava com a prancha debaixo do braço pronto novamente para voltar à praia. Quando me viu, lembrou do compromisso e exclamou: *Pôrra Cynthia foi mal, mas tu entende né? Hoje o mar tá bombando, já liguei pro meu sobrinho, o Beto, pra ele ficar aqui na loja enquanto eu vou lá no Icaraí fazer o surfe.* Em seguida, perguntei se nosso encontro poderia ser realizado no dia seguinte, no mesmo horário. Grilo ficou pensativo e respondeu: *Não leva a mal não, mas vamos marcar isso depois que acabar o “swell”! hehehehe...É foda cumprir compromisso o mar tando nessas condições.*

No tempo de Vulcano para os surfistas, o tempo da focalização nas ondas, da concentração construtiva nos dias em que estavam “rolando altas ondas” foram períodos em que realizei a pesquisa de campo. Coincidência ou

²⁸ A Taíba é uma praia que se localiza no litoral oeste do Ceará a 60Km de Fortaleza, sendo o trajeto Fortaleza-Taíba um dos mais percorridos nos fins de semana pelos surfistas dos diferentes picos de Fortaleza. No litoral oeste, encontram-se as principais praias-pico de surfe do estado, a saber: Iparana (SESC), Icaraí (Cata-vento, Praia e Sol e Kamoá), Cumbuco (Pico das Almas), Pecém (Porto), Taíba (Morro do Chapéu, Pesqueira e Taibinha), Paracuru (Outside I e II, Boca do Poço, Ronco do Mar e Havaizinho, etc), Paraipaba (Lagoinha), Trairí (Guagiru) e Amontada (Icaraizinho).

não desenvolvi a pesquisa durante as duas últimas temporadas de surfe. De novembro de 2004 a abril de 2005 e de dezembro de 2005 a maio de 2006, sendo a última bem mais significativa. O tempo para os surfistas é um tempo cíclico, um tempo-ritual organizado pelos períodos de competições, de temporadas de onda, de “swells”, de mar “flat”.

Para os surfistas de Fortaleza o tempo de Vulcano inicia-se em novembro e termina em maio/junho com a chegada de Mercúrio, o tempo do mar “flat”, o tempo da sintonia com as outras dimensões do seu cotidiano: família, namorada, estudo etc. Embora não haja uma separação rígida entre esses dois tempos, na verdade eles se misturam, no entanto, pude perceber mais nitidamente a focalização dos surfistas na prática do esporte durante a temporada de ondas e o retorno de uma maior sintonia com o seu “universo ampliado” nos períodos de “marola”²⁹.

4. No “drop” da onda é preciso *exatidão*.

São duas pulsões distintas no sentido da *exatidão*: em primeiro lugar, porque as línguas naturais dizem sempre mais em relação às linguagens formalizadas, comportam sempre uma quantidade de rumor que perturba a essencialidade da informação; em segundo, por que ao se dar conta da densidade e da continuidade do mundo que nos rodeia, a linguagem revela lacunosa, fragmentária, diz sempre algo menos com respeito à totalidade do experimentável. (Calvino, 1990, p.88)

Exatidão parece ser uma característica bastante simples que nos permite pensar, apenas, na busca da objetividade. Não resta dúvida, de que como pesquisadora, esforço-me por construir um conhecimento coerente, aproximado, consistente. Contudo, ao pesquisar os surfistas, descubro que a *exatidão* não se funda tão somente na objetividade, mas também na sensação, no instante, na multiplicidade, no fervilhar, como as ondas do mar...

Ítalo Calvino (1990) ao definir o tema *exatidão* para literatura diz que é *um projeto de obra bem definido e calculado*. Com essa forma de expressar a *exatidão*, permite que eu volte meu olhar, do mesmo modo, para os surfistas e sua prática: *o surfe*. É preciso *exatidão* para escolher as boas ondas, para

²⁹ A “marola” é uma onda pequena, enquanto “morra”, “ladeirão”, “buraco” são termos utilizados para nomear as ondas grandes.

perceber onde quebram “as melhores” do pico e *para ler o que a onda pede*. O sucesso da performance do surfista na onda depende da exatidão de suas manobras: *a manobra certa, no tempo certo, no local certo*, esse é o grande desafio de um surfista, a projeção desse cálculo.

Calvino, em outros dois momentos do seu texto, utilizando-se da metáfora do cristal e da chama, reforça a importância que atribui a ambas, como duas categorias para classificar fatos, idéias, estilos que devem ser complementares:

Cristal e chama, duas formas de beleza perfeita da qual o olhar não consegue desprender-se, duas maneiras de crescer no tempo, de despender a matéria circunstante, dois símbolos morais, dois absolutos, duas categorias para classificar fatos, idéias, estilos e sentimentos. Assim também gostaria que todos os que consideram sequazes da chama não perdessem de vista a serena e difícil lição dos cristais (1990, p. 65).

O cristal, nas palavras de Calvino, é a imagem do que não varia, do que é regular, das estruturas específicas; a chama, por sua vez é a imagem de que um todo é global, exterior, mas que é internamente, infinitamente, fervilhante. As performances dos surfistas nas ondas são tanto da ordem dos cristais-estriados quanto da chama-lisa (Deleuze, 1997). Dito de outra maneira, tanto os surfistas têm que seguir algumas estruturas como as normas de pontuação, valorização e técnicas empregadas nas manobras; como têm o poder de reinvenção, criação sobre essas estruturas.

O corpo de cada surfista re-significa as manobras “universais” e imprime nelas o seu estilo. Cada jovem assume um estilo de surfe que é reconhecido de longe pelos colegas ou pelos jurados nas competições. Diversas vezes em que estive presente na beira da praia observando os surfistas na companhia de outros, era comum eles identificarem muito de longe os colegas: *Olha ali o Roberto na onda!* Eu ainda perdida perguntava, onde? Aí respondiam: *ali, não tá vendo não? Aquele ali que deu o aéreo na onda! Aquele estilo ali só pode ser o Roberto, é o surfe dele.*

Na mesma perspectiva, a análise daquilo que denomino “mundo do surfe”, por meio desses dois olhares, da chama e do cristal, torna-se imprescindível, isto é, tanto por meio das “estruturas” desse universo, nos espaços estriados; como a percepção das experiências, aquilo que alimenta a sua constante renovação, os fluxos sempre presentes, principalmente, nos

espaços lisos do surfe, *um movimento turbilhonar cujo efeito pode surgir em qualquer ponto* (Deleuze, 1997, p. 28).

Há nitidamente um ritmo mensurado, cadenciado, que remete ao escoamento do rio entre suas margens ou à forma de um espaço estriado, mas há também um ritmo sem medida, que remete à fluxão de um fluxo, isto é, a maneira pela qual um fluido ocupa um espaço liso (Deleuze, 1997, p. 29).

Um dos objetivos desse estudo foi o mapeamento, o delineamento das “estruturas” dos espaços e das práticas do surfe, quer dizer, *a história das transformações* do “mundo do surfe”, desde o início até os circuitos que hoje constroem esse universo simbólico.

Bourdieu (1990, p.208) chama atenção para importância de não analisar um esporte independente do conjunto de práticas esportivas, dessa forma, para compreender o surfe foi preciso compreendê-lo a partir da posição que ele ocupa no universo dos esportes. Em seguida, o objetivo foi analisar este esporte a partir do espaço social que se manifesta dele. Para o autor, o trabalho do cientista social consiste em *estabelecer as propriedades socialmente pertinentes que fazem com que um esporte tenha afinidades com os interesses e gostos e preferências de uma determinada categoria social*. No estilo-surfe os elementos são: o ethos-surfe, o visual-surfe e os ritos de sociabilidade.

O reconhecimento de que o surfe³⁰ não está fechado sobre si mesmo, está inserido num universo de práticas e consumos; ou seja, a compreensão da significação desse universo cultural para os jovens perpassou pela compreensão de seus hábitos de lazer, consumos, sistemas de apropriação em relação aos seus estilos e trajetórias de vida. Nessa perspectiva, descrevo e analiso a *trajetória* de jovens interlocutores da pesquisa, a partir das suas experiências individuais e coletivas, no sentido de compreender a prática do surfe associada aos seus estilos de vida específicos.

³⁰ Bourdieu (1990) chama atenção para importância de não analisar um esporte independente do conjunto de práticas esportivas, dessa forma, para compreender o surfe é preciso compreendê-lo a partir da posição que ele ocupa no universo dos esportes. Em seguida, é preciso analisar este esporte a partir do espaço social que se manifesta dele. Por conseguinte, o trabalho do cientista social consiste em *estabelecer as propriedades socialmente pertinentes que fazem com que um esporte tenha afinidades com os interesses e gostos e preferências de uma determinada categoria social* (p.208).

O trabalho etnográfico consiste na interpretação de padrões culturais de um contexto específico, desenvolvido pelo investigador a partir das representações que determinados grupos sociais fazem das suas práticas (Magnani, 1988). A escolha por este tipo de investigação permitiu conhecer as particularidades do objeto de pesquisa, sem pretensões generalizadoras como as diversas pesquisas desenvolvidas sobre juventude. É pela confrontação com as análises e as teorias generalizadoras que os estudos etnográficos podem propor uma visão alternativa de algumas práticas sociais, de certa forma, “marginalizadas” como o surfe (Peirano, 1995).

Foi seguindo a orientação de Geertz (1989) no sentido de que os estudos etnográficos são estudos microscópicos e abordam análises e interpretações amplas a partir de um conhecimento extensivo de assuntos pequenos, pretendi neste estudo, não só compreender o surfe praticado pelos jovens particulares, mas através da análise particular, oferecer subsídios para uma melhor compreensão das experiências urbanas juvenis e os processos de usos e de apropriação que os surfistas fazem do espaço urbano.

Compreender o surfe como uma prática-ritual, foi também, uma importante estratégia metodológica, pois a ritualização coloca em evidência as identidades e valores coesivos de um grupo, suas hierarquias e diferenciações internas. Ao estudar a ritualidade, procurei um denominador comum na busca dos indícios, dos códigos e dos símbolos que constroem e revivificam aquilo que denomino “mundo do surfe”.

A partir dessa perspectiva, foram adotados os procedimentos metodológicos desta investigação desenvolvida nas praias do Icaraí e da Leste-Oeste; mas também, em zonas e territórios que extrapolam as próprias determinações espaciais da pesquisadora, já que, o *território-bairro*, foco de expressão juvenil, transforma-se em *território-corpo*, projetando imagens; símbolos e registros das galeras do surfe num constante nomadismo em relação aos picos apropriados e das experimentações do urbano. Conforme Diógenes (2003):

Não há nesse nomadismo das galeras uma idéia de fixidez, de um espaço para cada coisa, tudo se move e se mistura. O corpo leva e traz maquetes de cidades-em-movimento. Esse é o maior impacto que realizam o nomadismo das galeras no espaço urbano, mostrar que quem segmenta o espaço é o corpo, sendo assim, ele também pode aplinar o

espaço, e nesse intento amolecer o próprio corpo para que ele se torne plástico, desdobrável, passável (p. 25.).

A escolha, pelas praias do Icaraí e da Leste-Oeste, foi orientada não somente pela questão de afinidade com os surfistas desses dois picos, mas, sobretudo pelos significados que esses locais expressam para o surfe em Fortaleza. A praia do Icaraí, embora legalmente pertença ao município de Caucaia foi historicamente ocupada pelos surfistas da metrópole, intensificando-se, ainda mais, após a construção da ponte da Barra do Ceará em 1997, que liga Fortaleza às praias do litoral de Caucaia, travessia que pode ser feita em vinte e cinco minutos. Nesse sentido, o Icaraí tornou-se o pico de muitos surfistas da capital, principalmente, daqueles que moram na parte oeste da cidade, ressaltando que o Icaraí sempre foi palco dos grandes eventos de surfe, como campeonatos nordestinos, nacionais e até mundiais.

Já a praia da Leste-Oeste tem a particularidade de ser um lugar freqüentado, na grande maioria, pelos moradores dos bairros próximos. Um sentimento de pertença intenso dos jovens em relação ao espaço é percebido através de práticas de “localismo” muito ativas. No território-pico, os conflitos se intensificam nas disputas pelas melhores ondas e também, pelos “pedaços” da cidade. São dos bairros Moura Brasil, Pirambu, Santo Inácio e outros, localizados na periferia oeste da cidade, que saem os “surfistas da Leste”, inclusive, grandes atletas que se destacam nos circuitos nacionais do surfe.

Mesmo tendo como campo de pesquisa esses dois territórios-referência, os surfistas logo me mostraram que carregam em seus corpos os signos e as referências de seu território-pico, as bermudas de marcas ou não, os óculos usados, a cor do corpo, os cabelos, as performances corporais, a fala, o corpo em si, por meio de uma espécie de *dizer sem palavras* (Ferrara, 2001) informam quem são. Na Taíba, na Praia do Futuro, Paracuru, ou qualquer pico em que os surfistas estejam, percebo que eles sempre dizem seu lugar de origem, como também criam novas “raízes”, novos laços, sentimentos de pertença, relações de conhecimento e reconhecimento do espaço experimentado, ocupado, (des)territorializado.

São nômades por mais que não se movam, não migrem, são nômades por manterem um espaço liso que se recusam a abandonar, e que só abandonam para conquistar e para morrer.

Viagem no mesmo lugar, esse é nome de todas as intensidades, mesmo que elas se desenvolvam também em extensão. Pensar é viajar...Em suma, o que distingue as viagens não é a qualidade objetiva dos lugares, nem a quantidade mensurável do movimento, mas o modo de espacialização, a maneira de estar no espaço, de ser no espaço (Deleuze, 1997, p. 190).

Os surfistas são nômades porque embora haja a questão do localismo, o que lhe fixa ao espaço é a onda, quer dizer, *o nômade tem um território, e segue trajetos costumeiros... Mas, o nômade só vai de um ponto a outro por consequência e necessidade de fato; em princípio, os pontos são para ele alternâncias num trajeto* (Deleuze, 1997, p. 50-51).

Assim, fiz a opção por uma antropologia nômade, como indica Diógenes (2003), isto é, de *pensar com o corpo* que não significa,...*não saber por onde vai sendo levado pelos caminhos, mas ir traduzindo, através dos lugares de sensação, um certo mapa, ou roteiro de viagem para quem se dispõe acompanhar esses traçados* (Idem, p. 31).

Foi preciso “nomadizar”, quer dizer “experimental”, *experimental com o corpo* para que o vivido ganhasse a interpretação viva da pesquisadora. É preciso ter *visibilidade para que se registre o conjunto de imagens que acionam os jovens nas suas ocupações diferenciais na cidade, para que se possa dar um novo sentido a usuais generalizações e indagações* (Idem, p.71).

5. A visibilidade “incandescente” do visual-surfe

No cinema, a imagem que vemos na tela também passou por um texto escrito, foi primeiramente ‘vista’ mentalmente pelo diretor, em seguida reconstruída em sua corporeidade num set, pra finalmente ser fixada em fotogramas de um filme. Todo filme é, pois, o resultado de uma sucessão de etapas, imaterias e materiais, nas quais as imagens tomam forma; nesse processo, o ‘cinema mental’ da imaginação desempenha um papel tão importante quanto o das fases de realização efetiva das seqüências, de a câmera permitir o registro e a moviola a montagem. Esse ‘cinema mental’ funciona continuamente em nós - e sempre funcionou, mesmo antes da invenção do cinema – e não cessa nunca de projetar imagens em nossa tela interior (Calvino, 1990, p. 99).

Neste novo milênio, a visibilidade diante deste mundo adquire novos contornos trazidos pelo advento das novas formas de linguagens como a fotografia, o cinema, o vídeo, a realidade virtual, enfim, vivemos numa

sociedade do visual³¹ que alimenta nossas estruturas imaginárias com um arsenal infinito de possibilidades. A apropriação desse arsenal semiótico é para os pesquisadores da contemporaneidade, um desafio para nós deixado. Assim, a comunicação atesta e reforça o caráter semiótico da antropologia, com maior razão da visual, já que é preciso buscar os múltiplos significados que se concentram em seus textos (Canevacci, 2001).

O surfe, hoje, assume incontestavelmente um aspecto visual para os jovens e para a cidade. Para além da prática do esporte, como já foi dito, ele deve ser percebido como um “universo”, um “mundo social”, um estilo de vida. O surfe não se resume à prática em si, mas, sobretudo, é manifestado na cultura: diz respeito à roupas, comida, natureza, gírias, saúde, publicidade, visual, modo específico de ser e de viver na cidade.

A construção deste estilo de vida perpassa pelo universo da comunicação visual. A elaboração do estilo do surfe, em grande medida, é influenciada pelos meios de comunicação, tais como: revistas especializadas, vídeos de surfe, programas de televisão e a publicidade de uma multiplicidade de artigos para o consumo que vão desde produtos como pranchas, acessórios, roupas, tênis, óculos, até programas específicos de esportes radicais em TV fechada. Nessa perspectiva, a comunicação do *visual-surfe* passou a ser também objeto de análise na minha pesquisa.

Fiquei atenta para todas as propagandas veiculadas nos meios de comunicação que utilizavam o surfe de alguma forma. Passei acompanhar as notícias dos programas esportivos, sobretudo, daqueles que se referem aos esportes radicais. A imprensa especializada como sites na Internet, periódicos locais e regionais, revistas de surfe, etc., foi uma das minhas principais fontes, uma vez que os editores dessa mídia, em sua maioria são surfistas ou de alguma forma são pessoas que participam ativamente do “mundo do surfe”. As marcas e os produtos surfwear, aquilo que eles “comunicam”, também passaram a ser constantemente observados e analisados.

Canevacci (2001) adverte sobre os fetiches visuais que proliferam na comunicação e que são incorporados pelas mercadorias, uma vez que, o

³¹ Para Canevacci (2001, p.8), o *visual* refere-se as muitas linguagens que a comunicação veicula: a montagem, o enquadramento, o comentário, o enredo, o primeiro plano, as cores, o ruído, as linguagens verbal, corporal e musical. Mas também refere-se aos diferentes gêneros, que podem utilizar as mesmas linguagens ou incentivar novas: o cinema, a televisão, a fotografia, a publicidade, etc.

próprio método de observação deve levar isso em conta. Deve-se praticar uma *observação observadora*, aprender a observar os produtos da comunicação visual como se fossem exóticos, *utilizar-se de um olhar não familiar por parte do observador e modificar a própria sensibilidade perceptiva na atitude de fazer-se-ver*.

Fazer-se-ver. Para desenvolver o ponto de vista da observação observadora é preciso colocar-se nessa posição (...) fazer-se-ver não no sentido de aparecer, mas nos variados sentidos de desenvolver qualidades sensitivas fundadas nas percepções do olhar, na sensibilidade do ver, do transformar-se além do sujeito-em-visão, do mudar-se em ver, em coisa que vê. Tornar-se olhar, tornar-se olho, fazer-se ver (...) Fazer-ser-ver significa colocar-se na posição – na ótica – que está totalmente dentro dos fluxos visuais e, ao mesmo tempo, totalmente fora (...) significa treinar a auto-observação enquanto se observa (p. 15).

Nesse sentido, a visibilidade apresenta-se, para mim, como uma qualidade presente não somente em relação ao fazer-se-ver das mercadorias do surfe, mas também, em relação aos próprios surfistas, já que a proximidade com o objeto obriga-me a uma constante *observação observadora*.

Foi então, nessa direção que caminhei, na tentativa de realizar uma *observação-observadora-participante*, considerada condição essencial para qualquer investigação de caráter antropológico. Ela consiste - em linhas gerais – na vivência do investigador, por um longo período, no contexto em que se pretende investigar. Foi por meio dessa experiência, do contato com os modos de vida dos surfistas nos quais estão presentes os diferentes sistemas de significação, valores, visões de mundo e diferentes formas de experimentação do espaço urbano que realizei a pesquisa.

Paralelamente a esta opção, desenvolvi entrevistas semi-estruturadas, segundo as quais pontuei alguns itens para o diálogo, de acordo com as experiências dos surfistas.

Uma primeira observação que deve ser feita é em relação à condução das entrevistas, pois eu pretendia fazer um roteiro de perguntas que contemplassem todas as minhas questões a respeito dos surfistas, no sentido de objetivar a pesquisa. Mas, percebi que não é possível e nem plausível uma vez que: cada indivíduo, uma experiência. Cada pergunta, um sentido. Cada fala, um significado. Isto é, vai depender da história do surfe de cada pessoa, suas experiências e significados, assim, a condução das entrevistas irá variar, é essa a premissa que

*vai conduzir as minhas perguntas e permitir o controle sobre “a sede das minhas respostas”*³².

Ao inserir entrevistas no processo de investigação a intenção foi a de alargar as possibilidades de *visibilidade* do universo de significações dos surfistas, compreendendo como Magnani (1988) que discurso e ações não são realidades que se opõem, mas sim formas diferentes e complementares de expressão de um mesmo universo simbólico, o “mundo do surfe”.

A *visibilidade* sobre os surfistas também foi projetada aos meus olhos por meio da imaginação sociológica que *consiste em grande parte na capacidade de passar de uma perspectiva a outra, e no processo de estabelecer uma visão adequada de uma sociedade total de seus componentes*. Dito de outra forma, a imaginação sociológica distingue o olhar do cientista social de um simples técnico, pois há uma euforia na sua essência, na combinação de idéias, na mistura dessa combinação, além de *um interesse realmente muito grande em ver o sentido do mundo, que falta aos técnicos* (Mills, 1969, p. 228).

A imaginação sociológica é algo que, segundo o autor, pode ser cultivada, nessa perspectiva, algumas estratégias foram utilizadas para estimular a *visibilidade* buscada pela pesquisadora. Uma primeira estratégia foi à manutenção e a releitura constante do diário de campo, como parte inerente do processo de produção intelectual. Foram as impressões primeiras, as descrições, as sensações sentidas no campo, aquilo que foi visto e observado, os cheiros, os ruídos, as cores, os movimentos, até os “pensamentos marginais”, enfim, *uma vez anotados, podem levar a um raciocínio sistemático, bem como emprestam uma relevância intelectual com a experiência mais direta*.

A *visibilidade* permitida pela imaginação sociológica é também alcançada quando temos,

[a] capacidade de estabelecer tipos e, em seguida, procurar as condições e conseqüências de cada tipo (...) Ao invés de nos contentarmos com as classificações existentes, em particular as ditadas pelo bom senso, devemos buscar os denominadores comuns e os fatores de diferenciação dentro e entre elas. Os bons tipos exigem que os critérios de classificação sejam explícitos e sistemáticos. Para isso temos que desenvolver o hábito da classificação cruzada (Mills, 1969, p.229).

³² Fragmentos do diário de campo escritos em 09/02/2006.

Segundo o autor, a classificação cruzada é a gramática da imaginação sociológica, nesse sentido, os tipos aqui utilizados como *o surfe-arte*, *o surfe-lazer*, *o surfe-prazer* e *o surfe-moda*, dentre outros, são construções que expressam, como toda gramática, classificações específicas e obedecem a um determinado objetivo, ou seja, *a pensar com mais clareza e a escrever com objetividade* sobre a *multiplicidade* dos estilos de vida presentes no “mundo do surfe”.

6. No mundo do surfe: uma *multiplicidade* de estilos

Quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis (Calvino, 1990, p.138.).

O princípio da multiplicidade vem sendo discutido incisivamente no decorrer dos últimos anos, principalmente, a partir das formulações “pós-modernas” quer dizer, das críticas à modernidade, às grandes generalizações ao seu projeto racionalizante e linear de emancipação. Surge assim, a preocupação com a diversidade, a heterogeneidade, a defesa de um olhar para as diferenças. Partindo dessa orientação, percebi a *multiplicidade* dos sujeitos no universo do surfe, como também a diversidade de modos de apropriação dessa prática.

Na pesquisa sobre os surfistas fiz a opção em não generalizar estilos e padrões de comportamento, mas perceber o grau de complexidade e de heterogeneidade dessa “galera”, expressos em suas múltiplas formas de interpretações, manifestações do/e no mundo, a saber: músicas, formas de lazer, consumos, rituais de sociabilidades, visões de mundo, participação no mundo do trabalho etc.

A juventude nos confunde. É quase um conceito sótão, lugar onde tudo se guarda, onde tudo parece permanecer nas alturas. Quando se fala em juventude é preciso sempre indagar: que lugares ela habita, que movimento realiza? (Diógenes, 2003, p.157).

A construção desse texto também se orienta nessa direção, da multiplicidade, da polifonia, de uma composição de várias vozes, de diversas linguagens utilizadas para a construção da narrativa. Algo como o texto múltiplice, apresentado por Calvino: *há o texto múltiplice, que substitui a unicidade de um eu pensante pela multiplicidade de sujeitos, vozes, olhares sobre o mundo, segundo aquele modelo que Mikhail Bakhtin chamou de 'diálogo', 'polifônico' ou 'carnavalesco'* (1990, p. 132).

Seguindo a orientação do Geertz (1989) de que os *textos antropológicos são eles mesmos interpretações, na verdade, de segunda e terceira mão* que reafirmo o sentido da multiplicidade desse texto, como algo construído, “talhado”, não só pelo meu olhar, mas de vários outros, uma espécie de “artesanato coletivo”, construído por pessoas que mesmo indiretamente, contribuíram consideravelmente para este resultado.

CAPITULO II

NAS ONDAS DO SURFE: ESTILO DE VIDA, RITUAIS DE EXPERIMENTAÇÃO E MARCAÇÃO JUVENIL NA CIDADE.

A experiência urbana contemporânea apresenta sinais de profundas transformações manifestadas na relação com o espaço e o tempo: nas formas de comunicação, no planejamento urbano, apresentando inclusive, novas modalidades de “dominação”, mas, sobretudo, mudanças relacionadas às formas de sociabilidade e aos “usos” da cidade.

Vários estudiosos apontam à tendência de “retração do espaço público” (Sennet, 1974; Fortuna, 2002), da “cidade impessoal” resultante da lógica cultural contemporânea que valoriza acima de tudo a satisfação pessoal imediata e o reino da intimidade/privacidade, mas também, da cultura do movimento e da velocidade, dos relacionamentos passageiros e fugazes nos quais não se encontra tempo para trocar ou comunicar algo.

Em contrapartida, e em decorrência do chamado “mundo globalizado”, surgem zonas de sociabilidade, zonas de contato e de proximidade relacional onde através do encontro e da troca, grupos sociais enunciam “alternativas” ao desgaste e a fragmentação do espaço público. Magnani (2002) chama atenção sobre a perspectiva de olhar a cidade apenas como resultado de forças econômicas transnacionais, das elites locais ou de *lobbies* políticos, pois assim, tem-se a cidade como uma entidade a parte dos moradores, ou seja, como algo vazio, sem sentido e, ao mesmo tempo totalizante, pois se percebe a cidade a partir da ausência dos atores sociais.

Refletir sobre a cidade é pensar nas múltiplas determinações que envolvem os processos sociais, pois não há só uma centralidade determinante, mas diferentes centralidades e múltiplos ordenamentos que nela e a partir dela ocorrem. É reconhecer a existência de grupos, redes, fluxos, pontos de encontro, arranjos, trajetos e outras estratégias nas quais os indivíduos participam ativamente do cotidiano dos espaços urbanos.

Nessa perspectiva, Magnani (2002) nos convida a pensar a cidade “de perto e de dentro” em oposição às análises que só focalizam os contextos macro, isto é, percepções “de fora e de longe”. A questão é procurar entender de forma mais integrada como se apresentam neste cenário contemporâneo as práticas sociais: Quais as lógicas participativas manifestadas nos rituais de vida pública? Como os moradores da metrópole vivenciam as experiências urbanas?

Um desafio colocado foi perceber a dinâmica da cidade a partir dos próprios sujeitos, ou seja, as formas pelas quais os jovens transitam no espaço, os usos que fazem dos equipamentos e serviços urbanos. Foi preciso articular os dois pólos da relação com a cidade: tanto a partir dos sujeitos sociais e de suas práticas, como pela paisagem em que as práticas se desenvolvem. A experiência etnográfica se apresentou como uma estratégia em potencial para apreensão dos significados construídos pela vivência urbana, significados estes que só puderam ser compreendidos com profundidade numa opção de pesquisa “de perto e de dentro”.

1. A cidade moderna-contemporânea e os estilos juvenis

Numa caminhada pela cidade, como sugere Magnani (2002) logo se identifica uma multiplicidade de atores, personagens, hábitos, visões de mundo e estilos de vida, como por exemplo, as diversas formas de sociabilidades e de culturas juvenis. As “tribos urbanas”³³ – punks, darks, grafiteiros, skatistas, hippies, roqueiros, rappers, surfistas, rpgistas entre outros – são um exemplo de diversidade e de heterogeneidade presente nas *juventudes urbanas*, assim, contrapõem-se as perspectivas generalistas, homogeneizadoras e cristalizadoras da condição juvenil³⁴ num contexto globalizado. O importante

³³ As Tribos urbanas aqui são entendidas como uma metáfora utilizada para designar a experiência de sociabilidade em grupos de pares pelos jovens nas cidades, ou seja, quando compartilham, trocam, comunicam os signos de um universo simbólico em comum, a saber: vestimentas, ídolos, linguagem, consumo, lazer, um estilo de vida.

³⁴ Para Abad (2003) a *condição juvenil* reflete o modo como uma sociedade constitui e significa esse momento do “ciclo de vida”, diferente das *situações juvenis* que são os diversos percursos experimentados pelas juventudes no decorrer da condição juvenil, mas sob distintos recortes. Segundo o autor uma nova *condição juvenil* se constrói sob o pano de fundo da crise das instituições *tradicionalmente consagradas à transmissão de uma cultura adulta hegemônica*, cujo prestígio vem sendo desgastado pelo não-cumprimento das promessas e pela perda de sua eficácia simbólica no papel de ordenadores da sociedade. Essa *desinstitucionalização da*

para a investigação das formas associativas juvenis não é só a identificação e o reconhecimento dessas práticas, mas, sobretudo, a busca dos significados de tais comportamentos e da relação que estes sujeitos travam com o espaço que ocupam.

A revolução industrial criou um tipo de sociedade cuja complexidade está fundamentalmente ligada a uma acentuada divisão do trabalho, um aumento espantoso da produção e do consumo, articulado a um mercado mundial e um rápido e violento processo de urbanização. *A grande metrópole contemporânea é, portanto, a expressão aguda e nítida desse modo de vida, o locus, por excelência das realizações e traços mais característicos desse novo tipo de sociedade* (Velho, 1999, p.17) .

Assim, na sociedade moderna a coexistência de diferentes mundos constitui a sua própria dinâmica. A continuidade e as transformações da vida social dependem do relacionamento, mais ou menos contraditório e conflituoso entre esses mundos e os códigos a eles associados (Idem).

O individualismo moderno, metropolitano, não exclui, por conseguinte, a vivência e o englobamento por unidades abrangentes e experiências comunitárias. Permite e sustenta maiores possibilidades de trânsito e circulação, não só em termos sociológicos, mas entre dimensões e esferas simbólicas. Saliente-se que a intensa participação em, por exemplo, rituais comunitários, em algum nível desindividualizantes, com foco numa identidade coletiva, não eliminam o nível de escolha, de opção de um indivíduo sujeito, lidando com um repertório finito, mas com extenso elenco de combinações (Idem, p. 27).

Os jovens na sociedade moderno-contemporânea³⁵ buscam integração social, através da participação em grupos de convivência, das trocas de experiências entre seus pares, enfim, por meio de múltiplas formas de

condição juvenil tem oportunizado possibilidades de viver a juventude de forma distinta das gerações anteriores, caracterizando-se por uma forte autonomia individual, pela multiplicidade de experiências, pelas ausências das grandes responsabilidades colocadas por terceiros, por uma rápida maturidade física e mental, por uma emancipação mais precoce nos aspectos emocionais e afetivos, ainda que atrasada no âmbito econômico e um exercício mais precoce na sexualidade.

³⁵ A noção de sociedade moderno-contemporânea ou sociedades complexas é aquela trabalhada por Velho (1999), ou seja, uma sociedade na qual a divisão social e técnica do trabalho e a distribuição de riquezas, esboçam categorias sociais distinguíveis e com continuidade histórica. Por outro lado, a noção de complexidade traz também a idéia de diversidade e heterogeneidade cultural, isto é, a coexistência harmoniosa, ou não, de uma pluralidade de tradições, estilos de vida e visões de mundo (1999: 16).

cooperação e de solidariedade travadas entre si. Procuram, de forma diferenciada, realizar em seus territórios, tênues e até certo ponto fragmentados e fluidos, atividades com interesses individuais e coletivos. Em se tratando de juventude, melhor dizendo, juventudes, o processo de socialização³⁶ é composto de novas relações e interações sociais. A partir das constantes mudanças e transformações dos processos e espaços sociais, os jovens constituem múltiplas redes relacionais, onde constroem suas identidades³⁷, ações e significados (Carrano, 2000).

Os espaços de lazer, de sociabilidade lúdica como os da rua, das festas, as praias etc., assumem uma relevância cada vez maior no processo de socialização entre os jovens. Estas formas muitas vezes “descomprometidas”, mais desprendidas possuem uma grande efetividade no estabelecimento de valores, laços, reconhecimentos e identidades. No espaço-tempo do lazer os *grupos de estilos juvenis* (Dayrell, 2005), como no caso dos surfistas, por meio do seu “estilo de vida” manifestam-se por formas singulares de experimentação do mundo, de estética corporal, de linguagem, hábitos de consumo, apropriação do espaço e do mercado de bens simbólicos.

Na perspectiva de Dayrell (2005, p. 41), esta noção trata-se de uma manifestação simbólica das culturas juvenis, expressa em um conjunto mais ou menos coerente de elementos materiais e imateriais que os jovens consideram representativos da sua identidade individual e coletiva. A construção de um estilo não é simplesmente a apropriação ou a utilização de um conjunto de artefatos; implica a organização ativa e seletiva de elementos simbólicos que são apropriados e re-significados, articulados a atividades e valores que produzem uma suposta identidade de grupo, um estilo de vida em comum.

³⁶ Para Beger & Luckmann (1985, p. 184), a socialização é um processo de construção social do homem, embora sob a perspectiva do indivíduo seja uma experiência *una*, singular, em qualquer lugar que se realize. A socialização significa movimento e dinamicidade, pois ela nunca é completamente conseguida, portanto, nunca é totalmente acabada.

³⁷ Melucci afirma que a identidade na sociedade contemporânea é vivenciada como uma ação e não como uma condição. O indivíduo constrói seu reconhecimento, no interior dos limites postos pelo lugar ocupado e pelas relações sociais estabelecidas. Portanto, propõe uma mudança de conceito: *a mesma palavra identidade não é mais apropriada para exprimir essa mudança e será necessário falar identificação para exprimir o caráter processual, auto-reflexivo e construído da definição de nós mesmo* (Apud Carrano, 2000, p. 17).

Aqui entendo categoria “estilo de vida” nos termos colocados por Bourdieu, caracterizando-se *pelo gosto, pela apropriação material e simbólica de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras* (Bourdieu, 1983, p. 83). Dessa forma, o conjunto de *microespaços simbólicos* estabelecidos pelas juventudes urbanas, traduzidos na indumentária, na estética corporal, na apropriação dos espaços públicos, no gosto musical, no comportamento dito “desviante”, na linguagem, enfim, resulta em práticas de distanciamento em relação a outros grupos, mas também, de reconhecimento e pertencimento em seus grupos de pares, portanto, papéis estilizados que assumem no cotidiano (Toledo, 2000, p.137). O estilo pressupõe o cruzamento dos campos do lazer, do consumo e da experiência estética. No caso do estilo-surfe para alguns, inclui-se também a dimensão do trabalho.

A cidade é o lugar do encontro, do acontecimento, das dinâmicas realizadas entre os corpos e o espaço, onde o estilo-surfe está presente nas ruas, nas esquinas, nos “out-doors”, nas capas de revistas das bancas, na propaganda da televisão, nos shows de reggae, e nas vestimentas de milhares de pessoas que transitam; o surfe tornou-se vitrine de um estilo de vida moderno, jovem e radical de viver e ocupar o espaço urbano (Diógenes, 2003, p. 59)

Atualmente em Fortaleza, o surfe se apresenta como uma das principais práticas de lazer dos jovens na cidade. Essa afirmação pode ser confirmada num percurso durante o fim de semana pelo litoral cearense. Iniciando pelo Icaraí, seguindo no sentido oeste-leste, isto é, Iparana, Barra do Ceará, Leste-Oeste, Praia de Iracema, Beira-Mar, Portão (no Mucuripe), Titãzinho (no Serviluz), e os diversos picos localizados na Praia do Furturo (Casarão, Barraca do Jojó, Crocobeach, Biruta), logo se identifica o “crowd” no mar, a enorme quantidade de jovens que passam horas sobre a prancha, tentando surfar uma boa onda.

O surfe vem atingindo novas bases mercadológicas, adicionadas à crescente profissionalização de sua prática, o que tem levado a uma grande identificação de jovens e a consolidação daquilo que Velho (1999) define como “mundo social”. O “mundo do surfe” é caracterizado pela identificação e associação de pessoas fundada no *estilo-surfe*, a experiência da convivência

entre amigos, a ocupação do território-praia, ao consumo e produção de artigos surfwear, as diversas formas de apropriação e usos do surfe, somado ao prazer que a prática proporciona. Quatro perspectivas somam-se a definição delineada neste trabalho como sendo o estilo-surfe juvenil: espaço, imagem, corpo e sociabilidade.

Se o cotidiano urbano é previsível e homogêneo por meio dos percursos e práticas esperadas (casa, trabalho, consumo) nos espaços oficiais, institucionais; as experiências juvenis como o surfe fazem emergir espaços lisos, formas singulares de vivência e apropriação de alguns espaços da cidade e fora dela (Diógenes, 2003). O estilo-surfe é um ritual público de expressão e apropriação do espaço-pico. A praia torna-se um espaço de apropriação privada, há uma relação direta do espaço público, com relações de pertencimento, reconhecimento e ocupação.

Aqui percebo a praia como um espaço público, como um universo de práticas, um lugar de ação, que se configura em estreita relação com a noção de espaço urbano. O espaço público deve ser entendido *como algo que ultrapassa a rua: como uma dimensão sócioespacial da vida urbana, caracterizada fundamentalmente pelas ações que atribuem certo sentido a certos espaços da cidade e são por eles influenciados* (Leite, 2003, p. 116).

O espaço urbano não é necessariamente um espaço público, nem a reativação de usos cotidianos de um determinado espaço não é característica suficiente para conferi-lo a característica de espaço público, a idéia deve ser a de se perguntar: *que tipos de usos públicos ocorrem naquele espaço?* (Idem).

Nessa perspectiva, a praia assume o lugar de espaço público, principalmente o mar, já que é permitido a qualquer pessoa que tenha a capacidade de transitar na cidade, fazer uso desse espaço, seja através de caminhadas, banhos, práticas marítimas, aquáticas ou o simples deleite da paisagem. Embora haja a tentativa clara e explícita de alguns grupos em privatizar a praia, como é o caso do Beach Parck ou mesmo das grandes edificações, como as barracas construídas na Praia do Futuro, o espaço da praia caracteriza-se em geral por ser “supostamente” democrático, tanto nas formas de uso como de ocupação.

É assim que se configura o pico, o “pedaço” dos surfistas no espaço urbano. O pedaço é aqui entendido como um ponto de aglutinação para a

construção e o fortalecimento de laços no universo do surfe, mas que tem a sua referência espacial. Desse modo, conforme Magnani (2002) quando um espaço é demarcado e torna-se referência para distinguir determinados grupos de freqüentadores como pertencentes a uma rede de relações específicas, dá-se o nome de pedaço. Portanto, o “pedaço do surfe” denota relações de reconhecimento e pertencimento ao lugar apropriado onde os usuários compartilham *dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo e modos de vida semelhantes*. (p. 22).

É no pico que os surfistas ensaiam desde cedo, uma técnica de reconhecimento do espaço enquanto social, quer dizer, sócio-ambiental. O pico remete a idéia não somente da natureza das praias, formação dos fundos (pedra, areia ou coral), condições de onda (mexida, lisa, tubular, extensa), direção das ondas (direita ou esquerda) etc. Ele é uma assinatura no corpo, atesta uma origem, *se inscreve na história do sujeito como uma marca de uma pertença indelével, na medida em que é a configuração primeira, o arquétipo de todo o processo de apropriação do espaço como lugar na vida cotidiana pública* (De Certau, 1996, p. 44).

Robertinho da Leste, Artur do Icaraí, Fabinho do Titã, o pico sempre acaba sendo uma referência de origem, tanto em relação à condição sócio-econômica como também em relação ao domínio do espaço praticado, ocupado. O pico é o lugar onde são feitas as classificações, as divisões de funções, é a partir dele que se organiza o “mundo do surfe” e todos os modos de viver que a partir dele se realizam, é nele que se gesta o estilo-surfe de viver o urbano.

As paisagens urbanas são frequentemente lidas como se fossem somente edificações e vazios urbanos, cristalizações dos significados articulados pelos arquitetos e urbanistas, livre de significações contextuais, ou seja, implica pensar que as relações sociais poderiam estar de alguma forma fora do espaço e do tempo.

É enganoso pensar que de um lado haja coisas e de outro, espaço e tempo; pois, não é que as relações entre os objetos ocorram no tempo e no espaço, mas são essas relações que produzem espaço-tempo (Arantes, 2000). Nessa perspectiva, a estruturação dos picos não antecede nem decorre do

“mundo do surfe” e dos estilos que nele se manifestam, mas de fato o constitui, mantendo esses dois níveis entre si, numa relação de interdependência.

Embora o surfe se realize no espaço da praia, remetendo a idéia da relação intrínseca entre homem-natureza num ambiente que se contrapõe ao da cidade. Aqui no Brasil surge nos anos 50, como um fenômeno urbano articulado com a questão da modernização das cidades e a profusão dos estilos juvenis, um estilo jovem, moderno radical. Ferrara (2001, p.26) afirma que *o uso de um espaço, ao mesmo tempo que mantém o aqui e agora, o movimento do espaço, gera também uma institucionalização de uma memória, um hábito urbano.*

Assim, o surfe se manifestou no espaço urbano, como uma prática descompromissada, indisciplinar e transgressora das práticas cotidianas da cidade, articulada a idéia de desvio. Com o passar dos anos o surfe se popularizou e se profissionalizou desconstruindo relativamente à visão “marginal” do esporte-jogo e introduz uma nova perspectiva: o surfe como estilo de vida.

Quando eu ia pra praia ficava viajando vendo a galera surfar e olhava a viagem de ver a galera surfando, assim, sobre as ondas e tal. A integração né, entre o homem e a natureza. Também porque eu achava o surfe irado, radical. Aí comprei uma prancha e comecei (Edu, surfista free-surfe).

Achei legal as competições, sabe. Desde que eu via no final do ano a última etapa do circuito cearense que rolava, também os campeonatos da Semana Santa que rolava no Icaraí, era muita gente, altas festas. Aí achei legal comecei a surfar e depois comecei a competir. De lá pra cá venho competindo desde 93. Na época eu tinha treze anos e comecei na categoria gromets. Na primeira vez que competi quem ganhou até foi Tiago de Sousa e hoje em dia ele é profissional né? Ele ficou em primeiro e eu fiquei em segundo (Mike, surfista profissional).

Eu tinha apenas 9 anos, quando fomos morar na PF (Praia do Futuro), em meados de 1980, ainda não tinha nem calçadão. Porém só fui descobrir o surf 2 anos depois, por intermédio de um cara que eu jogava bola com ele. Ele disse: "ei moleque o canal agora é surfar". Esse cara é o Claudio Kakão. Desde então fui contaminado pelo vírus. Aos 14 anos corri meu primeiro campeonato, incentivado pela "turma do casarão". Era na categoria Mirim e o mar tava com uns 2 metros no Titãzinho. Muitos estavam pegando a grana da inscrição de volta, pois tava muito grande. Acabei ficando em segundo, impulsionando de vez os meus sonho (Sergio, surfista profissional)³⁸.

³⁸ Depoimento concedido ao site www.deolhonasérie.com, no dia 09/02/2006.

Inscribe-se no espaço urbano através do surfe um rol de emoções, preferências, referências, adesões a grupos, inventam determinadas regras, códigos, formas de comportamento que traduzem o estilo-surfe, um estilo específico de *ser e viver*, modos outros de significar, usar, praticar e ocupar alguns “pedaços” da cidade, mas também de fora dela.

2. O Estilo-surfe

Pesquisas sobre as juventudes urbanas apontam que o surgimento de muitos grupos de sociabilidades juvenis nas últimas décadas articula-se fundamentalmente às dimensões do lazer e do consumo, inclusive, somada à busca de certa experiência estética por parte desses jovens entendida como uma elaboração simbólica e ao mesmo tempo crítica de seu tempo.

O interesse dos jovens acerca dos grupos de estilo demonstra em parte o “sucesso” do espetáculo urbano na cena juvenil (Abramo, 1994), entretanto, existe uma esfera que transcende o mercado como salienta Cancline (1998), que consiste em uma apropriação e reelaboração da produção dos bens simbólicos, que está por de trás do interesse comercial. Dito de outra forma, existiria algo específico que vem atraindo os jovens de diferentes classes sociais a compartilhar certos “estilos de vida”? Quais seriam os significantes simbólicos que constituem os processos de identificação entre os jovens e os “estilos de vida”?

No caso do surfe o elemento da radicalidade, associado à (re)significação do espaço público da praia e as possíveis trocas simbólicas articulados nesta paisagem, e ainda, a perspectiva de uma possível profissionalização neste campo, fazem desse esporte-jogo uma interessante experiência juvenil, uma prática que circunscreve as dimensões do lazer, da experimentação estética e do urbano, além do trabalho para alguns, como também a busca de identificações e de sociabilidades entre seus pares, experiências diversas inscritas no espaço litorâneo.

Os esportes radicais³⁹ – caracterizados através do gosto pelo risco e a aventura, como também, a valorização da natureza – vem atingindo um grande crescimento entre os jovens nos últimos anos. A praia potencializa a experimentação de práticas como wind surf, kite surf, sand board, body boarding, dentre outros, que claramente podem ser identificadas num trajeto pelo litoral cearense. Porém, o surfe é um dos esportes mais praticados, principalmente no Nordeste onde se encontra um vasto litoral dotado de “ondas perfeitas” a serem surfadas.

Nessa perspectiva, a radicalidade presente na prática do surfe, caracterizada na busca pelo risco leva, como afirma Giddens (1991) a uma quebra da monotonia, um combate ao envelhecimento e uma valorização do “ser jovem”, fazendo com que os jovens busquem no surfe, formas de relacionamento que confrontem com o cotidiano conturbado das grandes cidades. Como confirma os depoimentos dos surfistas abaixo:

Ser surfista é estar em contato com a natureza todo dia pegando altas onda, curtindo altos visual. O surfe é adrenalina, radicalidade, significa minha vida brother! O surfe agora na minha idade está significando tudo, pois é irado surfar, viajar, me amarro ser surfista (Carlos, surfista amador local da Leste-Oeste, entrevista realizada em 12/01/05).

Ser surfista pra mim é estar em contato com a natureza, é poder desfrutar de momentos e de sensações que só este esporte proporciona, e acima de tudo, é aprender a ter um pouco de humildade, é saber que nem sempre as coisas são como a gente quer, assim como as ondas. Significa poder equilibrar momentos de problema, dificuldades, com um pouco de alegria, emoção, o surfe significa viver pra mim (Artur, surfista universitário, local do Icarai, entrevista realizada em 12/01/05).

O surfe como forma de se relacionar com o mundo, isto é, como estilo de vida é concebido sob duas esferas, a primeira diz respeito ao espaço urbano e como ele é reinventado pelos surfistas que, na maioria das vezes, tentam afirmar uma política de revalorização da natureza através do esporte-jogo, ao se dispor, como sugere Carlos, a “curtir” na paisagem urbana “altos visuais”, portanto, é experimentar, é vivenciar um “pedaço da cidade”, o surfe significa *viver* de um outro modo, assim defende Artur.

Um outro fator inovador, é que ao invés dos esportes coletivos – marcados pela competição de um time contra outro – na prática do surfe,

³⁹ Ver nos anexos fotos de outros tipos de práticas consideradas radicais realizadas no espaço litorâneo.

embora seja um esporte individual, diversos são os surfistas que dividem os mesmos picos, mas não sob a forma do “conflito declarado” como noutras práticas, no futebol, por exemplo, em que há sempre um vencedor e um outro perdedor. No surfe-lazer, ao contrário, há espaço para a solidariedade, para troca e para aprendizagem, enfim, para vários vencedores, e ainda, para o surfe-criação a partir da interação com outros surfistas no pico, lugar onde compartilham o aperfeiçoamento das técnicas corporais para um melhor rendimento no esporte e nas manobras, principalmente.

Porém, não se pode afirmar que no “mundo do surfe” não haja disputas e concorrências, pelo contrário, esse universo é marcado por uma relação de complementaridade entre processos de interação e de conflito. O melhor surfista, o mais “irado”, aquele que “quebra” nas ondas que é “casca grossa”⁴⁰, é aquele que com muito treino adquire maior habilidade corporal e consegue executar as manobras mais difíceis e radicais. Este ganha “legitimidade” no pico, sobretudo, se for profissional.

No campo da sociologia dos esportes, muitos são os pensadores que consideram o esporte moderno apenas como uma reprodução do sistema capitalista, uma prática muito competitiva que reproduz a “ideologia das classes dominantes”, considerado, portanto, fator de alienação. No entanto, esses teóricos apontam para a perspectiva de tomar o universo das práticas esportivas como algo homogêneo e globalizante, uma visão puramente institucional do fenômeno esportivo.

Em contrapartida, autores como Elias & Dunning (1992) incluem o esporte nas atividades de lazer, reconhecendo-os como uma prática que proporciona tensões controladas e agradáveis, necessárias à saúde mental. Esta afirmação contraria muitas afirmativas sobre o esporte como uma prática que objetiva puramente *a libertação das tensões*, ao contrário, os autores defendem o esporte como produtor de tensões de um tipo particular, uma agradável *tensão-excitação*, peça fundamental de satisfação no lazer.

A busca por tais sentimentos é identificada claramente no discurso dos surfistas entrevistados, no momento em que Carlos afirma que para ele *o surfe é adrenalina, é radicalidade* e quando Artur argumenta que para ele o surfe é o

⁴⁰ Ver no item glossário do surfe.

equilíbrio entre os momentos de dificuldades e os momentos de alegria, finalizando, inclusive, com a metáfora de que *o surfe significa viver*. Então, através do surfe esses jovens buscam realizar práticas agradáveis de excitação-relaxamento, de expressão e de realização individual, buscam criar um modo de viver que permite a “condição de liberdade”, mesmo que seja temporariamente, ao propiciar uma *fuga temporária* das marcas cotidianas de trabalho, estudo e de obrigações sociais.

A partir das considerações que vêm sendo apresentadas, parece ser oportuno aceitar o convite de Pociello (apud Stigger, 2002), quando sugere que o esporte, no caso, o surfe, seja estudado como um elemento integrante dos sistemas de práticas que constituem os “estilos de vida”. É pensar essa rede de sociabilidade que se articula no espaço da praia, com caráter de um mundo social - com hierarquias, normas, linguagens próprias, rituais, conflitos, trocas; porém a partir da heterogeneidade presente nas diversas formas e significados que o surfe se insere, no *conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo adota, não só porque essas práticas satisfazem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade* (Giddens, 1991, p. 75).

A partir dessa perspectiva, encontro a idéia central de minha intenção de pesquisa - ao reconhecer o surfe como esporte, como um fenômeno cultural difundido globalmente, que traz consigo um universo de significações hegemonicamente colocadas. Porém, a minha intenção é compreender o surfe na sua expressão particular, como esporte-jogo, prática social resultante de vários processos sociais, relacionando-se com as esferas do lazer, do trabalho, do consumo, mas, sobretudo, da experimentação estética, como elemento constitutivo de um estilo de vida juvenil particular: o *estilo-surfe*; também entendê-lo como prática que possui características distintivas, manifestadas por diferentes formas de apropriação, vinculadas a uma realidade mais ampla, no entanto, imersas no contexto no qual estão situados os sujeitos sociais.

2.1 - O Ethos-surfe: Em busca da adrenalina

Rapaz, surfe é adrenalina. É descer a onda maior que você imagine ó, que você queira descer, porque é mais difícil. A adrenalina na hora, é que as pessoas sabem se dar ou se não dar. A adrenalina é muito..., é uma coisa que não dar pra decifrar, todo mundo sente uma coisa diferente. O coração acelera logo de uma vez tuf tuf tuf tuf, menino falta logo o ar. Acho que o cara tem que ter coragem, não pode temer não o tamanho. Também é meio difícil né, dependendo da altura da onda. Pequena é uma coisa, mas grande a pessoa já pensa logo se levar um caldo, como é que você vai voltar (Mike, surfista profissional).

Quando pego um tubo é igual você tá no ventre de sua mãe e você nascer de novo quando do sai dele. Já onda grande é adrenalina, quanto maior, mais você se treme na base. Sobe mesmo é quando você rema pra ela ou pega ela ou desce, ou sai bolando com ela aí dar pra baixar a adrenalina. E o medo? Ah! O medo é enquanto a gente vive né, sempre a gente tem receio do que é ou não é bom na vida, tanto no surfe como no dia a dia né (Edu, surfista free-surfe).

A noção de ethos refere-se a estilo de vida, a sentimentos, a afetos, a estética, a comportamentos, as formas de viver e de habitar o mundo (Velho, 1999). O Ethos-surfe é construído a partir da perspectiva da busca da tensão/excitação (Elias, 1992), da tão buscada adrenalina, mas também da experimentação intensa das relações de interação e de conflito; da sintonia e da superação em relação ao espaço litorâneo, à “natureza” e ao corpo, às táticas de viver no “cotidiano-caos-estress” das grandes cidades.

A noção de ethos como código de emoções, padrões de afetividade, ponte, portanto, da cultura, traz para dentro do campo da discussão antropológica fenômenos antes arbitrariamente excluídos (Velho, 1990, p. 58). As sensações, subjetivações, experimentações vividas e sentidas pelos sujeitos, as produções de sentidos das ações passam a ser preocupação daqueles que querem entender as juventudes.

Os chamados esportes radicais é um dos vetores em que os jovens se identificam e conseguem exercitar suas motivações. A padronização crescente dos estilos de vida, das atitudes e dos comportamentos, leva por outro lado os jovens a buscarem sensações novas ou diferentes, centradas no limite e na exploração do corpo em confronto com o espaço físico natural.

O traço de radicalidade atribuído a algumas formas contemporâneas de cultura urbana juvenil, tem implícito a noção de comportamento orientado por um princípio de exacerbação, experimentação ou superação das “normatividades”, limites ou convenções de ordem variada, em domínios

sociais diversos, com recurso a diferentes estratégias e instrumentos, implicando sempre determinado tipo e grau de risco. Os jovens pretendem afirmar esse “estilo de vida” como um meio de afirmação e diferenciação no espaço urbano, já que o surfe é uma prática que se caracteriza pela exploração do meio natural no interior desse espaço que é eufemizado, resignificado. O surfe suscita a leveza do espaço.

A adrenalina é a sensação de ruptura com o determinado, com o esperado, é a *tensão-excitação* produzida pela dúvida, pelas múltiplas possibilidades. O surfe demarca um sentido diferente em relação a (des)territorialização do espaço em direção ao espaço-livre, ao espaço-criação. Oferece aos seus praticantes uma ocasião de confronto, incerteza e uma imprevisibilidade máxima, acompanhado das dinâmicas de risco corporal ou de aventura.

Ao perguntar por que eles consideram o surfe radical, responderam:

É com certeza, porque tem muitos riscos né? Além de ter altas lages de pedra. Nas ondas grandes não é todo mundo que tem coragem. É a força da natureza, ninguém vai contra a força da natureza não. Tu é doído, não tem como brigar com a natureza não. Tem um limite que só o surfista mesmo que entende, o último limite que ele tem Mike, surfista profissional) (Grifos meus).

Porque ele não é um esporte bem definido, ele depende de vários fatores né, depende muito do mar e das condições naturais, Não é um esporte tão fácil de ser praticado por isso o torna um esporte radical (Igor, surfista free-surfe).

Eu acho que é pela dificuldade do surfe, como ele disse é condições do mar, equipamento, vento né. É bem radical mesmo, principalmente pela dificuldade, mas também pela indeterminação. Você vai um dia não tem onda, mas no outro dia pode bombar, aí você tem encarar, dropar mesmo sem equipamento, preparo físico (Ricardo, surfista free-surfe).

O surfe explora o sentido do limite físico e simbólico do corpo, inclusive em algumas ações como, por exemplo, nas manobras em que os surfistas trabalham sempre a perspectiva de “destruir”, “quebrar” nas ondas, isto é, realizar as manobras mais radicais, de maior dificuldade e ousar inovando na execução dessas manobras. Essa questão ficou explícita no comentário do surfista Artur em relação a performance de outro surfista: *Pôrra brother! O Jadson tá quebrando, tá arregaçando nas manobras, destruindo. Ele agora tá*

mandando uns aéreo⁴¹ 720°. Meu irmão, não dar nem pra acreditar. Esse pivete vai ser campeão do WCT pode escrever aí, pode crer.



FIGURA 1: Betinho Rosa, surfista profissional num aéreo “animal”.

Também, o surfe permite perceber os limites do corpo em situações de transcendência, atitude sempre presente nas falas, quando se referem à harmonia com a natureza. A cidade é vivida de uma outra forma, sob uma outra ótica, no sentido da contemplação da paisagem, de experimentação intensa do espaço litorâneo.

O contato direto com a natureza faz com que em algum momento faço esquecer a vida “caos”, por se tratar de nós que vivemos numa cidade. Mas a essência é a mesma em qualquer local. É contato direto com a natureza, algo que nos torna mais humilde, sereno e com vontade de sobre sair (Artur).

Ao mesmo tempo em que há a clara intenção de integrar corpo e natureza, há também uma situação de superação do “caos”, de superação dos conflitos travados no cotidiano urbano. Nessa perspectiva, o surfe pode resultar numa *agradável excitação mimética*, contrabalancear as tensões

⁴¹ O aéreo é uma manobra em que o surfista literalmente voa sobre as ondas com a prancha, quase sempre nos pés. O aéreo 360° é quando o surfista ao voar executa uma volta sobre si no ar e volta para o mesmo lugar na onda, então o aéreo 720° é uma manobra difícilíssima em que o surfista dar duas voltas completas sobre si mesmo e volta “na linha da onda”.

desagradáveis, as *pressões derivadas do estresse inerente às sociedades, proporcionando uma forma de restauração das energias* (Elias, 1992, p. 73)

É a terapia né, relaxar, esquecer um pouco os problemas. Quando eu tô surfando eu me concentro só no surf. Não é que a gente tá tentando esquecer dos problemas, por que eles existem. Mas o surfe dá aquela aliviada, pra a gente agilizar né? Correr atrás de resolver os problemas. Eu me concentro pra caralho! (Ricardo, free-surfe).

A perspectiva do surf como “terapia” é um significado compartilhado, acredito que entre todos os surfistas, uma prática reconhecida como fundamental para a saúde física e mental, atividade tão importante quanto as outras atividades da vida diária: comer, dormir, trabalhar, estudar. O trecho abaixo demonstra bem o que Noronha (2006), surfista free-surfe e psicólogo chama de Terapia da Vida do Surf⁴².

Claro que o surf por si só já faz um bem inquestionável a saúde física e mental de seus adeptos. Mas o surf não é só uma coisa isolada na vida de quem o pratica. Vou tomar por base uma Trip de Surf, pois nessa situação, o que falo fica bem mais visível. Quando fazemos uma Trip, entramos em um profundo contato coma natureza, pegando boas ondas, passando o dia inteiro na praia, comendo peixe frito na folha de bananeira, curtindo o pôr-do-sol tropical; depois descansar vendo um DVD de surf ou simplesmente curtir aquele som lembrando daquela série, daquele tubo; e ainda dormir sonhando com as ondas que vão rolar no dia seguinte. Isso é Terapia da Vida do Surf e não simplesmente a prática do esporte. É ficar distante da rotina do dia-a-dia, desligar o celular, passar alguns dias pelo menos com o surf na mente, uma higiene mental fundamental nesses dias atuais de informações em altíssima velocidade em um mundo cada vez mais “on line”. Com os amigos ou com a família, esse dia em que você se liga em outras vivências, muitas delas bem primitivas como fazer uma fogueira ou curtir o entardecer são de grande importância para conseguirmos recarregar nossas baterias e tenhamos uma vida mais equilibrada e saudável. A vida do surf sua dinâmica e suas peculiaridades são o diferencial que fazem esse esporte ser tão idolatrado e venerado por seus adeptos (Noronha, 2006).

No momento do surf, a única conexão desejada pelo surfista é com as ondas, numa relação de interação, mas também de conflito declarado no sentido de superação dos limites físicos e performáticos. Os confrontos são estabelecidos com o espaço físico (o mar), com o outro e consigo mesmo.

As táticas do corpo (De Certau, 1996), as performances, configuram-se como tomadas de decisões geralmente associadas à questão da perícia

⁴² Cf em Noronha, George W. Comportamento e cultura. Revista Beach Show. Ano 06, n.41. Revista da mídia especializada “alternativa”, produzida por diversos surfistas de Fortaleza.

corporal, buscando o equilíbrio entre excitação, intuição, e intensidade nas manobras. Há um cuidado necessário na resolução dos desafios que em cada momento o mar os coloca. O surfe em comparação ao nível de lesões com outros esportes é considerado um esporte seguro, porém radical, que para os jovens significa a superação dos limites físicos e das habilidades performáticas.

Destina-se a movimentar, a estimular as emoções, a evocar tensões sob a forma de uma excitação controlada e bem equilibrada, sem riscos e tensões habitualmente relacionadas com o excitamento de outras situações da vida, uma excitação mimética que pode ser apreciada e que pode ter um efeito libertador, catártico, mesmo se a ressonância emocional ligada ao desígnio imaginário conviver, como habitualmente acontece, elementos de ansiedade, medo - ou desespero (Elias, 1992, p. 79).

No corpo está o fundamento, a experimentação da *tensão-excitação* provocada pela prática. O surfe exige do corpo a conjunção dos seguintes aspectos: resistência, velocidade, habilidade e criatividade, mas também equilíbrio físico e psicológico como afirma Artur:

Eu vejo o corpo como reflexo do esporte, quem pratica sente o esporte que é de alto rendimento, pois é bastante esforço altamente rigoroso, com movimentos repetitivos. Então vejo o corpo com bastante resistência física, um pouco de velocidade e habilidade. O corpo é um dos principais alicerces para o esporte. Tanto através do equilíbrio do corpo como do equilíbrio emocional, são coisas essenciais para a potencialidade na prática do esporte. (Artur)

A liberdade de escolha no surfe de acordo com tempo individual e suas próprias regras de ação é também um importante elemento nesse estilo de vida. De fato há uma “relativa” liberdade de escolha do momento da prática, da sua duração, da escolha de manobras, do nível de intensidade, exigência e aperfeiçoamento, mas que é relativizada em relação à certas prescrições das competições de surfe que possuem um regulamento técnico: quantidade de atletas por baterias, regras de prioridade das ondas, tempo de bateria, pontuação das ondas surfadas etc. Ainda assim, há uma tentativa de equilíbrio e intuição a partir de ambas as preocupações. Essa é a perspectiva adotada pela surfista Silvana Lima⁴³: *antes queria arregaçar quebrar mesmo. Aí, caía*

⁴³ Silvana Lima, 22 anos, local do Paracuru, atualmente mora na Austrália patrocinada pela surfwear internacional Billabong. É a melhor brasileira classificada no WCT. Trecho da entrevista dada ao site www.waves.com.br.

numa manobra importante, perdia muitos pontos. Agora estou um pouco mais contida.

2. 2 - O visual-surfe: linguagens do corpo-surfista

Menino do Rio, calor que provoca arrepio. Dragão tatuado no braço, calção corpo aberto no espaço, coração, de eterno flerte adoro ver-te.
(Caetano Veloso)

Essa música do cantor Caetano Veloso representou a imagem do jovem surfista que foi construída e projetada na sociedade brasileira. Roupas coloridas, corpos bronzeados, cabelo parafinado, prancha debaixo do braço, óculos escuros; com esse visual o surfista apresentava-se no espaço urbano, início da popularização do surfe nos anos 80⁴⁴, mas ainda hoje não é muito diferente.



FIGURA 2 - Observe o “surf-style” do jovem Charlie Brown.

É no corpo dos jovens que os códigos relativos *a uma estética, um jeito de ser, um style* são *fincados, acionados e ganham expressão pública* (Diógenes, 2003)

⁴⁴ Esse assunto será discutido com maior densidade no próximo capítulo.

São os jovens que parecem, mas do que qualquer outro personagem urbano, perceber o caráter imagético da existência da cidade e do corpo como artífice dessa cultura da comunicação visual. Os lugares da cidade transmudam-se através do conjunto de imagens acionados na passagem dos corpos juvenis. Ser jovem tem significado efetuar uma representação, uma marcação, a produção de um estilo, de uma filiação de um modo de ser, ou seja, projeção de uma imagem ou o repertório de uma delas (Idem, p.69)

Nos corpos desses jovens estão inscritos os signos, as marcas e os símbolos de pertencimento e de reconhecimento das galeras, funcionam como distintivos: tipo de surfista, local de origem, condição de classe, performance. Cada espaço que ocupam, que experimentam, os surfistas *fincam marcas territoriais* e por meio do visual-surfe *produzem e consomem imagens*. *Esse espaço diferencial tem o corpo juvenil como um dos seus principais artesões, tendo em vista a profusão de estilos, marcas e invenções que identificam as experiências juvenis na cidade* (Idem, p. 70).

A cultura do consumo é fundada na constante produção e reprodução de sinais bem reconhecíveis por seus danos e por seu público, ela não encoraja um conformismo passivo na escolha das mercadorias, mas pelo contrário, procura educar os indivíduos a ler as diferenças dos sinais, a decodificar facilmente as infinitas minúcias que diferenciam as roupas, os livros, os alimentos, os automóveis, os ambientes. Dessa forma, as distinções de classe e dos diversos segmentos de classe, e ainda, as subculturas, ao invés de diluir-se, se fortalecem, se complicam: novos mini-símbolos precisam ser descobertos para manter as diferenças, e o corpo serve perfeitamente a esse objetivo...O corpo como enigma: as letras do alfabeto são substituídas pela imagens das coisas (Canevacci, 2001, p. 239.).

A cultura do consumo é uma cultura da comunicação visual cuja relativa autonomia não está na fuga de outras determinações como, por exemplo, a condição econômica, mas no estabelecimento de hierarquias de gosto, formas de apropriações e de diferenças de identidade, essa perspectiva é uma das questões centrais desse estudo (Canevacci, 2001). O entendimento do estilo-surfe a partir dos diversos sistemas de usos e significações, que dele fazem os sujeitos.

A manifestação de comportamentos considerados radicais no contexto dessas formas culturais juvenis urbanas tem passado, em grande medida, pela mobilização do corpo humano como instrumento expressivo central, um corpo que é socialmente percebido e vivido como recurso a ser explorado nas suas várias potencialidades imagéticas ou cinéticas, suscetível de ser moldado,

experimentado, *estendido ou escondido nos parâmetros de um projeto de construção e apresentação* de si (Ferreira, 2006, p. 1).

Mas não só por meio do corpo que o *visual-surf* se institui e se dissemina na cidade, também através dos meios de comunicação, tendo a publicidade um dos maiores canais de divulgação do estilo-surf: televisão, revistas, internet, filmes de surf, etc. *Os estilos de vida atuais, hierarquia de valores e modelos de comportamento possuem na publicidade um dos mais lúdicos espaços de divulgação didática, com alto índice de aprendizagem espontânea* (Canevacci, 2001).

Basta uma simples visita a uma boa banca de revistas para constatar que o surf é o esporte com o maior número de veículos especializados do Brasil. São cinco revistas de circulação nacional: Expresso (BA), The Surf Press (PE), Hardcore (SP), Fluir (SP) e Inside (SC). As revistas de surf acabam sendo guias de tendências, um exemplo é a revista Fluir, a mais lida e consumida pelos surfistas. A tiragem é de em média 52 mil exemplares mensais.

A revista mostra tudo o que acontece no universo do surf - circuitos, competições nacionais e internacionais, rankings, matérias sobre Trips no Brasil e noutras praias do mundo, críticas, charges, análises e reflexões sobre o “mundo do surf”, mas principalmente, publicidade. No mês de maio de 2005, por exemplo, das 130 páginas, 44% foram destinadas à propagandas, na verdade, anúncios de surfwears que geralmente evocam os sentidos do ser jovem e radical, o *estilo de vida do surf* associado “diretamente” ao consumo das marcas.



FIGURA 3: Veja essa imagem da equipe de atletas da surfwear Greenish publicada na Revista Fluir em abril de 2006.

Além das revistas especializadas, um dado interessante é a intensidade da difusão da *mídia especializada alternativa* no cotidiano dos surfistas, ou seja, jornais e revistas sobre surfe produzidas por eles próprios, diferente das revistas de grande circulação como a Fluir que são produzidas e distribuídas por grandes editoras como a Editora Abril.

Aqui no Ceará, já tiveram várias mídias “dessas alternativas” desde o início da organização do surfe, por volta dos anos 80. Atualmente uma das revistas alternativas com maior divulgação é a Beach Show, com publicação bimestral e distribuição gratuita. A revista, geralmente, é distribuída nos eventos de surfe como campeonatos, mas também em feiras, lojas surfwear, oficinas de pranchas etc. Nela encontram-se várias questões que os surfistas gostam de ver e saber: cobertura das competições, as “trips da galera”, colunas com análises do “mundo do surf”, “momentos da galera”, fotos de shows, festas, lançamentos, dentre outras, e claro, de lindas garotas de biquíni.

Outro elemento que compõe aquilo que denomino de *visual-surfe* são as imagens projetadas do estilo-surfe nos espaços urbanos, inclusive pela internet, especificamente, pelos sites especializados de surfe. Os sites de surfe, além de serem um importante canal de divulgação do visual-surfe, cumprem a função também de espaço de sociabilidade virtual. Nesses sítios, os jovens assistem de forma “on line” todos os acontecimentos que se realizam

no “mundo do surf”, previsões das condições de ondas, entrevistas com personalidades do surfe, descrições dos campeonatos de surfe locais ou até mesmo se pode ver “ao vivo” as performances dos ídolos numa etapa do circuito mundial WCT⁴⁵ em Mentawai, na Indonésia, por exemplo. Nesse sentido, a “tecnologia da rede” vem contribuindo consideravelmente para disseminação e aperfeiçoamento do esporte, considerada ferramenta fundamental como indica o depoimento do jovem Luiz Carlos à revista Beach Show (2006):

Quando assisto uma etapa do circuito mundial WCT, ao vivo, pelo computador, concluo que: é simplesmente incomparável a realidade informativa que vivemos hoje, com a que vivíamos no tempo em que iniciei no esporte. As previsões das ondas, as notícias instantâneas e claro, as transmissões de competições ao vivo, faz da internet um acessório tão essencial que a parafina... Assistir e interagir com algo tão significativo para a história de nosso esporte nos faz sentir mais parte disso, nos mostra que não é a toa que esses surfistas integrantes do WCT são nossos ídolos, quer dizer que WCT significa muito mais que World Championship Tour, significa sonho.

A partir dos anos 90, realiza-se um movimento que reterritorializa a comunicação, movimento que atravessa e desloca a cultura na sociedade, a partir do momento em que *a comunicação deixa de ser mero instrumento para se converter em estrutura*. A tecnologia remete hoje não somente a novidade de alguns aparelhos, mas a novos modos de percepção, linguagem, sociabilidade, entendimento do mundo, a novas sensibilidades. Essa *mutação cultural implica um novo modo de produzir e um novo modo de comunicar, que converte o conhecimento em uma força produtiva direta* (Barbero, 2004).

Uma das maiores inovações construída pela internet foi à possibilidade de previsão das ondas, instrumento que torna possível a prática do surfe em horários em que o mar esteja em melhores condições, inclusive com fotos e comentários das condições de ondas nos diversos picos do litoral. Quase todos os surfistas que conversei utilizam a internet, em sua maioria, ‘surfam’ diariamente em sites como *waves.com* e *deolhonaserie.com*.

No mundo inteiro e aqui no Brasil não é diferente sites apresentam previsão de ondas a partir de dados meteorológicos. São dados de vento e pressão atmosférica. Essas informações alimentam modelos computacionais que fazem à simulação da altura, do período e da direção de propagação de

⁴⁵ WCT (World Champion Ship Tour) é a primeira divisão do surfe mundial, enquanto a segunda é o WQS (World Qualifying Series).

ondas. No entanto, essas ondas são chamadas de sintéticas, ou seja, elas foram geradas a partir de modelos computacionais. A verificação da validade dessas previsões só é possível, através de medição de ondas, o que se faz em um local, de preferência, na condição de águas profundas e com um aparelho chamado zombográfico.

O zombográfico oferece um trio de informações: a altura da onda, o período da onda e a direção de propagação da onda. De fato, uma vez que de posse dessa informação lá em águas profundas, pode-se propagar a onda e trazer essa ondulação para o litoral, aí sim se faz com que essa onda interaja com todas as características da geografia do litoral em que se quer ter a previsão, ou seja, formas de fundos, contornos continentais, presença de ilhas ou lagos ou baixios. Todos esses fatores definirão um padrão de onda particular de cada praia. Esse elemento, relaciona-se profundamente com o surfe, por que o que o surfista quer? Ele quer uma grande densidade de energia, uma onda alta que lhe proporcione condições ideais para as manobras e uma grande emoção na prática do esporte.

Assim, de posse dessas informações, o surfista tem como se preparar, programar a “caída” no dia do “swell”. No entanto, para alguns elas também trouxeram um significativo incômodo, pois o que todo surfista odeia é “um pico craudeado”, assim, a certeza de ondas boas também é a certeza de intrusos no pico.

É legal porque você fica sabendo as ondas, mas é ruim porque “craudeia”. Aumentou muito o crowd depois dessa previsão, todo playboy agora tem um computador dentro de casa, entra no site da waves e ver se tem onda ou se não tem, aí pronto se tiver onda pode ir que tá o maior crowd (Mike, surfista profissional).

O uso de novas tecnologias vem ajudando não somente os atletas profissionais a superarem os seus limites, mas também a todos os surfistas ordinários que num dia comum, desejam chegar à praia com a certeza de que vão pegar “altas ondas”. Nessa perspectiva, novas ritualidades são engendradas no cotidiano dos surfistas, como por exemplo, todos os dias abrir o site waves ou o deolhonaserie para ver o que está “rolando”, uma vez que:

Todo movimento que não é mero estalido ou agitação engendra regularidade e ritmos. Ritualidade é o que na comunicação há de permanente reconstrução do nexo simbólico: ao mesmo tempo repetição e inovação, âncora na memória e no horizonte aberto (Barbero, 2004, p. 231).

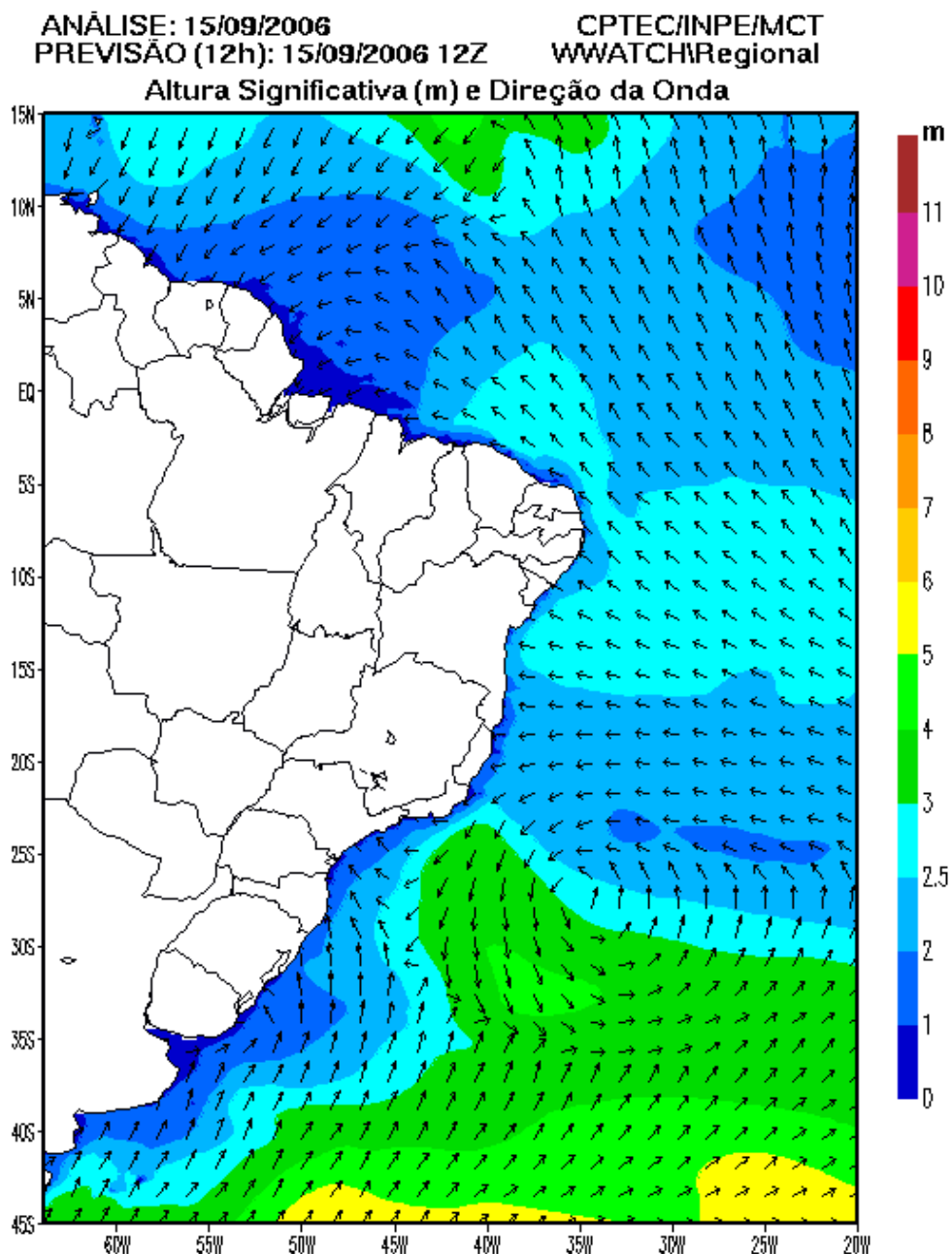


FIGURA 4: Mapa de previsão das ondas comentado do site www.deolhonaserie.com, do dia 15/09/06.

A animação do Satélite do CPTEC/INPE mostra que a ondulação está passando bem perto da costa sem, no entanto atingi-la diretamente. A tendência é que as ondas continuem a rolar nas praias do Futuro e Vizinho variando entre 0,5 e 1m. Tem sido a melhor opção dos últimos dias e temos recebido várias mensagens que confirmam essa informação. É bom lembrar que o aumento de intensidade dos ventos Alísios propiciam boas ondas para essas praias nessa época. LEMBRAMOS QUE CONTINUAMOS COM NOSSO BOLETIM DE ONDAS DIÁRIO. Veja e compare as variações de condições nos diferentes dias da semana. As fotos do nosso boletim de ondas são feitas de domingo a domingo, nas primeiras horas do dia e atualizadas diretamente das praias por nosso colaborador residente, o surfista Carlos Alexandre. Por George W. Noronha ALOHA !!!

Também estão intrinsecamente vinculados ao *visual-surfe* à produção/difusão do áudio-visual, os diversos filmes de surfe que são assistidos com frequência pela maioria dos surfistas. Esses vídeos têm um grande papel na difusão do *estilo-surfe* nas cidades. A expansão da cultura visual, principalmente a atenção dada ao corpo - re-significado como panorama - é um dos indicadores da mudança comportamental e perceptiva dos estilos de vida que com a comunicação se cruzam (Canevacci,2001).

Insistir na palavra comportamento significa indicar que o corpo é o suporte primeiro, fundamental da mensagem social proferida, mesmo sem o saber...O corpo é o suporte de todas as mensagens gestuais que articulam essa conformidade: é o quadro negro onde se inscrevem- e portanto se fazem legíveis- o respeito aos códigos ou ao contrário o desvio com relação ao sistema de comportamentos (De Certau, 1996, p. 48).

Os vídeos de surfe em sua maioria são elaborados na perspectiva dos telespectadores vivenciarem, mesmo que na “imaginação”, o estilo de vida mágico do surfe, um estilo fundado na idéia de liberdade extrema, experimentação de belíssimos visuais, momentos singulares da relação homem e natureza. Quase todos são gravados em “Trips” a lugares paradisíacos, com ondas perfeitas e tubulares em paisagens idílicas.



FIGURA 5: Foto do surfista Kiron Jabour numa trip a Ilha de Mentawai na Indonésia⁴⁶

No cotidiano dos surfistas expostos nos filmes além dos muitos momentos “radicais” vividos sobre as ondas, aparecem momentos outros de

⁴⁶ Disponível no site www.waves.com.br. Acesso em 12/09/2006.

prazer, como os luais na beira da praia, peixes saboreados na folha de bananeira, danças, “tiração de onda” com os amigos, cervejas, risos. Momentos descontraídos e alegres, sempre acompanhados pelo surf-music, evocando a idéia do surfe como prática libertária e desinteressada, símbolo de realização pessoal ideal para qualquer surfista.

Imagine o Jack Jhonson num marzão em Off The Wall Hawaii, depois tocando sua viola, mandando uma sonzera na beira da praia na maior vibe! Pense no Andy Irons vertical ao som de uma banda sueca quebração chamada “Refused”, assista Fabio Fabuloso e viaje num filme paidégua que mostra um ícone do surf mundial lá da Paraíba numa produção verde amarela até na trilha sonora! Viaje num aéreo hardcore do nosso campeão mundial cearense “cabra da peste” lá do Serviluz, Pablo Paulino! É o momento! O áudio, o vídeo, é o surf, é a música! É a SurfMusic - som eclético, alto astral e sem preconceitos como todo surfista! Muito loco essa surf music atual acústica! Pois pegar um violão e sair cantando e tocando é puro surf, é você ali mandando seu estilo particular, sua identidade, seu jeito de tocar, linha, tubo e manobra, muito roots, muito natural, é você e a prancha, o surfista e o violão! E tantos outros artistas que não citei aqui que de alguma forma tiveram o surf, a música, como inspiração para criação, salve os grandes mestres da música e do surf! Surfmusic é um leque de sons, é instigação, fiquei amarradão naquele som que ouvi outro dia que fui atrás na net, peguei o violão e fiz uma canção, com minha prancha acertei aquele manobrão, surfmusic é esporte, é música, é união, é instigação, eis a minha humilde opinião (Wilclei, músico e surfista integrante da banda Santamáfia)⁴⁷.

Certa vez, ouvi o surfista veterano Aldemir Calunga comentando sobre os filmes de surfe, que para ele representavam o “moment”: *brother filme de surfe é muito show, representa o “moment” do surfe: surfe, música e imagem, casamento perfeito*. Relacionada à idéia desse surfista Barbero (2004, p. 248) comenta:

A paisagem do vídeo é, ao mesmo tempo, tecnicizada e narcisante, ela espelha a centralidade do sujeito musical e a perifericidade dos espectadores. Essa paisagem narciso-digital é um grande híbrido no qual os mitos se concretizam com os vídeos.

Os vídeos de surfe são um elemento fundamental na difusão dos valores, comportamentos, estilos e performances do surfe. É por meio da hibridação dessas perspectivas que os jovens surfistas constituem seu próprio estilo, tendo como referência as performances apresentadas pelos seus ídolos nos filmes. Os filmes, geralmente, são assistidos com os amigos onde entremeiam conversas sobre os profissionais do esporte, as suas performances, as comparações de estilo etc:

⁴⁷ Depoimento concedido ao site www.deolhonasérie.com.br.

Assisto sempre filme de surfe. Eu gosto pra pegar assim uma base, tem que ter uma inspiração e se inspirar nas manobras de alguém. Me inspiro em vários surfistas, aqui no Estado no Dunga, mas de fora, internacional é no Joel Parkison, Cory Lopes, Andy Airons, vários surfistas que destroem (Roberto, surfista profissional).

Certa ocasião, em que eu estava presente numa sessão de filme de surfe, Negão e Igor estavam discutindo sobre a eficácia das manobras realizadas pelos “gringos” em ondas grandes e com prancha grande - quer dizer, pelos surfistas profissionais que correm o circuito WCT, em sua maioria americanos, australianos e havaianos – em detrimento dos surfistas brasileiros que também participam do circuito.

Negão – Mas todo profissional tem que se acostumar com todo tipo de prancha, pra pegar mar grande brother, tem que pegar prancha grande pra dar na cara mesmo.

Igor - Não é isso que os caras relatam. O que dizem é que os brasileiros quando botam uma 7’2” nos pés, já não sabem mais nem o que fazer.

Negão - Os americanos não brother, vai lá e bate, dá uma manobra que parece com uma prancha pequena.

Igor - Aqueles rasgado debaixo do tubo que eles dão, VUM! Pra entrar no tubo doido, com as pranchas grandonas doido. Eu fico de cara com aquilo ali doido!

É através da prática quase cotidiana que os surfistas treinam suas performances, adaptam-se as novas pranchas e superam os limites que são colocados ao corpo. A superação nas manobras caminha sempre no sentido do aprendizado, de um mimetismo corporal. Observei que os surfistas “gringos”, os profissionais do WCT são sempre referência para os surfistas daqui. Nessa direção, é uma prática comum entre esses jovens assistir aos filmes de surfe com a “galera”. Nesses momentos, eles analisam as manobras, fazem críticas, comentários, comparações entre as performances dos surfistas, mas principalmente, aprendem com os ídolos as suas manobras de preferência.

2. 3 - Os rituais de sociabilidade

O surfista não sabe dizer muito do prazer desse estado por que... Sei lá, é uma coisa muito boa porque só você em estar dentro d'água, em contato com a natureza ali pegando onda com os amigos você já esquece todos os problemas que tem em casa, que tem em outro canto. Quando você tá estressado, pegue a prancha e vá surfar que é a melhor coisa que tem, você esquece de tudo e fica prestando atenção só nas ondas (Mike, surfista profissional).

Vários são os ritos de sociabilidade ocorridos no “mundo do surfe”. A “galera”⁴⁸ está sempre presente nessas ocasiões. Fumar um baseado, assistir a um filme de surfe, ir para “nigth ou para comédia”⁴⁹, fazer uma “trip” ou mesmo um surfe no fim de tarde são alguns exemplos de rituais coletivos realizados no cotidiano dos surfistas.

As atividades lúdicas ou de lazer, atualmente constituem os espaços rituais na sociedade contemporânea. Atividades coletivas de forte intensidade emocional que tanto reúnem quanto dividem, instituem e ocupam de signos rituais os espaços urbanos; oferecendo saídas para as imposições regulamentadas do cotidiano, abrindo espaço para a integração e simbolização ao nosso imaginário (Segalem, 2002).

O surfe é a atividade, motivação e tema central dos encontros desses jovens. A “galera” é sempre uma referência na realização das ações. Fazer o surfe com a galera acaba sendo um dos principais rituais realizados pelos surfistas que sempre se comunicam uns com os outros para marcarem de ir juntos ou se encontrarem no pico.

“Lá dentro” ou “lá fora” como chamam, no mar sobre as pranchas, os surfistas esperam as ondas, concentram-se na escolha certa das ondas, na disputa delas entre si e na eficácia de realização das manobras. “Dentro d’água” se conversa pouco, o tempo é usado produtivamente na realização do jogo. Geralmente, quando estão cansados dão uma pausa, conversam um pouco sobre as manobras realizadas, comenta-se sobre o desempenho na

⁴⁸ Por “galera” entendo de forma geral, as junções, associações de jovens a partir de interesses, gostos e comportamentos similares; espaço aglutinador de pessoas motivado desde por estilos musicais, a práticas de lazer, hábitos de consumo ou a estilos de vida propriamente ditos, como no caso do surfe.

⁴⁹ Termos utilizados pelos surfistas para designar festas, diversão, passeios, shows, encontros em barzinhos, etc. “E aí, vamos pra comédia hoje?” ou “A night tava show, todo mundo estava no reggae ontem”.

onda surfada, também sobre o “outline”⁵⁰ das pranchas, sobre os shapes, sobre o mar. O surfe é o tema principal “dentro e fora d’água”. Mas também há lugar para conversas do seu cotidiano, de trabalho, de estudo, de “grana” e das “gatas”.

O momento maior de diálogo é depois do surfe, hora para fumar um baseado⁵¹, comentar sobre as ondas que pegou, momento para relaxar. Depois de um surfe-adrenalina há necessidade de provocar a endorfina, o baseado relaxa, é hora do “relex”. Corpos-instigados e corpos-chapados, através da experimentação constante da adrenalina e do relaxamento provocado pela endorfina (Diógenes, 2003).

Acho que os surfistas vivem muitos momentos de adrenalina sabe? Aí buscam o equilíbrio. A bucha tem um horário, eu não gosto de surfar chapado não. Atrapalha. A bucha é pra relaxar, depois de um dia de surfe adrenalizado. (Roberto, surfista profissional)

Na roda do baseado todo tipo de assunto é discutido - mesmo quem não fuma observa, participa - estilos musicais, qualidade das ondas, tipos de prancha, melhores picos e suas características, comparação de experiências, “estórias estilo pescador” são contadas. Mas um dos assuntos mais freqüentes é sobre as drogas que são consumidas por alguns participantes do grupo. Experiências de drogadição, tipos de maconha (prensada, solta, skunk⁵², etc.), se é forte ou fraca, fornecedores em comum, qualidade do “fumo”, a saber: *“Brother, fulano tá com uma coisa cêra. O jogo que eu fiz só tinha cabeça, veio um pouco malhado mas compensa né, pelo menos não tinha poeira”*⁵³.

⁵⁰ Outline. Esboço de uma prancha. É o desenho, a “linha de fora”, o contorno que o shaper utiliza para começar a criar. Cada shaper tem seu estilo de linha ou de out line de pranchas. O out line é composto por um conjunto de medidas em relação as partes principais da prancha: bico, rabeta, bordas e fundo. Os tipos de out line serão descritos no próximo capítulo.

⁵¹ Nome dado ao cigarro de maconha, de cannabis. A droga também é designada por beck, bucha, fininho, jorge, fumo, tôco, brenfa, coisa, jonny, Ralf, dentre outros termos.

⁵² Existem três tipos de cannabis no mundo, mas no Brasil é produzida e consumida a cannabis sativa. A maconha pode ser “solta”, isto é, natural, quando a planta é colhida, seca e depois vendida. A prensada é um tipo em que a maconha depois de colhida é imprensada numa máquina em forma de “tijolos” de um quilo, geralmente, botam alguns produtos para não criar fungos e disfarçar o cheiro.

⁵³ As chamadas “cabeças” ou belotas são as flores produzidas pelo pé de maconha, é nela que se concentram os maiores índices de THC (tetrahydrocannabinol) substância psicotrópica responsável pela “lombra” pelo efeito de “chapação” que a maconha provoca. Os efeitos provocados pela maconha são da ordem do físico e do psíquico segundo o CEBRID (Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas). Em relação aos efeitos físicos, os olhos ficam avermelhados, a boca fica seca e o coração bate mais acelerado. Já os feitos psíquicos

O consumo e a importância dada às drogas é uma questão presente no cotidiano de alguns surfistas, embora a maconha seja o tóxico mais utilizado. Um sentido comungado pelos consumidores é de que a “canabis” causa menos danos do que outras drogas como as sintéticas e as químicas, e as drogas legais como o álcool e o cigarro.

O “fumo” aparece como fonte de aproximação capaz de gerar sociabilidade para uns, os brothers, os malucos; e distanciamento em relação a outros, os “pregos”, os “caretas”. Entre os amigos há uma utilização comunitária e até, muitas vezes, solidária da maconha, “quem tá de cima” geralmente “salva” aqueles que “estão de baixa”, isto é, aqueles que estão “na de horror”⁵⁴. O baseado na maioria das vezes é consumido coletivamente, onde cada jovem dar um ou dois “pegas”⁵⁵ e “passa a bola” para o outro ao lado. Quando alguém demora a passar o baseado ou fuma mais do que deveria é logo chamado atenção: “passa a bola Romário”!

As drogas químicas como a cocaína são avaliadas como mais prejudiciais à saúde, e também as sintéticas como o ácido lisérgico (LSD) e o êxtase que, às vezes, são usadas em eventos pontuais como no ano novo, no carnaval, ou na “balada”⁵⁶, “uma vez na vida”⁵⁷. Como demonstra o comentário de um surfista em relação ao uso do êxtase.

Rapaz vou comprar uma balinha, pra ficar instigadinho esse fim de semana, que vai rolar um reggae. É massa, mas não sempre, de vez

dependerão da qualidade da maconha fumada e da sensibilidade de quem fuma. Para grande parte das pessoas os efeitos são a sensação de bem estar acompanhada de calma e relaxamento, sente menos fadigado e vontade de rir (hilariedade). Para outras os efeitos são desagradáveis: angústia, medos, sudorese, etc., é o que chamam de “lombra paia”. Cf. www.cebrid.org.br.

⁵⁴ Termo utilizado pelos surfistas para dizer que estão sem nada de maconha, uma condição não muito agradável.

⁵⁵ Trago no baseado.

⁵⁶ Festa, curtição.

⁵⁷ Uma considerável parte dos surfistas que manteve contato usa maconha e a considera como uma droga leve, menos prejudicial a saúde, inclusive do que o álcool e o cigarro. Alguns consomem as drogas consideradas pesadas, mas de modo esporádico, em eventos pontuais como shows, etc. Outros ainda, fazem uso abusivo, tendo presente também no surfe alguns jovens que desenvolveram a dependência química de drogas como cocaína e crack. O crack, principalmente, tem sido uma das drogas mais causadoras de danos à vida dos jovens atualmente, há também no universo do surfe cearense alguns jovens que inclusive abandonaram a prática do surfe, “a vida em si”, por conta da “fissura” incontrolável e destruidora do corpo provocada pelo uso e abuso do crack.

em quando. O pó é muito paia, o cara fica naquela, só quer saber de ratatá, fica noiado, anti-social, não quer conversar com ninguém e cada vez quer mais, mais. À bala não, você fica tranqüilo, instigado e ainda faz um amor show com a gata.

O uso da maconha é um elemento sempre presente na sociabilidade de alguns jovens nesse estilo de vida. Embora muitas vezes haja o reconhecimento de que o uso abusivo não é benéfico para o organismo, podendo trazer danos ao corpo e a mente, o consumo é amplamente disseminado não só no Brasil como em todo o mundo, um hábito bastante presente no “mundo do surfe”. É importante dizer que não só “mundo do surfe” que o uso da maconha e outras drogas aparecem como elemento da identidade juvenil, noutras “tribos” também, como muitos outros estudos apontaram (Velho, 1998, Diógenes, 1998).

Sabe o que é, é o costume. Todo caminhoneiro depois do almoço ele tem que tomar uma dose de café. É difícil o caminhoneiro que não toma freqüentemente um cafezinho. É vício, é vício mesmo. Acostuma saca? É que nem a pessoa que toma um café e fuma cigarro. Ele não pode tomar café que dá logo a vontade de fumar um cigarro. Então quando o surfista pensa em surfar dá logo vontade de fumar um baseado. Já acorda doente. Hahahaha. Não tem os cara que malham e que se não tiver os produtos naturais ele não dão valor malhar: Pôrra tô sem instiga pra malhar... É só o psicológico deles sabia, também? Afeta o psicológico da galera também, agora quando não tem nada, o cara vai surfar do mesmo jeito. Agora se tiver também o cara vai fumar. Agora se não tiver o cara surfa, só que tem que esquecer dentro do mar. Porque se não esquecer o cara não surfa legal não, fica noiado viu. É foda vou é fumar um agora pra esquecer do meu vício hahahaha.

Certa vez, eu estava conversando com um shape que havia passado um tempo na Flórida para fazer um curso, perguntei sobre a intensidade do uso de *cannabis* no surfe, e se essa relação era universal. Ele disse que sim, na Flórida, no Havaí, na Austrália, ou na Califórnia a maconha é consumida amplamente por vários surfistas ou por aqueles que comungam o estilo-surfe. O uso da *cannabis* no surfe relaciona-se com o estilo de vida californiano ⁵⁸, difundido e apropriado no decorrer dos anos 60.

Dados estatísticos da Surfer's Medical Association⁵⁹ estimavam, em 87, que 60 a 90% dos surfistas da Califórnia eram usuários de maconha.

⁵⁸ No próximo capítulo discutirei sobre o assunto com maior densidade.

⁵⁹ Disponível no site www.wikipédia.org.

Entretanto, isso não pode ser generalizado para outras partes do mundo. No Brasil, o percentual pode ser extremamente diferente. O estigma que os surfistas carregaram por muitos anos (e de certa forma ainda carregam) se deve a freqüente exposição de parte deste grupo à sociedade em geral. Enquanto alguns usuários de qualquer tipo de droga as utilizam, na maioria das vezes, de forma furtiva, dissimulada, escondido dos outros, parte dos surfistas que fizeram ou fazem uso da maconha expõem o uso em ambientes públicos como a praia, demonstrando que se trata de um estilo que subverte as “ordens existentes” e por ser algo considerado “natural”.

Por conta disso, nos meios de comunicação e na sociedade em geral os surfistas carregam o estigma de pessoas que vivem uma “vida mansa. O esteriótipo de um “malandro” incapaz de se comunicar com clareza e inteligência ou como gozador de uma “vida boa” foi historicamente utilizado para defini-lo, entretanto, esta perspectiva do esporte vem mudando. Mas ainda encontramos essa imagem presente em alguns programas de televisão como novelas, programas de comédia como por exemplo a sátira feita em um programa do *Caceta e Planeta*. *Dois surfistas estavam conversando, um diz: Pô meu, e aí? O Outro responde: pô meu e aí? Pó meu e aí? Passa-se algum tempo e chega outro surfista que pergunta: E aí brother, show? Um deles comenta: Pô meu o cara chega agora, e já muda de assunto.*

Na pesquisa realizada por Velho em 1975, sobre o consumo de tóxicos em Copacabana no Rio de Janeiro, o autor estudou um grupo de surfistas que freqüentava uma lanchonete do bairro. Na pesquisa o autor concluiu que:

O discurso do grupo é pouco elaborado, havendo não só pouca ênfase como uma desvalorização da verbalização. As pessoas, não falam muito, seu vocabulário é limitado, havendo uma linguagem não verbal de gestos, toques, contato físico bastante marcado. Há desconfiança em relação a pessoas que falem de forma “abstrata”, valorizando-se as experiências concretas, as sensações. O tóxico é fonte de experiências sensoriais ricas, que não precisam ser verbalizadas. Não parece haver ansiedade para “explicar” as sensações. As pessoas sabem por experiência própria e os novatos aprendem na prática (1998, p. 175).

É óbvio que as colocações de Velho (1998) têm que ser relativizadas, afinal, ele está falando de surfistas que viveram há 30 anos atrás, tempo em

que não havia a perspectiva do profissionalismo e a difusão do esporte como estilo de vida saudável na mídia e no mercado. Assim, hoje essa percepção não corresponde à realidade presente. Os surfistas têm uma linguagem não verbal, uma linguagem do corpo fortemente exercida e reconhecida entre eles, mas há também um extenso vocabulário carregado de muitas gírias, muitos termos em inglês que correspondem às expressões realizadas pelos surfistas “gringos”⁶⁰, quer dizer, americanos, havaianos e australianos. Inclui a nomenclatura oficial das manobras, do design das pranchas, dos tipos de pico e uma série de termos em inglês que são utilizados amplamente no cotidiano dos surfistas, na mídia especializada, na publicidade das mercadorias e pelas instituições do surfe (escolinhas, entidades representativas).

Essas gírias são universalmente conhecidas, porém muitas vezes, resignificadas e adaptadas à língua local, como o termo *crowd* que significa multidão em inglês, aqui no Brasil é flexionado correspondendo a um verbo. “O mar estava craudeado”, quer dizer, lotado, ou ainda, o “Eduardo estava craudeando o pico”, isto é, incomodando. As sensações, experiências e percepções são na roda discutidas, trocadas e socializadas, embora cada um saiba e entenda que cada momento é único, e muitas vezes, “sem palavras”.

Uma indisciplina na ocupação do espaço que é compartilhadamente realizada pela “galera”, um acordo tácito de que a roda do baseado é um ritual comum, ordinário no mundo do surfe, mesmo para parte daqueles que não a consomem. Com a crescente profissionalização do esporte, o número de surfistas que não fumam maconha vem aumentando cada dia, principalmente no âmbito dos surfistas profissionais que buscam um maior desempenho através de um corpo saudável. Também, por conta da popularização do esporte de que pessoas com estilos de vida distintos, não fundados na idéia de liberdade, transgressão ou indisciplina, hoje também praticam o esporte, muito mais identificados com a imagem do surfe como um esporte jovem, moderno e saudável.

⁶⁰ A intensa presença dos termos em inglês nas gírias usadas para significar práticas, adereços, condições, explica-se parte pelo fato de que ainda hoje a referência maior no surfe em termos de número de praticantes, mercado do surfe, premiação das competições e valorização da prática, como também em relação à qualidade das ondas e dos picos é a dos “gringos”, especialmente, os californianos, havaianos e australianos.

Outro grupo de surfistas que não fuma baseado são os “surfistas de Cristo”, organização de surfistas evangélicos que buscam, de certa forma, “limpar” essa imagem que foi amplamente difundida, a de que “todo surfista é maconheiro”. Os surfistas de Cristo realizam eventos, cultos a beira da praia, onde louvam a Deus, agradecendo pelo surfe e pela natureza, buscam ainda fazer do esporte um estilo de vida saudável, longe de todos os “vícios do mundo”, como por exemplo fumar, beber, sair para “night”.

Em muitos diálogos estão presentes as críticas, as avaliações das performances realizadas, os conselhos, as observações e as considerações são feitas sobre a prática do surfe, como também brincadeiras e muita “tiração de onda”.

Artur - Diabo é isso Roberto, tá vacilando? Tá patinando, dançando em cima da prancha?

Roberto - Tu tá achando doido?

Artur - Tô. Tu quebrava com aquela prancha que tu vendeu aquela 5'11"e meio⁶¹.

Roberto - Eu quebrava com aquela prancha?

Aartur - Surfava bem

Igor - Eu não achei não.

Roberto - Aquela direita lá que eu peguei lá na Taíba

Igor - Alisa!

Roberto - Tu é doido! Eu peguei a prancha e destruí com ela

Igor - Tu surfava bem com aquela...

Roberto - Qual?

Igor - Aquela tapinha

Roberto - Lembro, aquela prancha ali foi a que eu mais pirei na minha vida a do Fabiano, é ela, é ela !

Igor - Aquela que tem as fotos também.

Roberto - Aquela prancha ali eu clonei cinco vezes, aquela prancha era mágica. Só que era de outro shape, tô em outro agora.

⁶¹ O tamanho das pranchas é medido em pés, a mesma medição dada as ondas, e polegadas. Um pé equivale a 0,3048 cm e uma polegada equivale a 2,54 cm. Atualmente as pranchas variam de outlines pequenos como 5'9 a pranchas Gun, Fun e Long Board que se diferenciam por formas e tamanhos. Algumas chegam até 9'8", como os Long Boards. Sobre os diversos tipos e outline de pranchas. Ver nos anexos.

Na ocasião deste diálogo, perguntei se um surfista poderia não se adaptar com um shape, não “pegar o pé” das pranchas desse shape. Então observei que além dos conflitos há espaço também para os elogios, para as trocas, para os “feedbacks”. Nos diálogos e nos exercícios de sociabilidade entre os surfistas, esses jovens compartilham também as dificuldades, socializam as suas experiências com os colegas, contribuem para um processo mútuo de aprendizado, a saber:

Roberto – Acho que é uma questão de tempo mesmo, porque cada shape tem a sua linha né, e o surfista tem que se adaptar.

Igor - Mas se adapta, só que demora, não é do dia pra noite. Eu sempre pego prancha diferente, de shape diferente, por isso que eu passo mal pra pegar o pé. Tá ligado Roberto?

Roberto - É porque ele só compra prancha que não é feita pra ele, tem que ser feita pra ele.

Negão - Ele só compra prancha dos outros aí acostuma.

Igor - Pra mim a TBC⁶² que foi mais complicado porque eu só surfava de 6' e passei a surfar de 5'10" aí que foi complicado mesmo.

Negão - Quanto menor é mais difícil de se equilibra.r

Igor - É doido, o equilíbrio da manobra, o local da manobra não é igual quando se muda de prancha. A 5'10" tu tem que dar mais lá em cima logo, porque se não ela roda todinha. É diferente doido o Roberto agora que tá se acostumando com a 6"pés. Agora quando ele se acostumar tu vai ver doido. Tu não vê o Dunga? Ele parece que surfa de 5'9", só pauladas nas marolas véia e pam. 6' e 6'1" o Dunga Neto só surfa de prancha grande.

No vai e vem das sociabilidades há diferentes formas de apropriação, diversas performances e estilos de surfe, distintos movimentos que com o corpo são experimentados. O estilo-surfe apropriado é constantemente resignificado, a partir de referências múltiplas, experiências e trajetórias únicas, significações desiguais.

3. No “mundo do surfe”: uma diversidade de estilos de vida

⁶² Marca das pranchas do shape Tiago Bastos Cunha do Rio de Janeiro.

Os espaços urbanos como a praia não é apenas espaço para o lúdico, mas também de encontro, trabalho e jogo. Nos picos há lugar para a diversão, para festa e entretenimento, às vezes até para transgressão em relação aos usos do espaço e as formas de comportamento, mas é sobretudo, possibilidade para profissionalização, para um trabalho-prazer que se realiza sob diferentes modos, distintos modos de ocupar e viver o espaço por meio desse estilo de vida.

É presente nos discursos dos jovens surfistas a tentativa de negociação entre as esferas do lazer e das obrigações sociais, ajustamentos entre os desejos e os padrões culturais. Para esses jovens o surfe se relaciona com outras dimensões da vida cotidiana da seguinte forma:

O surfe ocupa na minha vida a segunda colocação porque primeiro vem os estudos. Por quê? Porque os estudos é prioridade, é..., para ter uma fonte de renda no futuro e se eu não tiver estudo não vou ter nada na minha vida. (Carlos)

O surfe na minha vida ocupa uma posição que vem paralelo aos estudos que eu tenho como principal ocupação, porque acima de tudo eu cresci sendo educado para ter aquilo como minha fonte de vida futura. Mas tem o surfe que vem paralelamente, e se as pessoas onde a gente nasce, aqui na nossa região, tivessem um pouco mais de oportunidade vai ver que no meu caso poderia ser isso, poderia ter uma oportunidade para viver hoje em dia do surfe, conhecendo outros lugares... De qualquer maneira a gente tá batalhando, tentando ver se dar para conseguir. (Artur)

Os relatos acima precisam ser cruzados com a trajetória individual dos respectivos jovens, com intuito de esclarecer melhor as questões colocadas pelos surfistas. Apesar da afirmação de Carlos de que o surfe ocupa uma posição secundária na sua vida, pois sua prioridade é o estudo, tal assertiva precisa ser melhor analisada.

Carlos tem 16 anos, morava na Leste-Oeste com a sua avó numa residência bastante simples, atualmente está morando em Guarujá - SP. Desde muito cedo começou a praticar o surfe, inicialmente como os outros meninos da localidade, isto é, com pedaços de madeirite, logo depois conseguiu uma prancha usada para se aventurar pelas ondas. Carlos, hoje, apresenta um currículo invejável em matéria de surfe: surfista Junior, é considerado um dos melhores surfistas, com menos de 20 anos, do Brasil, segundo eleição

realizada anualmente pela revista Hardcore. Carlos despontou no cenário nacional no ano de 2003, quando foi vice-campeão brasileiro iniciante (categoria para surfistas com até 14 anos), desde então, o atleta vêm se dedicando ao aprimoramento de seu surfe. A primeira estratégia foi fixar residência no Sudeste do país, região onde ocorrem as principais competições e quebram as melhores e mais constantes ondulações. As viagens internacionais têm sido um dos fatores fundamentais para a evolução do surfe de Carlos, locais como Puerto Escondido (Mexico) e Hawaii (USA) fazem parte do currículo de “trips” do atleta, além de várias idas a Fernando de Noronha (PE), considerado o Havaí brasileiro. Todo investimento em evolução e amadurecimento do seu surfe caminha no sentido de concretizar o seu maior objetivo: *“fazer parte da elite do surfe mundial”*.

Carlos foi três vezes consecutivas campeão cearense da categoria gromets⁶³ e em 2003 foi vice-campeão brasileiro amador na categoria iniciante. É patrocinado por uma importante surfwear do Ceará, a *Greenish*, com salário equivalente a quatro salários mínimos, mais peças de roupa e viagens, também tem outro patrocinador que fornece suas pranchas. Atualmente, devido às diversas trips e viagens para competir não está matriculado na escola formal, freqüentando somente um curso de inglês e o Centro de Treinamento para surfistas da marca de óculos Okley onde mora em São Paulo.

Nesse sentido, o surfe apresenta-se com bastante relevância na vida do jovem, porque além de ser fonte de renda sua e de sua família, ocupa quase seu tempo integral, esse dedicado a treinar para as competições. Vale salientar que por meio do surfe, Carlos já viajou para vários lugares do Brasil, como a Ilha de Fernando de Noronha, Rio de Janeiro, São Paulo e Florianópolis e ainda foi para o Havaí e México, viagens financiadas pelo seu patrocinador, condição quase impossível para um jovem comum da periferia de

⁶³ Nos campeonatos de surfe os surfistas são distribuídos em diversas categorias de acordo com a idade, o tempo de surf, o sexo e o tipo de prancha, a saber: Iniciante (para surfistas até 13 anos de idade), Mirim (até 16 anos), Junior (até 18 anos), Opem (para surfistas amadores de qualquer idade), Master (maiores de 25 anos) e Profissional (para atletas regulamentados na federação de surfe). Ainda, a categoria Feminino para as meninas, Longboard (para quem surfa com pranchões) e Kneeboard (pranchas pequenas em que as ondas são surfadas de joelho). Antes, a categoria Gromets era para surfistas até 13 anos e a Iniciante para atletas que tinham apenas um ano de competição, hoje, a categoria Gromets equivale a Iniciante e esta última agora é Estreante.

Fortaleza. Desse modo, percebe-se uma dissonância entre o discurso e a prática efetiva desse surfista, porém, compreensível já que sua fala representa a reprodução de um discurso oficial, um padrão de vivência da condição juvenil na sociedade contemporânea.

Já Artur tem uma trajetória distinta de seu colega. O jovem tem 25 anos, é estudante do curso de Engenharia Civil na Universidade de Fortaleza-UNIFOR e corre o circuito universitário. Veio do interior, portanto só começou a praticar o surfe aos 16 anos. Atualmente, mora com a mãe e a namorada num agradável edifício de classe média próximo ao North Shopping no bairro São Gerardo. Em seu relato, identificamos uma tentativa de negociação através do surfe entre as esferas do lazer e do trabalho. Artur também apresenta um excelente currículo na sua área, o circuito universitário, isto é, já foi vice-campeão nordestino em 2004 e campeão em 2005. Este jovem batalha em busca de um patrocínio, muito embora, o circuito universitário em termos de premiação seja mais valorizado até do que o circuito cearense de surfe profissional, mas para os patrocinadores ainda não é tão relevante. Em seu discurso Artur remete a oposição entre a expectativa da sua família em relação a sua profissão e o seu desejo em viver do esporte, ou seja, tê-lo como um trabalho.

Cristian Porciello propõe uma abordagem sócio-cultural das práticas esportivas, por conseguinte chama atenção para esportes diferentes dos tradicionais como os esportes californianos. O autor em foco, considera-os a evidência de uma ruptura de um sistema consensual para a emergência de uma situação de concorrência entre uma demanda que está sob a lógica da diferenciação; e uma oferta, que obedece à lógica da divulgação. Porciello direciona sua análise para as necessidades e os prazeres individuais, vendo-os como “mecanismos distintivos (...) que convidam a situar os esportes num sistema de práticas constitutivas dos estilos de vida” (idem *apud* Stigger, 2002, p. 32).

Numa perspectiva semelhante Bourdieu (1990) defende que para analisar um esporte particular é preciso compreendê-lo como parte de um sistema de práticas esportivas, no qual cada elemento recebe um valor distintivo. Desse modo, o *habitus* esportivo aparece como um elemento

fundamental na análise, isto é, o sistema de preferência de cada grupo social, relação entre o espaço de práticas esportivas existentes e o espaço das posições sociais e das escolhas dos participantes. Para este autor, quando um esporte é socialmente realizado e encarnado nos atores sociais, este pode receber diversos sentidos, determinados pelo que ele denominou “efeito de apropriação” (p. 216.).

Nesse sentido, o uso que cada jovem atribui ao surfe, propõe objetivamente as possíveis análises que cada um pode ter do esporte, que pode ser diferente do sentido dominante, ou seja, o surfe pode apresentar uma multiplicidade de sentidos para os jovens a partir de seus usos diversos. Ao passo que, mesmo reconhecendo as normas sociais como influentes das condutas juvenis, pode-se relativizar essa tendência e pôr em evidência, as decisões individuais e de agrupamentos coletivos particulares, tais como vários surfistas, e entre eles o Artur, - “pressionado” pela família e pelos discursos oficiais que valorizam acima de tudo o estudo acadêmico e o trabalho formal, regulado; os jovens surfistas buscam uma posição ativa na cidade, capaz de criar e recriar as suas táticas de sobrevivência na perspectiva do *efeito de apropriação* apontado por Bourdieu.

Identifiquei, portanto, uma diversidade de modos de se relacionar com o surfe pelos jovens. Inicialmente classificados por mim em quatro tipos, a saber: surfe-moda, surfe-prazer, surfe-arte e surfe-lazer. Começarei descrevendo os dois primeiros:

- i. O *surfe-moda*: é a prática identificada pelos surfistas como sendo uma falsa prática, um falso surfe, realizada por não-surfistas. Quando o jovem não participa ativamente do “mundo do surfe”, não o tem como elemento estruturador do seu estilo de vida. Nesse sentido não compartilha os códigos e significados estabelecidos pelos participantes, na perspectiva de adquirir legitimidade para ser identificado como “igual”, esse jovem acaba identificado pelos surfistas como sendo um surfista-de-moda, um cara que não é surfista, mas “tira onda dizendo que é surfista só para fazer estilo”, ou “um playboy metido a surfista”.

- ii. O *surfe-prazer*: é a atividade praticada pelos free-surfes profissionais. O free-surfe profissional, na maioria das vezes é um atleta contratado por alguma surfwear, sendo remunerado para surfar as melhores ondas do mundo. É das suas “trips” (viagens) que são feitos os filmes de surfe produzidos e vendidos pelas surfwears, como também as fotos veiculadas na publicidade dessas marcas. A marca Redley, por exemplo, patrocina o surfista Carlos Burle nas suas viagens em busca de ondas gigantes, no site dessa empresa ele é designado curiosamente como “*professional vagabund*”. Na sessão do site destinado aos atletas patrocinados, ao clicar no item professional vagabunds, ao som do surfe-music abre-se uma página com a paisagem de uma ilha paradisíaca com ondas perfeitas com um “perfeito céu azul e nuvens brancas” que informa:

Quantas vezes não sonhamos em poder estar ao ar livre em tempo integral e ainda por cima viver disso. Viagens, sol, praia, corpo saudável, horário flexível... Pois é. Algumas pessoas tiveram a coragem e o talento necessário para correr atrás e conquistar esse sonho. Eles ainda dizem que a rotina de treinos e viagens pode cansar, mas a verdade é que nós sentimos uma saudável inveja e portanto, carinhosamente chamamos de professional vagabunds⁶⁴.

Uma vez que este tipo de prática no surfe consegue conciliar a tão buscada remuneração dos profissionais, a vantagem do surfe-livre, de um free-surfe comum, e estar fora das regulamentações do “mundo do trabalho”. Essa questão do surfista ser patrocinado para surfar as ondas mais perfeitas do mundo como, por exemplo, nas ilhas paradisíacas localizadas no oceano pacífico (Mentawai), o surfe-prazer tornou-se sonho de todo surfista, inclusive dos profissionais, que depois da carreira desejam virar free-surfe de alguma grande marca. É esse o sonho, é esse desejo, um dos fatores que motiva vários jovens iniciarem a prática do surfe, não só como já foi mencionado, mas será discutido mais adiante.

Tanto o *surfe-moda* como o *surfe-prazer* são tipos de apropriações específicas em relação à prática do surfe, menos freqüentes que os outros tipos apontados. Decidi então nesse estudo, deter-me somente a o surfe-lazer e o surfe-arte, dois tipos de surfe mais presentes nos picos do Icaraí e da Leste-Oeste, porque acredito merecer uma cuidadosa atenção e uma maior

⁶⁴ Conferir no site www.redley.com.br.

expressão, referentes que os jovens nomeiam como sendo “a essência” do surfe.

3.1-- O surfe-lazer:

Rapaz eu já era envolvido com os esportes náuticos, né? Náuticos assim, aquáticos. Pratiquei natação desde criança, e pratiquei saltos ornamentais, participava de travessias pelo mar, lagoas. E quando eu ia pra praia ficava viajando vendo a galera surfar. Olhava a viagem de ver a galera surfando, assim, sobre as ondas e tal. A integração né, entre o homem e a natureza. Aí comprei uma prancha e comecei(Edu, surfista free-surfe, local do Icarai).

O surfe é, apesar dos conceitos de “comunidade” e de “tribo” estarem associados, é algo de muito individual, muito singular. Só cada um de nós sabe o que surfe significa para si. Só cada um de nós sabe que tipo de papel tem o surfe na sua vida, de que modo esse papel acaba (ou não) por se assumir como a verdadeira essência da nossa vida e do modo como molda o nosso espaço na sociedade. O surfe é uma experiência única. Vibrante. Sublime. Transcendental (Artur, surfista universitário).

Surfe é o milésimo de segundo de emoção que cada um de nós experimenta cada vez que está em sintonia com a passageira e singular energia de uma onda. Todos nós sabemos o que é, mas nenhum de nós saberá explicar por palavras. Como tudo na vida, também a essência do surfe está perdida no turbilhão, no múltiplo caos da existência (Igor, surfista free-surfe).

Por meio das definições acima apresentadas, pode-se inicialmente concluir que o surfe, independente dos tipos de apropriações feitas, sempre significará lazer, “prazer”, jogo. Momentos únicos de experimentação da natureza e do espaço litorâneo.

A perspectiva do surfe como jogo está vinculada à idéia de ser uma atividade do tempo livre que possui o caráter de lazer, busca de excitação-jogo, isto é, *uma excitação que se procura voluntariamente, no sentido da experimentação, é sempre uma excitação agradável sob uma forma que, dentro de certos limites, pode ser desfrutada com anuência social e da nossa própria consciência* (Elias, 1992, p. 113).

Para os jovens praticantes, tantos *profissionais* como *profanos* (Boudieu, 1989), isto é, ou aqueles que têm o surfe como/ou na profissão, ou aqueles que o tem como atividade exclusivamente de lazer; a prática tem um sentido primeiro da experimentação, é uma atividade provocadora de uma

agradável tensão-excitação. Seja nos confrontos travados entre corpo e a natureza na busca da superação dos limites físicos e/ou naturais, seja por meio do confronto simbólico entre os corpos, através da disputa fundada na eficácia da performance corporal e nas táticas de ocupação do espaço (De Certau, 1996) como nos campeonatos de surfe.

O surfe é um esporte-jogo, pois a prática se realiza pela busca primeira de prazer, realização pessoal, prática que alimenta o “espírito”, numa relação de oposição aos interesses gerais da sociedade. Mas aqui cabe uma distinção: surfe-lazer e surfe-arte. Um puramente “desinteressado”, livre; o outro pela sutileza das táticas empregadas, do interesse, da estratégia.

O surfe-lazer é o tipo praticado pela maioria dos jovens em Fortaleza. Nesse tipo estão presentes tanto surfistas que praticam freqüentemente, os “free-surfes”, como aqueles que surfam somente nos fins-de-semana. O surfe-lazer caracteriza-se por ser um surfe descompromissado, sem regras preestabelecidas, diferente daqueles dos dias de campeonato; também por ser uma atividade “desinteressada” em oposição ao interesse buscado pelos surfistas profissionais nos eventos. Contudo, esse grau de “desinteresse” tem que ser relativizado, já que todos os surfistas esperam o reconhecimento dos outros em relação à qualidade de seu surfe e o desempenho de suas manobras.

O surfe-lazer é realizado por vários jovens que de diferentes formas tem o surfe como atividade prioritária de lazer. É uma atividade considerada tão agradável que vários surfistas desejam viver da prática, ou pelo menos trabalhar com algo vinculado ao surfe, para que se tenha mais tempo e oportunidade de praticar o esporte. Às vezes, os surfistas enfrentam alguns conflitos em relação à incompatibilidade causada pelo confronto do sistema de regulamentação dos trabalhos formais e a prática do surfe.

É difícil conciliar às oito horas de trabalho diárias e a prática freqüente do esporte. Alguns utilizam algumas estratégias, como *Los Grilo* que uma vez ou outra, quando o mar sobe e “*bate aquela vontade, aquele desejo insaciável de surfar*”, inventa uma “mentirinha” para que sua irmã fique tomando conta de sua loja enquanto vai fazer o surfe. Outro dia inventou que iria aplicar uma injeção num cachorro que estava morrendo. Relatou o surfista:

Quando vi no site da waves a previsão das ondas e a foto do Icaraí não agüentei, liguei para o lourão combinado o surfe, botei escondido a prancha no carro, arrumei os “acessórios” necessários para ficar tudo “limpeza”: roupas, pente de cabelo, perfume, tudo dentro da maleta como se fosse as coisas e os medicamentos que iriam salvar o cachorro.

Outro exemplo é Edu, 31 anos, free-surfer, local do Icaraí, mora no bairro Parquelândia. O jovem surfa desde 1989, há dezessete anos. Edu é um jovem-adulto que já foi mecânico, trocador de ônibus e atualmente trabalha quatro horas por dia como agente comunitário de saúde na Prefeitura Municipal de Fortaleza, tem uma oficina de conserto de pranchas no quintal da sua casa e uma pequena fábrica de quilhas⁶⁵ de encaixe. Apesar da idade Edu tem um estilo de vida nitidamente juvenil do sentido apontado pelo que entendo ser a condição juvenil contemporânea.

Ele ainda mora na casa dos pais, tem uma namorada que ver todos os fins de semana. É daqueles surfistas literalmente “fissurados”, chegando a surfar cinco, ou seis vezes durante a semana. Inclusive, muitas vezes faz o trajeto Fortaleza-Icaraí (25 Km) de bicicleta. Apesar de ser free-surfe, de vez em quando participa de competições amadoras organizadas pela “galera” do Icaraí. O jovem negocia constantemente a prática do surfe com as regulações do mundo do trabalho, inclusive, buscando na produção de artigos e demandas do surfe conciliar o seu modo de vida frente à questão da realização profissional.

Como surfista acho que sou um felizardo né, de tá surfando, sou um profissional, mas tento explorar alguma área do surfe, tipo assim né, eu já gastei tanto com o surfe né, com o tempo a gente vem amadurecendo e procurando abstrair alguma coisa pra gente poder unir tanto o útil ao agradável que é o trabalho e o dia-a-dia surfando e trabalhando com o surfe. Atualmente, conserto pranchas, lamino, lixo, tenho um negócio na minha casa que é fabricação de quilha de encaixe. Com um tempo, quando o negócio vier melhorando eu penso em fazer um trabalho de socialização, já trabalho no programa saúde da família sou agente comunitário de saúde, e a gente vê que muita gente tem vontade, mas não tem oportunidade e o surfe ele ajuda também né, porque não é só surfar, tem várias outras coisas, as pranchas para fabricar, roupas, educação, como esse trabalho que você está fazendo.

Essa perspectiva é buscada por vários outros surfistas, sendo, portanto um dos elementos motivadores da construção e do desenvolvimento

⁶⁵ Ver no item glossário do surfe.

do chamado “mundo do surfe”. Juízes, shapers, integrantes de entidades representativas como associações e federações de surfe, treinadores físicos, editores/produtores da mídia especializada, fotógrafos, pequenos, médios e grandes empresários; todos esses sujeitos que participam e ao mesmo tempo constituem esse universo, têm uma questão em comum: são todos surfistas e têm o surfe-lazer como uma das atividades centrais da sua vida, tão importante quanto outras: comer, trabalhar, estudar, dormir, e por isso buscam no circuito do surfe a sua profissionalização, estratégia de fazer do surfe o seu *modo de vida*, a partir das diferentes apropriações e significações construídas em relação à prática. O surfe é experiência.

Era difícil conciliar o trabalho com o surfe, eu trabalhava de cobrador. Era de sete até seis horas da noite. Quando rolava as ondas e eu não podia surfar, era como adoecer né é ficar pra baixo, igual brigar com a mulher, ficar cabisbaixo mesmo, baixo-astral, nada funciona direito. Aí resolvi ir trabalhar com o surfe, tanto pra poder surfar, mas pra poder retribuir o que ele já me deu tanto...não financeiramente, mas de bom de amizade de conhecer lugares, de aprender coisas novas (Edu, free-surfe).

Assim, o “mundo do surfe” é marcado pela hibridação do estilo-surfe com a diversidade de estilos de vida, isso faz com que eu considere os diferentes modos de usos e de apropriações do esporte-jogo pelos jovens.

Mas hoje em dia tem muitos tipos de surfista, tem o surfista que é doutor, tem o surfista que é advogado, tem o surfista que é delegado, tem um que é promotor, tem um que é advogado, tem uns que é técnico de surfista, tem uns que é empresário. Se você for ver aqui em Fortaleza tem todo tipo de surfista, todo tipo de profissão tem surfista, até pra você classificar é muito difícil (Mike, surfista profissional).

Muitos surfistas negociam o estilo de vida do surfe fundado na questão do risco e da aventura com as regulações, as modulações da sociedade contemporânea, buscando através das atividades de lazer quebrar a rotina da vida diária, por meios de atividades que produzam constante tensão-excitação.

No conjunto das atividades de lazer, todas integram um tipo peculiar de risco. São capazes de desafiar a rigorosa ordem da vida rotineira das pessoas sem colocar em perigo os meios de subsistência ou seu estatuto. Permitem as pessoas tornar mais fáceis ou ridicularizar as normas de sua vida de não lazer, e todos o fazem sem ofender a consciência ou a sociedade. Envolvem brincar com as normas como um brincar com fogo (Elias, 1992, p. 151).

As “trips” são consideradas como sendo esse momento-lazer único, exclusivo dos praticantes, totalmente despreendido de todas as normatizações. Inclusive, em relação à esposa ou à namorada e ao universo feminino. A “trip” é um espaço dos homens, ou daqueles que comungam das mesmas intenções e desejos, um lugar masculinizado no sentido da experimentação intensa e da superação dos limites físicos.

Ora, a galera vai numa trip pro Francês, aí a mulher quer ir. Eu disse: minha filha se você quiser ir tudo bem. Mas lá é só surfe, rango, planta e rede. A galera faz um surfe de cinco às onze horas, faz o rango, brenfa...Depois faz o surfe de uma às cinco. Fica morto e vai dormir. Se você quiser ir outra vez só a gente tudo bem, só pra passear, pra tomar banho de mar agarradinho, pra curtir e tal. Mas numa trip com a galera é só surfe. Aí depois a gata reclama que a gente não dar atenção. Ainda tem o lance que sai mais caro, porque você vai gastar uma grana que é só pra surfar, porque é tudo rachado. Se ela for vai tá tirando o lugar de outro surfista que poderia rachar a viagem comigo (Vitório, surfista free-surfe).

É nesse sentido da experimentação intensa do prazer, que o surfe-lazer se caracteriza, por ser uma atividade de *caráter libertário* no sentido de uma livre escolha, excluindo portanto, toda e qualquer obrigação. Também tem *caráter desinteressado*, o surfe não tem nenhum objetivo utilitário, é puramente *hedonístico*, isto é, aqui o lazer define-se positivamente no tocante às necessidades do sujeito, têm um fim em si mesmo; e ainda, caracteriza-se por ter uma *dimensão pessoal*, representado pelos interesses individuais em oposição às obrigações primárias da sociedade (Dumazedier, 1999).

3.2 - O Surfe-arte:

O artista é uma pessoa cuja profissão é o exibicionismo
(Vicente Van Gogh)

Antes de ser arte, estilo de vida, terapia ou mesmo esporte, o surfe é uma “curtição”, e provavelmente uma das curtições mais complexas e “místicas” que existem nas práticas juvenis. Ao contrário dos outros esportes também ligados a natureza, o surfe não nasceu de uma atividade útil e

necessária. O surfe surgiu como jogo, uma agradável excitação, puro prazer e diversão, que resultou em auto-expressão, em estilo de vida. Não seria a motivação do prazer e da necessidade de expressão, de realização, e de entendimento do mundo que leva um artista a criar?

É interessante pensar nesse lado lúdico, do caráter não-produtivo do surfe, e a partir daí fazer uma relação com a sua dimensão artística, estética. No futebol, por exemplo, o conceito artístico em muitos lugares é desprezado em função da objetividade. O que é preciso é marcar gols, ou evitá-los segundo as últimas tendências. É por isso que o *futebol-arte* brasileiro é mundialmente criticado, mas também admirado. Já para o surfe competitivo, a referência não é a quantidade, mas a qualidade das manobras. Técnica, inovação, criatividade e radicalização constituem o estilo, a performance que cada surfista busca no seu surfe. Muitas vezes, os surfistas precisam somente de duas *manobras fortes, é preciso fazer as manobras no critério*.

É você descer na onda, fazer a onda do início ao fim no critério que o juiz pede né? Dando batida, floater, rasgada, sempre fazendo o que a onda pede. Não, às vezes passando do critério, que às vezes você perde ponto se passar a onda pra dar uma manobra só, às vezes a manobra é até boa, mas se você fizer a onda do início até o final, radicalizando a onda no critério, a nota sai melhor ainda. Aí se torna um dez, que os juizes querem ver (Mike).

Como esporte, o surfe depende relativamente das forças naturais para ser praticado. A tela, o cenário é o mais natural e instável de todos: o mar. Isso é determinante para que apareça outro elemento que compõe o lado artístico do surfe: a espontaneidade. Não existe nada pré-determinado, embora haja o treinamento das manobras e os critérios de referência para execução, aqui está presente a questão “sorte”, eficácia da performance e da intensidade do movimento, o momento. Qualquer surfista pode ter seu dia de “glória”, como afirma Mike:

Então quando é no dia da pessoa. Se você tiver bem no dia e vir ondas boas, não tem surfista no mundo que ganhe de você. Se você tiver no dia mesmo certo, tiver bem, tiver aproveitado bem as oportunidades, surfar bem né? Porque nem sempre é assim, às vezes vem a oportunidade e se você não aproveita, ela passa.

A espontaneidade, a mobilidade e a instabilidade dos elementos, juntam-se ao fato de o surfe ser uma expressão artística de um momento, ser uma arte instantânea na sua plasticidade: os movimentos e as formas criadas duram o tempo do presente, do aqui e agora, o que fica é a performance.

É fácil imaginar a onda como uma tela em branco, onde o surfista habilidoso pode desenhar a linha que quiser, refletindo nesta mesma onda a sua própria forma de representá-la. A arte segundo o dicionário Aurélio é: *atividade que supõe a criação de sensações ou estados de espírito carregados de vivência íntima e profunda*. Não seria essa uma das melhores definições para o surfe?

Um único vetor é estabelecido: o surfista precisa seguir, surfar a “linha da onda”. “Tem que seguir o trilho”. O trilho ou a linha é um lugar na onda em que a pessoa se posiciona e desliza com mais velocidade e fluidez. Segundo os praticantes do surfe, toda onda tem sua linha (mexida, perfeita ou tubular) e o surfista tem que encontrar o “trilho” para ter um bom desempenho na onda.

A linha da onda é que diz que tipo de manobra, qual tipo de surfe, estilo de manobra que vai ser executada. Um exemplo é Noronha, a linha da onda é tubular, é só tubo. Então o surfista tem que sacar qual é a linha da onda, o que é que ela pede. (Artur)

“Pegar a linha da onda” proporciona a identificação das melhores manobras para serem realizadas com fluidez, velocidade e estilo. Para efetuar uma manobra “style”, o surfista precisa fazer a manobra no critério, *dar mesmo no ponto crítico da onda* e depois voltar para o mesmo lugar, para o “trilho”.

O critério da onda é você manobrar na parte mais crítica da onda. Fazer a onda no critério é executar as manobras com precisão nas partes mais críticas da onda e conseguir a maior projeção, quer dizer, fluidez é a palavra, velocidade controlada. A pessoa que tem fluidez consegue andar bem e correr na linha da onda, fazê-la no critério (Artur).

O surfe-arte é praticado pelos profissionais do surfe, tanto aqueles denominados profissionais, propriamente ditos, como os surfistas amadores. O surfe amador é para a maioria dos surfistas um estágio de preparação para o surfe profissional, espaço de aprendizado por meio da participação nas competições amadoras. Mas também há aqueles surfistas amadores que têm outra profissão, podendo ser ou não, vinculada ao surfe: shaper, empresário do ramo, fotógrafo, dentre outras carreiras. Nesse caso, como não há o interesse da prática do surfe como profissão, as competições amadoras são o palco somente da disputa, do reconhecimento e da valorização das “boas performances”.

Um surfista é considerado profissional quando se credencia na ABRASP (Associação Brasileira de Surf Profissional), pagando uma taxa anual no valor de R\$200,00. Desse modo, ele fica obrigado a correr somente os circuitos profissionais de surfe e proibido de participar de qualquer competição amadora. Já um surfista amador, ou seja, um não-profissionalizado pode correr tanto os circuitos amadores como os profissionais, porém, se ele vencer numa competição profissional ele só recebe metade da premiação, sendo a outra metade destinada à entidade que está promovendo o campeonato.

Os jovens na prática do surfe desenvolvem um controle minucioso do corpo, que é treinado, preparado, pensado tecnicamente para executar as manobras mais “radicais”, portanto, as valorizadas pelas regras das competições. A “radicalidade” das manobras é avaliada nos campeonatos pelo grau de dificuldade da onda e da manobra, como também, pela velocidade que o surfista executa essas manobras e o seu estilo particular.

A referência para os juízes é a “linha da onda”, ir da base ao lip (crista), ou seja, o surfista tem que “cavar” até a base e depois subir em direção a crista e executar a manobra no “ponto crítico”⁶⁶ da onda. O movimento na onda, somado a questão das manobras realizadas são questões fundamentais valorizadas pelos juízes. É lógico que algumas manobras valem mais que outras, mas fazer a onda no critério é o que importa, ou seja, a ocupação do trilho pelo atleta, acrescido das manobras e do estilo que o surfista imprime a sua performance, no sentido da inovação, técnica e criatividade. Como afirma o atleta:

É fazendo as curvas na linha, descer até a base, subir e usar as duas bordas da prancha quase ao mesmo tempo, usar uma e outra. Você nunca pode só correr na onda e dando batida e dando “os fundo de prancha”, tem que fazer o arco. No critério mesmo só quem vai saber é o surfista e os juizes. Sendo que primeiro na base para acelerar a manobra, ganhar velocidade e depois bater no lip. Dar fundo de prancha é quando o surfista dá a batida sem descer até a base, quando ele no meio da onda já tenta dar a manobra, é uma batida “passando”. (Mike, surfista profissional).

Algumas manobras como, por exemplo, a rabetada se bem executada sob essas condições “mostra as quilhas” passando na onda, quer dizer, *mostra as quilhas para a “galera” que ta lá dentro e a “rabeta passando” para os juizes*, assim, quanto mais no critério maior é a pontuação da onda.

⁶⁶ O ponto crítico é o ponto mais alto da onda antes dela quebrar, é referência para os juízes e atletas na execução das manobras no critério.



FIGURA 6: Observe a rabetada do Argus e a imagem da “rabetada solta no ar”.

Embora não haja uma pontuação específica para cada manobra, o critério utilizado para classificação das ondas e os significados atribuídos a todas as manobras são universais, ou seja, um tubo julgado por brasileiros, se tiver as mesmas características, se fizer as curvas na onda, demonstrar radicalidade, inovação, fluidez e principalmente, realizar as manobras no critério, valerá o mesmo dez que um tubo na Austrália julgado por australianos.

Em todo canto é um nível só, é uma mesma pontuação. Mas não é assim que se classifica não, tubos tantos pontos, rasgada tanto, é o que os juizes acham, é o julgamento da onda perfeita. Se o juiz acha que vale 10 aquela onda ele dar, toda onda vale de 1 a 10. Depende das manobras que o surfista executa na onda, tem manobra fraca, também aquela situação que você já inicia com duas manobras fortes no critério essa já onda já pede oito (Mike, surfista profissional).

A ASP (Associatin Surfing Professional) é a entidade que regulamenta os critérios de pontuação adotados por todas as competições de surfe sejam elas amadoras ou circuitos profissionais. Aqui no Brasil as competições são regulamentadas pela Confederação Brasileira de Surfe formada pelas Federações de entidades de surfe dos Estados que por sua vez são formadas pelas associações locais. Segundo a CBS o critério de julgamento pelos juizes é⁶⁷:

⁶⁷ Conferir nos Anexos no item “regras das competições”.

O surfista deve executar manobras radicais e controladas nas partes mais críticas da onda com velocidade, força e fluidez para aumentar o potencial de pontuação. Deverá ser levado em conta o surf inovador e progressivo assim como a variação de manobras na hora de pontuar a performance apresentada. O surfista que seguir este critério com o maior grau de dificuldade e controle nas melhores ondas receberá as melhores notas.

Assim como no futebol, táticas do corpo são usadas na tentativa de algum ganho a mais. Jogadores de futebol simulam faltas e pênaltis. Os surfistas realizam performances, insinuações com gestos que reclamam uma supervalorização das manobras.

Tem muito surfista que sabe, com certeza. Ele acha que a nota é por que é. Tem muito que querem arrancar as notas dos juizes, fazem muito insinuação, e tal, mas pra arrancar né? Às vezes não arranca, às vezes o cara faz uma onda muito boa que merece um oito, às vezes ele faz altas insinuações que queria que fosse o dez, um nove mais não é, sete e meio valeu, oito. (Mike)

A questão do estilo era um dos critérios considerados para a pontuação das ondas até o ano passado, mas esse ano foi substituído pelo critério fluidez, pois segundo Artur, *às vezes o cara era estiloso mas enganava os juizes, não fazia a onda no critério. E às vezes o cara tinha o surfe feião, mas corria na linha da onda, mandava as manobras, só critério.* Assim, a pessoa tem fluidez quando consegue andar na linha da onda e fazê-la no critério “determinado” pelos juizes.

O surfe profissional aqui no Ceará não possibilita aos seus praticantes oportunidades de seguir a carreira no estado. A grande maioria já foi ou deseja ir passar uma temporada no sul do país. Falta de patrocinadores, pouca visibilidade na mídia esportiva local, falta de estrutura nas competições, falta de apoio por parte dos representantes do esporte como a Federação Cearense de Surfe, péssimas premiações, essas são algumas das queixas dos surfistas em relação ao surfe cearense.

Rapaz é um pouco difícil aqui no Ceará porque os patrocinadores não investem tanto como no sul né? A não ser que você vá pro sul e se revele lá pra ganhar um patrocínio forte daqui e feche o contrato lá. Porque tá difícil, o cara ganhar só cearense...é nada. Tem que ganhar o circuito nordestino profissional agora pra se destacar melhor, porque se ficar aqui... muitos talentos ficam aqui e quando chegam nos trinta anos vira máster, pá e tchau. Tem que aproveitar quando o cara ainda é jovem porque senão (Mike).

Mas nem sempre foi assim, na década de 90, por exemplo, período de consolidação do mercado do surfe principalmente, havia um grande investimento das marcas em termos de patrocínio e qualidade dos campeonatos. Grandes circuitos eram realizados, inclusive, etapa de circuitos mundiais. Os campeonatos de surfe que “rolavam” na época eram grande palco das performances dos principais “tops” do Brasil, mas principalmente das surfweares nordestinas que se consolidaram no mercado nesse período, sendo as principais: *Pena, My Boy, Greenish, Seaway, Maresia*. Como relata o jovem Mike sobre a trajetória de uma importante marca que já lhe patrocinou durante esse período:

Existe ainda a My Boy, mas hoje não patrocina mais ninguém. Acho que acharam que ganharam muito dinheiro, já ficaram conhecidos no mercado de surfe, aí largaram os atletas que nem muitas marcas fazem né? Assim que começa investem num monte de gente aí pega e vai dispensando um por um. Às vezes ficam com um ou dois, às vezes ficam sem nenhum. Conta quantas marcas existem aqui, se cada uma ficasse com um atleta não ficaria ninguém no Ceará sem patrocínio.

É no sul e no sudeste ou em estados do Nordeste como Bahia e Pernambuco que os grandes eventos do circuito nacional do surfe são realizados: etapas do Super Surf⁶⁸, Brasil Tour, WQS e WCT. Momento único para tentar ganhar visibilidade, reconhecimento pelos patrocinadores e pela mídia especializada ou pelo menos uma boa “grana” de premiação. Por outro lado, muitas das competições aqui no estado, as premiações resumem-se a “KITS” de roupas e artigos surfweares que, muitas vezes, são sobras dos estoques de marcas patrocinadoras dos eventos. No sul/sudeste há uma grande diferença não só em relação à estrutura, cobertura de mídia e de premiações, mas também há o fato dessas competições serem a “porta de entrada” para os grandes circuitos nacionais e internacionais.

Há esse reconhecimento daqueles que tentam fazer do surfe-arte a sua profissão, ou seja, uma significativa parcela dos surfistas profissionais considera que faltam maiores investimentos tanto do poder público, como dos meios de comunicação, dos representantes do esporte, mas principalmente dos empresários. Como demonstram os depoimentos abaixo:

⁶⁸ No próximo capítulo serão descritos com profundidade toda a estrutura, instituições, os eventos, os personagens etc., todos os elementos que constituem e fazem os circuitos do surfe, tanto em nível local como mundial.

Rapaz eu acho que pelo lado dos empresários, das marcas acreditar mais um pouquinho no surfista cearense. Falta investir mais nos atletas para correr as etapas lá fora que dar vagas para o Super Surf, porque hoje em dia o melhor circuito no Brasil é o super surf né? Então o que deve ter? É os empresários investir ou no nordestino profissional e também no Brasil Tur que dão vagas para o Surper Surf, quer dizer, quatro vagas pelo Nordeste e seis pelo Brasil Tur (Mike).

Acho que pra melhorar a profissionalização no surfe depende muitos dos empresários sabe? Acredito que os empresários poderiam dar uma certa energia para os atletas entende, principalmente, uma força nas competições, pra a galera ir para frente, ter oportunidade de participar dos circuitos importantes do surfe. Poder chegar lá né, o sonho de todo atleta é viver do seu esporte (Roberto).

Mike e Roberto, dois surfistas profissionais que apesar de trajetórias de vida diferentes, se encontram em condições semelhantes em relação à batalha de se firmar como atleta profissional de surfe no Ceará.

Mike, 25 anos, nasceu e passou quase toda sua infância no Paracuru, um município que fica a 81Km de Fortaleza. Depois de Fortaleza, Paracuru é a única cidade que tem sede à beira-mar. Os esportes radicais são muito praticados nessa cidade, principalmente, o *surfe* e *kite surfe*⁶⁹. Mike começou a *surf* de “*tauba*” aos 11 anos. Afirmou que na época comprou sua “*tauba*” por duzentos cruzeiros, inclusive levou uma surra de sua mãe por conta disso. O jovem vem de uma família humilde, seu pai é caseiro de um sítio e sua mãe dona de um pequeno bar com uma pousada em cima que Mike ajudou a construir quando era patrocinado. Assim desde o início, o surfe foi muito importante para o jovem.

Além de ser um esporte é um meio de vida pra mim. Porque com o dinheiro do surfe hoje minha mãe tem um bar e tem uma pousadinha em cima do bar. Porque antigamente eu ganhava uma grana da My Boy e paguei a telha, a pintura da pousada. Minha mãe e meu pai também fizeram, só que eu fiz altas coisas nela com o dinheiro do surfe. Passei dois anos na My Boy ganhando um salário só pagando isso aí. O dinheiro que eu ganhava nos campeonatos era pra mim, mas o dinheiro da My Boy era só pra investir nisso aí.

O que chamou a atenção do jovem em relação ao esporte, foram os campeonatos, as festas e o estilo dos surfistas. Aos 13 anos começou a participar das competições na categoria gromets, destinada aos jovens de até

⁶⁹ Ver nos anexos 2: Outros tipos de esportes radicais de praia.

15 anos. Já no primeiro campeonato ficou em segundo lugar, e continuou participando de campeonatos tendo boas colocações, então decidiu que o surfe seria sua profissão. O jovem abandonou os estudos na sétima série para buscar o seu sonho: ser um surfista profissional reconhecido. Atualmente, Mike reside entre Paracuru na casa da sua mãe e Fortaleza na casa da sua irmã que veio para capital estudar e trabalhar. Não tem patrocínio fixo, ou seja, aquela marca que subsidie totalmente a sua prática. Recebe “uma força” de uma surfwear, tem um apoio de um shaper do Rio de Janeiro, onde Mike faz suas pranchas pagando somente o material (R\$250,00) e recebe a quantia de R\$ 260,00 do Projeto Bolsa Atleta.⁷⁰

Não pagam nem um salário. Olha só meu contrato com a empresa X. Eu tinha um contrato de R\$ 600,00 reais saca? Mas era só de H, era para eles abaterem do imposto de renda. Aí eles me davam R\$ 200,00 em espécie e R\$200,00 em peças de roupa e uma cesta básica. Agora na renovação não vou aceitar não brother, menos que um salário! Que é isso? Um surfista profissional ganhar menos que um salário?

Roberto vive em condição semelhante. O jovem tem 20 anos e mora na Leste-Oeste. Começou a surfar com apenas cinco anos de idade, influenciado por toda a sua família. Pode-se dizer que a família de Roberto é do surfe, pois seu pai e seu tio foram um dos pioneiros do surfe na localidade. Sua mãe também surfava de body board e um outro tio seu, que inclusive foi um dos melhores body boarder da cidade, tendo ganhado vários campeonatos e títulos nacionais. Na sua casa, o conflito era outro, não era sua opção em ser esportista, mas o de que esporte iria seguir a carreira.

Comecei a surfar com cinco anos, só que comecei a competir com 14 anos. Antes eu só surfava nos fins de semana, era aquela coisa tinha que estudar e tal. Meu pai sempre me incentivou, mas sempre tinha uma briguinha entre meu pai que surfava de prancha e meu tio que surfava de body board. Antes eu surfava de body board também, caía e tudo nos campeonatos. Fui Campeão Cearense de body board. Eu surfava de prancha e só surfava de body board uns quatro dia antes da competição, ia lá e ganhava. A galera tirava a maior onda, os body boards ficavam indignados porque eu surfava direto de prancha e caía nos campeonatos deles. Uma vez teve um

⁷⁰ O Bolsa Atleta é um projeto da Secretaria do Esporte e da Juventude do Governo do Estado do Ceará. Consiste num auxílio financeiro para esportistas de diversas modalidades. O valor do benefício é determinado pela condição de pobreza do atleta em relação com a sua colocação no ranking da sua modalidade.

campeonato de body board num fim de semana da PF e outro de prancha, ganhei os dois. Hahahaha.

Roberto é reconhecido como um ótimo surfista na cidade, um surfe moderno, competitivo e radical, surfe “gringo” como dizem os colegas. É conhecido por “voar”, ou seja, por “mandar” vários aéreos durante seu surfe. Mas, mesmo assim Roberto não tem patrocínio, recebe somente uma força de uma surfwear, inclusive de um shaper do seu bairro que montou uma marca, tem o patrocínio das pranchas e equipamentos de um shape e recebe também a quantia de R\$ 260,00 do Bolsa Atleta. Assim, os jovens surfistas mais investem no surfe do que, precisamente, vivem dele. Mas há sempre a esperança de que esse investimento será recompensado no futuro.

Não identifiquei um interesse puramente utilitário ou material em relação ao esporte, os surfistas simplesmente fazem a opção pelo jogo e acreditam que vale a pena entrar, e que no final vencerão. Há qualquer momento, em qualquer competição pode chegar o dia de glória. Enquanto isso têm que se contentar com “os apoios” e tentar se sobre sair como relata Roberto:

Ele dar uma ajuda pra vários atletas, uma ajuda de custo nos campeonatos. Tem várias viagens né? Em algumas viagens ele paga 40%, outras 60%, 100% nunca, é só uma força. O que eu ganho nos campeonatos não dá nem pra me manter. Ganhei duzentos agora, mas não vai dá pra nada, só de cartão estou devendo trezentos. Foi porque comprei minhas passagens e as do Artur no cartão. Foi na viagem de Maracaípe que eu detonei esse cartão brother, acredita? Tava sem uma cédula, era só cartão, mas tinha que ser né?

A impossibilidade de viver do surfe-arte aqui Ceará faz com que vários jovens “se mandem” para o Sul/Sudeste em busca de melhores condições para realizarem a sua prática, não só em termos de condições econômicas (patrocínio, melhores premiações, visibilidade das competições), mas também em busca de experiência, ondas grandes para surfar, outros mares para ocupar. O surfista profissional é um *artesão de ondas* tal como o artesão citado por Deleuze (1997, p. 91), pois *é forçado a seguir também de uma outra maneira, isto é, a ir buscar a madeira lá onde ela está, e não qualquer uma, mas a madeira que tem as fibras adequadas*. É a partir da perspectiva do

nomadismo, onde o que lhe fixa são as ondas, que o surfista constrói seus trajetos, caminhos e territórios.

CAPÍTULO III

POR UMA GEOGRAFIA DOS PICOS DE FORTALEZA: A HISTÓRIA DAS RELAÇÕES ENTRE O SURFE E AS PAISAGENS DA CIDADE

O mar do surfista é mesmo outro. Bastante diferente daquele ansiado pelo banhista comum. É nomeado com uma terminologia própria pelos praticantes: “Flat”, “bombando”, terral, maral, etc.; é decifrado por características não percebidas pelo resto dos freqüentadores das praias (se há muito vento, se tem “crowd”, se a “galera” está...). Há preocupações, por exemplo, quanto à qualidade da formação das ondas, com o fundo do mar e com a direção dos ventos. Desse modo, Fortaleza foi “descoberta” pelos surfistas e, ao longo dos últimos trinta anos, trajetos, circuitos e pedaços foram construídos, destruídos e reconstruídos no espaço urbano. Em busca do melhor surfe, surfistas e espaço se comunicam. Informações, dados e trajetos são rigorosamente analisados. Todo um roteiro é traçado na busca pelo melhor mar, que muitas vezes acaba bem fora da cidade⁷¹.

Em Fortaleza, uma metrópole com um extenso litoral a ser explorado o surfe apresenta-se como um estilo singular de uso e de apropriação do espaço urbano, mas também como um “estilo de vida”, uma forma peculiar de vivência da situação juvenil experimentada pelos jovens; são práticas de trocas, conflitos, partilhas, grupos de sociabilidades, enfim, processos de identificação constituídos a partir de uma constelação de valores comuns, uma forma particular de *ver, ser e estar* no espaço litorâneo.

⁷¹ Fragmentos do diário de campo, anotações feitas em 12/11/2005.

A concepção do surfe como “estilo de vida” implica, necessariamente, trocas, negociações, relações estabelecidas pelos surfistas e às diversas dimensões do mundo social - família, trabalho, escola, amigos etc. - mas também, com a paisagem urbana.

A paisagem pode ser compreendida como *tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança*, algo que pode ser definido como *o domínio do visível*. Mas a paisagem não é formada apenas por volumes e formas, também por cores, odores, ruídos, movimentos. Desse modo, *a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos*, assim, a apreensão da paisagem é seletiva, é construída a partir do olhar e do sentir de cada sujeito (Santos, 1997, p. 61).

Conforme Arantes (2000), as paisagens são criações humanas e *ao se tornarem referências de espaço-tempo para as ações e experiências compartilhadas, elas por sua vez realimentam o espaço histórico*. Uma vez estabelecido esse princípio de que *o espaço geográfico é um construto social*, conclui-se também, que as paisagens participam reflexivamente da formação dos processos sociais, portanto, das práticas dos sujeitos cidadãos.

O litoral do Ceará tem 573 Km de extensão, onde se manifestam diferenciados usos e ocupações desse espaço. Uma primeira forma de uso e ocupação se deu pela atividade da pesca e também do espaço como lugar de habitação, inicialmente, pelas classes populares. Várias são as comunidades pesqueiras presentes na zona costeira do Ceará. Uma outra perspectiva foi introduzida, *a posteriori*, com a processo de apropriação do espaço litorâneo pelas classes abastadas: a praia como espaço de lazer.

Essa perspectiva imprimiu uma mudança sustancial nos usos e nas ocupações do litoral, uma nova paisagem surge por meio de diferentes interesses: uns visando a especulação imobiliária, outros lugar de trabalho e renda, alguns o mercado, outros ainda, um espaço para o lazer. Segundo a Lei de Uso e Ocupação do Solo nº 7.987⁷²: *Todos os trechos da Área da Faixa de*

72

70. Conferir capítulo IV, sessão VI da Área de Faixa de Praia da LEI nº 7.987 de 23 de dezembro de 1996 - Consolidada em julho de 1998, Art. 109 - A Área da Faixa de Praia, parte da orla marítima do Município de Fortaleza, constitui-se da área coberta e descoberta periodicamente pelas águas marítimas, acrescidas da faixa de material detrítico, tais como areias, cascalhos, seixos e pedregulhos, até o limite onde se inicie a vegetação natural ou outro ecossistema, ou até o primeiro logradouro público e de acordo com o disposto nesta Lei. (Com

Praia são áreas "non aedificandi" e destinam-se ao lazer e à prática de atividades esportivas. Mas nem sempre são esses os usos principais.

Fortaleza manifesta diversos conflitos e disputas referentes aos usos e ocupações do seu espaço litorâneo, em seus 34 Km de extensão. A área da faixa de praia da orla marítima da cidade é dividida em dez trechos:

1. *Praia da Barra do Ceará:* é a praia que faz o limite de Fortaleza com a cidade de Caucaia. Localizada ao norte, tem areia fofa e clara e alguns recifes. Tem esse nome por ser a foz do rio Ceará. O local tem muita importância para a história da cidade, porque foi o primeiro lugar onde o açoriano Pero Coelho de Sousa fez uma primeira incursão em 1603 construindo o Fortim São Tiago. A “boca da barra” é um dos picos de surfe mais “tradicionais” da cidade. É o pico de um dos surfistas mais conhecidos em Fortaleza, o Dunga Neto. Nessa praia, o surfe é bastante praticado pelos jovens da localidade, sendo uma das poucas práticas de lazer do bairro. O esporte é incentivado por três escolinhas de surfe (ADBSC, ARCA e FUNCI). Uma obra de aumento e curvatura do espigão do pólo de lazer da Barra do Ceará quase acaba com o surfe no bairro, que assim, prejudicaria as três escolinhas de surf locais, além dos surfistas que ali treinam ou praticam o surf como lazer ou ofício. A união entre surfistas, autoridades e ONG’S não permitiu a ação desordenada.
2. *Praia do Pirambu/Cristo Redentor:* praia urbana que apresenta uma larga faixa de areia e dunas, sendo ocupada, preferencialmente, por pessoas que moram nesta localidade, na maioria por família de pescadores. Praia reta com ondas fracas, por isso a atividade marítima nessa região resume-se a pesca artesanal. A faixa de praia é ocupada pelas comunidades que vivem da pesca. Não há

prática de surfe, pois o mar é “flat”. Aqui estão presentes as praias conhecidas como Goiabeiras e Arpoador.

3. *Praia da Avenida Leste-Oeste*: conhecida antigamente por Praia Formosa é formada por uma pequena extensão de faixa de areia. É conhecida pelo odor desagradável, densidade e cor das águas, por isso é pouco freqüentada por banhistas, embora muito usada pelos surfistas. O pico da Leste-Oeste foi um dos primeiros da cidade, tendo uma “tradição” na prática de surfe para os moradores da localidade. Localiza-se à direita da Estação de Tratamento de Efluentes (ETE) da CAGECE- Companhia de Água e Esgotos do Estado do Ceará que fica na avenida Leste-Oeste próximo também ao Instituto Médico Legal-IML.
4. *Praia Poço da Draga*⁷³: é uma praia decorrente das intervenções litorâneas a partir da formação de uma pequena bacia de águas estagnadas que ficou conhecida como Poço da Draga, denominação que se estendeu para a localidade, onde atualmente localiza-se uma favela. Nesse trecho encontra-se a Ponte Metálica construída em 1906, embora essa referência seja utilizada para nomear a Ponte dos Ingleses construída posteriormente na Praia de Iracema. Um estaleiro ocupou a bacia de águas do Poço da Draga, impedindo acesso público a essa área. O trilho que liga a área ao porto além de ser uma barreira ao aproveitamento da paisagem da região, favoreceu sua ocupação como favela, outro fator que contribuiu para obstrução parcial dessa praia. Como se trata de um trecho de águas paradas não há prática de surfe no local.
5. *Praia de Iracema*: antiga Praia do Peixe, hoje em dia é conhecida por sua noite agitada onde há muitos bares e alguns importantes prédios históricos como a Igreja de São Pedro, o Estoril e a Ponte dos Ingleses que ficou conhecida como Ponte Metálica, além de galerias de arte e o Centro Cultural Dragão do Mar. A P.I. como é chamada possui um pier, o pico da ponte metálica, suas melhores

⁷³ Cf em GONDIM, L. O Dragão do Mar invade a Praia de Iracema: desenho urbano como catalisador das imagens da cidade. Disponível em www.googleacademico.com.br.

ondas rolam quando entra swell de norte. Os primeiros campeonatos de surfe e “carretilha”, ainda nos anos 70, eram realizados nesse local. Na década de 90, um dos campeonatos de surfe mais tradicionais que acontecia na cidade era realizado nesse pico, mas depois de concluída a obra do “aterro na Praia de Iracema” o pico da Ponte perdeu muito a qualidade e o tamanho das suas ondas.

6. *Praia do Meireles/Mucuripe*: é onde se encontra a avenida “Beira Mar” que vai até o Mucuripe. É neste espaço a principal concentração de hotéis da cidade. O *Clube Náutico* é um importante marco desta praia. Acontece em frente deste clube, todos os dias, a feira de artesanato mais conhecida da cidade: a “feirinha da beira-mar”. A prática do surfe aqui na cidade teve início nos picos dessa praia. Esses foram constituídos bem em frente aos grandes clubes freqüentados pelas elites da cidade, eram eles: Náutico, Clube dos Diários e Ideal. Ainda hoje vários surfistas praticam o esporte nesse lugar, embora só “role ondas” quando entram grandes swells ou nos períodos de “ressaca” do mar. Esses picos também foram afetados pelas várias intervenções urbanas na costa litorânea de Fortaleza, transformando-os em “pico-flat”. Contém a praia da Volta da Jurema, local mais nobre do litoral de Fortaleza, suponho que seja o metro quadrado mais valorizado da cidade. No calçadão, existe um pólo de lazer e a prática de vários esportes, principalmente, do vôlei de praia. Na “Volta” como era conhecido o pico nos anos 70/80, tinha uma das melhores ondas da cidade segundo os “surfistas das antigas”. Era a chamada onda de “auerá”, hoje em dia precisa-se da conjunção dos fatores vento, ondulação e maré para que a onda quebre. Hoje em dia, ainda se pode identificar alguns poucos surfistas nesse pico, pois lá também o mar ficou “flat”.
7. *Praia do late Club*: ou praia do Mucuripe, famosa pela composição de Raimundo Fagner que retrata a Jangada, o jangadeiro e sua comunidade de pescadores. Todos os dias, a tarde e de manhã cedo é possível ver a partida e a chegada dos pescadores. Tem um

movimentado mercado de peixes e mariscos. Nela, também existe a mais antiga estátua de Iracema da cidade, inaugurada em 1965. Neste local, não “rola surfe” pois não tem ondas, mas é lugar de prática de wind surfe, inclusive de aprendizado desse esporte.

8. *Praia da Área Industrial do Porto*: encontram-se três picos bastante conhecidos da cidade. O “Pico do Portão”, lugar bastante freqüentado pelos surfistas do bairro, a referência para o acesso ao pico é o Portão do Porto Mucuripe. Neste também, localiza-se a *Praia Mansa*, no extremo da ponta do Mucuripe. Essa praia tem ondas que quebram com uma perfeição, poucas vezes vistas em Fortaleza. Intrigante, pois de dentro d’água, ao esperar a onda, o surfista tem a visão dos prédios da Beira-Mar, e recebe a ondulação como se viesse do Continente. Também conhecida como a “onda de Imbinhoara” essa onda era considerada a “mais perfeita” do Nordeste no início da década de 70. Por conta das intervenções urbanas, essa onda não tinha mais “rolado”, porém, depois de 25 anos, curiosamente, a onda voltou a quebrar no ano passado. Pode-se então considerar esse pico nos termos que Marc Augé (2003) denomina como um *não-lugar*, uma vez que a Praia Mansa é um lugar de passagem para aqueles que trabalham na zona portuária. O acesso para os surfistas é difícil, sendo necessária uma embarcação que pode ser um bote a remo, um barco a motor ou uma jangada. Sem falar que é proibido o acesso de pessoas comuns pela Capitania dos Portos e por isso são poucos os jangadeiros e os surfistas que “encaram” essa aventura. O *lance é nervoso*, como afirmam os jovens. Nesse trecho também está a *Praia do Titãzinho* que possui somente 100 metros de extensão. Fica em frente a uma grande favela de mesmo nome no bairro Serviluz. É uma praia imprópria para o banho segundo os especialistas, embora seja conhecida pela intensidade da prática do surfe. O Pico do Titãzinho já revelou grandes talentos como Tita Tavares, Fabinho Silva, André Silva, e recentemente, o surfista Pablo Paulino que foi consagrado campeão mundial Pro-Júnior pela Associação de Surfe Profissional-ASP no ano passado, em

2005. O Picos do Titãzinho e o do Vizinho, como são chamados os picos em que quebram as ondas do outro lado do paredão, são conhecidos por proporcionarem boas ondas fora da temporada, isto é, de junho a outubro. Quando todos os picos estão flats, nesses locais, estão rolando “altas ondas”, pois sua localização geográfica permite receber ondulação de leste.

9. *Praia do Futuro*: essa faixa de praia possui 8 km de extensão apropriados indevidamente por muitas "barracas" e restaurantes especializados em frutos do mar. Inclusive, Fortaleza é a única capital do Nordeste em que o litoral é ocupado por grandes estruturas comerciais como as existentes nessa praia. Um evento típico de Fortaleza é a *Caranqueijada* todas às quintas-feiras. Devido a sua longa extensão, na P.F. como chamam os surfistas, têm vários picos de surfe, como em frente às barracas Casarão, Vira-verão, Barraca do Jojó, Crocobeach, Biruta e outras. Por ser um mar aberto, a P.F. tem diversos picos de surfe, assim, as práticas de localismo não são tão intensas como noutros picos, inclusive, é espaço para outras práticas de esportes radicais como o *kite surfe* e o *wind surfe*. No fim desse trecho, encontra-se a *Praia Caça e Pesca* que leva o nome de um antigo clube de Fortaleza. O surfe quase não é praticado neste local por conta das fortes correntezas e da água barrenta devido à proximidade com o Rio Cocó.
10. *Praia de Sabiaguaba*: localiza-se na desembocadura do Rio Cocó a 20 km do centro de Messejana. Embora pertença à zona urbana não é muito freqüentada pelos moradores da cidade. Há um projeto da Prefeitura Municipal que pretende transformar essa praia numa APA – Área de Proteção Ambiental por conta das riquezas naturais presentes nesse ecossistema como os campos de dunas fixas, o manguezal e a reserva estratégica de água mineral subterrânea que ajuda amenizar o clima da cidade. Nesta praia há picos de surfe, porém, bem menos procurados do que os outros picos em Fortaleza. Localiza-se também a *Praia da Abreulândia* conhecida por COFECO, pois abriga a Colônia de Férias dos Funcionários da

COELCE. Essa praia tem 8 km de extensão. Encontra-se localizada entre a cidade de Fortaleza e o município de Aquiraz, encerrando na foz do Rio Pacoti. Essa praia não tem história de tradição na prática do surfe como outros picos da cidade, mas atualmente o surfista local Adriano Sousa surpreende a todos com a qualidade de suas performances nas ondas.

Da mesma maneira que a paisagem litorânea das ilhas polinésias foram decisivas para o surgimento do surfe há milhares de anos, a paisagem litorânea de Fortaleza foi indutora de práticas como o surfe e outros esportes aquáticos denominados “esportes californianos”⁷⁴. O surfe estabelece uma relação de “interdependência” com o espaço apropriado da praia, pois para os surfistas o “pico”, o lugar onde quebram as ondas, assume uma importância fundamental já que é nele que é praticado o esporte, que se estabelecem às relações de reconhecimento e de pertencimento, enfim, os processos de experimentação e (des)territorialização do espaço.

Com as descrições das praias acima apresentadas pretendi construir um mapa dos picos de surfe existentes no litoral da cidade, bem como fornecer ao leitor a visibilidade sobre a importância das paisagens para práticas juvenis urbanas como o surfe. Dessa forma, o surfe surgiu como resultado da percepção de alguns garotos de que a praia poderia ser bem mais do que um local para a pesca e para práticas marítimas, um lugar também para o encontro e a diversão, e outros ainda, para o trabalho-lazer.

1. Os primórdios do surfe

O surfe sempre fixou suas marcas no espaço apropriado, desde os tempos dos nossos ancestrais. Embora para muitos essa prática de “deslizar sobre as ondas” seja uma prática recente, é bastante antiga, secular,

⁷⁴ São esportes aquáticos surgidos ou apropriados e difundidos na Califórnia e praticados com pranchas, tais como o surfe, o body board, wind surf, kite surf, entre outros.

apresentando indícios de ter raízes em práticas de navegação há cerca de 3.500 mil anos atrás.

Algumas teorias levam a África Ocidental, outras ainda, remetem à costa norte do Peru⁷⁵. Ninguém sabe ao certo quando ou onde surgiu o surfe, mas se levarmos em conta o significado do conceito de cultura⁷⁶ trabalhado por Geertz (1989), como código, sistemas de símbolos e de comunicação, ou seja, como sistema de símbolos entrelaçados de signos interpretáveis, um contexto, um horizonte de sentido que pode ser descrito de forma densa e inteligível. Assim, torna-se inquestionável que tudo começou nas Ilhas Polinésias⁷⁷.

Os povos que habitavam aquelas ilhas tinham o mar como um grande universo a ser desbravado, assim explica-se o processo de povoamento da área denominada triângulo polinésio por meio das curiosas canoas chamadas “Hokule’as”. Essas canoas além de servir como instrumento para trajetos entre as ilhas nessa região, eram também utilizadas como prática de diversão. É provável que a Hokule’a seja responsável pela criação de um novo código cultural, não mais com o intuito de desbravar territórios, mas sim objetivando apenas a brincadeira, o ato da diversão. Foi quando alguns nativos estavam se divertindo, há mais ou menos 1500 anos, que deve ter surgido o surfe nas ilhas do Havai, Tahiti e Aolaroa (Árias, 2004).

Entre as muitas explicações sobre a origem do surfe, uma delas é de que há muito tempo, em algumas sociedades tradicionais do Oceano Pacífico, os desafios à natureza faziam parte dos rituais de educação dos filhos. Em um deles, era colocado para o nativo enfrentar o mar e deslizar uma onda em cima de uma tábua de madeira. Essa prática era um dos ritos de passagem para a vida adulta, inclusive, quando dois nativos pretendiam casar-se com a mesma mulher, a disputa era decidida nas ondas, ou seja, ganhava quem aproveitasse melhor a onda.

⁷⁵ Conta-se que por muitos anos os nativos do Peru deslizaram sobre as ondas usando embarcações feitas de fibra de junco, conhecidas como “caballos de tortora”.

⁷⁶ Busco colocar a importância do conceito de cultura como focalizador dos significados e das dimensões simbólicas da vida social (...), *trata-se de ver o universo de representações como inseparáveis da prática social* (Velho, 1999:113).

⁷⁷ Polinésia significa, literalmente, “muitas ilhas”. Muitas ilhas distribuídas numa área de 25 milhões de quilômetros quadrados e formam um triângulo conhecido como triângulo polinésio. A região é delimitada pelo arquipélago havaiano ao norte, a ilha de Páscoa (Rapa Nui) situada a sudoeste e a Nova Zelândia (Aotearoa) a sudoeste do Pacífico.

De acordo com Árias (2004), os polinésios eram bem ecléticos com relação aos materiais utilizados na prática do surfe, qualquer coisa que “boiasse” poderia ser utilizada como instrumento para surfar. Entretanto, a grande diferença entre os havaianos e os demais povos polinésios pode ser percebida quando é considerado *quem eram os surfistas, com qual material surfavam e de que forma surfavam*. Na grande maioria das ilhas ao oeste, o surfe era praticado principalmente por crianças, e quase exclusivamente, pelos meninos. De fato era um passatempo, uma brincadeira infantil.

Em contraste, nas ilhas marquesas, no Taiti, nas ilhas Aotearoa e no Havaí, o surfe era uma atividade praticada por todas as pessoas, homens, mulheres, crianças de diferentes posições sociais. Outros aspectos como o tamanho das pranchas de surfe e como surfavam estavam intimamente relacionados, uma vez que o tamanho das pranchas determinava as possibilidades do surfe. Os dois principais tipos de prancha foram identificados no Havaí: os body boards, na época, conhecidos como “paipos” em que se surfava deitado; e as tábuas havaianas, enormes pranchas que permitiam o surfe em pé (Árias, 2004).

No Taiti, Morisson⁷⁸, um missionário inglês, relatou em seus escritos a prática de surfe na posição ereta por alguns nativos que faziam uso de pranchas grandes, com cerca de 6 pés de comprimento. Já a grande maioria dos nativos nas ilhas restantes fazia uso somente do “paipo”. Os havaianos, em contrapartida, possuíam verdadeiras pranchas de surfe, algumas com mais de 18 pés de comprimento, 2 pés de largura e 6 polegadas de espessura, chegando pesar até 50 quilos.

Foi então no Hawaii que esta prática, difundiu-se e criou uma possível cultura do surfe nesta ilha. Alguns registros indicam que os havaianos já surfavam diagonalmente, “cortavam” as ondas de lado, pois existiam as palavras “lala” que significava surfar na diagonal da direita e “muku” para a diagonal da esquerda.

O surfe sempre foi praticado pelos nativos desta ilha como um ritual com aspectos religioso, cultural e até mesmo social, envolvendo, inclusive,

⁷⁸ O primeiro registro sobre o surfe foi feito pela expedição do capitão James Cook as Ilhas Polinésias entre os anos de 1760 a 1778. Conferir em Árias, Marcelo. A gênese do surf. 2004. Disponível em www.unipran.com.br

rituais de oferendas aos deuses em troca de bons swells⁷⁹, boas ondas. Um outro missionário de nome Ellis relatou que quando chegavam as ondas, os vilarejos ficavam completamente vazios, assim, tarefas como a pesca, o plantio, construções etc., eram totalmente abandonadas e enquanto estivessem “rolando altas ondas”, todos se divertiam (Árias, 2004).

Mas observou-se também, que havia uma diferenciação entre os “nativos comuns” em relação aos reis e aos nobres. A sociedade havaiana era organizada em um sistema monárquico, a nobreza então tinha privilégios. Inúmeros tabus, chamados “kapus”, eram colocados à prática do surfe, como um que proibia o povo, os plebeus de surfarem nas áreas reservadas à realeza, um outro, que proibia um membro da comunidade surfar na mesma onda que o chefe, mesmo em locais que era permitida a prática para todos - talvez aí esteja a origem do “localismo”. Outro “kapu” refere-se ao tipo de prancha usada: a nobreza havaiana usava as pranchas “ollo”, as mais pesadas e de melhor qualidade; já a plebe usava a “alaia”, ou prancha fina. Somente em 1819 o rei Kamehameha II aboliu as normas e os tabus referentes à prática e instituiu o “surfe livre”.

Como já foi dito, embora o surfe não fosse uma atividade religiosa propriamente dita, sua prática estava integrada aos cultos dos deuses e aos espíritos da natureza. O surfe era um dos principais pontos do maior festival havaiano, o Makahiki. O deus Lono era o patrono desse festival e todas as celebrações eram em sua homenagem. Do meio de outubro até o início de fevereiro, os ilhéus paravam todas as suas atividades para festejar, relaxar, dançar, brincar e praticar “esportes”. Os campeonatos de surfe⁸⁰ eram uma das grandes atrações desse evento.

Sahlins (1990) em *Ilhas de História* descreve um evento ocorrido no Makahiki em que a identificação pelos havaianos do capitão Cook como sendo

⁷⁹ Um dos ritos para atrair os swells era o de “bater” no oceano com algas, entoando cânticos chamativos das ondas.

⁸⁰ Segundo Árias (2004) as competições de surfe eram uma característica marcante da sociedade havaiana. Essas competições eram realizadas em vários formatos. Em algumas, todos os competidores desciam a mesma onda, vencendo aquele que chegasse primeiro a beira da praia. Existiam também aquelas em que mesclavam vários esportes da ilha como o surfe, o paipo, o body surfe e o holua-sleding; e eram praticados por equipes. As apostas eram comuns nesses campeonatos e não era raro que os ilhéus arriscassem tudo que tinham: canoas, casas ou animais.

seu deus Lono permitiu a sua morte, como resultado do cruzamento das duas cosmologias: a havaiana e a inglesa.

Quando os ingleses aportaram no ano seguinte em Kealahoukua, os sacerdotes havaianos puderam objetivar a sua interpretação a respeito da figura de Cook, de ser ele o Deus do Ano Lono, chegando em seu retorno anual para fertilizar a terra. Em uma cena que se torna célebre fizeram com que o grande navegador mantivesse seus braços estendidos em uma imitação da imagem de Lono, enquanto os sacerdotes faziam suas oferendas habituais (...) Cook obsequiou os havaianos incorporando o papel de Lono até o desfecho fatal (1990, p.25).

Da chegada do Capitão James Cook em 1778 até a anexação das ilhas do arquipélago havaiano aos Estados Unidos em 1898, os “esportes”, os jogos, os passatempos e algumas outras manifestações da cultura havaiana foram aos poucos desaparecendo, entre elas o surfe. Com a chegada de missionários calvinistas, em 1821, a prática do surfe foi considerada imoral pelos visitantes e proibida. Eles alegavam que os havaianos levavam uma vida muito preguiçosa e precisavam trabalhar mais, além do fato de que julgavam o surfe indecente, pois a atividade era praticada pelos ilhéus completamente nus. Assim, o surfe foi diminuindo drasticamente chegando quase a sua extinção, tendo focos de resistência em alguns nativos que ainda insistiam em “brincar com as ondas”.

2. O surgimento do surfe moderno

Acredita-se que Duke Kahanamoku foi o responsável pela popularização do surfe em todo o mundo, apesar de os antigos reis do Havai já descerem ondas séculos antes. Em 1912, ao ganhar uma medalha de ouro de natação nas olimpíadas na Suécia, em Estocolmo, ele chocou o mundo dos esportes ao afirmar que sua fonte de treinamento era o “Heenalua Surf”. Na volta aos Estados Unidos, Duke foi apelidado de Homem-Peixe e imediatamente converteu a Califórnia ao esporte. A Austrália, hoje a maior nação surfista do mundo, também foi iniciada pelas mãos e “pernas” de Duke, que ao visitar o país, em 1915 fez inúmeras demonstrações.

Assim, Duke e seus amigos do Wakiki foram os precursores do que se convencionou chamar “surfe moderno”. Por conseguinte, aquela antiga prática dos antepassados havaianos que consistia em descer as ondas utilizando

instrumentos que flutuassem sobre elas, renasceu nas ilhas havaianas e tornou-se um dos esportes mais praticados nos dias de hoje.

O esporte é um fenômeno típico da modernidade e organiza-se a partir de uma série de mudanças culturais, sociais e econômicas. Também, deve ser compreendido no âmbito do crescimento das cidades - arena de circulação de mercadorias e de uma cultura eminentemente urbana; como estratégia dos sujeitos na busca de vivências e práticas de lazer-prazer. Com isso, deve-se o crescimento da preocupação com o público consumidor e com o corpo, principalmente, como elemento de consumo, de comunicação e de visibilidade.

A literatura acadêmica consagrou a expressão *esportes modernos* para diferenciá-los das atividades semelhantes que existiam nas sociedades “tradicionais”. Algumas das modalidades esportivas atuais, como o basquetebol e o voleibol foram de fato criadas nesse contexto mais recente, mas muitas outras são resultado da evolução de práticas lúdicas, jogos de origem muito remota, tais como o futebol, o rugby e o surfe.

Portanto, o que diferencia mais precisamente os esportes modernos dos anteriores não é propriamente o conjunto de modalidades praticadas, mas sim a natureza e a finalidade destas. Os esportes modernos, em resumo, apresentam grande estrutura jurídico-organizacional, estatuto internacional, regras precisas, aperfeiçoamento constante dos atletas em busca de recordes e realiza-se em espaços especificamente elaborados para tal fim como os campeonatos, com medições e formas precisas (Elias & Dunning, 1992).

Os esportes são, portanto, um componente fundamental da modernidade. Creio que é no seu horizonte de sentidos que pode ser melhor compreendido. Elias (1992, p. 40) lança uma indagação fundamental: *que tipo de sociedade é esta onde cada vez mais pessoas utilizam parte do seu tempo na assistência ou participação em confrontos regulados de habilidades corporais que chamamos desporto?*

Elias (1992) buscou o fundamento num amplo conjunto de transformações morais e comportamentais que denominou “processo civilizador”. Um dos elementos presentes nesse processo é o que chama de *esportização, ou seja*, o amplo processo de transição dos jogos (tradição oral, sem regras escritas) aos esportes (fenômeno explicitamente regulado e aceito mundialmente).

Para o autor, o fenômeno esportivo é um processo social inevitável, mas não quer dizer que a resistência morreu por completo. *O conflito relativo ao problema de o esporte ser orientado para o divertimento, de ser amador, em oposição a orientação dominada pela preocupação quanto a resultados, das formas profissionais* e da concepção de esporte, está presente em algumas práticas como o surfe, que para além de ser progressivo, o processo foi e continua a ser conflituoso, fato que compreende um *processo social cego e de longa duração* (Idem, p. 300).

Nesta pesquisa, trabalho com a idéia do surfe como esporte-jogo, pois é uma atividade para os jovens que participam da constituição do seu ser, não só da dimensão física, mas também intelectual e emocional. Sob a ótica de Elias (1992, p. 302),

Esportes e jogos são organizados e controlados, bem como observados e praticados, enquanto configurações sociais. Aliás não se encontram socialmente separados e desinseridos sem relação com a estrutura mais vasta de interdependências sociais, mas intimamente entrelaçados, muitas vezes de forma complexa, com a estrutura da sociedade em geral e com a maneira como esse tecido é entrelaçado que no âmbito da estrutura das interdependências sociais. O conceito da dinâmica de grupos de desporto refere-se a jogos como processos, isto é, ao padrão fluido e dinâmico formado, por assim dizer, como corpo e alma pelos participantes interdependentes no jogo em desenvolvimento.

Em contrapartida, aquilo que convém chamar de “indústria do surfe” só veio à tona na cena californiana dos anos 50. Foi a partir desse momento, do sonho americano do “eterno verão californiano” que uma série de componentes que hoje consolidam o “circuito do surfe” começou a se formar e ganhar importância no mercado de bens de consumo, a saber: surfshops, filmes de surfe, surfwear, revistas especializadas, entre outros.

A noção de circuito trabalhada por Magnani (2002, p. 23), refere-se a uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantém entre si uma relação de contigüidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais. Assim, quando faço referência ao “circuito do surfe”⁸¹ estou me referindo a um conjunto de lugares,

⁸¹ Na linguagem dos surfistas, os circuitos são campeonatos anuais divididos em várias etapas, estas realizadas em picos e tempos diferentes, cada uma com determinada pontuação, mas que ao final, é o vencedor do circuito aquele que tiver conseguido somar durante todas as etapas o maior número de pontos. Nesse sentido, o circuito pode ser um princípio de classificação, a saber: circuito cearense de surfe, circuito universitário de surfe, circuito

equipamentos, unidades de produção, práticas etc, que envolvem as dimensões da produção, do consumo e da prática, que ajudam a constituir aquilo que denomino “mundo do surfe”.

A Califórnia foi o berço de importantes movimentos juvenis, como os “hippies”, os “freaks” e uma gama de manifestações e movimentos que se iniciaram nos anos 50 como os ‘teenargs’. Foi ouvindo o grupo Beach Boys (garotos de praia) que os garotos americanos começaram a prática do surfe, esporte que se tornou um verdadeiro estilo de vida dos jovens americanos. O “som” da Califórnia também traduziu a proliferação dos estilos juvenis; surge assim, na cena musical o “Surfing Music” popularizado pelos Beach Boys. O lugar abrigou também o início do movimento hippie que com a popularização do uso de drogas alucinógenas como o LSD (Ácido Lisérgico), produziu o Rock Psicodélico, “Acid Rock”, tendo um dos grandes expoentes a banda “The Doors”, liderada pelo “gênio alucinado” Jim Morrison.

Em alguns países o surfe começou a ser praticado regularmente por volta dos anos 20, quando começou a se organizar os primeiros campeonatos na Califórnia. Em meados de 1950, com a criação da prancha de fibra por Bob Simons, as pranchas passaram a ser comercializadas. Na década seguinte, o surfe tornou-se competitivo e profissionalizante, “mergulhou de cabeça” nas “ondas da mídia”, buscando ocupar novos “picos” no mercado.

A partir daí, a evolução das fábricas de pranchas, roupas e outros equipamentos destinados ao surfe foram constantes. Em 1975, o surfe estava sendo reconhecido mundialmente como um esporte radical⁸², de alto rendimento e ligado diretamente à natureza, ganhando assim, um número considerável de praticantes em vários locais do mundo, onde as condições do mar eram propícias à prática do esporte. Hoje, o surfe está entre os três nordestino de surfe profissional, circuito brasileiro amador, circuito mundial de surf profissional.

⁸² Apesar de ser considerado radical, segundo os especialistas em educação física, o surfe é bastante seguro se for praticado em local seguro e sob condições adequadas. A média é de 3,5 lesões para cada 1.000 dias de prática, o que é muito baixo quando comparado com o voleibol, por exemplo, que são 9,5 lesões por 1.000 dias de prática. Cf. em www.unipran.unimonte.br/historico.asp. A segurança vai depender das condições em que se pratica o esporte e onde se pratica. Um surfe, por exemplo, na praia de Piedade ou de Boa Viagem no Recife pode ser bastante perigoso, vários surfistas já foram atacados por tubarões. Ou ainda, o surfe em Teahuupoo no Tahiti, que chega a formar ondas de até 15 pés (5m) de altura sendo numa profundidade de meio a um metro, sobre uma enorme bancada de pedras e corais. Populamente no mundo todo, por todos os surfistas, esse lugar é conhecido como *picos dos crânios rachados*.

esportes mais praticados do mundo, estima-se em torno de vinte milhões de surfistas espalhados pelo globo.

Dessa forma, foi criada uma entidade a fim de desenvolver o surfe profissional, a IPS (International Professional Surfers), realizando campeonatos pelos principais picos de surfe no mundo. Atualmente, a ASP (Associação dos Surfistas Profissionais) é quem regulamenta e traça as diretrizes do esporte. Os maiores surfistas do mundo disputam anualmente o WCT⁸³ (World Championship Tour) e daí consagra-se o campeão mundial; já o WQS (World Qualifying Series) é a segunda divisão do circuito mundial de surfe profissional e que dá acesso aos atletas, conforme a classificação, ao WCT.

O maior surfista de todos os tempos é, sem dúvidas, o americano Kelly Slater. Foi oito vezes campeão mundial recorde absoluto. E ainda, inovou a maneira de praticar o esporte com manobras cada vez mais ousadas e que exigem uma maior técnica, agilidade e habilidade do atleta. O surfista, autor de várias manobras, é até hoje o maior ídolo entre os “brothers”, tanto dos profissionais quanto dos iniciantes. Não existe no mundo um surfista que não saiba quem é Kelly Slater. Seu estilo único e suas manobras criativas mudaram o rumo do surfe. Ainda hoje o atleta é o maior destaque do esporte e atrai além de um grande público, toda a atenção da mídia.

3. O Surfe chega ao Brasil junto com as “ondas” da modernidade.

Os anos 50, com o Governo JK (1956-1961) trazem a euforia do desenvolvimento e do progresso. Foi com a “marcha para o oeste” que Juscelino Kubitschek anunciou a mudança da capital federal para Brasília e de novos tempos para o Brasil.

A partir de 1950, o Brasil vai viver um período de urbanização elevada aliado ao sentimento de euforia e otimismo sentido pelos brasileiros com a “implementação” das políticas desenvolvimentistas, expectativas expressas em um novo padrão de urbanidade e da experimentação de novos estilos de vida. É nesta década, que surge a televisão, a intensificação dos meios de

⁸³ Assim como no futebol, o surfe profissional mundial apresenta divisões por nível, dividindo os atletas em primeira e segunda divisão. O WCT é a primeira divisão do surfe profissional mundial, já o WQS é o circuito da segunda divisão. Para um surfista ir para o WCT ele tem que ficar bem classificado no WQS. No WCT participam 44 atletas, sendo que, todos os anos saem os 15 últimos surfistas do ranking e entram os 15 atletas melhores classificados no WQS.

comunicação de massa como o cinema e o rádio, assim, a classe média brasileira cada vez mais passou a assimilar padrões de comportamento “vindos de fora”. O estilo de vida norte-americano popularizado pelo cinema exerceu grande influência na mudança de valores, hábitos e modos de agir dos jovens brasileiros.

A violência e o inconformismo da juventude no pós-guerra, logo se tornam um novo tema descoberto e explorado por Hollywood. James Dean converte-se em um dos maiores “mitos” da rebeldia juvenil. Uma rebeldia “ingênua”, um desejo de “viver intensamente” surgia na juventude ocidental. A chamada “juventude transviada” começava a delinear uma consciência etária alimentando a oposição jovem/não jovem (Carmo, 2001).

Mais do que um gênero musical, o rock transforma-se em estilo de vida, em símbolo que ultrapassa a esfera da música. Gerando uma mudança comportamental na juventude, logo visível pela manifestação de “novos corpos” nas cidades: blusões de couro, lambretas, o cigarro, a calça brim e o autêntico jeans. Conforme Carmo (2001, p. 32), *pela primeira vez milhões de jovens no mundo são seduzidos por um gênero musical que consegue se tornar um agente de radical transformação no modo de se vestir, pensar e agir*.

Essa discussão ganha maior complexidade a partir dos anos 60, que são considerados como um marco de uma nova expressão cultural juvenil *ampla e internacional ligada ao tempo livre e ao lazer, que abarca novas atividades e espaços de diversão e novos padrões de comportamento, especificamente juvenis, que produzem uma série de atritos e conflitos com as normas e instituições e seus representantes* (Abramo, 1994, p. 28.).

É esse o momento da chegada do surfe ao Brasil, no contexto da emergência de uma “nova” cultura urbana que permitiu a diversificação de culturas juvenis e a heterogeneidade de estilos de vida como o surfe, que foi apropriado, experimentado e re-significado pelos jovens nas cidades litorâneas.

Entre o início de sua prática ainda no fim dos anos 30 até a década de 60, o surfe viveu seu período “marginal” ou amador. Nos anos 70 continuou a ser em grande parte, amador e marginal – era uma cultura “exótica”, não brasileira e de classe média. A década de 80 ficou marcada pela busca da institucionalização e pela desconstrução dos preconceitos que permeavam no imaginário social em relação ao esporte (Fortes, 2006).

Finalmente, nos anos 90 o surfe vai viver seu período “de ouro” no Brasil, com o aprofundamento da institucionalização do esporte, a partir da profissionalização dos atletas e do crescimento extraordinário do mercado do surfe. Durante as décadas de 80 e 90 o “*circuito nacional do surfe*” cresce consideravelmente no país: fábricas de roupas, equipamentos, acessórios, lojas e marcas surfwear; mídia especializada, sobretudo, revistas, programas de TV, produções audiovisuais e sítios na internet; o número de campeonatos e a qualidade das competições e dos praticantes.

No Brasil as primeiras pranchas, então chamadas de “tábuas havainas”, começaram a chegar ao país trazidas por turistas americanos. Embora a primeira prancha que se tenha notícia deslizando sobre as ondas brasileiras tenha sido produzida em 1938, por Osmar Gonçalves⁸⁴, foi somente nos anos 50 que um grupo de amigos cariocas começou a descer as ondas de Copacabana com pranchas de madeira.

O esporte começou a se popularizar e nesse sentido, pode-se falar no início da “cultura surfe” no Brasil. Nesse período, as praias cariocas enchiam nos finais de semana, daí surgiram nomes importantes na história do surfe como o mitológico “Paulo Preguiça”, Luiz Bisão, Arduino Colassanti, entre outros. Todos utilizavam pranchas de madeiras, chamadas de “portas de Igreja”. O surfista Tony Fonseca⁸⁵ que surfou nesse período em Copacabana descreve o momento: *surfear era uma atração – as pessoas se reuniam para ver os volteios dos surfistas – era, sobretudo, um desafio. A gente descia toda a parede deitado e quando a onda quebrava é que ficava em pé na espuma.*

As primeiras pranchas de fibra de vidro, importadas da Califórnia, só chegaram ao Brasil em 1964, trazidas por pilotos americanos que nas horas de folga surfavam nas ondas de Copacabana e por filhos de turistas americanos que surfavam no mar do Arpoador. Em 1965, foi fundada a primeira entidade de surfe do país, a Federação Carioca de Surf que organizou o primeiro campeonato de surfe em outubro daquele ano. Nesta etapa inicial, não havia

⁸⁴ Osmar era filho de um bem sucedido exportador de café que lhe trouxe dos Estados Unidos uma revista chamada Popular Mechanic. Nesta Revista, havia um arquivo que ensinava como fazer uma prancha. Foi aí que Osmar, com ajuda de dois amigos fez uma prancha que pesava 80 kg e media mais de 3 m, mesmo assim, esse grupo de amigos surfou nas ondas do canal 3, na baía de Santos.

⁸⁵ Jornal O Povo, 06/03/78.

propriamente um mercado do surfe e os produtos provinham dos Estados Unidos.

Nos anos 70, surgiram os primeiros campeonatos de surfe, verdadeiramente organizados, dotados de certa estrutura, regras claras e premiações, os “Festivais Nacionais de Saquarema”. Em contrapartida, o surfe ao mesmo tempo em que se organizava e dava os primeiros passos para o profissionalismo, refletia também, o movimento cultural mundial denominado “contracultura”, pautado na busca de um estilo de vida alternativo a partir da valorização da natureza, das experimentações das drogas, do sexo livre e do gosto pelo rock’roll.

As realizações desses eventos e sua divulgação na mídia não especializada puseram em evidência uma imagem que os surfistas carregam até hoje, alicerçada no estereotipo hippie, isto é, atribuindo a esta prática características “marginalizadoras” que comumente associam aos surfistas a representação do “jovem vagabundo”, “vida mansa” ou ainda, “maconheiro”. Como demonstra a definição dada aos surfistas por um jornal local⁸⁶: *Cabeça amarela, nariz branco, pele bronzeada e um idioma próprio bem próprio e irreverente. Essas características aliadas ao rótulo de irresponsável e viciado em drogas faziam o perfil do surfista das décadas 60 e 70.*

Já nos anos 80, quando houve a explosão comercial do esporte, o surfe passou a se desenvolver dentro da perspectiva de expansão da indústria do entretenimento, quando, utilizando a expressão de Helena Abramo, a cena juvenil – entendida sinteticamente como a emergência de uma série de estilos juvenis no espaço público urbano - passou por um período crescente de expansão e popularização no país (Abramo, 1994).

Nessa abordagem, constituiu-se aos poucos uma estrutura mercadológica que passou a abranger públicos maiores, almejando dentro das práticas de lazer uma atividade que os diferenciasse. Entretanto, o surfe não aparecia isolado nesse contexto, dialogando, inclusive, com outros fenômenos emergentes, tais como a prática do skate e o consumo cultural do rock nacional, por exemplo.

Com a consolidação do “circuito do surfe” no mercado nacional e o gradativo crescimento do número de surfistas na cena urbana, esses jovens

⁸⁶ Jornal O Povo, 08/01/1989.

passaram a delimitar seus espaços na cidade, mas também e fora dela, em busca de “novos picos” com ondas perfeitas “quebrando na arrebentação”.

No espaço público das praias alguns “territórios” são construídos, determinados por certa circunstância essencial para a prática do esporte: ondas surfáveis. Assim, uma rede de sociabilidade específica constituiu-se em torno dos jovens surfistas, o que levou o surfe a se consolidar como um “estilo de vida” juvenil em destaque no interior da trama urbana.

Os anos 80 também são importantes na questão da profissionalização do esporte, pois é quando surgem os primeiros surfistas patrocinados por surfwear⁸⁷ que podem viver “do surfe e para o surfe”. Nesse sentido, isso legitima ainda mais o esporte que estava se consolidando no cenário nacional, uma vez que o surfe só foi realmente reconhecido como um esporte em 1978, pelo Conselho Nacional de Desportos.

A busca pela institucionalização do surfe pode ser compreendida por meio da matéria feita pelo Jornal o Globo⁸⁸ sobre os surfistas Peterson Rosa, na época com 15 anos e o surfista Vitor Ribas, com então 17 anos.

Esses são apenas dois exemplos da mudança de comportamento dos surfistas no Brasil. Se antes surfistas matavam aula apenas para pegar onda, sem nenhuma finalidade útil, hoje essa atitude tem um caráter mais profundo. Com a permissão dos pais, eles estão abrindo mão dos estudos em favor da profissão de surfista. Os mais novos estão apostando no crescimento cada vez maior do esporte no Brasil e no mundo, e perceberam que o profissionalismo no esporte pode ser altamente compensador.

Nessa mesma década, foi criada a Associação Brasileira de Surfe Profissional (ABRASP), em 1986, que no ano seguinte realizou o primeiro Circuito Brasileiro de Surfe Profissional. Em 1987, é fundada a Associação Brasileira de Surf Amador (ABRASA), tendo como finalidade principal o desenvolvimento e a padronização dos critérios das competições de surfe e a coordenação do surfe amador em todo o Brasil. Em 1998, a ABRASA foi substituída pela Confederação Brasileira de Surf (CBS)⁸⁹.

⁸⁷ As surfwear's são marcas de roupas, sapatos e acessórios, todos, inspirados no estilo-surfe. Essas marcas tiveram e ainda têm uma grande participação na difusão do esporte-jogo pois, são elas que financiam os campeonatos, as propagandas publicitárias e que patrocinam os surfistas profissionais ou free-surfes profissionais.

⁸⁸ Jornal O Globo, 01/10/89.

⁸⁹ Ver nos anexos o documento da CBS que regulamentam as regras de competições aqui no Brasil.

Também é o período da organização de uma imprensa especializada, propiciando ainda mais o surgimento das marcas surfweares e publicações de revistas que divulgam o estilo dessa “tribo”, atraindo, portanto, novos adeptos ao esporte, e ao mesmo tempo, construindo os primeiros ídolos do surfe. O plano cruzado trouxe uma explosão de consumo em diversos setores e a imprensa não ficou de fora. Pelo menos nesse aspecto o surfe teve maior visibilidade no mercado “jornalístico” do que o futebol. Contra uma revista de futebol, a Placar, o surfe tinha neste período sete revistas especializadas: Fluir, Visual Esportivo, Visual Surf, Inside, Costa Sul, Surf Nordeste e Trip. Esta última, em 1986, alcançou uma tiragem de 300.000 exemplares por trimestre. Neste aspecto, uma das funções da imprensa especializada foi de “decodificar”, “desconstruir” a antiga imagem do surfista, havendo esforço para “limpar” o surfe e seus praticantes de estigmas que, historicamente o cercavam.

É também na década de 80 que vai ao ar o primeiro programa de televisão especializado em esportes de ação: Armação Ilimitada. Os filmes do cinema e os comerciais de TV sobre o surfe foram fundamentais para exposição do esporte. Em 1981, “Menino do Rio”, filme de Antônio Calmom, levou dois milhões de pessoas às salas de cinema para assistir a primeira película brasileira sobre o surfe, seguida por dois filmes ainda nesse mesmo período: Nas Ondas do surf e o Manobra Radical.

Na virada para a década de 90, as pranchas passaram a ser ainda mais leves, aumentando a velocidade e a fluidez dos surfistas que passaram a praticar manobras mais radicais nas ondas, caracterizando uma nova geração do surfe. Nos últimos anos, os longboarders (os pranchões) começaram a ressurgir nas praias brasileiras, possibilitando a volta dos surfistas mais antigos, promovendo, assim, uma mistura de gerações. É também nesse período que há um aumento substantivo da prática do surfe no universo feminino.

Na década de 90, para a legitimação do “circuito do surfe”, a preocupação foi consolidar o surfe como um negócio. A questão central foi o consumo, ou seja, a construção do jovem ligado ao *estilo-surfe* como consumidor. A estratégia utilizada foi a publicidade veiculada nas mídias segmentadas mencionadas no parágrafo anterior, aliada ao surpreendente

crescimento das surfwears no mercado consumidor juvenil de roupas e acessórios. Foi também o período dos grandes eventos de surfe no país e da conquista de alguns importantes títulos mundiais.

Somente no fim dos anos 90 que o surfe feminino vai ser reconhecido como um importante segmento do esporte. Até então, as meninas que surfavam “corriam campeonato” junto com os meninos nos circuitos masculinos. Em 1997 foi realizado o primeiro circuito profissional de surfe feminino. Porém, ainda hoje, percebe-se a ‘desvantagem’ das mulheres no campo do esporte em diversos aspectos, como por exemplo, nas premiações. A premiação do circuito profissional masculino chega a ser, praticamente, mais do que o triplo da premiação destinada às mulheres. Embora o número de participantes do circuito feminino seja inferior, proporcionalmente o valor das premiações é bem menor. Este fato também ocorre no WCT.

Hoje, o Brasil é o terceiro país no mundo com maior número de praticantes de surfe, perdendo apenas para os Estados Unidos e a Austrália. Estima-se que há cerca de dois milhões de surfistas no país, assim, o surfe é o segundo esporte mais praticado, perdendo apenas para o futebol. O gênero “surfwear” é o vestuário mais usado no dia-a-dia na faixa de 10 a 35 anos de idade. Nosso mercado nesse segmento é o quinto maior do mundo.

O surfe é responsável por grande parte do noticiário esportivo, tendo contratos de imagem com algumas das principais redes de televisão esportivas; tanto em canais abertos como na TV Rede Globo, como em canais por assinatura: ESPN internacional, Sportv, Fox Sports. Um exemplo relevante foi em 1999, a etapa brasileira válida pelo circuito mundial, o WCT, no Rio de Janeiro. Esse evento foi transmitido pela Sportv e teve público estimado de um milhão de pessoas. Além disso, diversas publicações especializadas circulam no Brasil, entre elas, a revista Fluir (tiragem de 100 mil cópias), a revista Hard Core (60 mil cópias) e Alma Surf (30 mil cópias).

O surfe é, portanto, uma “cultura juvenil”, um estilo de vida que se referencia em grande parte no consumo, mas vai além dele. Cultura e consumo aparecem intimamente ligados; é uma cultura que se cruza e se desenvolve com referência nos meios de comunicação de massa. Dessa forma, não é o caso de dizer que ela se faz *nos* ou *por causa dos* meios de comunicação de

massa, mas de analisar em que medida a aparição neles se relaciona com a afirmação, disseminação e popularização do surfe (Fortes, 2006).

É um esporte-jogo que se re-significa e se desenvolve - de prática de lazer dos reis havaianos para o universo dos esportes radicais amplamente disseminado pelos meios de comunicação. O surfe se popularizou e se profissionalizou, tornou-se cada vez menos marginal. Essa prática não escapa à lógica da sociedade do consumo. Por outro lado, viola a efemeridade de certas práticas de consumo, rapidamente abandonadas em função de outras mais novas ou mais modernas. Nesse sentido, o surfe é um referencial para quem vive e faz na metrópole, e dele faz seus usos e “contra-usos” do espaço urbano.

Para Leite (2003), os contra-usos são as práticas de espaço, as táticas, quer dizer, as práticas inesperadas que subvertem os usos esperados, em especial, aquelas que têm o objetivo de fragmentar a totalização estandardizadas pelas estratégias das intervenções urbanas. Assim, a quebra das homogeneidades de sentido e do território circunscrito seria um segundo efeito dos usos táticos do espaço urbano, pois é dali que emergem lugares diferentes, lugares da diferença e dos sentidos.

Nessa perspectiva, os surfistas realizam nos espaços apropriados, os picos, algumas práticas de contra-usos do espaço litorâneo, práticas de indisciplina como, por exemplo, os territórios construídos, as rodas de baseado ou o surfe proibido na Praia Mansa. Os usos e ocupações do espaço litorâneo pelo surfe instituem relações de negociação e conflito com outros usos legitimados pelos diversos segmentos da sociedade. A partir desse movimento se construiu a história do surfe em Fortaleza, em relação com os processos de apropriação das paisagens urbanas, assim como, os processos de construção do “circuito do surfe” no espaço litorâneo.

4. A apropriação dos picos e a construção dos circuitos de surfe no espaço urbano.

Em Fortaleza, a relação com a paisagem litorânea foi sendo construída ao longo dos anos, sendo influenciada por fatores de ordem social, econômica e cultural. Dependendo da temporalidade, teve significações diferenciadas.

Do total desinteresse dos primeiros tempos, quando tinha apenas a função de suprir as comunidades de pescadores e de possibilitar as trocas comerciais com os pontos externos, até os dias de hoje, quando tem suas potencialidades naturais exploradas a exaustão pela indústria turística, o mar sempre manteve com a cidade um convívio estreito, que passa pelo aspecto de subsistência, do comércio, do deleite, do lazer e da identidade (Pontes, 2005, p.89).

No início, Fortaleza expandiu-se em direção oeste, sul e sudoeste, haja vista o Riacho Pajeú representar um obstáculo natural para o lado leste. Nos anos de 1875 a cidade ainda era pouco ocupada no lado leste. A Aldeota ainda era sítio e Fortaleza crescia para o lado sul no sentido da Avenida João Pessoa. A Jacarecanga, a oeste transforma-se no bairro das elites, vários casarões faziam parte da paisagem da Avenida Francisco Sá, também a oeste. Depois, a cidade desloca-se também para o bairro Benfica que fica também ao sul.

Conforme Pontes (2005), até os finais do século XIX, a área da costa de Fortaleza, como na grande maioria das capitais, era espaço de depósito de lixo e de barris de esgotos trazidos pelos escravos. Somente nos princípios do século XX, a partir da promoção de políticas higienizadoras e de remodelação urbana quando algumas cidades brasileiras passam a ser influenciadas pelo modelo francês, é que o espaço da praia passa então a ser utilizado para prática de esportes náuticos e banhos, atividades agora consideradas como benéficas para a saúde e para o corpo⁹⁰. Assim,

[o] mar vai se afirmando cada vez mais como espaço de sociabilidade. A princípio, das classes abastadas, para posteriormente constituir-se opção de lazer também das camadas populares, acarretando a segregação do espaço físico temporal, que delimita zonas de freqüência e usos diferenciados dos diversos estratos sociais (Pontes, 2005, p.92).

Somente a partir dos anos 20 é que a praia começa efetivamente a ser utilizada para atividades de lazer, já que antes era território exclusivo de pescadores e incursões esporádicas de boêmios. Com o advento da construção do porto do Mucuripe, 1938-1951, a camada mais pobre da população encontra no litoral a possibilidade de passadio. Até a primeira metade do século XX, as zonas de praia eram ocupadas majoritariamente pelos pobres, em especial, os pescadores. Os abastados rejeitavam o mar,

⁹⁰ Segundo Pontes (2005) essa tendência foi praticada tardiamente aqui no Brasil, já que na Europa acontecia desde a segunda metade do século XVII, quando os discursos médicos enaltecem os efeitos terapêuticos dos banhos marítimos.

pois o associavam aos setores de baixa renda. Mesmo com os discursos médicos, que afirmavam dispor o litoral fortalezense de excelentes condições climáticas para o tratamento de doenças respiratórias, a cidade ainda não se voltava para o mar, certamente devido à natureza interiorana de sua elite: provenientes do sertão (Dantas, 2002).

Nos anos de 1924 até 1928 acontece a implantação das indústrias na Avenida Francisco Sá. Com a seca de 1932 ocorre uma intensa migração dos sertanejos formando as zonas periféricas da cidade, nesse tempo, localizavam-se na zona litorânea oeste. Surge a Favela do Pirambu, o Arraial Moura Brasil e a Favela do Mucuripe. Assim, a alta sociedade migra da Jacarecanga para o Benfica e para Aldeota, a partir dos anos 40. Nesse tempo o litoral era muito pouco valorizado, por isso as edificações da época eram de costas para o mar.

Nessa mesma época, a Praia de Iracema, sua constituição como um espaço de acentuada referência simbólica remonta à sua “criação”, quando deixou de ser a Praia do Peixe, a praia da venda do peixe, para tornar-se a bucólica Praia de Iracema. O bairro surge, na década de 1920, como uma novidade no contexto fortalezense: um balneário que passa a congregar os grupos abonados da cidade, introduzindo uma inédita forma de lazer na cultura urbana local.

Objetivou se construir uma nova imagem para o lugar, onde, até então, só existia “pinga, jogo de caipira e facada de pescador”, nas palavras de um velho morador do bairro. Assim, ao invés “*de Praia do Peixe, nome que exala intenso fartum de vísceras de garôpa expostas ao sol*”, como sugere uma crônica de 1925⁹¹, o bairro ganha, naquele ano, uma sugestiva e sonora denominação, que contribui para promover a assepsia do local, inserindo-o nos padrões de uma nova e refinada sociabilidade. Transformada “*numa grande parada de elegância*”, a praia passou, então, a ser de Iracema.

⁹¹ Cf. em www.rotaceará.com.br



FIGURA 7: Praia de Iracema nos anos 1940.

A partir de meados dos anos de 1940, as obras do porto do Mucuripe provocaram alteração no movimento das correntes marinhas e atingiram violentamente a Praia de Iracema. A destruição de parte do casario e a drástica redução da faixa de praia iriam provocar o abandono dos usos que lá se verificavam: o balneário entrou em decadência e os pescadores, em sua maioria, partiram para outras praias, a exemplo do Poço da Draga e do Mucuripe.

Entretanto, tal qual ocorrera com a jovem índia a quem o bairro tomou emprestado o nome, o mar acabou tendo um efeito devastador na vida da Praia de Iracema. Esse mesmo mar, que levou o amado Martim para novas aventuras guerreiras, acabou destruindo parcialmente a praia, pois as obras de construção do porto do Mucuripe, na década de 40, provocaram o avanço das marés sobre a areia e o desmoronamento de várias edificações. O novo porto também teve efeitos negativos para a economia do bairro, pois acarretou a transferência, para o Mucuripe, de grande parte dos depósitos, armazéns e escritórios. Em 1953, *“já se dizia que a Praia de Iracema não mais existia. Restavam apenas trechos do antigo local pitoresco da cidade”* (Jucá, 1993, p. 73). O poeta e compositor Luiz Assunção, na época, assim cantou essa destruição: *“Adeus, adeus / Só o nome ficou / Adeus Praia de Iracema / Praia dos amores que o mar carregou...”* (GONDIM, L., 2000, p. 7).

Durante o século XX, ocorreu a incorporação lenta e gradual das praias, intensificando-se a partir dos anos 50, notadamente com a adoção das novas práticas marítimas interiorizadas pelas classes abastadas: os banhos de mar, os esportes náuticos, as caminhadas nas praias e o veraneio. Este lento movimento da cidade em direção à zona costeira cresce, a partir da

incorporação gradual e progressiva de áreas anteriormente ocupadas por populações pobres, gerando conflito e suscitando expulsões. Conforme Dantas (2002):

De uma praia ocupada por veranistas (crônicas mencionam a existência de pequenas chácaras nesta praia. Conforme Cordeiro Neto (1964), elas eram praticamente interditadas à população, sendo quase privada dos moradores) e pescadores (entre eles os expulsos da praia de Iracema e os proprietários de pequenos bares e restaurantes que, segundo Mello (1953), encontravam-se misturados à praia, com suas jangadas e coqueirais), a Beira Mar afirma-se após os anos 1960, como lugar de encontro da sociedade e de habitação da população abastada. Em substituição a praia de Iracema, estabeleceram-se, na Beira-Mar, clubes, residências pra a elite, prédios comerciais, bem como serviços diversos (Idem).

Só com a abertura da Avenida Beira Mar, na década de 60, é que a cidade recebe equipamentos hoteleiros na praia com foco no turismo. Até os anos 40, a cidade dava “as costas” para o mar, os deslocamentos tinham a ver com as visitas às famílias, idas às escolas. *Não havia este conceito elaborado de turismo*, diz Borzacchiello⁹². A cidade tinha formato estelar, com saídas para os eixos da Bezerra de Menezes, Parangaba, através do Benfica; Estrada do Gado, pelo Montese; eixo Atapú para Messejana, e eixo Mucuripe, na região onde hoje fica o corredor comercial da Avenida Monsenhor Tabosa.

A Praia aparece, portanto, como local de encontro da terra com o mar e de ruptura e descontinuidade estabeleceria, segundo Linhares (1992), conteúdos ligados à liberdade e a transgressão imagética. *Esta praia, local de passagem, partida e chegada no seu antigo uso portuário, pode ser agora novamente o espaço do trânsito, cujas marcas seriam as do consumo de diversão, e desfrute do tempo livre.*

É esse contexto de apropriação do espaço litorâneo como espaço de lazer para as elites que vai permitir o surgimento do surfe em meados dos anos 70 na cidade. Foi no fim dos anos 60, que um jovem cearense chamado Sérgio Capibaribe foi ao Rio de Janeiro participar de uma competição de natação e lá conheceu o surfe, começou a praticar o esporte e o trouxe para a cidade.

Em Fortaleza o surfe teve início por meio dos jovens de classe média e alta que, ao viajar para o Rio de Janeiro, apropriaram-se desta prática trazendo-a para as praias do Ceará. Nos anos 70, um dos principais espaços

⁹² Conferir em Borzacchiello, José. *Economia dos armazéns e das praças*. In: Revista Fortaleza. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2006.

da cidade ocupados pelos surfistas era a Avenida Beira-mar. Os “picos” preferidos nessa época, localizavam-se no litoral leste da cidade, nas praias do Náutico, Ideal e Diários⁹³. Segundo Eugênio um dos primeiros jovens a surfar na cidade, ainda no ano de 1973, *o surfe era literalmente um esporte de elite, pois os equipamentos eram muito caros, eram todos importados*. Os jovens de classe média os conseguiam no Rio de Janeiro, já os jovens ricos os compravam nos Estados Unidos.

Nesse período, a Beira-Mar era também o espaço de sociabilidade da “elite” da cidade, principalmente, os clubes que era um espaço de sociabilidade dos jovens abastados. A Aldeota passa então a ser o novo centro para essas populações privilegiadas, conforme Linhares (1992, p.345), *o centro antigo torna-se cidade antiga, centro dos pobres da zona oeste. A cidade nasce para os ricos, dispersos nas longas avenidas abertas na Aldeota, depois Nova Aldeota, depois Praia do Futuro e Beira-Mar*.

A partir dos anos de 70 e 80, começa a valorização da zona litorânea. Grandes programas de “desfavelamento” da periferia se realizam nesse período. Na década de 70, acontece a retirada da favela “da cinza” para a construção da Avenida Leste-Oeste. Nesse período, não havia indenizações para a desocupação, causando uma série de conflitos na retirada.

Com a construção do Porto do Mucuripe e de outras intervenções como a construção de vários paredões, essas obras influenciaram a força das marés e o processo de ondulação. Logo, os picos do litoral leste da cidade passaram a ficar “flat”, sem onda; ao mesmo tempo na Praia de Iracema o mar avançou, destruindo a faixa de praia.

Nosso mar é o melhor para ondas, mas devido a construção do porto e dos paredões que fizeram para proteger a cidade, nosso surfe foi prejudicado. Se por um lado deu segurança a população da orla marítima, por outro acabou com as ondas dos surfistas. Porque modula as correntes que vão batendo e acabam morrendo⁹⁴.

⁹³ Essas também eram as praias mais freqüentadas pelos “notáveis” fortalezenses. Note-se que a referência das praias eram três grandes clubes da cidade: Náutico, Ideal e Diários. A partir dos anos 50, com a construção de vários clubes no bairro da Aldeota, entre a praia de Iracema e o Meireles, consolidou-se a zona leste da cidade como a preferida dos ricos, influenciada pela concentração das sedes dos clubes nessa área, aliada ao fator da decadência do centro como núcleo polarizador da sociabilidade. Assim, a zona da praia passou a exercer uma forte atração para os moradores de Fortaleza, principalmente, a partir de 1962 com a abertura da Avenida Beira-Mar (Pontes, 2005).

⁹⁴ Depoimento do surfista Sergio Capibaribe para o jornal Diário do Nordeste em 16/06/86.

O surfista Sérgio Capibaribe lembra com saudade de outro pico que “antigamente rolava altas ondas”, a Praia Mansa, também chamada Titã ou Imbinhoara. Esse lugar foi afetado pelas inúmeras intervenções no litoral, hoje em dia é território da Companhia Docas do Ceará. Restaram três picos nessa área: o Portão em frente ao moinho M. Dias Branco, o Titãzinho e o Vizinho, localizados um pouco mais a frente no bairro Serviluz, sendo um pico no lado direito e outro do lado esquerdo do paredão.

As ondas da Praia Mansa (Titã) eram consideradas uma miniatura do Havaí. Aumentaram o paredão do Titãzinho e o paredão da Praia de Iracema, matando as ondas da Praia Mansa. Apesar disso ainda pode se pegar onda o ano inteiro no Titãzinho, embora não seja a mesma coisa (Sergio Capibaribe).

A primeira oficina de prancha na cidade foi aberta em 1973, como descreve Sérgio⁹⁵, que trabalhou nela na época:

Naquele tempo eu trabalhava numa oficina de fundo de quintal de alguns amigos, cheguei até a fazer sociedade com o Mororó, surfista e fabricante. Antes de trabalhar com fibra a gente fazia prancha de madeira, o único material utilizado na época. No início fazíamos prancha de compensado, pois não existia o pólio. O shape era bem grosseiro e o comprimento variava em torno de 7 pés (2, 20m), monoquilhas e bicos largos. Com o tempo vieram as variações de formas.

Em 1972, Odalto de Castro⁹⁶, foi também, um dos primeiros surfistas a praticar o esporte na cidade, quando tinha 15 anos. O jovem da época nos relata como foi difícil ser surfista em Fortaleza dos anos 70.

Eu comecei pegando onda de carretilha em prancha de isopor. Havia poucos surfistas no mar, não chegavam a somar dez. A gente sofria pressões de todos os lados: no colégio, em casa. O surfe tinha a imagem ligada à malandragem de praia, à marginalidade.

Aqui na cidade os primeiros surfistas foram: André Greisser, Mororó, Sérgio Capibaribe e Odalto de Castro. Segundo Gutemberg (1989)⁹⁷, após a segunda metade da década de 70, o surfe nordestino ganhou força e suas praias começaram a ser divulgadas no sul do país. A revista carioca Brasil Surf (a primeira no Brasil), publicou uma matéria em 1976 sobre as “quase extintas”

⁹⁵ Ver jornal Diário do Nordeste em 16/06/86.

⁹⁶ Odalto ficou bastante conhecido nos anos 70/80 por ser o único brasileiro que foi capa da revista “gringa” Surfing Magazine.

⁹⁷ GUTEMBERG, A. A história do surf no Brasil. Azul, 1989. Disponível em www.surfreporter.com.br

ondas cearenses de Imbinhoara, as quais encantaram surfistas paulistas e cariocas.

A partir dessa divulgação, o intercâmbio entre surfistas do Sul e Nordeste, aumentou consideravelmente. Muitas caravanas de surfistas chegavam às praias cearenses. Ainda não havia disputas nitidamente explicitadas como a questão do localismo, pelo contrário, os surfistas locais queriam ver as pranchas, as revistas, pedir ou comprar um calção ou ainda um pedaço de parafina, já que não existiam artigos desse tipo na região.

Foi nessa época que o surfista cearense Odalto de Castro começou a fabricar as pranchas Nortão. Aliás, Odalto ganhou um prêmio internacional que nenhum outro surfista brasileiro recebeu até os dias de hoje. Ele foi capa da revista *Surfing Magazine*, em janeiro de 82, quando fazia um “botton turn”⁹⁸ ousado em Pipeline (Havaí).

O surfista Waltão⁹⁹, conta como foi o processo de fabricação de pranchas e a difusão da prática de surfe na época, já que foi um dos aprendizes de Odalto.

Meu início contou com a participação bastante efetiva de um dos maiores shapers do Ceará, Odalto Castro, na NORTÃO SURFBOARDS, década de 70. Foi ele quem realmente me ensinou muito do que ainda hoje, vigora nas modernas técnicas de se fazer pranchas de surfe. Eu lamento que o Odalto não tenha continuado, pois na época, com suas viagens para o Rio e São Paulo e posteriormente para o Havaí e América Central, trazia out-lines dos mais atuais para aquela época de início dos anos 80 e com isso, figurava entre os brasileiros que tinham mais conhecimento a respeito de pranchas de surfe. Foi assim que eu, Walter Pinheiro, aprendi a arte de se fazer pranchas, sempre preocupado com a simetria das linhas e das medidas. Isso só poderia ter vindo de uma pessoa altamente qualificada nessa arte. Nessa época chegamos a produzir 200 pranchas de surfe por mês para as Casas Pernambucanas, uma grande loja de departamentos da época, além de mais 100 pranchas para clientes locais e de outros estados do Brasil. Lembrando que esses números eram mensais.

No decorrer dos anos, o esporte passou a ser difundido para outras classes sociais, isto é, em busca de ondas perfeitas outros picos foram desbravados: a praia da Leste-Oeste (Praia Formosa), a Barra do Ceará, a Praia do Futuro, entre outros. Assim, jovens da periferia de Fortaleza entraram

⁹⁸ Bottom Turn ou Cavada é uma manobra em que o surfista faz uma curva na base da onda em direção do lip (crista da onda).

⁹⁹ Entrevista realizada em 05/09/2006 publicada no site www.deolhonaserie.com.

em contato com o universo do surfe a partir da socialização dessa prática com outros vindos dos territórios “nobres” da cidade.

Os jovens da periferia já tinham certa intimidade com as brincadeiras nas ondas, usando tábuas de madeira, conhecidas por “carretilha”¹⁰⁰, jogo parecido com as práticas “primitivas do surfe” realizadas pelos havaianos. Porém, os jovens de classe média ao cederem suas pranchas velhas contribuíram drasticamente para o desenvolvimento do esporte em Fortaleza, principalmente, nas zonas periféricas.

Dida Lopes, hoje um dos shapers mais “considerados” da cidade e dono da Cilindro¹⁰¹ surfwear relata como foi sua infância na Leste-Oeste e seu primeiro contato com o surfe:

Eu morava onde hoje é mar. Existiam 3 (três) ruas que foram engolidas pelo aumento do nível do mar. Já era a Leste-Oeste. Eu morava lá. Tivemos que sair devido ao avanço do mar. Isso lá pelos idos de 1973(...) a maior parte da minha infância foi vendo meu pai na nossa fábrica de sapatos. Nessa época surfista era surfista. Tinha o cabelo parafinado, falava gíria que só os surfistas entendiam, e lógico, também só usavam roupas de surfista.

Como se pode perceber, o estilo-surfe, embora na época, fosse considerado marginal, exercia entre os mais jovens uma grande atração. O surfista local da Leste-Oeste conta como conseguiu sua primeira prancha.

O surfe logo me apaixonou. E eu sempre fui meio curioso com as coisas. Minha primeira prancha foi feita por mim. Aproveitei um bloco de uma prancha Mirage, laminei com massa plástica (aquela de consertar carro) e pintei com tinta óleo. As quilhas foram feitas com janelas de trem. E foi um sucesso, só tinha madeira dentro d'água. E ainda boiava... depois, fiz uma outra prancha que laminei com resina mesmo. Isso já era em 1982 (Dida Lopes).

Assim como Dida, vários outros surfistas, por curiosidade, construíram suas próprias pranchas, foram desenvolvendo as técnicas de fabricação e logo, transformaram-se nos primeiros “shapers”¹⁰² da cidade.

¹⁰⁰ Em 1978 na ponte metálica acontece o primeiro campeonato de carretilha, nas modalidades carretilha de tábua e de peito. Jornal O povo, 06/03/1978.

¹⁰¹ Perguntado por que escolheu este nome para sua marca Dida respondeu: *eu fazia as pranchas Dida Lopes, e já vinha pensando em colocar outro nome no lugar do meu. Um dia, eu estava na casa da minha mãe, tomando um café e vi uma onda quebrar perfeita na Leste. Foi nesse momento que visualizei o nome Cilindro, pois o tubo era isso, um cilindro de água, e a própria onda já seria o ‘C’ da Cilindro...*

¹⁰² O shapper é um design de pranchas, geralmente, dono da fábrica de prancha. Cada shapper tem seu estilo, este reconhecido pelos surfistas. Seu capital simbólico fica mais em evidência à medida que seus atletas patrocinados passam a se destacar nas competições, assim, suas

Quando via a turma pensava: tenho que ter uma prancha igual a do Paulo Barrão, do Baíca, do Assis Patolino e seu irmão o Beto, do Negão Aloísio, do Pena, etc... as pranchas eram todas do Sul: K&K, etc...ainda possuí uma Nortão, depois uma Natura, mas a minha primeira prancha em boas condições de surf, minha primeira prancha de verdade foi uma Pena (...) Nessa época, na Leste sempre rolava altas ondas e um Swell não durava menos de 10 dias (...) de lá pra cá mudou muito (Dida Lopes).

O shaper é um “artesão” de pranchas. Ele “esculpi”, trabalha, debasta o bloco com o auxílio de uma plaina elétrica, conferindo todas as medidas que são sempre personalizadas para cada surfista. Cabe ao shaper definir que tipo de fundo será utilizado, o tipo de rabeta, a flutuação, a espessura, a marcação do posicionamento das quilhas etc. Todas estes itens são calculados a partir de informações que o surfista passa ao shaper, isto é o “out-line” da prancha. Essas informações são transformadas em cálculos, e os resultados obtidos em medidas para a prancha. Daí a importância das informações que o surfista passa ao shaper. Hoje em dia, os blocos já vem pré-shapeados e com diversos plugs (tamanhos), o que facilita muito, pois até pouco tempo atrás os blocos vinham no formato de bloco-sólido.

Além das medidas, as pranchas são “shapeadas” de acordo com o estilo de surfe, tipo de onda a ser surfada e o “outline” solicitado pelo praticante. Um bom shaper deve ter ainda, um excelente conceito de “design” o que faz a prancha ter curvas perfeitas e linhas originais que identificam cada shaper com um estilo diferente. Cada shaper tem um estilo de finalizar com um modelo, mas todos devem seguir um único estilo: o de “shapear” pranchas que sejam realmente confortáveis aos pés de cada surfista individualmente e que ofereçam, segurança e criatividade na evolução do estilo de surfe dos praticantes.

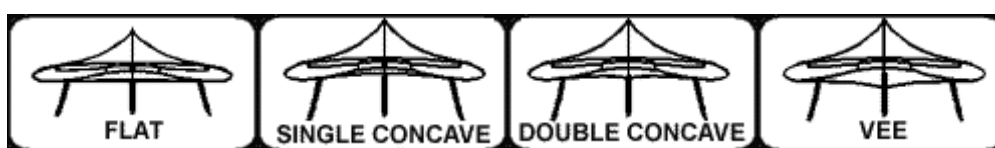
O “out-line” é a linha de fora da prancha. É o esboço, o desenho, o contorno da prancha que o shaper utiliza para começar a criar. Ele determina, por exemplo, com que força ela irá se projetar na onda, ou o tipo de borda que poder ter entre o máximo e o mínimo de contato com a parede da onda.

pranchas ficam mais valorizadas no mercado do surfe; uma vez que é reconhecido entre os praticantes do esporte que a prancha exerce uma grande influência na performance dos surfistas.

1. Tipos de borda



2. Tipos de Botton/Fundo



3. Modelos de Rabeta



O surfe como meio de vida tornou-se uma realidade para alguns jovens no início dos anos 80 em Fortaleza. Nesse sentido, com o crescimento dos praticantes logo possibilitou o surgimento de um mercado para o surfe. Os surfistas foram os grandes protagonistas dessa cena. Em 1980, organizaram o primeiro evento de surfe regulamentado pelas normas universais do esporte. O campeonato foi amplamente divulgado nos jornais da época: era o Setembro Surf. Mesmo assim, os surfistas carregavam os esteriótipos ligados à prática do esporte, gerando muitas vezes, alguns conflitos com a família.

Quando comecei a surfar meus pais viram logo que eu tinha entrado pra valer na história. Tanto que não rolou mais do que um ano de repressão familiar (...) atuei como árbitro da Federação durante 17 anos e só saí porque não dava mais para conciliar com os negócios que começavam a aumentar. Primeiro a Fábrica de Pranchas e por consequência a Cilindro (Dida Lopes).

Outro exemplo são os irmãos *Pena*, Zé Rubens e Petrônio Tavares. Foi também nos anos 70, que o jovem Raimundo Bernardo Neto, o *Pena*, começou a freqüentar as praias de Fortaleza para surfar e naquele tempo não imaginou que dali tiraria sua fonte de renda e se tornaria num “grande negócio”. *Pena* é hoje não apenas um apelido, mas uma marca impressa em camisas, bermudas, calça jeans, biquínis, bonés, mochilas, é uma das maiores surfwears do Nordeste. A *Pena* é uma das marcas que mais investem no esporte, promovendo grandes eventos e campeonatos, também patrocinando atletas nos grandes circuitos nacionais e internacionais de surfe. Afirma o surfista veterano: *eu era do surfe de antigamente, parti para trabalhar com isso e deu certo. O nosso dinheiro veio do surfe e foi aplicado no surfe.*

O jovem, daquela época gostava de surfar, mas era pobre e não tinha condições financeiras para adquirir uma boa prancha, então resolveu fabricar a sua. Tinha uma prancha partida ao meio, nessa época, as pranchas¹⁰³ que chegavam à cidade tinham até três metros de comprimento, eram muito grandes, embora a evolução do surfe na década de 80, já mostrava que não era preciso pranchas tão avantajadas. As pranchas pequenas mostravam-se mais funcionais e adequadas para as manobras mais difíceis, como não havia dinheiro para comprar uma nova, uma vez que eram importadas do sul do país, resolveu então reformar a sua própria prancha.

A idéia foi tão boa que logo outros surfistas pediram que *Pena* fizesse à mesma transformação nas deles. Os pedidos eram tantos que montou sua própria oficina. Mas a “galera” não estava satisfeita apenas com a prancha transformada. Queria também que *Pena* imprimisse camisetas com símbolos de cada prancha. Então o surfista decidiu ir mais a frente e começou, ele mesmo, a fabricar blusas, camisetas e bermudas de surfe. Assim em 1986, surgiu a *Pena surfwear*.

A *Greenish*, outra grande surfwear da cidade, é a marca dos seus irmãos Petrônio Tavares e Zé Rubens, que em seu site afirmam que:

A Greenish nasceu do ideal de dois irmãos surfistas, que desde o início de suas trajetórias, sempre souberam que o surf era de grande importância para suas vidas e, assim, seus caminhos foram trilhados dentro do mundo do surf. Tudo começou com a fabricação de pranchas de surf, feitas e testadas sempre com muita

¹⁰³ As primeiras pranchas de fibra chegaram à cidade através de surfistas da terra que foram ao Havai. Segundo Odalto, “eles trouxeram pranchas havaianas legítimas de até 9 pés de comprimento”.

vontade e profissionalismo. Foram anos de muita onda e trabalho até que em 1992 começou a fabricação de camisetas.

A idéia era levar ao mercado produtos que traduzissem o espírito e o feeling do surf tão presente na vida de Petrônio, Rubens Tavares e do seu público alvo, pessoas que vivem o esporte na sua essência e estilo.

Depois das camisetas vieram os boardshorts, uma linha de produtos com a qualidade que o surf exige: durabilidade, performance, leveza e estilo. Tomando estes conceitos como base, a Greenish continua expandindo a sua linha de produtos, sempre respeitando a sua idéia inicial.

Hoje a Greenish fabrica além de camisetas e boardshorts, uma linha de produtos completa, que em uma parceria bem sucedida com seus licenciados, preserva toda a essência da marca e o alto padrão de qualidade dos seus produtos, e claro, sempre com a participação de Petrônio e Rubens, que, diga-se de passagem, **continuam os mesmos surfistas fissurados de sempre.**

E toda vez que você ver, vestir ou usar algum produto **Greenish**, você saberá que **por traz dessa marca existe uma história de muitas ondas, viagens, trabalho e sucesso.** Que continuará assim enquanto existir onda e surf para alimentar o ideal das pessoas que fazem dessa marca o que ela é¹⁰⁴ (grifos nossos).

A descrição acima traduz sobremaneira o estilo-surfe, não somente a dimensão das imagens que são construídas pela publicidade, mas como forma de experimentação das paisagens, do mundo. O surfe é um estilo de viver que pode sim ser apropriado enquanto imagem para a divulgação de um estilo, assim como as mercadorias, mas representa acima de tudo uma estética de vida, uma forma específica de ocupar o espaço. Empresário, atleta ou free-surfer, todos comungam do sentimento intenso em relação ao esporte-jogo. Surfe é jogo, adrenalina e superação; independente do lugar, função ou posição que ocupa no “mundo do surfe”.

¹⁰⁴ Texto retirado do site da Greenish, da página sobre o histórico da surfwear. Cf. em www.greenish.com.br.



FIGURA 8: Propaganda da marca Greenish. O surfista na onda é Petrônio Tavares um dos donos da empresa.

Nos anos 90 em Fortaleza, a prática do surfe teve um enorme crescimento, conseqüentemente, amplia-se ainda mais o mercado de surfe na cidade. Novas marcas surfweares são criadas, tais como a Greenish, a My Boy, a Nocrazy, a Smolder etc., como indica a manchete em um jornal¹⁰⁵ local em janeiro de 1990: *Surfe movimenta negócio de seis mil consumidores*. Segundo a matéria, naquele ano já teria aproximadamente mil surfistas registrados na Associação Cearense de Surf, além de cinco mil adeptos ao esporte, segundo o presidente da entidade.

Um dos fatores da difusão e da popularização do esporte no Estado tem sido o crescente consumo desse estilo de vida pelas mulheres. O surfe que inicialmente era um esporte prioritariamente masculino vem mudando com uma ligeira rapidez. É visível o número de meninas que agora estão praticando o esporte nas praias do litoral cearense. Essa apropriação feminina, inclusive tardia, vem mostrando “melhores” resultados do que o surfe masculino no Ceará. Não tivemos ainda um cearense campeão do Circuito Brasileiro de surfe Profissional, também, não há nenhum desses atletas no WCT, circuito mundial de surfe profissional.

Já o surfe feminino vem mostrando excelentes resultados. As cearenses Tita Tavares (2000, 2003) e Silvana Lima (2004, 2005) já foram por quatro vezes, três consecutivas, campeãs do Super Surfe, circuito brasileiro

¹⁰⁵ Diário do Nordeste, 25/01/1990.

feminino de surfe profissional. Silvana inclusive é 5ª colocada no WCT este ano, sendo a pessoa brasileira que está mais perto de alcançar o “tão sonhado” título mundial. Objeto de desejo dos homens durante todos esses anos.

A atleta tem um surfe moderno, radical, agressivo e com estilo, dessa forma o surfe de Silvana é descrito pela imprensa internacional. É uma das únicas brasileiras que “mandam” aéreos radicais. A atleta inovou o surfe feminino, agora seu grande sonho é o título mundial: *Estou tão feliz que tenho até medo de sair da elite. É muito bom estar com as meninas e surfar ondas boas. Era um sonho que realizei agora vou buscar outro: ser campeã mundial.*

Embora haja um crescimento substancial do esporte praticado entre as mulheres, o universo do surfe como já foi dito é extremamente masculino, inclusive as características que fazem uma boa performance: força, velocidade habilidade, radicalidade, agressividade. Por diversas vezes, ouvi os meninos comentarem e elogiarem o surfe da Silvana. Sempre a referência para a valorização da performance da garota é a característica de “masculinidade” atribuída em seu surfe.

Mike - A Silvana ficou em quinto agora....

Roberto – Foi, a mulher tá quebrando!

Igor - A Silvana surfa demais né doido? Parece homem!

Essa referência não é compartilhada somente pelos homens, também pelas mulheres. Ao perguntar a surfista Dani se ela tinha algum ídolo no surfe ela respondeu: *A Silvana Lima. Ela surfa como homem, mas desde criança, de 7 anos ela jogava futebol, fazia capoeira e todos os esportes.*

Essa percepção é resultante do conjunto de signos e símbolos que foram historicamente construídos na sociedade, que vinculam diretamente o “mundo dos esportes” ao universo masculino, principalmente, algumas modalidades tais como o futebol e o surfe de prancha. A sociedade acaba vinculando a identidade feminina a determinados esportes como vôlei, ginástica, etc. O body board, por exemplo, em que a pessoa surfa deitado é identificado como um esporte feminino, em oposição ao surfe de prancha pelo grau de dificuldade da prática.

É preciso força na remada, equilíbrio para ficar em pé, habilidade em manobrar a prancha e radicalidade para inovar nas manobras; atributos destinados “somente” aos homens. O tipo de prática traz também imagens

vinculadas à sexualidade do praticante. Vez por outra surgem algumas acusações nesse sentido, em que os homens que surfam de body board são designados pelos surfistas como gays ou homossexuais, e as meninas que surfam de prancha são tidas como lésbicas. Ao que parece, os sentidos vinculados a essa percepção associados aos outros estigmas construídos, são partilhados por boa parte dos integrantes do universo do surfe, a saber: *A Tereza é nordestina, feia e sapatão. Por isso ela não consegue patrocínio. Porque se não ela tava detonando no WCT.*

O desenvolvimento do surfe feminino nos últimos anos, tanto em relação ao número de praticantes como também em relação a qualidade das performances e o desempenho nas competições, vem possibilitando a organização da categoria na cidade, nos últimos anos, conforme expresso no texto que se segue:



FIGURA 9: Logomarca da recém criada Associação Feminina de Surfe do Ceará.

CLUBE FEMININO DE SURF CEARÁ – BRASIL

Apresentamos o Clube Feminino de Surf Cearense, (CFS-CE), que tem como objetivos estimular, unir, fortalecer, revelar talentos e organizar o surf feminino cearense. Se você surfa ou tem vontade de surfar, conhecer outras surfistas, participar de campeonatos, tirar dúvidas, etc., venha fazer parte da tribo do surf feminino. Agora estaremos sempre em contato pois aqui no site deolhonaserie, no link Surf Girl, estaremos trazendo informações em matérias, pesquisas, curiosidades e atualidades do surf feminino cearense e mundial contadas por mim, Rafaela Bahia ou por Andréa Rodrigues, assessora de imprensa de nosso Clube de Surf Feminino. IMPORTANTE: As reuniões acontecem na escola de surf ALOHA, próximo à barraca do JOJÓ, na Praia do Futuro. Para cadastrar-se é necessário apenas uma foto 3x4 e o preenchimento da ficha de inscrição

Você é parte importante para que o Surf Feminino cearense cresça.

Aloha!

Por Rafaela Bahia .

Atualmente, não há números precisos sobre a quantidade de surfistas que freqüentam nosso litoral, porém, a cada dia percebe-se nas praias de Fortaleza, um aumento visível do número dos surfistas, sobretudo, das surfistas, e na diversidade dos praticantes desse esporte. O surfe como estilo de vida relaciona-se, cruza-se com vários outros estilos. Existe, portanto, uma multiplicidade de sujeitos que orientam seu modo de vida pelo surfe, mas também conversam com outros estilos de vida, e nesse cruzamento, por meio dessa relação de interação e conflito, constroem seu próprio estilo de vida na cidade.

A partir das primeiras fábricas de pranchas que surgiram as primeiras fábricas de roupas e acessórios do estilo surfwear em Fortaleza, como busca dos próprios surfistas em construir e demarcar seu estilo na cidade. No texto anteriormente apresentado pela marca Greenish, percebe-se que o surfe como uma “cultura juvenil”, comunica-se com as esferas do lazer, do consumo, da estética e para alguns, do trabalho. Como estilo de vida, o surfe para os jovens, todos há seu tempo, apresenta-se bem menos como um estilo “imposto” pela indústria cultural para consumidores passivos, estilo reproduzido pela publicidade e pelos “mas media”. Manifestam-se, sobretudo, como pulsão, energia de jovens-produtores que res-significam a seu modo este estilo e que fazem dele seu modo *de ser, estar e viver* nos espaços litorâneos.

CAPÍTULO IV

AS PERFORMANCES NO PICO: MOVIMENTOS DOS CORPOS NA CONSTRUÇÃO DAS TERRITORIALIDADES

É uma manhã de domingo bastante ensolarada, um daqueles dias em que temos uma vontade enorme em ir à praia, relaxar, se divertir, comer caranguejo e outros petiscos deliciosos com uma cervejinha bem gelada! Fazer uma caminhada pela beira mar, curtir a bela paisagem no horizonte, talvez, um bom mergulho no mar seria uma ótima idéia para refrescar o corpo. Ficar deitada pegando um sol ... Talvez essas sejam as práticas mais freqüentes da maioria das pessoas num dia de domingo pela manhã, mas para um jovem surfista em dia de campeonato os rituais são outros. Eles chegam à praia bem cedo, uns de ônibus, outros em seus carros, quase sempre já em

grupos, estes formados a partir dos círculos de amizade, da idade, do pico em que surfam ou do local de moradia. Usam bermudões com cores fortes e vivas, outros floridos, camisetas, chinelos, óculos escuros, bonés, todos chegam com a prancha debaixo do braço e outros adereços como protetor solar, água, parafina, raspador, etc., eles compõe o ‘estilo-surfe’ que facilmente é identificado pelos outros na praia. O palanque, grande e colorido, armado na beira do mar e as bandeiras de cores cítricas enterradas na areia demarcam a área de competição e dessa forma os não-surfistas identificam os códigos estabelecidos pelos surfistas em relação ao usos do espaço.¹⁰⁶

No território da praia, os surfistas se distribuem espacialmente a partir dos grupos de origem: é a galera do Titã, a galera da Leste, do Icaraí, a galera da P.F. Jovens da periferia ocupam o mesmo espaço que os jovens ricos vindos de bairros nobres da cidade, como o Meireles, o Papicu. Outros vêm do lado oeste da cidade: Parquelândia, Antônio Bezerra, São Gerardo, Pirambu, etc. Num dia de campeonato os surfistas saem do anonimato de um dia de surfe comum para demarcarem seu pedaço no espaço público, circunscrever seus códigos na areia da praia, mostrar para o público a que vieram, assim, dão visibilidade para o conhecimento e o reconhecimento das suas performances “radicais” nas ondas do mar.¹⁰⁷

É na areia e no mar, através de atividades ritualizadas como os campeonatos de surfe, que os surfistas vêm se inserindo no universo simbólico dos espaços litorâneos. Os campeonatos de surfe contribuem na construção simbólica dos pedaços de surfe na orla metropolitana, os picos, pois esses eventos geralmente são realizados em lugares que “rolam” onda e são sempre apoiados por alguma barraca de praia que cede a sua estrutura.

¹⁰⁶ Em dia de campeonato a área de competição circunscrita no mar tem que ser respeitada pelos outros (banhistas, atletas de outros esportes, surfistas que não estão competindo, etc.) para que ninguém se machuque e não atrapalhe a competição, o julgamento dos juízes, entre outros fatores.

¹⁰⁷ Fragmentos do diário de campo escrito no dia 12 de outubro de 2005 em que descrevo um dia de competição durante o circuito “Jogos Brasileiros de Praia”, evento realizado na Praia de Futuro na barraca “Crocobech” pelo Ministério dos Esportes em parceria com a Secretaria da Juventude e do Esporte do Ceará.

Na maioria das vezes, são os mesmos barraqueiros que apóiam os campeonatos realizados, logo, aquelas barracas em que ocorrem os eventos serão referência para pessoas em que noutro dia comum queiram praticar o surfe. Por conseguinte, o espaço da barraca e da beira da praia é apropriado por indivíduos que compartilham o estilo-surfe, ou estilos alternativos e similares, como por exemplo, as barracas Crocobeach, Barraca do Jojó, Vira Verão, na Praia do Futuro ou as barracas Kamoia e Praia e Sol no Icaraí.

Considero os campeonatos como rituais, pois se estruturam a partir de um padrão de atos específicos – normas, regras, horários, notas, classificações, códigos gestuais, que asseguram alguns significados específicos e universais da prática, como, por exemplo, os critérios para a pontuação utilizados para avaliar as manobras dos participantes.

O rito ou o ritual é um conjunto de atos formalizados, expressivos, portadores de uma dimensão simbólica. O rito é caracterizado por uma configuração espaço-temporal específica, pelo recurso a uma série de objetos, por sistemas de linguagem e comportamentos específicos e por símbolos emblemáticos cujo sentido codificado constitui um dos bens de consumo do grupo (Segalem, 2002, p. 310).

As competições de surfe são disputadas na forma de eliminatórias. Geralmente, entram quatro atletas no mar e os dois melhores classificam-se para a próxima bateria. As baterias duram em média 20 minutos, cada surfista pode pegar até dez ondas, mas são contabilizadas somente as duas melhores notas. Se classificam para o próximo “round” (bateria), os dois primeiros surfistas classificados.

Assim, segue o campeonato de acordo com a quantidade de participantes, podem ter dois ou três “rounds”, mais as oitavas, as quartas, as semi-finais e a final. Quem não se classificar poderá disputar na repescagem. Dessa maneira, os quatro melhores surfistas disputam a final e aquele que tirar as melhores notas é consagrado o campeão. Existem também outros formatos de competição como, por exemplo, as baterias “homem a homem” onde disputam somente dois surfistas por “round”. Às vezes as competições são mistas, tendo as duas modalidades de disputas numa mesma competição.

Ao analisar os aspectos rituais implícitos nos esportes, nesse caso, no surfe, percebe-se que eles têm a função simbólica de relacionar o indivíduo a uma ordem social que mantém certa estrutura num determinado universo simbólico, no caso, o “mundo do surfe”. A ritualização coloca em evidência as identificações e valores compartilhados pelo grupo que revivificam esta ordem social (Riviere, 1996:237).

1. Rituais de experimentação dos corpos-surfe no espaço litorâneo

Quando pensamos na colaboração mútua entre corpo e ambiente, entre cognição e cultura, rompe-se com a idéia de influência, na medida em que se compreende a relação corpo e ambiente em movimentos de mão dupla, isto é, não é a cultura que influencia o corpo ou o corpo que influencia a cultura, trata-se de uma espécie de “contaminação” simultânea entre esses dois sistemas onde ambos trocam informações de modo a evoluírem processualmente juntos. Nesse sentido, a “cultura surfe” é alimentada a partir de práticas de incorporação, mas também de inscrição, como a ampla divulgação de filmes, revistas, jornais, instrumentos de publicidade que a todo o momento inscrevem as marcas, os símbolos e valores desse *estilo de vida* nos diversos espaços urbanos.

A transição de uma cultura oral para uma cultura escrita representa a transição de práticas de incorporação para de inscrição, mas certamente há uma tênue fronteira entre essas duas práticas que na sociedade contemporânea se misturam em todo momento.

É através da natureza essencialmente corporizada da nossa existência social, e através das práticas incorporadas baseadas nessas corporizações, que estes termos opostos nos fornecem metáforas pelas quais pensamos e vivemos. As performances posturais culturalmente específicas fornece-nos uma mnemônica do corpo (Connerton, 2000, p.90).

As experiências que os campeonatos de surfe proporcionam são circunscritas por uma gama de valores – a estética corporal, valorização da natureza, respeito pelo mar, busca da radicalidade, coragem, desafio – e na

medida em que eles são compartilhados, cria-se um contexto simbólico que assegura a apropriação e reapropriação dos códigos implícitos no universo do surfe por parte dos que assistem e participam do evento, inclusive, apresentando, certo sentido de “comunhão” entre espectadores, participantes, organizadores do evento. Algumas dimensões rituais estão nitidamente presentes nos campeonatos de surfe, como:

A. *Ritos Gestuais*

- O *momento do aquecimento* antes das baterias em que os atletas correm, pulam, mexem a cintura, fazem agachamentos, exercícios de flexibilidade, e ao mesmo tempo, momento para traçar as táticas de ocupação do território, de observação do pico para saber onde estão “quebrando as boas”, onde vão se posicionar na competição.
- A *entrada no mar* em que geralmente os surfistas saem correndo do palanque em direção ao pico. No caminho o “sinal da cruz” é feito, gesto que simboliza a dimensão do sagrado presente na relação do surfista com o mar, com a natureza, algo tido sobrenatural em que o atleta deve “respeitar”.
- No momento *pós-execução das manobras* gestos são feitos tanto para a platéia quanto para os juízes. Mãos para o alto, gesto hang loose, gritos e insinuações corporais na tentativa de valorização das performances realizadas.



FIGURA 10: Observe a performance gestual do surfista universitário Argus depois de sair de um tubo.

B. Ritos Verbais

- Uma linguagem técnica, mística e ritual é utilizada para descrever as ações no evento (ex.: o surfista camiseta preta pegou uma direita de back side, mandou uma cut back e uma cavada). Uma linguagem somente para os iniciados, já que os significados atribuídos aos termos são compartilhados somente por aqueles que praticam ou já praticaram o surfe. Inclusive, quase todos os juízes são ou já foram surfistas.
- Existe uma linguagem de advertência, gritos de imposições em relação à disputa e a prioridade nas ondas (Aêee, essa é minha). Muitas vezes também os gritos são usados como tática na tentativa de “tirar nota” e influir na percepção e decisão dos juízes. Agora o grito-ritual universalmente presente em todos os lugares em que se pratica o surfe, é o grito de vibração, o grito de euforia que representa a “energia” da adrenalina no corpo após o “drop” numa onda “alucinante” (Uhooo, Uhooo!).
- Há uma forte carga simbólica e ritual na questão das gírias que são empregadas na linguagem do surfe. Imagens de transgressão e indisciplina em relação à língua portuguesa e as formas de comunicação.
- A “surfe-music”, sempre presente nos campeonatos, é outro modo de verbalização do estilo do surfe nas competições. O reggae é o som mais freqüente, mas também o hardcore e o punk rock. Os vídeos de surfe são uma expressão singular da ritualidade presente no “mundo do surfe”. Os jovens experimentam uma empatia, uma identidade vivenciada na expressão do “moment”: *relatos de imagens, sonoridade, fragmentações e velocidade*. Os vídeos-surfe são projeção panorâmica que possibilita a experimentação “virtual” das paisagens litorâneas por meio da articulação da música, da imagem e do movimento (Barbero, 2004).

C. Ritos Performáticos

- No surfe é o corpo que fala. É uma prática realizada no sentido da expressão cênica em si, das performances empregadas. Velocidade, fluidez, inovação, criatividade e estilo, características estéticas que conferem ao atleta a condição e a intensidade da “radicalidade” presente nas manobras realizadas.
- O corpo atesta também o lugar de origem, sinaliza de onde veio, diz quem é o surfista e o tipo de surfe que ele apresenta. Roberto da Leste, Bernardo do Titã, Tiago do Icaraí, corpo e território apresentam-se no espaço público de forma híbrida e ritualizada.
- No corpo-surfista há uma idumentália carregada de símbolos. Na medida em que o corpo está emblematizado, marcado no estilo, existe um ritual (Segalem , 2002). A vestimenta surfwear possui não somente funções técnicas (possibilitar movimento, leveza), mas também lúdicas, estéticas e imagéticas.

D. *Ritos Espaço-temporal*

- As competições seguem um calendário “regular e cíclico” que dá ritmo às temporadas de ondas e a vida social. Tempo de *Vulcano e Mercúrio*, tempo da *focalização* na temporada, nas competições e tempo da *sintonia* com os outros aspectos da vida social.
- Os lugares das competições são sempre nas mesmas barracas que apóiam e divulgam o estilo surfe. Por meio das estruturas e imagens que são apresentadas no espaço público das praias: grandes palanques, bandeiras com cores cítricas, tendas para os atletas, inúmeros elementos demarcam a praia, o território dos competidores e daqueles que comungam o estilo-surfe de viver.



FIGURA11: Estrutura do Circuito Cearense de Surfe Universitário na Praia do Futuro

E. Ritos de Sacralização

- Ao fim de todo campeonato de surfe há um momento especial, o pódio. É o momento potencial da evidência dos processos de diferenciação e hierarquização: organizadores x público, vencedores x perdedores, amadores x profissionais, masculino x feminino, primeiro colocado x último colocado.
- No pódio, os atletas do primeiro ao quarto lugar de todas as categorias exibem a sua prancha, quer dizer, os seus patrocinadores por meio das marcas e dos adesivos colados na prancha. O primeiro lugar, além do recebimento da melhor premiação (pranchas, kits de roupa, moto ou carro, quantias de dinheiro em cheque, dentre outros) ainda tem o direito ao discurso. Momento muitas vezes de agradecimentos: a Deus, a família, aos patrocinadores, e outras, momento para críticas e para o desabafo.
- A categoria estreante representa o rito de iniciação no *surfe-arte*, da mesma forma que a categoria profissional marca a legitimação desse tipo de surfe. Todas as categorias carregam simbolicamente sentidos associados a sua prática. Ex.: estreante (iniciação), universitário (legitimação), master (experiência).



FIGURA 12: Pódio da categoria estreante no Circuito Universitário

É a partir de eventos dessa natureza – com características rituais - que o “mundo do surfe” e, conseqüentemente, os surfistas introduzem no universo simbólico dos espaços suas marcas e identificações. Mas também, é através das suas performances corporais que os surfistas demarcam o espaço apropriado, deixam suas marcas identificatórias e estabelecem para os outros o seu lugar: o território terra-mar.

Todo ritual é por excelência performativo e são sempre inventados e reinventados, na verdade, rituais são gestos e práticas que se repetem e assim, ativam uma memória corporal (Rivieri, 1996). No espaço da praia, o surfe como uma prática ritual imprime uma linguagem performativa nas ondas, onde a radicalidade apresentada nas manobras é o enunciado para o corpo, e a ação deste corpo é o resultado deste enunciado.

Este momento de graça entre o surfista e o mar é único entre todos os outros momentos do surfe, pois é dentro do tubo que homem e oceano desfrutam de instantes em perfeita sintonia, como se retomássemos nossa essência natural. No drop, os olhos não podem fugir da parede, pois é nela que você vai reparar a curva que a onda faz para dentro da bancada, dando a verdadeira dimensão do tubo que está por vir, podendo ser longo e espremido, ou largo e parado. Você viaja no espaço que fica lá dentro quando ela faz essa curva, tudo se abre e você assiste de um lugar único às pessoas gritando o seu nome e os gritos de vibração uhuuu! Uhuuuuu! (Roberto, surfista profissional).

Remei com força para a massa d'água que crescia na minha direção. Quando senti que a prancha estava dentro da onda, fiquei em pé e, antes de chegar na base, mudei o percurso no meio da parede, passando a correr paralelo a ela. A crista se projetou na

minha frente, formando o tubo. Encostei a mão na água pra ter mais um ponto de apoio e diminuir a velocidade da prancha. Fiquei lá dentro, o sol desapareceu do meu campo de visão, mas seus raios se filtravam no verde-azul da água, iluminando o interior do cilindro líquido. Tuff! Junto com a pressão do ar comprimido dentro da onda fui expelido. Tive a sensação única de que aqueles poucos segundos haviam durado uma eternidade, mas não o tempo suficiente. Retornei ao fundo querendo mais. (Adriano, surfista Free-Surf, 27 anos).

Através destas descrições dos surfistas no tubo, momento do surfe mais valorizado por eles, pude perceber como essa vibração enunciada pela radicalidade do esporte é sentida através do corpo. O tubo é a melhor metáfora, inclusive, para explicar a relação entre corpo, tempo e espaço para os surfistas, pois no “drop” do tubo o que interessa é o momento presente, o passado já virou espuma e o futuro está armado logo ali em frente, na boca do tubo. Dentro do tubo há apenas duas opções: ou levar um enorme “caldo”, uma “vacca sinistra” e sentir a dor da massa de água sobre a sua cabeça; ou viver a sensação única de ver “o mundo girando à sua volta, com você intocável dentro dele” e sair pelo fim do túnel com o reconhecimento dos outros, da platéia do surfe de que você pegou a melhor onda do dia.



FIGURA 13: Tubo “perfeito” do surfista junior Charlie Brown

Descer uma onda perfeita é pegar um tubo e sair limpo. Aí todo mundo dar uma nota dez! hehehehehehe. Limpo é entrar dentro do tubo e sair no bafo sem nem triscar no lip da onda, sair sem encostar na onda. Você pega entra por trás da onda e sai, a única coisa que pega em você é só a baforada mesmo do lip da onda. Aí depois é só alegria.hehehehe (Mike, surfista profissional).

Quando um surfista “*bota pra baixo*” numa onda tubular está em busca de reconhecimento, de fotos, de gritos, de elogios, mas principalmente, de muito tempo dentro do tubo. Para a maioria dos surfistas este momento é descrito como único, a sintonia perfeita entre homem e natureza, onde corpo, prancha e onda estão interligados como elementos interdependentes de uma única paisagem. Muitos surfistas utilizam, inclusive, da metáfora de que o tubo é uma “máquina de lavar a alma”, assim, após uma “*session*” de surfe é manifestada nos corpos dos surfistas uma agradável sensação de esvaziamento de todas as tensões cotidianas de uma vida urbana.

2. Performances corporais na construção do território-pico

Para o surfe ser definido como performance deve ser percebido antes de tudo como uma *expressão cênica*¹⁰⁸, isto é, “algo precisa estar acontecendo naquele instante, naquele local” (Cohen, 2004, p.28). O surfe pode ser caracterizado como uma *forma cênica ritual*, em que o público tende a se tornar participante, isto é, na platéia do surfe todos já são iniciados, pois para compreender a eficácia do corpo pelas manobras na onda, os indivíduos têm que decifrar os conteúdos de sentido de cada performance executada. Qual foi a seqüência de manobras mais iradas, com aéreos, rasgadas, floters, cut-back, entre outras.

Algumas “culturas juvenis” como o surfe estruturam-se simbólica e socialmente em torno de expressões performativas, que mobilizam o corpo através de práticas esportivas ditas 'radicais' ou 'de aventura', onde através de uma extrema implicação física, são assumidos diversos tipos e níveis de risco. Busca-se uma ética de experimentação e de exploração dos limites corporais e dos recursos sensoriais de ordem variada.

O investimento nestas atividades não está somente no gozo do prazer individual que advém da sua prática, está também no reconhecimento social da

¹⁰⁸ Para Jacó Guinsburg In: (Cohen, 2004) a expressão cênica é caracterizada por uma tríade básica: atuante, texto e platéia. Sendo o atuante não necessariamente um ator, o texto também deve ser entendido no sentido semiológico, isto é, um conjunto de signos que podem ser simbólicos (verbais), icônicos (imagéticos) ou mesmo indiciais (sombas, ruídos, etc).

superação dos limites propriamente fisiológicos, na experimentação do risco de vida e na vitória. O aparente descontrole da situação na sua prática, com os riscos que daí transparecem, faz com que sejam modalidades socialmente percebidas como 'radicais', situando-se na margem da legitimidade esportiva (Boudieu, 1990) .

No entanto, diferentemente das imagens que são construídas em torno do esporte (indisciplina, perigo, risco), essas modalidades ditas radicais são, já de partida, consideravelmente disciplinares, ou seja, sua atuação se reveste de um alto nível de normatividade, de disciplina corporal e social que são exigidas na sua prática em “oposição relativa” as modalidades esportivas mais tradicionais. O extremo controle, a preparação corporal, bem como a convivência grupal, são exigências e estratégias utilizadas pelos surfistas na tentativa dos riscos serem diminuídos. Assim, remete para um quadro de uma radicalidade-disciplinada, típica de situações de '*descontrole controlado*' (Elias, 1992).

Num dia de free-surfe¹⁰⁹ todos são público e atuante, ora desempenham o papel de um, ora de outro, na verdade não há no surfe uma distinção entre palco e platéia, já que mesmo em eventos rituais como os campeonatos essas fronteiras são quase invisíveis. A maioria dos participantes comungam dos símbolos e significados construídos na “cultura surfe”.



109

Termo usado para nomear um dia de surfe comum, surfe livre, em oposição aos dias de campeonato em que são estabelecidas regras, normas, tempo de atuação, etc.

FIGURA 14: Icaraí, em frente à barraca Praia e Sol durante a primeira etapa do Campeonato Cearense de Surfe Profissional.

Os campeonatos, portanto, são para os surfistas momentos de expressão para os outros das suas performances, das suas manobras, dos usos outros da praia, onde através dos seus corpos deixam marcas que demarcam o espaço urbano. Por meio do estilo-surfe os jovens ensaiam um novo percurso, mostram para os outros a que vieram, reclamam enfim, o seu lugar na cidade.

Performance implica competência. Além de um saber fazer e um saber-dizer, a performance manifesta um saber-ser no tempo e no espaço...a performance lhe impõe um referente global que é da ordem do corpo que nós somos tempo e lugar (Zumthor, 1997, p. 157.)

Então, que significados estão presentes no uso radical desses corpos? Que configurações de sentido se associam as diferentes performances empregadas e a territorialização do espaço-pico?

O comportamento radical dos corpos-surfistas no contexto das culturas urbanas juvenis passa, em grande medida, pela mobilização do corpo como instrumento expressivo central. O corpo é socialmente experimentado e vivido como recurso, explorando em suas várias potencialidades imagéticas ou cinéticas. O corpo-surfe é um corpo moldado, experimentado estendido aos parâmetros de um *projeto performático*. O fundamento desse projeto está na alteração da aparência, da forma e dos movimentos do corpo no sentido das superações simbólicas e mecânicas, da experimentação das potencialidades e da exploração dos limites performativos, no caso, das manobras (Ferreira, 2005).

No “mundo do surf” os jovens estabelecem hierarquias, classificações e fronteiras entre eles e os outros. A territorialização inscrita pelos surfistas no espaço litorâneo se dá pelo fenômeno denominado “localismo”. O “surfista local” é aquele que é do “pico”, isto é, aquele que estabelece uma relação de pertencimento e reconhecimento no lugar onde “tradicionalmente” pratica o surfe, podendo morar próximo ao “pico” ou surfar neste local há muito tempo. Esse “pedaço” circunscrito no espaço público da praia é designado por eles como sendo seu “quintal”, o lugar onde aprendeu a surfar e estabeleceu uma

gama de relações identitárias com as pessoas no entorno do “pico” (barraqueiros, comerciantes, banhistas, garotas e outros surfistas locais) e com o espaço apropriado.

Nesse sentido o “pico”, assim como o “pedaço” descrito por (Magnani, 2002) é esse espaço de mediação entre o público e o privado, a rua e a casa, envolvendo práticas de pertencimento e reconhecimento dos jovens quanto ao espaço ocupado. Os outros surfistas de “outros picos”, o “crowd”, os “pregos” ou os “haoles”, muitas vezes, são percebidos como forasteiros, e por isso não são bem aceitos, pois saem do seu “quintal” para o “pico deles” para disputarem as boas ondas.

Portanto, o “mundo do surfe”, como já foi dito, é permeados por conflitos, disputas, territorialização do espaço terra-mar, mas também por disputas simbólicas em relação à prática do esporte. Destaca-se aquele surfista que desce as maiores ondas – o big rider; aquele que executa as manobras mais radicais, aquele que “quebra mais”. A explicitação institucionalizada desse conflito é percebida nos campeonatos de surfe.

Os conflitos cotidianos, por sua vez, podem ser identificados claramente nas conversas informais entre amigos num dia de surfe comum. Em qualquer pico, no Icaraí, Paracuru, Titãzinho, Taíba ou Leste-Oeste, os corpos-surfe sempre irão demarcar seu espaço, territorializar o seu pico. As disputas, as hierarquias, as relações de legitimidade entre os surfistas e o espaço, assumem em cada lugar configurações diferentes. É que foi percebido nos picos do Icaraí e da Leste-Oeste.

3. Icaraí-surfe: o pico–crowd

Cheguei ao Icaraí às 7h e50mim da manhã. Ainda tinham poucas pessoas na praia com exceção dos surfistas que já “craudeavam” o pedaço. Na Barraca da Tia alguns competidores e profissionais do surfe (juízes e membros da Federação) faziam seu café da manhã. O campeonato ainda não havia iniciado, os trabalhadores terminavam de montar o palanque. O palanque não é muito grande e agora é montado no lugar antes destinado para estacionamento de carros. A faixa de areia diminuiu consideravelmente aqui no Icaraí. O mar

avançou muito e a força das suas marés literalmente “engoliu” as Barracas Kamôa Praia e Sol. O banheiro masculino dessa última barraca foi colocado a baixo, até os pequenos quiosques que ficavam na faixa de praia foram arrancados pelo mar. Hoje a maré alta fica a menos de cinco, oito metros do que restou da estrutura do estabelecimento.

Agora as 8h e 30min está “meia-praia” e o melhor: as ondas estão “alucinantes”, perfeitas para um dia de campeonato. Até o tempo converge para a perfeição do evento: céu nublado, vento terral, mar liso e ondas que variam de 0,5 a 1 metro. Por conta disso, e pelo fato de ser sábado em dia de campeonato o pico está completamente “craudeado”, contei “por cima” (enquanto minha vista alcançou) umas “200 cabeças” como dizem os surfistas. Às 9 horas o som do surfe começa a funcionar, na barraca Praia e Sol já tocava muitas músicas do estilo da tribo do surfe (rock, hip hop, etc), mas é do palanque que um som “estrondeante” institui o início do evento-ritual. Entre uma música e outra se realizam “chamadas”, propagandas das marcas e instituições patrocinadoras do evento e do jornal “instant surf”. Roberto, Artur, Mike, José e Igor foram aproveitar as boas ondas e fazer um surfe-treino antes do início das baterias, prática comum entre os competidores. Realizada tanto para aquecimento como também estratégia na tentativa de baixar a “adrenalina” causada pela ansiedade provocada pela competição. Quando Roberto saiu do mar comentou: “Pôrra Cynthia, a galera devia começar logo o campeonato. Altas ondas! Era pra eles botarem a Pró para hoje que tem altas, só tubo. Por que senão pode baixar né? E campeonato sem onda é foda!” A praia vai ficando cheia. Pessoas dos mais variados estilos e gerações chegam ao local: grupos de jovens, famílias, velhos e crianças ocupam, na verdade, dividem democraticamente o pico com os surfistas: tanto terra como mar.

Às 11 horas, o campeonato não tinha ainda iniciado, os equipamentos dos juízes ainda estavam sendo montados. Entrou um vento “maral” deixando o mar mexido e diminuindo consideravelmente o tamanho das ondas. Os atletas estavam angustiados com a demora da

divulgação do cronograma, tabela com horário e o nome dos quatro participantes de cada bateria de todas as categorias.

As baterias só têm início às 2 horas da tarde com as categorias de base: estreante, iniciante, mirim e junior. Opem, Pró, universitário e Master irão acontecer somente amanhã. Sabendo disso Mike que é profissional exclamou para os colegas de categoria: “Agora vamos nos concentrar na competição, observar o mar, ver onde tá quebrando as ondinhas para amanhã pegar as duas ondas boas da bateria”.¹¹⁰



FIGURA 15: Descida de acesso a barraca Praia e Sol durante a primeira etapa do Campeonato Cearense de Surfe Profissional.

A praia do Icaraí localiza-se a 20 Km de Fortaleza, fica a 30 minutos do centro da cidade. Na verdade o Icaraí é considerado quase como um bairro da capital, embora legalmente pertença a outro município: Caucaia. O acesso é feito através de pistas duplas e asfaltadas. O percurso é rápido e seguro. Com a construção da ponte sobre o rio Ceará e a duplicação da Avenida Leste-Oeste, surgiu mais uma opção de ida para o Icaraí, evitando assim o tráfego da Mister Hull e da Av. Bezerra de Menezes - antes a única saída da capital para o litoral oeste.

O Icaraí é bastante procurado para a prática de esportes radicais como o surfe, body-board, kite-surfe e sand-board. Há um vasto campo de dunas que chegam até 10 metros de altura, paisagem muito propícia à prática

¹¹⁰ Trecho do diário de campo, observação feita da primeira etapa do Campeonato Cearense de Surfe Profissional realizado na praia do Icaraí nos dias 28, 29 e 30 de abril de 2006.

de sandboard (surfe na areia). Mas é no mar, sobretudo sobre as ondas, que as práticas mais intensas acontecem. Entre setembro e maio essa praia é palco de campeonatos locais, regionais e nacionais. A praia dispõe de posto do Banco do Brasil, supermercado, lanchonetes, farmácias, padarias e teleposto. Atualmente, várias pessoas residem no Icaraí e trabalham em Fortaleza, inclusive, vários surfistas que buscaram nessa opção uma tática de ocupação e experimentação do espaço-praia.

Vim morar aqui no Icaraí porque dá tempo eu fazer o surfe cedo antes de ir trabalhar. Dar pra curtir o início da manhã, o visual é alucinante do sol nascendo no horizonte atrás das nuvens. Quando bate então no espelho d'água é muito lindo, aí o surfe fica show. As vezes bate até uma tristeza quando lembro que vou ter que ir pra aquela babilônia da cidade. Então moro aqui, porque é show morar perto do mar da natureza. Dormir escutando o barulho do mar, você nem dorme, capota geral porque é muita paz. Não tem zoada, não tem buzina, nada, só paz. (Guilherme, free-surfer)

Antes da ocupação que se deu a partir dos anos 70, o Icaraí era um vilarejo de pescadores do município de Caucaia, com fortes indícios de ter sido uma comunidade indígena da etnia dos “tapebas” conforme alguns estudos apontam¹¹¹. O desenvolvimento da cidade ocorreu no início da década de 80, com a construção de vários condomínios para o veraneio.

A ocupação da praia do Icaraí e os tipos de usos que lhes são empregados estão diretamente relacionados ao processo de ocupação e valorização das zonas de praia por parte das elites locais cearenses. As práticas marítimas, os banhos terapêuticos, o Icaraí como espaço de lazer culmina numa incipiente urbanização dessa área que começa a se expandir a partir dos anos 1970. Quase a totalidade das praias cearenses se desenvolveu entre os anos 70 e 80 com o a prática do veraneio. Inicialmente, nas praias vizinhas a capital: Icaraí, Cumbuco em Caucaia e Iguape em Aquiraz. (Dantas, 2002), mas depois se estendeu para quase todas as praias.

Nessa perspectiva, o Icaraí teve uma ocupação voltada para veraneio ou para uma segunda residência. Portanto, teve como atividades urbanas principais o turismo e o comércio, por meio da difusão e do consumo ligados à exploração máxima de valores paisagísticos e relacionados ao lazer na praia e no mar.

¹¹¹ BARRETO FILHO, H.T. Tapebas, tapebanos e pernas-de-pau de Caucaia, Ceará: Da etnogênese como processo social e luta simbólica. Série Antropologia. Universidade de Brasília-UNB. Brasília, 1994. Disponível em www.unb.br.

Nos anos 80 e 90, para os jovens de classe média e alta era de costume passar as férias de julho e de janeiro no Icaraí. Eu mesma por diversas vezes durante a minha adolescência, dos 13 aos 17 anos, todas as minhas férias escolares passei nessa praia. O Icaraí era o “point da galera” descolada, da “galera do surfe” e de outros estilos juvenis que comungavam os mesmos valores, gostos, músicas, práticas similares, enfim de um mesmo estilo de vida e modo semelhante de experimentar a juventude e o verão no espaço litorâneo.

Na época, o circuito Icaraí se fazia durante o dia na praia, especificamente na Barraca Kamoá. Debaixo do palanque, estrutura fixa para os campeonatos nessa barraca, “a galera” do surfe encontrava-se para conversar, “trocar idéias”, observar as performances dos surfistas no mar, fumar um baseado, mas era também lugar das paqueras e das combinações dos encontros que iriam “rolar” mais tarde. A noite se iniciava na pracinha, em frente ao clube social “Icaraí club”. Lugar de concentração e ordenação das “galeras”, que imprimiam as diferenciações e hierarquias do espaço. Quem dominava o território eram os *locais do Icaraí*, mas também outras galeras estavam presentes, principalmente, nos fins-de-semana: galera da P.F., galera do Cumbuco, galera de Iparana, galera da Barra do Ceará.

Nos dias de festa, a pracinha era lotada, vez ou outra acontecia alguma briga motivada pelas rinchas dos *locais* com os *outros surfistas*. Nesse período teve no Icaraí-club grandes shows com bandas conhecidas nos circuitos nacionais: Raça Negra, Chiclete com Banana, Banda Cheiro de Amor, dentre outras vinham jovens de todas as regiões de Fortaleza. Era também organizado um calendário de festas locais, uma para cada dia da semana: segunda na barraca Peixe-Frito, terça no João, quinta na Praia e Sol, sexta e sábado era o “som do Kamoá” com a banda Painel de Controle. Finalmente, o domingo se encerrava com o “encontro de toda a galera” a partir das 15 horas no pagode da barraca de praia Kabanás.

Nesse período, “rolavam” muitos campeonatos importantes, etapas dos circuitos nacional e mundial. Eram eventos com grande repercussão na mídia especializada, patrocinados pelas surfweares cearenses ou nordestinas. Foi um período de estruturação e consolidação de várias marcas no mercado crescente de artigos de surfe. Por conta disso tinham a publicidade e a

propaganda intensamente voltada para o público juvenil, e os campeonatos eram eventos em potencial para essa finalidade. Os campeonatos de surfe eram eventos destinados não somente aos atletas, mas a todos os espectadores do espetáculo urbano que acontecia nos espaços litorâneos: o estilo-surfe. Mas as coisas mudaram, uns se foram e outros ficaram.

Após a segunda metade dos anos 90, com a construção da Ponte da Barra como continuação da Avenida Leste-Oeste, em 1997; obra que ligou Fortaleza ao Icaraí por apenas 12 km, essa praia foi perdendo progressivamente o caráter de praia de veraneio e assume novas configurações: praia “popular”, da “galera da periferia”, lugar de todo tipo de gente, lugar da mistura, “cidade-crowd”.

Alguns fatores contribuíram para esse processo. Um deles foi a “descoberta para o turismo”, durante os últimos anos, de “novas praias” na costa oeste do litoral cearense. Um outro motivo talvez tão importante e complementar na questão, foram os conflitos causados pelos usos que os novos usuários imprimiram à localidade: a “farofa”¹¹².

A chamada “farofa” invade o Icaraí e seus circuitos de lazer: clube, barracas, festas, restaurantes dentre outros. São as pessoas vindas da periferia oeste de Fortaleza: Barra do Ceará, Jardim Iracema, Pirambu, etc., que agora ocupam todos os espaços. E num mesmo movimento, as famílias de classe média e alta vão deixando de freqüentar a praia do Icaraí. Os abonados seguem mais adiante no litoral em busca de “anonimato” e “privacidade”, uma praia que não seja “misturada”.

Os surfistas ficaram. Já que o Icaraí continuou tendo aquilo que para eles é o mais importante na praia: altas ondas. O estilo-surfe aos poucos foi se misturando, hibridizando com os “estilos de vida popular” que os novos ocupantes trouxeram. Coisa que para os surfistas é algo comum, pois no “mundo do surfe” há uma diversidade de sujeitos com trajetórias diferentes, com condições de classe diferentes, mas com os mesmos gostos, preferências, hábitos. O que é valorizado, sendo fator de reconhecimento no esporte, é a performance, o desempenho na realização das manobras, a “legitimidade” produzida pelos títulos conquistados. Há uma troca, uma comunicação

¹¹² Termo utilizado para nomear os usos da praia em que as pessoas geralmente vindas das classes populares não consomem as iguarias oferecidas pelos comércios e barracas de praia. Por sua vez, já trazem de casa as bebidas e as comidas que serão consumidas.

constante entre os múltiplos significados do ser jovem, do ser surfista, também dos usos e apropriações que cada um fazem do surfe.

Nesse sentido, os laços e as configurações de sentidos que os surfistas inscreveram no Icaraí são nitidamente percebidas, não somente nas falas e nos discursos que deixam extrapolar o sentimento de pertença que foi construído no local durante esses anos. Mas na própria paisagem da cidade e as imagens que são difundidas na mídia, nos dizem muito mais dessa relação entre o surfe e o espaço litorâneo.

Às 6 horas da manhã na avenida principal do Icaraí os fluxos de carros, ônibus, bicicletas e “topics” são intensos, fazendo os trajetos Icaraí-Fortaleza e Fortaleza-Icaraí. As pranchas amarradas no “reck” do carro, ou mesmo a imagem do surfista só de calção, de pés descalço ou chinelo e prancha debaixo do braço, já diz quem são aqueles que chegam de madrugada e para que vieram. Diferente de vários outros que se encontram na parada do ônibus vestidos de calça jeans e sapatos, seu trajeto é outro, é fixo, sedentário.

O surfista não. Seu trajeto é nômade, embora ele vá sempre para o mesmo lugar. Ele o ocupa com intensidade, ocupa o espaço com o corpo. O pico, espaço aberto, indefinido, comunicante, em que o surfista sai em busca do “trilho”, da “linha da onda”. Essa é a perspectiva adotada pelos surfistas, de um artesão de ondas. Para realizar sua prática o surfista segue os fluxos, faz itinerâncias no pico, ambula (Deleuze, 1997). O surfista nômade é aquele que conhece seu território. *Olha aí essa onda, meeu deeeus! Ali é minha quina doido, eu só fico ali naquela direitinha!* (Igor, free-surfer).

Segundo as informações de Igor, o Icaraí-pico é um “beach break” (pico com fundo de areia) de ondas para a esquerda e para direita. Nos períodos de temporada em que as ondulações, os “swells” chegam a costa litorânea do Ceará sua onda é pesada e tubular. Os primeiros meses da temporada de ondas, são os meses “bros” (de setembro a dezembro), é quando chegam as maiores ondulações.

Em setembro, começa a rolar uma “valinha” em frente à barraca Praia e Sol. Já de janeiro a abril, momento da chegada das chuvas, do “inverno”, chega o vento “terral” que sopra do continente para o mar. O tamanho das ondas diminui um pouco mais em compensação melhora a formação. É quando chegam os “cilindros”, nesse período, só rola tubo para delírio dos surfistas

locais que podem praticar a sua manobra preferida: *Quando chega a temporada o pico muda o fundo do mar que se estabiliza e forma uma bancada em V que proporciona uma esquerda alucinante e tubular em frente o Kamôa (Igor). Nos outros meses do ano (de maio a agosto) entra o vento leste e com ele poucas ondulações, tornando o pico “flat”, rolando somente “marola” para tristeza geral dos surfistas. Agosto é o mês de horror para aqueles mais “fissurados” no surfe, por conta da quantidade excessiva de ventos.*

As condições do mar influenciam diretamente o calendário do Circuito Cearense de Surfe, sendo a maior parte das competições realizadas geralmente nos meses de temporada. Nesse intervalo, em que o mar do Ceará fica “flat”, há uma pausa no circuito cearense e começam a “rolar” as etapas dos campeonatos nordestinos, principalmente no Rio Grande do Norte, Pernambuco, Alagoas e Bahia em que a ondulação sul/sudeste chega nesses meses na costa desse trecho do litoral brasileiro, provocando boas ondulações nesses lugares.



FIGURA 16: Cartaz de divulgação da competição observada

São eventos rituais dessa natureza, como os campeonatos de surfe, um dos principais elementos que fazem do Icaraí um território-surfe. Signos

reconhecidos não somente pelos praticantes, mas pelos habitantes da localidade e de Fortaleza. Inclusive, a praia do Icarai é apresentada para o Brasil e para o mundo pelos diversos sites de turismo, como uma indicação de lugar de práticas dos esportes radicais.

Nesse último ano, o Icarai sofreu um enorme avanço do mar na faixa de praia que destruiu quase que completamente as estruturas de várias barracas de praia, inclusive das barracas Kamoia e Praia e Sol, impossibilitando o surfe na maré cheia por conta dos destroços e resíduos das edificações que ficam boiando no mar como mostra a descrição do primeiro swell desse ano¹¹³ pelo surfista Luiz Carlos, também local do Icarai e editor no site deolhonasérie.com

Os tubos do Icarai ainda existem ! Após muito se especular sobre a existência, ou não, de boas ondas no Icarai, o que se viu nesta ultima semana foi um festival de tubos na praia. Com a chegada do primeiro swell consistente do ano as ondas do pico mostraram sua cara, e da forma mais tradicional, tubular. Os saudosistas falam, com razão: “As ondas não são mais as mesmas”. Mas, pode-se afirmar também que, com a ondulação certa, o Icarai continua sendo uma das ondas mais power do Ceará. Com uma diferença, a maré cheia está prejudicando as ondas e tornando o surf praticamente inviável nesta condição. A cada vez que a maré atinge sua alta, a destruição das barracas e o choque com o barranco de areia, crescem. A barraca Kamoia tentou inutilmente construir uma barragem para evitar o avanço, mas isso só trouxe insegurança ao local, pois quando o mar bate na construção, arranca tocos, pedras e etc., trazendo tudo para dentro d’água, tornando eminente o risco de acidente, fiquem atentos! Fora esses detalhes o Icarai ainda é um bom treino para quem gosta de um power surf, e claro, gosta de andar por dentro. Entre os surfistas que marcaram presença nas sessões do Icarai essa semana, podemos destacar algumas atuações: Primeiramente, poderíamos citar a atuação do atleta Super Surf, Tiago de Souza, esse foi quem entubou mais “deep”, pegou as melhores e colheu os frutos de sua disposição e boa colocação. Dunga Neto sempre é um show na água, dropes atrasados, colocadas no limite, mostram que para chegar em uma final em Noronha, como Dunga fez ano passado, ele precisa de treino, e o Icarai é o lugar. Charlie Brown, recém chegado do Hawaii e de Noronha, na seqüência, mostrou um surf técnico pegou vários tubos, inclusive de base trocada, a la Jamie O’Brien. Lima Junior, com o apetite de sempre dominou a vala esquerda do Kamoia, e pegou vários tubos, a observação diária do pico lhe trás um conhecimento que poucos tem. Irim Silva desfilou com estilo nos salões do Icarai, se jogou em várias ondas, e se deu bem em muitas delas, mas numa dessas ele acabou tendo seu equipamento partido ao meio, o que não impediu ele de surfar, como seria um crime deixá-lo na areia, Jeferson Aquino emprestou sua 6’10” para o surfista que ainda pegou alguns tubos. O Local Leopoldo Alberto, que está voltando a surfar aos poucos, após grave problema de coluna, não resistiu e foi conferir dentro d’água as ondas, como faz sempre. Quem apareceu por lá também, foi a equipe Aquax, Gleison

¹¹³ Matéria publicada dia 21/01/2006 no site www.deolhonasérie.com

Sardinha, Jaime e Léo, aproveitaram o swell por lá e testaram os novos produtos da marca que tem surf na alma. Os locais marcaram presença, com o alto astral de sempre, e as brincadeiras constantes, claro, entre uma série e outra. Kitson, Neto Negão, Mano Brown, Val, Carlinhos, Junior AutoMec, Dragão, Rosa, Argus Diniz, George Noronha, entre outros estavam por lá, além desse que vos escreve. Todos pegaram os seus tubos e fizeram suas cabeças. Até a próxima sessão.



FIGURA17: Barraca Praia e Sol no Icaraí tirada em Março de 2006. Atualmente, não existem mais esses quiosques em frente da barraca, nem os banheiros que aparecem no lado esquerda da foto.

A preocupação com a questão ambiental é algo que agora é presente no cotidiano dos surfistas do Icaraí, como demonstra o desabafo do surfista free-surfista Edu.

Uma galera estava filmando aqui no Icaraí aí eu tava perguntando qual era a finalidade da matéria o Zona Radical, é todo dia de Sábado. Aí eles vieram aqui né? Era sobre o Icaraí, aí eles tavam entrevistando a galera aí do surfe. Aí eu perguntei se poderia dar uma declaração sobre o abandono, sobre o descaso aqui, né, porque há tanto dinheiro do esporte investido em que? A gente não vê. E a praia se acabando né, porque o mar tá cada vez invadindo mais e como é que vamos surfar se não existir mais praia. Olha o mar avançou tanto que antes aqui era um campo de futebol, aqui antigamente. Lá em Iparana não tem nem praia mais, Pecém também, Aqui mesmo não era uns coqueiro aqui brother. E o Pacheco brother, eu lembro onde a galera ficava, sentava assim, né, a altura da praia era mais ou menos isso daí. Aí veio às mudanças né, os paredões, aí parou de vir areia, aí começou a cavar, cavar, cavar, agora tem bem uns 10 metro de altura. Porque o mar tá cavando né brother isso já vem de muito tempo foi desde daquela coisa ali da praia de Iracema, o espigão, até na Talba agora. Desse jeito as ondas vão se acabar e nós temos que fazer alguma coisa.

Pode-se perceber por meio dos discursos, a existência de uma intensa relação de pertença e territorialização entre os surfistas e o espaço litorâneo. O Icaraí para eles é o seu “quintal”, seu lugar, espaço de lazer, realização, mas também de expressão, de exposição dos corpos como demonstram as descrições dos eventos (Swells, campeonatos) feitas, frequentemente no site deolhonasérie.com pelos Luiz Carlos e George Washington, editores do site.

É através do corpo, das práticas de sensação que os surfistas territorializam o espaço, ganham legitimidade “da galera” para “botar pra baixo” no Icaraí. Cada “vala” *que experimentam ficam marcas territoriais, produzindo e consumindo imagens* (Diógenes, 2003). Embora haja naquele local uma intensa disputa pelas ondas, principalmente, nos fins de semana onde o Icaraí fica literalmente “craudeado”, ainda assim, *o pico é dos locais!*

3.1 - Os Locais do Icaraí: surfistas x body boarders

O Icaraí é identificado pelos jovens como sendo o “pico-crowd”, uma espécie de “pico de todo mundo”, principalmente durante os fins de semana. Segundo os locais, o Icaraí torna-se “nojento” durante os feriados. Esse pico apresenta um localismo mais sutil, que não se manifesta tanto pelo local de moradia, mas pela legitimidade construída através da relação de pertença que o surfista constrói no pico.

O localismo é um tema comum no “universo do surfe mundial”, discussão sempre presente na mídia especializada. Mas, acima de tudo, um comportamento freqüente entre os surfistas. Como já foi dito, é um sentimento intenso de “posse” que os indivíduos estabelecem com o território onde ocupam, ou seja, com o pico onde “tradicionalmente” praticam o surfe. Embora seja uma prática muito criticada pela imprensa, e por praticantes e pessoas ligadas ao esporte, é também, universalmente aceito por boa parte daqueles que compartilham a “cultura surfe”.

Em conversa informal entre amigos Mike falava que não achava certo “liberar” as ondas para “os caras que vinham de fora”, porque dava “crowd”. Assim, indaguei ao meu informante se ele concordava com o localismo, ele respondeu:

Rapaz eu não sou a favor de confusão, de briga, mas de respeito. Mantendo o respeito dos de fora com os locais. Em todo lugar que você chegar do mundo tem localismo. Não tem um canto que você pode chegar e dizer: Ah meu irmão, aqui não tem localismo. Todo canto tem.

O jovem tem razão em dizer que *todo lugar tem localismo*, embora essa prática se manifeste por diferentes configurações. Há aqueles lugares em que o conflito é claramente colocado como no conhecido caso dos “blacks trucks”, os locais do Havaí. Aqui mesmo no Ceará há picos em que essa prática é ativa, notoriamente “sentida na pele” para qualquer surfista “de fora” que chegue ao Paracuru ou no Titãzinho.

O Icaraí tem a particularidade de que o localismo é “sutilmente” realizado. Há um acordo tácito entre *os locais* de que eles têm a preferência sobre as ondas que “quebram no lugar”, ainda que esse hábito não seja realizado explicitamente através de conflitos pautados em atos de violência, como em outros lugares.

Durante a semana, nos dias comuns, embora haja ainda uma grande quantidade de surfistas no mar, sobremaneira, cedo da manhã, o pico é ocupado pelos *locais*, pelos “estabelecidos” gerando uma série de outros conflitos como, por exemplo, as ondas “enrrabadas”¹¹⁴. Numa determinada ocasião presenciei o surfista Ricardo, muito enfurecido porque um surfista profissional tinha “tomado sua onda”. Ele afirmava irritado: *Quem o Dudu pensa que é? Só porque é profissional ele pensa que pode pegar a onda dos outros? Ele não tem mais direito que eu não brother. Eu surfo aqui há quinze anos, também tenho os meus direitos. Tem que ter respeito.*

Enrrabar ondas é uma prática que ocorre em todos os picos. É isso também que alimenta o localismo pois, quando um surfista “enrraba” a onda do outro é porque ele se sente com mais prioridade e direito sobre a onda do que o outro. Também, noutros casos, tem uma estreita relação com o próprio “jeitinho brasileiro” de tirar vantagem em tudo, inclusive, na disputa de ondas.

Além da performance do surfista ou da legitimidade propiciada pelo tipo de surfe que realiza, um outro fator que provoca o reconhecimento como local é o tempo em que se pratica o surfe no pico. É durante alguns anos que os

¹¹⁴ Rabear uma onda é tomar, “roubar”, passar na frente do outro que já vinha na onda. É uma prática muito presente no surfe. Por diversas ocasiões no campo presenciei vários conflitos ocasionados por esta prática.

surfistas constroem sua condição de local; seja através do surfe freqüente em determinado lugar, seja por meio da participação em competições onde são divulgados os picos de origem dos atletas.

Outro conflito latente no Icaraí, acredito que seja o mais visível, uma vez que os surfistas fazem questão de externar suas impressões: é a disputa travada pelo domínio do mar entre surfistas e os “body boards”. Na grande maioria das vezes um “body boarder” não é bem vindo num pico de surfistas somente quando ele é “considerado”, por sua vez são constituídos picos somente para body boarders. Como demonstra o diálogo abaixo:

Igor - Olha uns body board lá no pico! É porque o Junior não tá aqui, tá trabalhando tirando foto, senão ele já tinha botado tudim pra correr. Quando o Junior vê um body board vai logo pra cima.

Roberto - Manda ele ir lá pro Havaí fazer isso, pegar um body board pra tu ver...

Igor – Ora Roberto aqui não é o Havaí não, aqui é o Icaraí. Se o cara deixar, tem milhares ali em baixo pra invadir aqui nossa área, e aí? O Junior bota logo pra correr homem, dar logo uns gritão mandando sair do meio da onda. Se não sair ele passa por cima. Dentto.

Outra vez em que presenciei os diálogos numa “roda de surfistas”, esse assunto da disputa pelo espaço, principalmente, a disputa pela construção do “território bico-fino” x território “body board” foi abordado pelos jovens:

Vitório: Rapaz eu fui surfar e tava cheio de tampa de latrina, cheio de body boarder impregnando no pico.

Roberto: Meeeeu irmãaaaao um body boarder enrrabou uma onda do Dudu lá no Icaraí, ele ficou doido, indignado brother.

Vitório: Meu irmão eu mando logo sair fora. Eu digo: vaza. Vaza que o lugar de vocês é ali embaixo olha, onde só tem body boarder.

Vitório continua o assunto relatando uma história que viveu na praia do Francês-AL, a saber:

Vocês acreditam que fui fazer o surfe com um local do Francês, aí eu não acreditei. Quando a gente chegou no pico tinham três body boards, aí ele chegou e disse: vaza, vai embora. Aqui no Francês até as

mulheres surfam de prancha que é pra não ter que pegar num body board.

A relação conflituosa entre essas duas práticas não é um evento local, mas universalmente realizada em quase todos os picos do Brasil e do mundo. Há todo um sistema de acusações que são feitas de um lado e de outro. Para a grande maioria dos surfistas de prancha, surfar de body board é coisa de maricas, de gay, pois homem mesmo, como afirmam, tem que surfar em pé na prancha, pois body boarding é esporte vistos como preferencialmente para mulheres. Também pelo fato de que na expansão e difusão do body boarding aqui no Brasil em meados dos anos 80, houve uma intensa apropriação e participação das mulheres nesse universo. Enquanto a prática de surfe de prancha era praticada somente por homens.

Atualmente, com o crescimento do surfe feminino, outra questão surge no território-pico: a relação entre os *surfistas* e as *surfistas* que não é tão “harmônica” quanto parece, principalmente, para os homens. Embora, por muitas vezes, as meninas sejam tratadas por eles de forma cordial e até solidária, levando em consideração o interesse afetivo, em conversas informais com os surfistas, alguns, afirmam categoricamente que *as meninas atrapalham no mar*, por causa da falta de experiência e a pouca habilidade para surfar. Já outros apóiam, incentivam a prática. Para Dani que surfa no Icaraí: *são poucos os caras que incentivam o surfe para as meninas, vai lá gatinha e tal, são poucos também os que liberam as ondas*. Segundo a jovem no surfe não há cavalheirismo.

Nos anos 70 o localismo era mais intenso, com a popularização e profissionalização do surfe os conflitos ficaram mais implícitos, mais sutis. Principalmente pelo fato de que tanto os free-surfers gostam de experimentar vários lugares, várias ondas; como os surfistas profissionais precisam treinar nos diversos picos da cidade. Então, não se pode “radicalizar” no localismo por que se não, também não serão aceitos em outros picos.

Os surfistas informaram que há mais localismo nos picos localizados na periferia de Fortaleza ou em comunidades praianas como no caso do Paracuru, lugares onde os jovens não têm tanta possibilidade de mobilidade e trânsito no espaço litorâneo por conta de condições sócioeconômicas. Assim, o localismo se torna mais ativo, pois os surfistas locais não costumam surfar

noutros picos, portanto, não precisam ser aceitos pelos outros. Estão “nem vendo”¹¹⁵ para os surfistas “de fora”. Como só têm oportunidade de surfar no mesmo pico o ocupam literalmente. *Nesses picos quem manda, são os locais.*

4. Leste-Oeste: de Praia Formosa para pico-odor

Tomei o pico da *Leste-Oeste* como referência no sentido de fazer um contraponto com o pico-Icaraí, um lugar já bastante familiar para mim como já relatei. Compartilhar com os jovens da Leste-Oeste por algumas vezes um pedaço do seu dia foi para mim muito desafiador. Primeiro, por romper com meu próprio senso comum, medo da violência, do tráfico e de todas as mazelas vivida por aquela comunidade. E em segundo, a convivência com uma realidade bastante diferente daquilo que eu vivi como sendo o estilo-surfe juvenil. O surfe significava para mim, como para tantos outros e outras jovens de classe média um estilo “alternativo”, transgressor, hedonista, experimentações, jogo, excitação.

Para os jovens da Leste, além dessas questões o surfe significa desafio, dignidade, conquista, decididamente, de um outro modo de vida, como defende Roberto, local do pico: *Acho que a sociedade ainda vê o surfe como curtidão, um momento de diversão, mas muitos atletas levam a sério a carreira, quer dizer uma vida né? Acho que a sociedade tem que pensar de outro modo.*

A praia da Leste-Oeste é uma pequena faixa de areia de aproximadamente 500 metros de extensão, localizada na avenida de mesmo nome, entre o mercado de peixes do pólo de lazer do Pirambu e o Hotel Marina Park. Nessa praia, localizam-se também o Corpo de Bombeiro do Estado do Ceará e a Estação de Tratamento de águas e esgoto da CAGECE. É freqüentada prioritariamente pelos moradores dos bairros e comunidades da periferia oeste de Fortaleza: Pirambu, Santo Inácio, Moura Brasil, Oitão Preto, dentre outros.

A Avenida Leste-Oeste, antes Rua Santa Terezinha, é a principal ligação entre a zona leste e a zona oeste da cidade. Considerando a ordenação sócio-espacial de Fortaleza, pode-se afirmar que há uma

¹¹⁵ Gíria bastante utilizada que significa falta de preocupação, estar “nem vendo” é estar nem aí.

separação¹¹⁶ nitidamente percebida na paisagem da cidade em uma Fortaleza-Leste, território dos abonados (Meireles, Dionísio Torres, Cocó, Papicu, etc.), isto é, espaços da classe média e alta; uma Fortaleza-Oeste, território dos pobres e miseráveis (Barra do Ceará, Pirambu, Vila Velha, Cristo Redentor, etc). O Pirambu, por exemplo, é o bairro com maior densidade populacional do Brasil. Esse cenário atual é decorrente do processo de ordenamento que ocorreu na cidade de Fortaleza (Araújo & Carleal, 2003).

As primeiras favelas surgiram na década de 1930, na época, localizavam-se, em sua maioria, próximas aos recursos hídricos e nas dunas, áreas desvalorizadas pela elite local. Exemplos dessas ocupações são as favelas do Lagamar (1933) e do Morro do Ouro (1940), que ainda estão presentes na paisagem urbana. Nos anos cinquenta e sessenta, o êxodo rural avança para a capital decorrente da crise na agricultura, da concentração fundiária e das secas periódicas. A cidade de Fortaleza em função dos serviços e empregos urbanos direciona o movimento dessas migrações (Costa, 1988).

A área entre o ramal norte da via férrea e a zona de praia a oeste de Fortaleza, atrai a população carente pela presença da zona industrial da Avenida Francisco Sá e de terrenos de marinha no Pirambu. A ocupação dessa área inicia-se ainda no século XIX com o Arraial Moura Brasil nas proximidades do Centro, estendendo-se a partir dos anos cinquenta, em direção aos atuais bairros do Pirambu, Cristo Redentor e a Barra do Ceará.

Segundo os moradores mais antigos, essa região ficou conhecida como a “zona”, lugar do baixo meretrício onde abrigavam as prostitutas de menor nível social e aparência. A área correspondente ao Arraial Moura Brasil, antiga “favela da cinza” tinha um lugar conhecido por “Curral das éguas” onde atualmente, encontra-se o Hotel Marina Park. Essa faixa litorânea foi ocupada principalmente por pescadores e pelas classes populares que se apropriaram dos territórios da Marinha. Pelo fato de ser uma zona portuária uma das maiores atividades era o meretrício.

¹¹⁶ Porém essa separação não é de forma alguma rigorosa e precisa ser relativizada, principalmente porque em bairros considerados nobres da cidade, como é o caso da Aldeota, localizam-se nas suas entranhas alguns territórios pobres, a exemplo da “comunidade das quadras” também chamada favela Santa Cecília e tantas outras exceções. Porém em termos de inclusão e acesso aos circuitos oficiais (lazer, saúde, educação, etc.) da cidade o lado leste é visivelmente privilegiado.

Também na avenida está situada a igreja Santa Terezinha, construída em 1928 pelos pescadores da localidade. Foi preservada da demolição por um intenso movimento popular promovido pela população local. A igreja é Patrimônio Histórico Municipal da Cidade de Fortaleza. Teve sua construção iniciada em 14 de novembro de 1926 pela iniciativa dos pescadores e moradores do bairro liderados por Delmiro e João Pernambuco. Foi inaugurada no dia 28 de fevereiro de 1928. Atualmente, com a construção de uma nova igreja na avenida a pequena igreja de Santa Teresinha deixou de ter funções religiosas e passou a abrigar atividades sociais esporádicas. Nos anos 70, a praia da Leste-Oeste sofreu uma invasão na sua faixa de areia devido o significativo aumento no nível do mar, que segundo os moradores “engoliu” aproximadamente três ruas que ficavam onde hoje é o mar. Os avós do surfista Roberto, por exemplo, moravam onde hoje é prédio do Corpo de Bombeiros.

O surfe é uma das poucas opções de lazer para os jovens dos bairros no entorno. Eles fazem da praia Leste-Oeste um laboratório a céu aberto da prática desse esporte. Só que, agora, a “brincadeira” desses garotos está virando negócio e, conseqüentemente, alternativa de vida. No “mundo do surfe”, além da perspectiva do *surfe-arte*, caminho traçado por vários jovens do bairro, a exemplo de Itim Silva, Edvam Lima, Charlie Brown, Betinho Rosa, Gleison Sardinha e Sukita, agora surgem outras formas de sobrevivência para os que resolveram se “aventurar” nas ondas do mercado informal.

A organização dos surfistas potencializada pela articulação da Associação Leste-Oeste Surf Club do Pirambu e a Federação das Organizações Comunitárias e dos Pequenos Produtores do Ceará (Fecomp) resultou na capacitação de vários jovens. Os cursos de árbitro e fabricação de pranchas foram realizados pelo projeto Consórcio Social da Juventude-CSJ¹¹⁷, do Programa Primeiro Emprego do Governo Federal em parceria com entidades da sociedade civil. Os cursos têm duração de seis meses e cada aluno recebe uma bolsa de R\$ 150,00, durante os seis meses de duração. Uma importante oportunidade para aqueles que tentam fazer do surfe o seu

¹¹⁷ Cf em www.ateliedajuventude.org.br.

estilo de viver. Conforme Waldir Freitas¹¹⁸,: *“Aqui 99% dos jovens praticam surfe, temos que aproveitar esse potencial.*

A coopersurf formada por 25 jovens das duas primeiras edições do Consórcio Social da Juventude-CSJ está funcionando há um ano. A cooperativa produz cerca de 10 pranchas da marca "Leste-Oeste Surf Board" por mês e tem faturamento médio mensal de R\$ 5 mil. Por enquanto, os jovens empreendedores estão vendendo o produto apenas na capital, mas já têm projetos para estender a comercialização para todo o país. Em setembro desse ano, mais 20 alunos da terceira edição do CSJ passaram a fazer parte do pequeno negócio.

As organizações do bairro juntamente com o CSJ realizaram neste ano o campeonato de surfe “Taça Consórcio Social da Juventude”, na Praia da Leste-Oeste. O evento contou com a participação dos jovens que fazem parte dos projetos além da comunidade local, tendo um público significativo: aproximadamente, 6 mil pessoas. Os jovens de baixa renda beneficiados pelo projeto de educação e profissionalização que aprenderam a fabricar pranchas e equipamentos de surfe, aproveitaram a ocasião para expor seus produtos. O campeonato teve cinco categorias: Open, Master, Junior, Iniciante e Escolinha. Participaram da competição surfistas profissionais e amadores de todo o estado. No encerramento do evento, houve um show da banda de reggae Rebel Lion que fez a “alegria da galera”.



FIGURA 18: Foto do evento de inauguração da Escolinha Municipal de Surfe da Leste-Oeste

¹¹⁸ Professor do curso de shape, fabricante de pranchas, surfista desde os 15 anos e proprietário de uma loja de surfe no bairro

Em dezembro de 2005 foi inaugurada a Escolinha Municipal de Surfe da Leste-Oeste¹¹⁹. Obra realizada pela Secretaria Executiva Regional I. A antiga reivindicação da comunidade foi comemorada por surfistas e moradores da região. Com a nova sede, cerca de 150 atletas que freqüentam aquela praia agora contam com um ponto de apoio para a prática do esporte. Segundo Fábio Galvão¹²⁰, presidente da Associação Leste-Oeste Surf Club do Pirambu, esta obra da Prefeitura de Fortaleza é pioneira na região: *“Desconheço no Nordeste uma sede que ofereça esta estrutura para os surfistas”*. Para o representante da entidade, a iniciativa vai ajudar na valorização do esporte. *“No total, são 80 associados com idades que variam entre 10 e 24 anos”*. Essa foi uma conquista para o esporte e para a comunidade.

Quanto à proposta pedagógica, há uma diversidade de temas, conteúdos e práticas que são associados ao ensino dos gestos específicos do surfe. Os conteúdos são ministrados por profissionais especializados ou orientados de acordo com a formação prévia do instrutor. Práticas como capoeira, natação, salvamento, conhecimentos de ciências como ecologia, oceanografia e meteorologia constituem o corpo temático da proposta. Sendo o surfe um esporte que envolve saberes oriundos de várias disciplinas requer, além dos fundamentos técnicos do esporte, que o praticante amplie seus conhecimentos referentes à correntes, ventos, marés, ciclos de pressão atmosférica, relações entre aspectos físicos e humanos, equilíbrio dos ecossistemas e seu reflexo na qualidade de vida. Temas como primeiros socorros no mar, alimentação, preparação física, ética e educação ambiental, fazem também parte do universo das escolas de surfe.

Outra importante vitória resultante da organização dos surfistas foi aquisição, em julho desse ano, de uma sede própria para escolinha de surfe na

¹¹⁹ Cf. em www.fortaleza.ce.gov/ver_noticias.

¹²⁰ Com 82 metros quadrados de área, a sede oferece copa, dois banheiros (masculino e feminino), galpão e uma sala onde serão ministradas aulas de cidadania e pratica de surfe.

Praia do Mero¹²¹, localizada entre o Pirambu e a Barra do Ceará, pico que abriga vários surfistas da região. A Secretaria Executiva Regional I da Prefeitura Municipal de Fortaleza inaugurou no dia 28 de julho a sede oficial da Associação Desportiva e Cultural da Praia do Mero.



FIGURA 19: Sede da ADCPM inaugurada nesse ano de 2006 pela Prefeitura Municipal de Fortaleza

A reivindicação era antiga, há cerca de três anos os surfistas lutavam para realização do projeto. Segundo Francisco José Lima, um dos diretores da escolinha, há três anos, eles procuram apoio para a realização desse projeto. *“A gente precisava de uma sede para reunir a molecada e passar nossa experiência para eles. Essa sede é muito importante para esta comunidade. Estamos tirando crianças das ruas e levando-as para o esporte”.*

Enquanto para os jovens de classe média e alta o surfe como meio de vida é uma opção dentre várias alternativas possíveis, para os jovens das classes populares é uma conquista. Oportunidade de experiência, de aprendizado, de conhecer novos lugares, ajudar a família, espaço de sociabilidade lúdica, enfim, possibilidade de uma profissionalização, de um modo de vida digna. O surfe proporciona delinear alternativas outras sem que sejam aquelas restritas e previsíveis trajetórias desenhadas pela sociedade brasileira para os jovens pobres da periferia.

4.1 - Os Locais da Leste: a galera da esquerda, do meio e da direita

¹²¹ Cf. em www.fortaleza.ce.gov/ver_noticias.

No pico da Leste “rola” ondas para direita e para esquerda, ondas consistentes, principalmente, no canto direito próximo ao Hotel Marina Park, pois o pico fica protegido dos ventos de Leste que deixam o mar mexido. Segundo Roberto, local “do Marinas”, *as ondas aqui nesse pico são as melhores, principalmente, na maré cheia.*



FIGURA 20: Pico “Marinas” localizado no paredão esquerdo na Leste-Oeste¹²²

Nessa praia, como já foi dito, existe uma forte relação entre os locais e o seu pedaço. Não é qualquer pessoa que surfa na *Leste*, o surfista precisa estar autorizado. Um fato interessante é que o pico da Leste-Oeste vai de um paredão a outro e, é territorializado em função do bairro de origem do surfista. No lado esquerdo surfam os jovens do Pirambu, já o lado direito do pico é destinado para os surfistas do Santo Inácio e do Morro do Moinho, mas também para a “galera” vinda do Centro, do Monte Castelo e outros bairros. E no meio, onde “não rola onda”, segundo os informantes, é o lugar dos body boards, das mulheres, da “galera dos outros picos” e daqueles que estão aprendendo a surfar.

Como os bairros do entorno Moura Brasil, Santo Inácio e Pirambu tem o espaço dividido, territorializado, fortemente disputado pelas “gangues e galeras”¹²³, o pico fica mais tenso, outras questões se misturam. Embora haja no pico, como já foi dito uma territorialização marcada sobremaneira pelo bairro

¹²² Disponível em www.waves.com.br.

¹²³ Ver DIÓGENES, Glória. Cartografia da cultura e da violência; gangues, galeras e movimento hip hop. São Paulo: Annablume, 1998.

de origem, o conflito maior, explícito e visivelmente identificado pela chamada “violência urbana” exposta na mídia: é o das “gangues e galeras”.

De vez em quando brother a galera do Morro do Moinho desce pra Leste pra se encontra com a galera do Piramba, aí é sola menino, zona de guerra na avenida. É a maior loucura doido, a galera fica brigando, jogando pedra, pau, o que tiver. Aí depois que tão tudo destruído vão pra casa, a maior loucura. A galera é muito “lost” (Roberto, surfista local e profissional).

Para os jovens surfistas, os colegas do bairro que se organizam em grupos para disputar os territórios e o respeito dos outros não são gangues, mas sim galeras. Quando indaguei sobre os conflitos, as brigas de gangues conhecidas por ocorrerem na Avenida Leste-Oeste influenciavam as disputas do pico, quase todos responderam: *não é gangue não, é só os pivetes, as galeras dos bairros que ficam brigando, disputando*. Uma vez percebida a natureza dos conflitos pude entender melhor as fronteiras do espaço.

Os surfistas informaram que essa disputa no território-asfalto é relativizada, amenizada no território-mar. Quando chega um surfista “de fora” e o cara “*não saca*” o lugar, às vezes, “*chega junto*” algum jovem das “galeras” para “*saber qual é a do cara*”, tomar satisfações sobre o motivo de estar naquele lugar. Logo um surfista grita do mar: *é brother! E o parceiro libera a passagem*. Inclusive há casos de jovens que antes participavam de “gangues e galeras” e depois que começaram a praticar o surfe pararam de brigar. Essa é a capacidade simbólica e cultural do esporte-jogo: transformar os confrontos físicos em confrontos simbólicos e “civilizados” (Elias, 1992).

A posição de classe também é um fator de diferenciação, *aqui não entra playboy, somente os considerados*, disse um local. Fábio me relatou uma história no dia em que Dunga Neto levou o filho do dono do Beach Park para surfar na “Leste”, no paredão do lado esquerdo, área da “galera do Pirambu”.

Rapaz o Dunga é doido levou um playboyzinho, filho do dono do Beach Park pra surfar no pico, foi o terror. A galera queria “ganhar” o cara, aí eu pedi pelo amor de Deus que não fizessem isso que o cara era gente boa. Foi difícil convencer a galera pra deixar o cara ir embora na paz. Mas olha como é que são as coisas: a galera não vacila não. Quando o cara é chapa, quando ele sabe seu lugar não acontece nada não. O pivete lá, o playboy chegou logo enrrabando a onda da galera, aí a galera pirou. Também chegou todo fodão lá com um carrão e tal. O lance é a galera saber chegar, ficar na paz, respeitar os locais né?

O surfista Dunga neto, por exemplo, é uma pessoa que sempre surfou na Leste-Oeste desde que era “pivete”. Embora Dunga fosse um jovem de

classe média que morava no bairro Parquelândia, no início ia de ônibus e depois de carro, sempre foi *considerado* no pico por ser um cara humilde, amigo e legal com os surfistas da localidade. Com o passar dos tempos Dunga foi acumulando títulos e legitimando ainda mais sua condição no pico, inclusive ele é considerado como local pelos outros surfistas. Nesse sentido, mesmo com todas as determinações sócio-espaciais, o surfe constrói seus próprios critérios de conhecimento, reconhecimento e pertença nos diferentes picos.



FIGURA 21: Pico da “galera do Pirambu”, localizado no paredão do lado esquerdo na Leste-Oeste.

A Praia da Leste-Oeste tem “tradição” no surfe na cidade. Os primeiros campeonatos ainda de carretilha eram realizados nesse local, segundo o local Roberto, os veteranos do esporte costumavam surfar nesse pico como relata o surfista: *a maioria dos antigos, da galera antigona surfava na Leste, era o Paulo Barrão, Barru, Beto Rosa, Dida Lopes. E a galera considera eles até hoje.* A questão tempo de surfe é um dos fatores que contribui para legitimar o surfista no pico. Principalmente para os “de fora” é preciso alguns anos para se tornar um *local*.

Como noutros picos, há um conflito declarado entre surfistas de prancha e body boarders. Porém, como afirmam os informantes: *cada um sabe o seu lugar.* Na Leste esse lugar é o do meio: *Os body boarders ficam no meio, nas minhas áreas não tem não. Quando chega algum a galera bota logo para correr,* disse Roberto. Mesmo o jovem já tendo surfado de body board, tendo inclusive um maior trânsito entre as duas galeras, teve que fazer uma opção por um grupo e um território, no caso Roberto optou por ser “bico-fino”.

Os surfistas criam suas regras, normas e códigos, estabelecem tipos de relacionamentos entre eles e os outros. O cotidiano no pico, ora apresenta laços de solidariedade, de troca e de partilha, como os momentos de encontro e de sociabilidade construídas entre os amigos; ora noutros instantes, o pico é zona de conflito, território demarcado por códigos, disputas, sobretudo, busca de legitimidade no sentido de lhes garantir surfar boas ondas e “serem vistos” nas melhores ondas.

O pico da Leste-Oeste e do Titãzinho são os picos que mais “produzem” atletas e campeões de surfe. Talvez pela própria disponibilidade de tempo e investimento empregado pelos jovens no esporte que se torna, muitas vezes, uma das únicas alternativas de realização pessoal e profissional. Diferente dos colegas “playboys” que além de ser mais ampliado o seu “campo de possibilidades”, tem que conciliar o surfe com outras atividades e obrigações sociais que se espera de um jovem de classe média e alta. Na grande maioria das vezes, a conclusão de um curso acadêmico em alguma universidade, seja pública ou particular.

Então para os jovens da periferia só lhes restam acreditar, insistir na quase única alternativa de uma juventude digna e possível. Porém como foi já dito, com as péssimas condições ofertadas aos surfistas profissionais aqui no estado, grande parte dos *surfistas da Leste* também vão para o Sul em busca de melhores oportunidades. É o que ocorreu com Edvam, Sukita, Charlie Brow e agora, por último com Roberto.

Em fevereiro desse ano, Roberto contou-me que estava com “depressão”, tinha passado a semana toda chorando depois que retornou do campeonato, era a Etapa do Circuito Nordestino de Surfe Profissional em Pernambuco. Ele dizia que estava muito triste, não pelo fato de ter perdido a competição, pois reconhecia que realmente não tinha surfado bem nesta etapa; mas por que estava cansado de tentar, remar, remar e não conseguir encontrar uma “vala” boa, uma oportunidade. Há aproximadamente um ano e meio Roberto buscava patrocínio e nada conseguia. O surfista um pouco antes de viajar tinha afirmado: *Tô aí largado esperando né, mas agora tenho que dar o gás pra poder partir. Minha meta agora é essa, é ganhar uma grana nos campeonatos e partir pra outra.*

Mesmo o esporte sendo uma oportunidade de viver melhor, trajetória mais provável e visível de se tornar uma realidade, uma possibilidade vitoriosa para os jovens da periferia, do que talvez outras profissões, por exemplo, as que dependem de uma educação de qualidade, os surfistas da periferia “se jogam” na carreira assim como nas ondas, apostam que a qualquer momento podem “dropar” a onda mágica e ganhar os bônus do risco e do investimento empregado, a saber: *eu vou investir no surfe nesses dois anos agora, se não render vou ter que fazer alguma outra coisa, ou trabalhar ou voltar a estudar* (Roberto).

Já alguns jovens da periferia não têm tanta “perseverança”, determinação e “esperança” em relação ao surfe como meio de vida, acabam buscando estratégias mais fáceis, rápidas, ou concretas, porém perversas, quando substituem o risco e a superação dos limites propiciados pelo surfe, pela condição de aventura e indeterminação colocadas pela própria vida.

Durante a minha infância eu tinha dois brother que surfavam comigo pra caralho. Todo mundo reconhecia o talento dos brother Guto e Marcos, só que eles escolheram o caminho que eles acharam mais fácil: o tráfico. Agora eles são os chefão do tráfico lá no Oitão Preto, no Morro do Moinho. Hoje eles surfam só às vezes porque se não a galera fecha eles. Eles não podem surfar aqui na Leste não (Roberto).

O surfe representa para os jovens da Leste uma alternativa de vida, espaço de realização, criação, convivência. Lugar do encontro com a “galera”, do aprendizado, experimentação intensa, superação. Ação que transpõe os limites, re-significa o corpo, reinventa a cidade, ocupa o espaço, segue o trajeto, (re)territorializa-se. Os surfistas são não somente artesão de ondas e do corpo, mas de sua própria vida ao buscar no trajeto a razão de sua prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Todos os dias ao passear na praia olho da areia e vejo no mar,
 Alguém que sozinho lá flutuando um ser pequenino parece esperar,
 E na hora certa, eleva-se nas águas e fica a bailar,
 Bailar sobre as ondas, ligeiras, fogosas,
 Correndo nas vagas, como a galopar,
 De dentro de um tubo espumante e bravio,
 Levanta os braços dobra os joelhos, a se equilibrar.
 E sai vitorioso na crista da onda,
 Voando e curtindo o sabor de surfar
 Desafiando qualquer teoria que dois corpos não ocupam o mesmo lugar,
 Pois naquele momento é o sal, é a água e a espuma branquinha
 Até as areias da praia encontrar
 E afunda na renda que a mistura formou
 Bordada de prata que se dissipou.
 E se ergue de novo, persiste a vontade,
 Abraça sua prancha, braçadas ao largo de volta ao mar!
 Pegar nova onda, e se deleitar...*

Mistura perfeita! Esse é o nome da poesia de Aurora Pacheco que tenta traduzir os significados do surfe para os jovens praticantes, do esporte-jogo e do espaço litorâneo. O surfe é deleite, é prazer, criação, dança, arte de desenhar sobre as superfícies; fluidez, *leveza*, *rapidez*, *exatidão*, *visibilidade*, *multiplicidade*, *mistura perfeita* entre homem e natureza, arte do corpo na experimentação do instante.

O objetivo a que me propus nesse estudo foi o de perceber, compreender e explicar as múltiplas formas de apropriações e (re)significações atribuídas ao surfe por jovens que fazem desse esporte-jogo seu estilo de vida, seu modo de *ser, viver e habitar* o espaço urbano. As trajetórias dos jovens estudados mostram que eles se reconstroem em todo momento. A partir das experiências com o corpo e espaço litorâneo os surfistas reelaboram suas performances, práticas, valores, normas, visões de mundo, estabelecem múltiplas relações entre o estilo-surfe e seu mundo social.

Os jovens surfistas demonstraram que no seu cotidiano se relacionam com as tensões e os conflitos provocados pelos parâmetros “estruturantes” e “tradicionalmente” aceitos pela sociedade em referência as novas dinâmicas sociais que ensejam, acima de tudo, a busca pela realização pessoal. Nessa perspectiva, são inúmeras as motivações e significações atribuídas às novas práticas esportivas como o surfe: modo pelo qual os jovens passam a evidenciar suas culturas específicas, estilos de vida e sociabilidades.

O surfe como “estilo de vida” é um meio de afirmação e diferenciação na sociedade. A questão do surfista atualmente *reside no confronto entre uma realidade social existencialmente conformista e a necessidade de afirmação de um “projeto de vida” potencialmente inconformista* (Neto, 2006): a superação dos limites. A meu ver, os esportes-jogo constroem espaços singulares em que os jovens se identificam e exercitam suas motivações.

O referente da “radicalidade” atribuído a algumas expressões contemporâneas das culturas urbanas juvenis como o surfe, tem implícito a idéia de um comportamento orientado pela questão da exposição, exacerbação, experimentação e/ou superação das normatividades, limites ou convenções de ordem variada, implicando sempre em determinado tipo e grau de risco. Questão que remete à padronização crescente dos estilos de vida (familiar, escolar e social), das atitudes e comportamentos na sociedade contemporânea; conduzindo os jovens a procurarem sensações novas ou diferentes, mais centradas nos limites da exploração do seu próprio corpo em confronto com o espaço ocupado. É também, um fenômeno que se relaciona

com a própria condição juvenil, isto é, a procura de excitação, de prazer e de risco corporal, de mudança, efemeridade.

Desse modo, emergem novos modelos de corporeidade atravessados por uma idéia desnaturalizada do corpo, já não como realidade pré-definida, fixa e sagrada, mas como entidade volátil, fluída, inacabada, processual e suscetível de ser explorada sob diferentes modalidades, com sentidos, usos e efeitos sociais diferentes. Trata-se, portanto, de *procurar uma vivência na incerteza ou o investimento no incerto para uma vivência nova* (Neto, 2006).

A vida dos surfistas é pautada a partir desse ponto de vista, no confronto com o desconhecido, e ao mesmo tempo, conforto e segurança oportunizados pela convivência com os amigos, pela descoberta de seus próprios limites e potencialidades. O estilo-surfe é construído pelo entrecruzamento dos vetores: lazer, consumo, estética e trabalho, sobretudo, espaço de sociabilidade, de comunicação, de exposição e “convivencialidade”.

A construção dos picos no espaço urbano também caminha nesse sentido, lugar de conhecimento, reconhecimento e diferenciações. Espaço de descoberta de si, revelado a partir da identificação construída em relação ao estilo-surfe e o espaço litorâneo. O desenvolvimento das sociabilidades nos grupos de amigos, as relações de solidariedade edificadas no “mundo do surfe” valorizam, sobremaneira, o encontro, a troca, o convívio, a manifestação de projetos coletivos e de individuais. Assim, o surfe implica numa “filosofia própria”, em que guiado pela “adrenalina”, o *ethos-surfe* torna-se um modo singular de vivência, de apropriação e de ocupação dos espaços urbanos.

O estilo-surfe é para os jovens, propulsor e hospedeiro da esperança, de sonhos e desejos de uma vida melhor (Dayrell, 2005). Não somente quando o surfe se concretiza em projeto de vida, como no *surfe-arte*: possibilidade de realização pessoal e profissional. Mas também para aqueles que procuram por meio do surfe “carregar suas energias” para enfrentar a “batalha” da vida cotidiana. O *surfe-lazer* é surfe-terapia, busca de melhoria na qualidade de vida de todos aqueles que procuram vivenciar intensamente alguns “pedaços” da cidade e de “fora dela”.

Os jovens que estão na cidade revelam a realidade perversa em que vivem atualmente. Trazem a tona questões fundamentais vivenciadas pelas juventudes brasileiras: fragilidade no acesso à saúde, educação, trabalho, cultura, lazer, dentre outras fissuras da sociedade contemporânea. Se o objetivo for contribuir para a formação humana desses jovens no sentido de potencializar suas experiências de vida, um primeiro desafio é encará-los como sujeitos que interpretam seu mundo, fazem escolhas e dão sentidos as suas ações (Dayrell, 2005). Com seus limites e usos diferenciados, o estilo-surfe é para esses jovens, oportunidade de exercer suas preferências, as experimentações, o lazer, à diversão, profissão, negócio, enfim, a viver de um modo digno a sua juventude nos espaços urbanos.

Quando decidi “dropar” nas ondas do “mundo do surfe” decidi que ia fazer, porém intensamente. Busquei entender os signos e significados do *estilo-surfe* para alguns jovens da cidade. Movimento em que fui guiada aos territórios-picos do Icaraí e da Leste-Oeste, onde percebi uma pluralidade de códigos, símbolos e hierarquias que delineiam as lógicas, as dinâmicas, as diferenciações ocorridas no “mundo do surfe”, e especificamente, nos territórios-pico. Propus-me realizar o trabalho a partir de um trajeto nômade e plural, tal como a sensibilidade que os surfistas precisam ter quando pegam à linha da onda. Nesse sentido, busquei entender como e a partir de quê se realizam a multiplicidade das lógicas, a diversidade dos usos e apropriações que os diferentes sujeitos fazem do surfe e do seu espaço.

Muitos jovens do Icaraí-crowd tem na praia o seu momento-lazer, prazer, realização, jogo praticado entre corpo e espaço. Corpo a bailar nas superfícies do mar e na fluidez da linha da onda encontra o seu caminho. Regogiza-se o espírito, a “vibe-surfe” se conecta, adrenalina e endorfina: o corpo se deleita. O surfe-lazer é a finita e agradável tensão-excitação do momento. É fazer da incerteza a segurança do presente, válvula que assegura e esvaziamento de todas as “paranóias” do cotidiano urbano.

Já para grande parte dos surfistas da Leste, a praia é seu escritório. Lugar do treino e do aprendizado, possibilidade primeira de realização de um sonho: ter uma profissão, melhorar de vida, ajudar a família e ser um grande atleta profissional, são desejos comuns entre os jovens. O surfe-arte além de ser uma forma singular de uma “estética da existência”, é antes de tudo, alternativa de vida e de trabalho realizada de modo respeitoso e digno. Por meio do esforço, do investimento e da dedicação, o jovem ao dropar e “se jogar” nas ondas do surfe, ensinam motivados como viver “com emoção” sua juventude nas periferias.

Nesses tempos, de controle contínuo, de esvaziamento constante das possibilidades, de vazios construídos na relação dos jovens com a participação nos espaços públicos, de práticas com sentidos políticos ausentes, percebi que o surfe representa vetores de possibilidades para os jovens que residem na cidade. Tática de ocupação, de trânsito e de exercício do espaço urbano, sobretudo, motivação para “escapar”, desviar do controle. A partir do conhecimento e do reconhecimento do corpo, limites são vencidos, o corpo e o espaço são reinventados.

Por meio das performances realizadas, os jovens surfistas inscrevem no espaço litorâneo um jogo de indisciplinas, práticas de controle no descontrole, ações de descontrole do controle. Os surfistas ocupam intensamente a cidade, nomadizam não só o espaço, mas também a sua vida. Diferente de outros, que conforme Deleuze (1992, p. 226),

pedem estranhamente para serem “motivados”, e solicitam novos estágios e formação permanente; cabe a eles descobrir a que estão levados a servir, assim como seus antecessores descobriram, não sem dor, a finalidade das disciplinas. Os anéis de uma serpente são ainda mais complicados que os buracos de uma toupeira (Deleuze, 1992, p.226).

GLOSSÁRIO DO SURFE

360° - É uma manobra em que o surfista executa uma volta completa em torno de si mesmo, com sua prancha, e continua na mesma direção.

Abar - Quando "filam" suas coisas no surfe, tipo rango, parafina.

ABRASP - Associação Brasileira de Surf Profissional

Aéreo – Manobra em que o surfista executa o vôo na onda sobre a prancha, ou não.

Aerial 360° - Variação difícilíssima da manobra citada acima, onde o surfista executa a mesma durante um vôo com a prancha.

Aloha - Saudação havaiana de boas vindas, termo muitos utilizados pelos surfistas brasileiros.

Amador - Atleta que não recebe salário, que não tem patrocínio e/ou que não paga a taxa anual de profissionalização para ASP.

Amarradão - Quando uma pessoa está muito feliz

Arrebentar - Se sair muito bem em uma determinada situação.

ASP - Association of Surfing Professional

Astrodeck - Material feito com borracha especial, aplicado sobre a prancha, servindo assim como anti-derrapante.

Back door - Parte da onda que quebra da direita para a esquerda - para quem está olhando da praia.

Back side - É quando o surfista pega onda posicionando-se de costas para ela.

Back Wash - Pororoca, ou seja, onda que vem ao contrário, na direção da areia para o mar.

Batida - Manobra em que o surfista acerta a crista da onda com a parte de baixo da prancha.

Beach Break - Praia com fundo de areia.

Big rider - Surfista que é bom e gosta de pegar ondas grandes.

Bóia – É o cara que fica parado dentro da água e a “galera” passa por ele e pega as ondas, serve de bóia...

Boia (2) - Ponto flutuante colocado em competições no outside da arrebentação, pelo qual o surfista competidor deve efetuar uma passagem para ganhar a prioridade de pegar uma onda.

Bolha - Área da prancha que se encontra danificada, podendo estar ou não com água. A princípio a área fica fofa.

Bottom (Fundo) - Parte do fundo da prancha, onde ficam as quilhas.

Bottom Turn (Cavada) - Manobra em que o surfista faz uma curva na base da onda em direção do lip (crista da onda).

Brother - Expressão usada no cumprimento de surfistas ou amigos próximos. Fala, Brother!

Cabreiro – Com medo, nervoso, noiado.

Cabuloso - Doideira, esquisito, estranho.

Caldo - Quando o surfista cai da prancha, mesmo que vaca.

Camisinha - Capa de prancha de tecido elástico que ao ser colocada na prancha, se assemelha a um preservativo.

Casca grossa - Surfista muito bom em determinadas características, principalmente em situações difíceis.

Cavada - Mesmo que bottom turn.

CBS - Confederação Brasileira de Surf Amador.

Colocar Pilha (Pilhar) - Incentivar fazendo pressão / Aborrecer.

Copinho - Local da prancha onde se coloca a cordinha, leash ou strep.

Crowd - Muita gente surfando numa mesma área, ou também designa surfistas de outro pico.

Cut back - Manobra em que o surfista volta na direção contrária da onda e depois retorna na direção normal, formando um 's'.

Deck - Parte de cima da prancha (onde o surfista pisa).

Do Surfe - Que faz parte da tribo do surfe, massa, doidera, legal.

Drop - Significa descer a onda.

Elevador - Passar por uma onda grande, subindo pela frente e descendo por trás.

Evolution - Prancha com mais espessura e largura, facilitando o drop e cavada. Geralmente vão de 7' até 8'6" pés e com bico arredondado.

Expression Session - Campeonato onde todos os surfistas entram na água e o vencedor é aquele que realiza a melhor manobra entre os competidores.

Flat - Mar plano, baixo, sem ondas.

Floater - Manobra em que o surfista flutua, quase sem contato, com a crista da onda, quando ela já está quebrando.

Free surfer - Surfista que não entra em campeonatos regularmente, surfa por puro prazer e de preferência, longe do crowd.

Front side - É quando o surfista pega onda posicionando-se de frente para ela.

Fundo (Bottom) - Parte do fundo da prancha onde ficam as quilhas.

Glass - Liso, água limpa e transparente, dia de ondas perfeitas, sem nenhum vento.

Grab rail - Manobra que o surfista coloca a mão na borda da prancha para pegar um tubo de back side.

Grommett - Surfista novo que tem entre 10 a 12 anos de idade.

Goofy - Surfista que pisa com o pé direito na frente (base Goofy).

Gun - Prancha grande, para ondas grandes, também chamada de ganzeira.

Haole - Expressão havaiana para surfista de fora do Hawaii/ surfista que não é do local onde está surfando.

Hot dog - Prancha pequena, para ondas pequenas. Um surfe hot dog é surfado em ondas pequenas e bem manobráveis.

Inside - Qualquer lugar dentro da arrebentação, ou seja, a própria arrebentação.

Ir Trabalhar - Ir surfar bem cedinho.

ISA - International Surfing Association.

Kaô - Papo furado . Ex: mó kaô, maior papo furado.

Larica - Qualquer tipo de comida, de preferência rápida e que mate a fome após o surfe ou outras atividades.

Leash - Corda utilizada para prender a prancha ao pé do surfista.

Leque - Manobra na qual o surfista sobe ao lip da onda e quando puxa a prancha com toda força faz com que a mesma destrua o lip jogando água fazendo a forma de um leque.

Lip - Crista da onda.

Line Up - Alinhamento dos surfistas no outside, linha de formação das ondas.

Localismo - Conflito entre os surfistas responsável por muitas brigas e confusões dentro da água, nas disputas pelas ondas e pelo território-pico. Os surfistas locais geralmente pensam que têm mais direito ao mar do outros, os de fora.

Long John - Roupa de borracha para proteger o corpo do frio.

Mar Gordo - Quando o mar está com onda largas, que são difíceis de pegar quando se está muito perto do início dela.

Maral - Vento que sopra do mar em direção a areia, geralmente aumenta o mar, mas deixa as ondas mexidas.

Marola - Parte mais rasa do mar e com ondas menores, ondas pequenas.

Maroleiro - Surfista que gosta de ondas pequenas.

Merreca - Onda "péssima"; sem condições de fazer um bom surfe.

Merrequero - Surfista que só pega ondas pequenas.

Morra - Onda grande e gigante.

Nigth - Diversão na noite, comédia, balada.

Off Shore - Vento lateral da terra para o mar. Este vento normalmente é quente e alisa as ondas.

On Shore - Mesma coisa que MARAL, ou seja, vento que sopra do mar para terra.

Outline - Esboço de uma prancha. É o desenho, a "linha de fora", o contorno que o shaper utiliza para começar a criar.

Outside - Qualquer local para fora da arrebentação.

Pala - Dar Bandeira é dar uma pala.

Pico – Lugar onde quebram as ondas, mas não só, é todo o ambiente físico e social que é apropriado e usado pelos surfistas: o território terra-mar.

Point - Qualquer local ou lugar que as pessoas considerem interessante, legal.

Point Break - Praia com fundo de pedra.

Prego - Surfista que não sabe pegar onda muito bem.

Pró - Surfista profissional, competidor e que ganha dinheiro com o esporte.

Quilha – Parte responsável em dar segurança a prancha, direcionando-a na onda e proporcionando manobras.

Quiver – Prancha ou conjunto de pranchas com tamanhos diferentes.

Rabear - É quando um surfista entra na frente da onda de um outro surfista que já está dropando, roubar ondas.

Raberar - O mesmo que rabear

Raberador: Surfista conhecido por rabear a onda dos outros

Rango - Comida.

Reef Break - Praia com fundo de coral.

Regular - Surfista que pisa como pé esquerdo na frente, base regular.

Secret Point - Local secreto.

Série - Seqüência de ondas.

Show - Uma coisa boa. "O mar estava show."

Strap - O mesmo que leash ou cordinha.

Style - Alucinante, parecido com show, também estilo, autêntico.

Swell - Ondulação.

Tá Show - Está muito bom.

Gringo – Excelente, muito bom, show.

Tail Slide - Manobra em que o surfista derrapa a rabeta da prancha. Pode ser conjugada com outras manobras.

Terral - Mesma coisa que Off Shore.

Tiração de onda – Tirar brincadeira, frescar com o outro.

Tube Rider - Surfista quem é bom em tubos.

Tubo - Manobra em que o surfista fica dentro da onda

Traction - Borracha anti-derrapante colada no deck da prancha.

Trip - Viagem de surf, geralmente para um lugar com altas ondas.

Vaca – Tombo, queda, caldo.

Varrer - Quando uma onda grande, ou série de ondas grandes pega todos desprevenidos no inside e os arrasta até a beira-mar.

Vazar – Ir embora, sair fora.

WCT - World Championship Tour, é a 1ª divisão do Circuito Mundial de Surf.

Wipe Out - Mesmo que Vaca; ou seja, tombo, queda.

WQS - World Qualifying Series, é a 2ª divisão do Circuito Mundial de Surf.

BIBLIOGRAFIA

1.1. Bibliografia Geral

ABAD, Miguel. *Crítica política das políticas de juventude*. In: FREITAS & PAPA (org.). *Políticas Públicas: Juventude em pauta*. São Paulo: Cortez: Ação Educativa: Fundação Friedrich Ebert Stiftung, 2003.

ABRAMO, Helena W. *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: ANPOCS, 1994.

ALBUQUERQUE, Cynthia S. *Jovens universitários “reinventando a política”: a experiência dos grupos culturais da UECE*. Monografia de conclusão do curso de Serviço Social. Universidade Estadual do Ceará, 2003.

ARANTES, Antônio A. *Política de Rua*. In: *Paisagens Paulistas – transformações no espaço público*. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2000.

ARENDT, H. *A condição humana*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP: Papirus, 2003.

BARBERO, Jesus Martín. *Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas de comunicação na cultura*. São Paulo: Loyola, 2004.

BEGER, P. & LUKMANN, T. *A construção social da realidade*. Editora Vozes, 1985.

BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOURDIEU, Pierre. *A economia dos bens simbólicos*. In: *Razões Práticas*. Campinas/SP: Papirus, 1997.

_____. *Programa para uma sociologia do esporte*. In: *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *Como é possível ser esportista?* In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.

_____. *O poder simbólico*, Lisboa: Difel, 1989.

_____. *A Miséria do Mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANCLINE, N. *Consumidores e cidadãos: conflitos muticulturais na globalização*. Rio de Janeiro:UFRJ, 1996

_____. *Culturas híbridas, estratégias para entrar e sair da modernidade*, Edusp, São Paulo, 1998.

CANEVACCI, Máximo. *Antropologia da Comunicação Visual*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CARMO, P. S. do. *Culturas da rebeldia: a juventude em questão*. São Paulo: Editora Senac, 2001.

CARRANO, P. C. R. *Juventude: as identidades são múltiplas*. Revista Movimento, Editora DP & A, maio de 2000, nº 1.

_____. *Os jovens e a Cidade*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano 1. Artes de Fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. *A invenção do Cotidiano 2. Morar e conzinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

COHEN, R.C. *Performance como linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CONNERTON, P. *Como as sociedades recordam*. Lisboa: Celta, 2000.

DANTAS, E.W.C. *Mar à Vista: estudo da maritimidade em Fortaleza*. Fortaleza: Museu do Ceará, SECULT, 2002.

DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte:UFMG, 2005.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004.

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5; tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DIÓGENES, Glória. *Itinerários de Corpos Juvenis: o tatame, o jogo e o baile*. Rio de Janeiro: Abrume Dumará, 2003.

_____. *Cartografia da cultura e da violência; gangues, galeras e movimento hip hop*. São Paulo: Annablume, 1998

DUMAZEDIR, Jofre. *Sociologia Empírica do Lazer*. São Paulo: SESC, 1999.

ELIAS, N. & DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

FERRARA, Lucrecia. *Leitura sem palavras*. São Paulo: Ática, 2001.

FORTUNA, Carlos. *A cidade do lado da cultura: espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural* In: SANTOS, B. S. (org.) Cortez, São Paulo, 2002.

HABERMAS, J. *Mudança estrutural na esfera pública*, Biblioteca tempo universitário, Rio de Janeiro, 1984.

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

_____. *O Saber local*. Petrópolis: Vozes, 1997

GIDDENS, Antony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: ed. Unesp, 1991.

LEITE, Rogério Proença. *Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown*. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, 2003.

LINHARES, Paulo. *Cidade de água e de sal: por uma antropologia do litoral nordeste sem cana e sem açúcar*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1992.

MAGNANI, José Guilherme C. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo: Fapesp, 2000.

_____. (org.). *Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na cidade*. In: Na Metrópole – textos de antropologia urbana. São Paulo: Fapesp, 2002.

_____. *Festa no Pedacço: Cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1988.

- MILLS, C. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1969.
- PAIS, Machado. *As Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.
- PEIRANO, M. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- PONTES, A. M. F. *A Cidade dos Clubes: modernidade e 'glamour' na Fortaleza de 1950-1970*. Fortaleza; Expressa Gráfica e Editora, 2005.
- RIVIÉRI, Claude. *Os ritos profanos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- SAHLINS, M. *Ihas de história*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1990.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo; razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- SEGALEM, Martine. *Ritos e Rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- SENNET, R. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Companhia da Letras, São Paulo, 1974.
- STIGGER, Marco Paulo. *Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico*. Campinas, SP: ed. Autores Associados, 2002.
- TOLEDO, Luiz Henrique. *A cidade das torcidas: representações do espaço urbano entre torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo*. In: MAGNANI, J. G. C. (Org.). *Na Metrópole*. São Paulo, EDUSP, FAPESP, 2000.
- VELHO, G. (org.). *Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. *Individualismo e Cultura: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. *Projeto e metamorfose: antropologia das cidades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. *Nobres e Anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- _____. *Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro, 2003

ZUMTHOR, P. *A introdução à poesia oral*. São Paulo: Hucitec, 1997.

1.2. Artigos em jornais e revistas

Borzarcchiello, José. *Economia dos armazéns e das praças*. In: Revista Fortaleza. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2006.

Jornal O Povo, 06 de março de 1978.

Jornal O Povo, 02 de setembro de 1980.

Que o Havaí seja aqui. Jornal O Povo, 25 de abril de 1982.

Jornal O Povo, 25 de setembro de 1982.

Jornal Diário do Nordeste, 16 de junho de 1986.

A Imprensa entra na onda. Jornal Diário do Nordeste, 19 de outubro de 1986.

Body Boarding: a epidemia do verão. Jornal O Povo, 08 de fevereiro de 1987.

O surf volta a ser sinônimo de maconha. Jornal O Povo, 21 de novembro de 1987.

Polícia prende 22 surfistas com a erva. Jornal O Povo, 16 de novembro de 1987.

Jornal O Povo, 08 de Janeiro de 1989.

Jornal O Globo, 01 de Janeiro de 1989.

Jornal O Povo, 22 de dezembro de 1989.

Surf movimentou negócio de 6 mil consumidores. Jornal Diário do Nordeste, 25 de janeiro de 1990.

Jornal O Povo, 07 de outubro de 1990.

Jornal Folha de São Paulo, Domingo, 14 de outubro de 1990.

1.3. Artigos da Internet

ARIÁS, Marcelo. *A gênese do surf*. Disponível em: www.unimonte.br Acesso em: 15 de novembro de 2004.

ARIÁS, Marcelo. *A história do surf no Brasil*. Disponível em: www.unimonte.br
Acesso em: 15 de novembro de 2004.

CARRANO, P. C. *Comunicação juvenil e lazer: notas de pesquisa sobre redes de sociabilidades na cidade de Angra dos Reis*. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/nucleos/nce/pdf/129.pdf>. Acesso em 10 de fev. 2003.

FERREIRA, Vitor Sergio. *Expressões radicais do corpo em contextos juvenis*. Disponível em: <http://www.ics.ul.pt/investiga/projectos/opj/index.htm>. Acesso em 25 de junho de 2006.

FORTES, Rafael. *O surfe nas ondas da mídia: uma proposta de abordagem*. Disponível em: <http://www.reposcom.portcom.intercom.org.br>. Acesso em 25 de junho de 2006.

GODIM, Linda M. P. *O dragão do mar invade a praia de Iracema: desenho urbano como catalisador das imagens da cidade*. Universidade Federal do Ceará, Março de 2003. Disponível em: www.googleacademico.com.br.

GUTEMBERG, Alex. *A história do surf no Brasil*. Azul, 1989. Disponível em: www.surfreporter.com.br.

1.4. Sites pesquisados

<http://www.abrasp.com.br>

<http://www.aspworldtour.com>

<http://www.deolhonaserie.com.br>

<http://www.greenish.com.br>

<http://www.pena.com.br>

<http://www.redley.com.br>

<http://www.surfcare.com.br>

<http://www.surfbite.com.br>

<http://www.unipran.com.br>

<http://www.waves.com.br>

ANEXOS

ANEXO 1 . TIPOS DE PRANCHAS

FIRE BALL BOARD Tam: 5'10" à 6'6"

Design muito utilizado em ondas brasileiras pôr ser uma prancha básica para o dia a dia de surfe. Uma perfeita combinação entre velocidade e projeção, fazendo com que consiga fazer manobras muito radicais, rabetas mais utilizadas para este modelo é round squash, swallow e squash.



SUMMER BOARD TAM: 5'6" à 6'2"

Este modelo de prancha é excelente para ondas de 0,5 m até 1,0 m pôr ter o meio mais largo que varia entre 18 1/2" (47 cm) até 19 1/4" (50 cm) é colocado o que chamam de wing ou double wing (quebra) em uma rabeta swallow, deixando esta prancha muito "solta" e "radical" nas manobras.



PROKIDS BOARD Tam: 4'2" à 5'5"

Prancha feita especialmente para criança à partir de 5 anos de idade que já sabem nadar, dentro do biotipo da criança (peso, altura), facilitando assim seu desenvolvimento e aprendizado rápido no surfe.



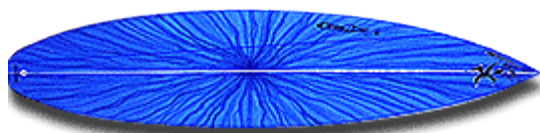
ABÓRIGIRL BOARD Tam: 6'0" à 6'8"

Prancha desenvolvida exclusivamente para garotas, com uma área de bico mais larga e o meio que pode variar entre 18 1/2" polegadas (47 cm) à 19" polegadas (48,3 cm), dando boa estabilidade na remada como nas manobras. Rabetas mais utilizadas são round squash ou squash.



SMALL GUN BOARD Tam: 6'8" à 7'2"

Este modelo é muito usado rabetas tipo round pin ou round squash bem estreita, sendo indicada para ondas mais cavadas pôr ter uma boa projeção e estabilidade na hora do drop (descida da onda) até a finalização de um tubo é uma ótima opção para os mares de inverno que quebram ondas mais consistentes.



BULLET GUN BOARD Tam: 7'4" à 8'5"

Modelo muito funcional para os dias de ondas grandes ou para quem está pensando em surfar picos internacionais de grande consistência como México, Hawaii ou Bali . A rabeta que se utiliza é a Pin Tail pôr ser bem estreita parecida quase com o bico da prancha, facilitando na projeção e na estabilidade dentro dos tubos, esta prancha é indicado para ondas acima de 7' pés (2.10 m).



EVOLUTION FUN BOARD Tam: 6'4" à 8'5"

É a fusão de um Fun Híbrido com uma prancha. A largura deste design pode variar entre 19" polegadas (48,3 cm) à 21" polegadas (53,3 cm), sua curva de fundo é bem semelhante a uma prancha, tendo uma área de bico um pouco mais largo e flutuação bem distribuída do bico até a rabeta, facilitando muito para entrar nas ondas e deixando este tipo de prancha bem manobrável. Ideal para quem já tem uma base de surfe e quer pegar muito mais onda no meio do crowd.



HÍBRIDO FUN BOARD Tam: 7'0" à 8'0"

Este modelo tem uma área de bico mais estreito e com menos flutuação do que o Fun Classic e suas bordas mais deitadas, proporcionando assim muita maleabilidade e velocidade. Este design consegue-se fazer manobras incríveis, pois tem uma boa estabilidade tanto para ondas pequenas como ondas maiores. Muito indicado para que já está cansado de ficar disputando onda com pranchinhas e quer uma Fun mais solto.



CLASSIC FUN BOARD Tam: 7'0" à 8'5"

Classic Fun o próprio nome já diz tudo. É uma prancha para se divertir muito, pôr ter um design de bico mais arredondado e um meio largo que variam entre 20" polegadas (50,8 cm) à 21" polegadas (53,3 cm), com uma flutuação moderada, bordas mais cheias e fundo mais flat (menos curva), facilita muito ao aprendizado da pessoa que está começando surfar como o que já pega altas ondas, permitindo ficar em pé mais fácil e fazer manobras mais "clássicas" tanto em ondas pequenas e médias.



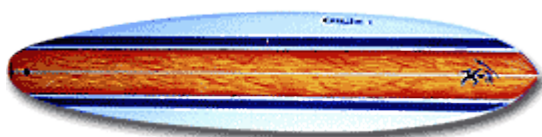
LONG BOARD CLASSIC Tam: 9'5" à 9'9"

Para um surfe mais clássico estes pranchões devem ser acima de 9'5" com um área de meio em torno de uns 22 3/8" (56,9 cm), bico bem largo e bordas mais arredondadas. O ideal para se surfar com este modelo é de 0,5m a 1,0 m de onda, porque o surfista usa muito o bico desta prancha para se fazer um hang ten ou hang five é uma divertida brincadeira.



HIGH-SPEED LONG BOARD Tam 9'0" à 9'2"

Este longbord é para quem procura radicalizar nas manobras como batidas, floaters, rasgadas, normalmente se utiliza medidas mais estreitas no bico e no meio, com menas flutuação. As bordas, quilhas e curva de fundo se assemelham muito as pranchinhas, podendo utilizar fundos como double concave. Um longboard muito manobrável.



ANEXO 2. OUTROS TIPOS DE ESPORTES RADICAIS DE PRAIA

1. Kite-surfe



2. Wind-surfe



3. Sand-board



ANEXO 3. REGRAS DAS COMPETIÇÕES

REGRAS DE COMPETIÇÃO

- O ranking final individual será a somatória dos três melhores resultados. (com 01 (um) descarte, portanto).

- Desempates seguirão o mesmo critério de baterias, ou seja , passa-se aos dois, um e quatro resultados . Persistindo o empate valerá a colocação do ano anterior na categoria em questão.
- O ranking final por equipes será a somatória dos quatro melhores resultados. (sem descarte portanto).

A pontuação adotada para atletas será a seguinte :

1. 1000	17.185	33.34	49.6
2. 900	18.167	34.31	50.6
3. 810	19.150	35.28	51.5
4. 729	20.135	36.25	52.5
5. 656	21.122	37.23	53.4
6. 590	22.109	38.20	54.4
7. 531	23.98	39.18	55.3
8. 478	24.89	40.16	56.3
9. 430	25.80	41.15	57.3
10. 387	26.72	42.13	58.2
11. 349	27.65	43.12	59.2
12. 314	28.58	44.11	60.2
13. 282	29.52	45.10	61.2
14. 254	30.47	46.9	62.2
15. 229	31.42	47.8	63.1
16. 206	32.38	48.7	64.1

Classificados abaixo da 64^a posição receberão todos 1 ponto para efeito de participação em ranking.

O formato padrão dos eventos da CBS deverá ser usado em todas as categorias.

- a) Todas as baterias terão no máximo 04 competidores, destes um mínimo de 50% devem passar para a fase seguinte.
- b) Todas as baterias terão o tempo mínimo de 15 minutos, e as finais um mínimo de 20 minutos.
- c) O número máximo de ondas permitidas por bateria assim como quantas serão consideradas para efeito de classificação fica a critério do Diretor Técnico e do Head Judge em função das condições do mar .
- d) Após divulgadas as baterias, não será permitida a troca de atletas envolvidos na pontuação de equipes estaduais, exceto em caso de ausência do inscrito original sendo que neste caso a troca deverá ser efetuada antes do início do primeiro round da categoria sendo que o substituto entrará na bateria do ausente, deixando sua bateria original vaga para eventuais listas de espera .
- e) O atleta que chegar atrasado poderá entrar no mar com a bateria em andamento, dentro do tempo programado para a mesma.
- f) Em hipótese alguma um atleta chamado pela locução que tenha dado W.O, pode voltar para a competição.
- g) As baterias deverão ter seu tempo marcado através de um cronômetro eletrônico e nunca por um relógio comum.
- h) Todas as baterias deverão começar em frente a área do palanque, ou no out-side, ou com os surfistas saindo da areia (beach start) mediante orientação do locutor e/ou beach marshall .

- i) Deverá ser usada uma sirene para iniciar ou terminar as baterias. Um toque para iniciar e dois para terminar.
- j) Deverá ser usado um sistema de placas com no mínimo 1 metro quadrado verde para começar e amarelo para indicar os 5 minutos finais.
- k) O locutor deverá fazer uma contagem regressiva dos cinco segundos finais da bateria e ao atingir “zero” a mesma encerrar-se-á imediatamente e a placa amarela deverá ser abaixada não devendo aparecer nenhuma placa. O final da bateria ocorrerá no primeiro sinal da sirene.
- l) Um surfista poderá descer uma onda antes do início ou após o término de sua bateria apenas se , respectivamente a bateria anterior já tiver terminado ou a bateria seguinte ainda não ter iniciado . Nestes casos a onda não será validada e não haverá penalizações. Caso contrário, em ambas as situações será aplicada uma multa ao atleta no valor de uma inscrição. Em condições críticas de mar, o diretor técnico, poderá autorizar, por medida de segurança que o atleta desça em pé nas condições anteriores sem a penalização. Neste caso o surfista deverá fazê-lo sem efetuar manobras.
- m) Ao final da bateria o surfista deverá estar claramente de posse da onda fazendo um movimento para se levantar-se com as mãos já tendo deixado as bordas da prancha para que a onda seja contada.
- n) Sob nenhuma circunstancia haverá prorrogação de tempo, uma vez iniciada a bateria. Se a mesma for interrompida por qualquer razão, esta deverá iniciar-se no tempo exato em que foi interrompida até o final preestabelecido. Caso a bateria recomece em outro local que não o local onde houve a interrupção e o head judge avaliar que não existia uma vantagem nítida para nenhum competidor e que será impossível manter a mesma escala no julgamento, poderá optar pelo reinício total da bateria.
- o) Será obrigatório o uso da camiseta de competição da maneira correta, caso contrário o head judge poderá não pontuar as ondas do atleta. O competidor deverá sair da área do palanque vestindo sua camiseta de competição, só

podendo tirá-la após o término de sua abateria, também na área do palanque.

- p) Todas as baterias que tenham dois atletas, com os mesmos já classificados, terão seu tempo reduzido para 05 minutos. Em condições particulares de mar ou de cronograma o diretor da prova poderá optar pelo ranking para definir colocações.
- q) No caso em que as condições do mar não apresente o tamanho mínimo exigido de 30 cm, o campeonato deverá ser realizado em lugar que tenha o mínimo de condições, ou transferido para outro horário ou dia. No caso de o campeonato ser oficialmente cancelado após o início, os pontos deverão ser divididos entre os atletas que estiveram classificados para a respectiva fase.
- r) Deverá ser incluído obrigatoriamente divulgação de resultados e releases para a imprensa.
- s) O diretor da prova é a única pessoa que poderá dar informações oficiais sobre horário e formação de baterias. Se por acaso alguém que não o diretor da prova passar informações erradas que causem a perda de uma bateria, não será de responsabilidade do evento, ficando o atleta sem condições de reclamar.
- t) O competidor deverá ser informado quando faltarem 2 ondas, quando faltar 1 onda e quando completar o número máximo de ondas para a bateria em questão. Se surfar mais que o limite da bateria será penalizado com redução de 5 pontos na soma total dos pontos, para cada onda extra. Além disso, quem permanecer na água após sua última onda será penalizado com uma interferência se :
 - t.1) descer qualquer onda extra que atrapalhe outro competidor.
 - t.2) interfira em qualquer competidor remando ou colocando-se no out-side.
- u) As bandeiras de tempo são consideradas instrumentos de auxílio ao atleta, principalmente em condições adversas do mar. Porém os mesmo devem ter

seu próprio controle de tempo. Alegações de que não foi vista a bandeira, ou de que a mesma foi trocada em tempo ou cor equivocada, não dão direito a alteração de resultado ou volta de bateria ao mar.

v) Da mesma maneira o sistema de locução é também considerado instrumento de auxílio ao atleta. Reclamações sobre notas e resultados parciais equivocados ou da falta das mesmas devem ser dirigidas ao diretor de provas para um aprimoramento do evento, porém não terão efeito sobre o resultado da bateria. O mesmo vale para o aviso das ondas restantes.

x) O seeding a ser utilizado nas baterias levará em conta a colocação da equipe do atleta e sua posição dentro da mesma.

SOMATÓRIA DOS PONTOS.

a) Para decidir sobre o vencedor usa-se o sistema da soma das melhores pontuações. O número de ondas que serão somadas será definido pelo Diretor de Provas em conjunto com o Head Judge, sendo que este número poderá ser mudado durante a competição sempre que as condições de mar assim o exigir. A maior e a menor nota dada pelos juizes a cada onda serão eliminadas, somando as duas notas restantes . Ao final da bateria as melhores pontuações de cada surfista definidas acima serão destacadas e somadas. O surfista que obtiver o maior numero de pontos será o vencedor.

b) Empates - Nas baterias devem ser somadas as três melhores pontuações. Permanecendo o empate soma-se as melhores e assim por diante. Se permanecer o empate passa-se a somar as 4 melhores pontuações até obter o desempate . Somente baterias sem condições de desempate irão para a água novamente com apenas os atletas envolvidos.

INTERFERÊNCIAS.

a) Regra básica - O surfista que estiver na parte mais interna da onda tem o direito incondicional de percorrê-la em toda a extensão. A interferência será caracterizada se durante esta onda a maioria dos Juizes sentir que o outro

competidor lesou o potencial de pontos que o surfista que tinha a posse da onda poderia obter.

b) Qualquer competidor que se levantar à frente do surfista que tiver a posse, tem a chance de sair da onda sem estar cometendo interferência; a não ser que ele lese o potencial de pontos a ser atingido pelo surfista mais próximo do pico da onda, incluindo no caso de pressão excessiva, segurando a cordinha ou mesmo quebrando a sessão da onda.

c) Direito de passagem - Posse de onda ou direito de passagem vai variar de acordo com os tipos de mar, a serem citados a seguir, onde estiver ocorrendo a competição. É responsabilidade dos juizes, determinar quem tem posse ou direito de passagem, baseado na formação da onda, definindo se a mesma é uma direita ou uma esquerda. Se na entrada da onda não for possível definir seu lado predominante, o direito de passagem será do surfista que primeiro fizer uma virada para a direção que escolher.

c.1 Point Break - Quando existir apenas uma direção disponível, o surfista na parte interna da onda terá o direito de surfá-la em toda sua extensão.

c.2 Um Pico - (fundo de areia, pedra ou coral). Onde houver um pico definido com direita e esquerda disponível, o surfista que estiver mais o próximo do pico da onda terá o direito incondicional de surfá-la durante sua extensão na direção que escolher (cavando para a direita ou esquerda). Um segundo surfista pode ir em direção oposta da onda sem estar cometendo interferência, desde que não interfira no primeiro que estabeleceu o direito de surfá-la. (ou seja, não poderá cortar a trajetória do primeiro surfista para ganhar o lado oposto da onda ou atrapalhá-lo).

c.3 Múltiplos picos ao acaso (beach break) - Nestas condições, a posse poderá variar de acordo com a natureza individual de cada onda.

c.3.1 Com um pico o surfista poderá ir em qualquer direção definido anteriormente.

c.3.2. Com 2 picos, existirão casos em que a ondulação terá picos separados definidos que se encontrem eventualmente. Embora estes dois surfistas tenham posse de seus respectivos picos, aquele que ficar em pé primeiro será considerado como tendo a posse e o segundo deverá dar passagem, saindo da onda ou não, desde que ele não atrapalhe o surfista que subiu primeiro na prancha.

c.3.3 Se dois surfistas ficarem em pé ao mesmo tempo em picos separados que se encontrarem eventualmente, então :

- n Se ambos derem passagem, indo reto ou saindo da onda, de forma que um não atrapalhe o outro, não haverá interferência.
- n Se cruzarem, colidirem ou atrapalharem-se mutuamente, os juizes darão a interferência ao surfista que tiver sido o agressor.
- n Se nenhum der passagem, aliviando a trajetória ou saindo da onda e ambos assumirem a responsabilidade será marcada uma interferência dupla.
 - cruzamento de trajetória não é permitido em hipótese alguma, e se um levantar primeiro, será então marcada a interferência do outro. **Na dúvida dê passagem.**
 - Se levantarem ao mesmo tempo e houver colisão a interferência será do agressor - **Possibilidade de dupla interferência.**
 - **Critério de escolha de direito de passagem** - A escolha do critério do direito de passagem será de responsabilidade dos Head judges e do diretor técnico da CBS.

d) **Snaking**

d.1 - O surfista que estiver com a posse da onda já estabelecida terá o direito de surfa-la durante sua extensão, mesmo que o outro vindo do inside suba atrás deleem qualquer situação . Os juizes não penalizarão o surfista que estiver com a posse, mesmo que ele esteja na frente do outro competidor.

d.2 - Se um surfista não estiver atrapalhando ao surfista que detém a posse, então os juizes poderão optar por não penalizar nenhum deles, marcando os pontos para ambos na mesma onda, dependendo do critério adotado.

d.3 - Se , na opinião dos juizes , o segundo surfista tiver interferido no que tinha a posse da onda , então a interferência será dada ao segundo surfista , embora o mesmo esteja mais próximo do pico .

d.4 - as situações acima são aplicadas em baterias de 04 surfistas.

e) Interferência de remada - Em baterias de 04 surfistas, o surfista que estiver na parte interna da onda, não poderá ser excessivamente pressionado por outro surfista. A interferência de remada ocorre:

e.1 - O surfista ofensor fizer contato ou forçar o que esta na parte interna da onda a mudar sua direção na remada para pegar onda causando a possibilidade de perda de trajetória.

e.2 - O surfista ofensor quebrar uma seção de onda, atrapalhando no potencial de pontos daquele que tem o direito de passagem.

e.3 - Quando o surfista, ao se dirigir para a linha da arrebentação, ficar no caminho de um adversário e uma colisão acontecer, a decisão será dos juizes, avaliando se a colisão foi proposital ou não.

A penalidade de interferência

Se a maioria dos juizes anotar a interferência, esta onda irá para a planilha final como uma nota ZERO, Isto se aplica a uma interferência comum; de bloqueio; ou de remada aonde o surfista infrator tenha surfado esta onda.

O surfista infrator é então penalizado com a perda de uma onda.

No caso de baterias valendo as duas melhores notas (a maioria atualmente), a segunda melhor onda do surfista infrator será dividida por dois para efeito de somatório final. Se o surfista não tiver 2 notas, corta-se a sua onda da interferência (que passa a valer ZERO em todos os casos) ,

somando-se apenas a sua melhor nota. Caso ele tenha somente a onda da interferência, então não terá nenhuma onda somada. Será utilizado um triângulo sobre a onda na qual o surfista cometeu interferência.

Em caso de interferência de remada, o triângulo deverá ficar entre os dois quadros, entre a nota dada à última onda surfada e a seguinte. Deverá haver uma seta indicando em quem e em que onda o surfista cometeu a interferência, sendo que o Head judge poderá ser incluído. Neste caso a interferência será determinada nas 3 das 6 papeletas de julgamento. O surfista que sofrer interferência terá permissão de surfar mais uma onda, além das 10, dentro do tempo normal da bateria. A exceção é um caso de dupla interferência onde nenhum dos dois recebe onda adicional. Uma onda extra também será dada ao surfista que for interferido por fotógrafo, seguranças ou por um banhista qualquer. Uma vez anotada interferência torna-se impossível voltar atrás desta decisão, que é irrevogável, podendo ser alterada apenas em dois casos:

1 - Caso inequívoco de troca visual das cores da lycras por parte dos juizes.

2 - Apresentação de protesto dentro das condições do item “g”.

Será permitida a presença de um caddie (ajudante) com uma prancha extra, mas este ajudante não poderá surfar nenhuma onda, ou cometerá interferência para o atleta que estiver ajudando. O caddie só poderá entrar na água perante uma autorização do diretor da prova ou diretor técnico da CBS.

f) **Protestos** – Protestos deverão ser feitos por escrito e assinados pelo Chefe de Equipe até 05 minutos após o resultado da bateria em questão . Não serão considerados protestos contra notas atribuídas pelos juízes, que são irrevogáveis, não importando o argumento apresentado. Estes protestos não terão obrigatoriedade de resposta e servirão como subsídio para avaliações do Diretor Técnico. Resultados poderão ser revistos mediante a apresentação de vídeo tapes somente no que diz respeito a aplicação indevida de interferências ou sua também indevida não aplicação , assim como troca de cores de lycras ou validade ou não de ondas com relação ao

toque da buzina . Poderá ser considerado pelos juízes também a gravação em vídeo ou o testemunho de pessoas integrantes do staff no que diz respeito a eventuais ondas perdidas pelos juízes.

CRITÉRIO DE JULGAMENTO

O surfista deve executar manobras radicais e controladas nas partes mais críticas da onda com velocidade, força e fluidez para aumentar o potencial de pontuação. Deverá ser levado em conta o surf inovador e progressivo assim como a variação de manobras na hora de pontuar a performance apresentada. O surfista que seguir este critério com o maior grau de dificuldade e controle nas melhores ondas receberá as melhores notas.

PENALIDADES DISCIPLINARES

Atos de indisciplina, agressões, desrespeito à comissão e qualquer outro caso que de acordo com a organização possa ser considerado atentatório à boa conduta esportiva poderá ser punido com os dispositivos constantes do REGULAMENTO DISCIPLINAR da CBS e no Código Brasileiro de Justiça Desportiva)

ITENS OMISSOS

Itens omissos a presente Regra da Competição seguirão as regras da ISA. Persistindo a omissão a questão será decidida conjuntamente pelo Diretor Técnico e pelo Diretor de Provas da CBS.

Curitiba, janeiro de 2005.



Juca de Barros
Presidente

